

LISA KLEYPAS

New York Times bestselling author

FIRST
TIME
IN
PRINT

*One night can
change everything...*





Capítulo um

Hampshire, Inglaterra Agosto de 1852

Qualquer que tenha lido jamais uma novela saberá o que se supunha devia ser o comportamento de uma preceptora. Devia ter um caráter humilde e reprimido. supunha-se também que devia ser calada, servil e obediente, por não mencionar respeitosa com o dono da casa.

Léo, Lorde Ramsay, perguntou-se, exasperado porque o não teria podido conseguir uma dessas. Em seu lugar, a família Hathaway tinha contratado ao Catherine Marks, quem, em opinião de Léo, representava uma sombra pouco adúladora sobre toda a profissão.

Não é que Léo encontrasse enguiços nas capacidades atuais do Marks. Ela tinha feito um excelente trabalho ao instruir a suas duas irmãs mais jovens, Poppy e Beatrix, nos pontos mais finos da etiqueta social. E tinha necessitado uma enorme quantidade de ajuda, já que nenhum dos Hathaways tinha esperado mesclar-se com os altos círculos da sociedade britânica.

criaram-se em um ambiente estritamente de classe média, em um povo ao oeste de Londres. Seu pai, Edward Hathaway, tinha sido um estudioso de história medieval, considerado um homem de bem, mas dificilmente um aristocrata.

Entretanto, depois de uma série de eventos pouco prováveis, Léo tinha herdado o título de lorde Ramsay. Apesar de que tinha estudado arduamente para ser um arquiteto, agora estava convertido em um visconde com terras e arrendatários. Os Hathaways se mudaram ao imóvel Ramsay no Hampshire, onde tinham lutado para adaptar-se às exigências de sua nova vida

Uma das maiores provocações para as irmãs Hathaway tinha sido o de aprender a multidão de normas absurdas e comportamentos que se espera das jovens nobres. Se não tivesse sido pelas lições de uma paciente Catherine Marks, os Hathaways teriam arrasado com Londres com toda a delicadeza de elefantes em correria. Marks fazia maravilha com todos eles, sobre tudo Beatriz, que era, sem dúvida, a irmã mais excêntrica de uma família já excêntrica. Embora Beatrix era mais feliz pulando pelos prados e os bosques como uma criatura selvagem, Marks tinha conseguido imprimir nela um código diferente da conduta se exigia no salão de baile. Tinha-lhes escrito, inclusive uma série de poemas de etiqueta para as garotas, com tais jóias literárias como:

As jovens devem mostrar moderação, Quando falam com um estranho, Flertes, questões ou queixa pôr em perigo nossa reputação.

Naturalmente Leio não tinha sido capaz de resistir burlar-se das habilidades poéticas do Marks, mas teve que admitir em privado que seus métodos tinham funcionado. Poppy e Beatrix tinha levado com êxito uma temporada em Londres, por fim. E Poppy se casou recentemente com um hoteleiro chamado Harry Rutledge.

Agora só ficava Beatriz. Marks tinha assumido o papel de chaperona e acompanhante da energética garota de dezenove anos de idade. Quanto ao resto dos Hathaways se referia, Catherine Marks era virtualmente um membro mais da família.

Léo, por sua parte, não podia suportar a mulher. Ela transmitia suas opiniões a vontade e se atrevia a dar ordens a ele. Nas estranhas ocasiões quando Leio tratou de ser amável, solo conseguia ser rechaçado com desprezo. Quando tratava de emitir uma opinião racional, apenas se podia terminar uma frase antes de que Marks, tivesse enumerado todas as razões pelas que estava equivocado.

Ante o fato imutável de seu desagrado, Léo não podia deixar de responder em espécie. Durante todo o ano passado que tinha tratado de convencer-se de que não importava se ela o desprezava. Havia muitas mulheres em Londres que eram imensamente mais belas, atrativas e atraentes que Catherine Marks.

Se tão solo não lhe fascinasse tanto.

Talvez fossem quão secretos tão celosamente guardava. Marks nunca falava de sua infância ou sua família, ou por que tinha tomado um emprego com os Hathaways. Tinha dado classes em uma escola de meninas por um curto tempo, mas se negou a discutir sua titularidade, ou explicar por que tinha renunciado a esse posto. Havia rumores, difundidos pelos antigos alunos, de que talvez era o parente pobre da diretora, ou uma mulher manchada, cuja perda da reputação a tinha obrigado a procurar trabalho. Marks era tão independente e tenaz, que freqüentemente era fácil esquecer que até era uma jovem de pouco mais de vinte anos. Quando Leio a conheceu, solo tinha visto nela a encarnação perfeita de uma solteirona amargurada, com seus óculos, seu cenho franzido com gesto reprobador e a linha tensa de sua boca. Sua coluna vertebral tão reta e espingarda como um atizador, e seu cabelo, de cor café opaco como o das traças em uma maçã, que levava talher sempre com uma apertada touca.

Léo a tinha apelidado “A Parca”, apesar das objeções da família.

Mas o ano passado se apresentou uma mudança notável no Marks. Seu corpo normalmente esquelético tinha ganho peso, já não parecia essa lagartixa pálida e flacucha de antigamente, suas bochechas tinham cor.

Uma semana e meia atrás, quando Leio voltou de Londres, tinha ficado absolutamente assombrado ao ver o Marks com seus cachos dourados. Ao parecer, tinha estado tingindo o cabelo durante anos, mas depois de um engano por parte do farmacêutico, viu-se obrigada a abandonar o disfarce. E enquanto que o tom marrom escuro lhe tinha dado sempre um aspecto muito severo a suas delicadas facções e a sua pele pálida, o loiro natural de seu cabelo lhe outorgava um aspecto impressionante.

O que tinha feito a Léo dar-se conta de que Catherine Marks, seu inimigo mortal, era uma beleza?

Em realidade não tinha sido a alteração cor de seu cabelo, o que a fazia parecer tão diferente... era mais que Marks parecia sentir-se incomoda se seu disfarce. sentia-se vulnerável, e o mostrou. Como resultado, Léo queria despojar a de mais disfarce. Queria saber.

Tinha tratado de manter-se a distância enquanto meditava as ramificações deste descobrimento. Estava confundido pela reação de sua família para a mudança do Marks, que tomaram tão solo com um encolhimento de ombros coletivo. por que seria que nenhum deles sentia uma minina fração de curiosidade? por que Marks se obrigou a aparentar deliberadamente ser tão pouco atrativa durante tanto tempo? Que diabos era o que escondia?

Era uma ensolarada tarde no Hampshire, Léo comprovou que a maior parte da família estava ocupada em outras coisas, assim foi em busca do Marks, com o raciocínio de que se a enfrentava em privado, obteria respostas.

Encontrou-a fora em um jardim coberto de flores, sentada em uma banca ao lado de um atalho de cascalho.

Não estava sozinha.

Léo se deteve uma distância de vinte metros, sob a sombra de um salgueiro com muitas folhas para olhar com atenção a cena.

Marks estava sentada junto ao novo marido do Poppy, Harry Rutledge. Estava enfrascado no que parecia ser uma conversa íntima.

Embora a situação não era precisamente incriminatória, tampouco era apropriada.

Do que em nome de Deus poderiam estar falando? Inclusive desde seu posto de observação, estava claro que diziam um pouco de importância. A cabeça escura do Harry Rutledge se inclinava sobre ela para protegê-la. Ao igual a um amigo próximo, ao igual a um amante.

A boca de Léo abriu ao ver que Marks levava por debaixo de seus óculos uma mão delicada, para enxugar uma lágrima. Marks estava chorando, em companhia do Harry Rutledge. E logo este a beijou na frente.

A respiração de Léo se deteve. Não soube como consigo manter-se quieto se seu coração era presa de intensos sentimentos... surpresa, preocupação, suspeita e fúria. Eles escondiam algo ou tramavam algo.

E se Rutledge, alguma vez a teve como uma amante? Era isto uma chantagem, ou possivelmente era ela quem o extorquia a ele?

Não... a ternura entre o casal era evidente inclusive a essa distância.

Léo se esfregou a metade inferior da mandíbula enquanto considerava o que devia fazer. A felicidade Poppy era mais importante que qualquer outra coisa. antes de ir correndo a saltar sobre o marido de sua irmã e golpeá-lo até convertê-lo em uma polpa sanguinolenta, tinha que descobrir qual era a situação. E logo, se as circunstâncias o justificavam, bem podia empreendê-la a golpes contra Rutledge até deixá-lo convertido em uma polpa sanguinolenta.

Pausa lentamente, observando ao casal. Rutledge se levantou e voltou para a casa, enquanto que Marks ficou sentada no banquinho.

Sem tomar uma decisão consciente, Léo se encaminhou para ela lentamente.

Não estava seguro de como ia reagir, ou o que lhe ia dizer. Dependia principalmente de quanto conseguisse entender dos sentimentos que nesse momento agitavam seu coração, solo sabia que se sentia frenético, zangado, inquieto.

Era muito provável que lhe gritasse e igualmente provável que a atirasse sobre a erva e abusasse dela. encontrou-se respirando para tratar de obter que seu coração voltasse para batimento do coração normal, tinha uma desagradável sensação de que não lhe era de tudo familiar. Estava ciumento?

Cristo, isso era! Estava ciumento devido a que tinha encontrado a pior arpia que o insultava e incomodava em cada oportunidade, em companhia de outro homem. Era este um novo nível de depravação? Tinha desenvolvido alguma atração pelas solteironas? Talvez era sua reserva, seu afetado comportamento o que o encontrava tão erótico... ele sempre tinha estado fascinado pensando no que se necessitaria para desfazer esse férreo controle.

Catherine Marks, sua adversária pouco diabólica... nua e gemendo debaixo dele. Não havia nada que o excitasse mais. E isso tinha sentido, em realidade: Quando uma mulher acessa de boa maneira, não há nenhum problema com isso. Mas tomar ao Marks na cama lhe dava a deliciosa perspectiva de que se fazia que sua tortura durasse muito mais tempo do devido logo a teria gemendo e suplicando por ele. Se que era uma deliciosa idéia.

Léo caminhou para ela de maneira casual, sem deixar de notar a rigidez que adquiriu seu corpo assim que advertiu sua presença. Seu rosto se tornou sério e distante, sua boca se apertou em um rictus altivo e frio. Léo se imaginou a se mesmo tomando sua cabeça entre suas mãos e beijando-a por compridos e lascivos minutos, até deixá-la lânguida e ofegante em seus braços. Em seu lugar se aproximou até mas com os punhos nos bolsos de seu casaco, olhando-a sem expressão.

- Poderia-me explicar a que veio todo isso?

O sol brilhava nas lentes dos óculos do Marks, ocultando momentaneamente seus olhos.

- esteve espiando, meu Lorde?

- Eu não o chamaria assim. O que façam as solteironas com seu tempo livre não me interessa no mais mínimo. Mas é difícil não sentir curiosidade quando vejo meu cunhado beijar a preceptora no jardim.

Terei que dar crédito à compostura do Marks, já que não mostrou nenhuma reação, salvo pela forma que apertou os punhos no regaço.

- Um beijo - disse - Na frente.

- Não importa quantos beijos, ou onde foram. vai explicar me por que o fez. E por que você o permitiu? E mais lhe vale que me diga a verdade, porque estou tão perto - meneio seu dedo indicador a uma mera polegada de distância de seu nariz - De colocar seu corpo em um carro e pô-lo com destino a Londres.

- Vá-se ao diabo - espeto em voz baixa ficando de pé. Tinha dado só dois passos antes de que ele devorasse seu braço pelas costas - Não me toque!

Léo a voltou para ele, imobilizando-a com facilidade. Suas mãos se fecharam sobre seus magros braços. Podia sentir o calor de sua pele através da musselina fina de suas mangas. À medida que a sujeitava, o aroma de água de lavanda chegou até seus narizes. Houve um leve polvilho de talco na base da garganta. A fragrância recordava a Léo o aroma de uma cama recém feita. E OH, como queria dormir nela.

- Tem muitos segretos, Marks. foste um espinho cravado em meu flanco por mais de um ano, com sua língua afiada e seu misterioso passado. Agora quero algumas respostas. Do que estava falando com o Harry Rutledge?

Suas sobrancelhas finas, vários tons mais escuros que seu cabelo, juntaram-se em uma careta.

- por que não lhe pergunta? -

- Pergunto-lhe isso a ti

Ao notar que ela mantinha um silêncio obstinado, Léo decidiu provocá-la.

- Sempre acreditei que foi uma mulher diferente, com certas regras e códigos de bom comportamento nos quais pensei que não figuraria o ter amizade com tipos como ele. Mas ao parecer me equivoquei Ou não?

- Tenho minhas regras, meu lorde, mas para tipos como você

- Vamos, Marks, vamos tentar sustentar uma conversação civilizada. Só por esta vez.

- Não até que me tire as mãos de cima.

- Não, porque se o fizesse poria-se a correr e faz muito calor para te perseguir

Catherine bufo e o empurro com forças, mas Léo estava preparado para esta reação posto que tiro dela para aprisioná-la contra seu peito. Seu corpo era pacote agradável forrado de musselina e encaixes. A idéia do que estava debaixo... a pele rosada e branca, suaves curva, e cachos íntimos... sentiu que se endurecia imediatamente. Um calafrio correu por ela, como se pudesse ler seus pensamentos. Léo a olhou fixamente. Sua voz se suavizou.

- Tem medo de mim, Marks? ? Você, que me esmaga e reduz a nada a menor oportunidade

- É obvio que não, porco arrogante. Solo desejaria que se comportasse como um cavalheiro

- Refere a um nobre? - elevou as sobrancelhas burlonamente - Assim é como se comportam os nobres com as pessoas que estão a seu serviço. Surpreende-me que não o tenha notado até agora.

- OH, claro que me dei conta, estando a seu serviço. Um homem que tem a sorte de herdar um título deveria ter a decência de tratar de estar à altura à mesma. Ser um nobre é uma obrigação, uma responsabilidade, e parece que você o considera como uma licença para dedicar-se à conduta mais repugnante imaginável. Por outra parte...

Léo a interrompeu falando com um tom aveludado

- foi um intento perfeitamente maravilhoso para me distrair. Mas não vai funcionar. Não te afastasse de mim até que me diga o que quero saber.

Marks tragou saliva e tratou de procurar uma saída por toda parte, mas não era tão fácil quando estava de pé diante dela.

- A razão pela que estava falando em privado com o senhor Rutledge ... a cena que presenciou ...

- Sim?

Foi porque... Harry Rutledge é meu irmão. Meu meio irmão. Léo olhou fixamente ao Catherine Marks, tratando de assimilar a informação. A sensação de ser enganado, traído, acendeu sua ira.

- Não pode haver um bom motivo – disse - Para que sorte informação se manteve em segredo.

- A situação é complicada.

- por que nenhum dos dois disse nada antes de agora?

- Não era necessário que soubessem.

- me deveria haver isso dito. Você estava obrigada.

- por que?

- Por lealdade, maldita seja. Que mais sabe que possa afetar a minha família? O que outros segretos está ocultando?

- Não é assunto dele - replicou Catherine dando-a volta, tratando de que a soltasse - Deixe ir!

- Não até que me inteire do que está tramando. É Catherine Marks sequer seu nome real? Quem diabos é você? - jurou quando ela começou a lutar a sério. -Não te mova, pequena diaba. Só quero... ai! – queixo-se quando ela se voltou e cravou uma cotovelada no flanco.

A manobra do Marks lhe outorgo a liberdade que procurava, mas seus óculos saíram voando até o chão.

-Meus óculos! - com um suspiro pesaroso, deixou-se cair no chão de joelhos e começou para buscá-los.

A fúria de Léo foi sufocada imediatamente pela culpa. Ela era virtualmente cega sem os óculos. E o vê-la arrastar-se no chão lhe fez sentir-se como um bruto, um asno. ficou o também de joelhos, começou a procurar.

- Viu a direção em que caíram? - perguntou.

- Se o fiz - ironizo furiosa – Alguma vez usou óculos, verdade?

Um breve silêncio.

- vou ajudar lhe a encontrá-los.

- Que amável de sua parte! – disse com acritud.

Durante os seguintes minutos, ambos atravessaram o jardim em mãos e joelhos, procurando entre os narcisistas.

- Assim que você realmente necessita óculos – disse Léo finalmente.

- É obvio que sim - respondeu Marks de mau humor. - por que as usaria se não as necessitasse?

- Pensei que poderia ser parte de seu disfarce.

- Meu disfarce?

-Sim, Marks, disfarce. Um nome que descreve algo que serve para ocultar a identidade de alguém. Frequentemente utilizado pelos palhaços e os espões, e agora ao parecer, pelas institutrices. Por Deus, Nada pode ser ordinário para minha família?

Marks olhou e piscou em sua direção, seu olhar não muito centrado.

Por um momento, parecia uma menina ansiosa cuja manta favorita lhe foi arrebatada. E isso provocou uma dolorosa pontada no coração de Léo.

- vou encontrar seus óculos - anuncio com brutalidade- Tem minha palavra. Se o desejar, pode entrar na casa enquanto eu continuo procurando.

- Não, obrigado. Se tratasse de encontrar a casa por minha conta, provavelmente terminaria no celeiro.

Ao ver um brilho metálico na erva, Léo estendeu a mão e a fechou ao redor dos óculos.

- Aqui estão - Marks se arrastou e se enfrentou a ele em uma posição de joelhos. depois de polir as lentes com o bordo da manga, disse - Não te mova.

- dê-me isso - Déjame hacerlo, cabezota. Discutir le viene tan natural como respirar, ¿no?

- me deixe fazê-lo, cabezota. Discutir lhe vem tão natural como respirar, não?

- Não, não é assim - disse ela imediatamente, a cor subiu às bochechas quando ele soltou uma gargalhada rouca.

- Não é divertido para ceva quando se fazem tão fácil, Marks. - pôs os óculos na cara com muito cuidado, passando os dedos ao longo dos lados do bastidor, ajustando-os a seu rosto olhando o efeito. Tocou brandamente a ponta dos auriculares. - Não encaixam bem. - correu um dedo explorando por cima do bordo superior de uma orelha. Ela era muito bonita na luz do sol, seus olhos cinzas que continham brilhos de azul e verde. Ao igual às opalas. - Estas pequenas orelhas - continuou Léo, deixando que suas mãos permanecessem brandamente aos lados da cara de rasgos finos. - Não é de sentir saudades que seus óculos caia tão facilmente - Marks o olhou com desconcerto.

Que frágil que era, pensou. Sua vontade era tão feroz, seu temperamento tão espinhoso, que tendia a esquecer que ela era só a metade de seu tamanho. O facilmente lhe teria dado uma palmada no ombro a não ser porque ela odiava ser tocada, sobre tudo por ele. Mas não se moveu absolutamente. Deixou que seu polegar delineasse sua garganta, e sentiu o ondulação de sua pequena noz quando trago saliva.

Havia algo de irreal neste momento, um pouco de sonho. Não queria que terminasse.

- É Catherine seu verdadeiro nome? – Perguntou - vais responder a isso pelo menos?

Ela vacilou, temerosa de ceder uma parte de si mesmo, inclusive uma pequena parte da informação. Mas à medida que seus dedos se deslizaram por seu pescoço, a suave carícia parecia desarmá-la.

- Sim -disse em voz alta se engasgou. – Meu nome é Catherine.

Estavam ainda de joelhos juntos, a saia se elevava balançada pelo vento. As dobras de flores de musselina impressa tinham sido apanhados sob um dos joelhos de Léo. Seu corpo reagiu com firmeza a sua cercania, o calor deslizando debaixo da pele e a excitação em lugares inconvenientes.

Teria que pôr fim a isto, ou ia fazer algo do que se arrependeria.

- Eu te ajudarei - disse Léo com brutalidade - vamos entrar. Advirto-te, entretanto, que não estou contente contigo depois do que averigüei, há até mais que...

A sensação onírica se intensificou. Os dois estavam de joelhos em um jardim de rosas, o ar carregado de perfume de erva, flores e narcisistas picante e morno... e Catherine estava em seus braços. Seu cabelo brilhava à luz do sol, sua pele tinha a suavidade das pétalas. Seus lábios entreabertos, rosados e formosos, suaves como um caqui amadurecido. Olhando a sua boca, sentiu que os cabelos da parte posterior de sua nuca se arrepiavam.

Algumas tentações, pensou Léo confusamente, não devem ser resistidas. devido a que são tão persistentes que continuam apresentando uma e outra vez. portanto a única maneira de desfazer-se delas é sucumbindo.

- Maldita seja - juro com voz entrecortada - Farei-o. Inclusive sabendo que vais odiar me depois.

- Que vai fazer o que? - perguntou Marks, com os olhos enormes.

- Isto - E sua boca descendeu sobre a sua

A sensação era tão agradável que por um momento Léo nem sequer pensou em mover-se, sentia sua boca em sua boca. Léo deixou de pensar por completo e fez sozinho o que já para tanto tempo queria ... atirando com seus lábios do lábio superior dela e logo do inferior, acariciando sua boca com seus lábios, tocando sua língua à sua, jogando com ela. Um beijo começou antes de que o outro tivesse terminado, uma cadeia de sensações eróticas percorreu sua pele como se estivessem lhe dando descargas elétricas. O prazer fluía por todos os poros de sua pele ecoando em cada veia, em cada nervo. E Por Deus, ele desejava até muito mais. estava morrendo de pôr suas mãos dentro de sua roupa, e sentir cada centímetro de seu corpo. Desejava sua pele saboreando cada atalho, cada rincão secreto. E ela respondia, como se não pudesse evitá-lo, curvo seu braço ao redor de seu pescoço. moveu-se contra ele, como se precisasse sentir-se mais perto de seu corpo, sentir que o que estava passando era algo real, pegar-se contra ele, fundir-se contra seu os duros planos de seu peito.

Os dois lutaram por estar mais perto, por fazer o abraço mais estreito, suas respirações estavam agitadas e seus corpos vibravam como se estivessem ardendo. Desde não ter estado separados por tantas capas de roupa teriam terminado fazendo o amor sobre a erva, sua entrega teria sido absoluta.

Léo contínuo beijando-o muito depois de haver sentido que ela se deteve, não só pelo puro prazer que lhe proporcionava tê-la em seus braços, também porque estava resistente a enfrentar o que aconteceria depois.

A relação cascarrabias patrão que tinham mantido até esse momento não poderia reatar-se depois de algo como isto. Tinham dado um novo passo para algo totalmente desconhecido e lhes ia gostar do que viria a seguir. Léo se separou de sua boca pouco a pouco, deixando que seus lábios roçassem o bordo da mandíbula, seguindo o vulnerável oco detrás da orelha. Seu pulso era rápido e vibrante

- Marks - disse em um sopro áspero - Tinha medo disto. De algum jeito eu sabia...

- levantou a cabeça e a olhou. Ela olhou através da névoa que se acumulou em suas lentes.

- Minhas lentes ... tornei a perdê-los

- Não, não. É sozinho que estão empanados

Marks se Quito os óculos para as limpar e uma vez que as teve postas o empurrou lutando por ficar de pé. olharam-se o um ao outro. Era difícil decidir qual deles estava mais horrorizado. Mas a julgar por sua expressão, provavelmente era ela Marks.

- Isto nunca aconteceu - espetou-lhe - Se você tiver o descaramento de mencioná-lo, o vou negar até meu último fôlego - golpeio suas saias as agitando para tirar as partes de folhas e erva, depois lhe lanço um olhar de advertência - Vou à casa agora. E não me siga!

Capítulo dois

Não se voltaram a encontrar até o jantar, um lugar cheio de gente que incluía a suas irmãs Amelia, Win, e Poppy, e seus respectivos maridos CAM Rohan, Kev Merripen, e Harry Rutledge. Catherine Marks se sentou com o Beatrix no outro extremo da mesa.

Até o momento nenhuma das irmãs de Léo tinha eleito a homens convencionais para casar-se. Rohan e Merripen eram ciganos romaníes, que explicava em parte sua capacidade para integrar-se facilmente com os não convencionais Hathaways. E o marido do Poppy, Harry Rutledge, era um hoteleiro excêntrico, um homem poderoso cujos inimigos supostamente gostava mais que seus próprios amigos.

Poderia ser certo que Catherine Marks era a irmã do Harry?

Léo olhou a um e a outro no jantar, em busca de similitudes. Maldita seja se não poder ver um parecido, pensou. Os maçãs do rosto salientes, as linhas retas das sobrancelhas, a ligeira inclinação felina nas esquinas externas dos olhos.

- Preciso falar com contigo. - disse Léo a Amelia, logo que o jantar tinha concluído. - Em privado.

Os olhos azuis de sua irmã se ampliaram com curiosidade. -É obvio. vamos caminhar? Ainda há luz fora.

Léo lhe fez uma pequena piscada.

Por ser os maiores dos irmãos Hathaway, Léo e Amelia sempre tinham tido suas discussões. Entretanto, ela era sua irmã favorita, sem mencionar que era seu confidente mais próxima. Amelia tinha um grande sentido comum, e jamais duvidava em dizer o que pensava.

Ninguém tinha esperado nunca que a pragmática Amelia caísse rendida aos pés do CAM Rohan, um arrumado cigano. Mas CAM tinha conseguido seduzir e casar-se com a Amelia antes de que ela tivesse sabido que estava passando. E tinha dado resultado, pois CAM foi capaz de proporcionar a orientação sensata que os Hathaways tinham necessitado. Com seu cabelo negro que levava muito comprido e um diamante brilhante em uma orelha, não era a imagem do patriarca de uma família formal. Mas era o não convencional do CAM o que lhe permitiu dirigir aos Hathaways tão habilmente. Agora, ele e Amelia tinham um filho de nove meses de idade, Rye, quem tinha o cabelo escuro de seu pai e os olhos azuis de sua mãe.

Caminhando tranqüilamente pela rua privada com a Amelia, Léo lançou um olhar ao redor de sua propriedade. No verão, o sol do Hampshire se atrasava até as nove, iluminando um mosaico de bosques, brejos e pradarias de erva. Os rios e arroios, a alimentação dos pântanos e pradarias úmidas onde Vivian animais selvagens. Embora o imóvel Ramsay não era certamente a maior de New Hampshire, era uma das mais belas, com um bosque de madeira antiga e três mil hectares de terras cultiváveis.

Nos últimos anos Leio tinha chegado a conhecer os arrendatários de bens, tinha levado a cabo melhora na rega e drenagem, reparo cercas, portas, e os edifícios... e o diabo sabia que ele tinha aprendido mas de agricultura do que tivesse querido. Todo o devia ao Kev Merripen e suas desumanas instruções.

Merripen, quem tinha vivido com os Hathaways da infância, comprometeu-se a aprender o mais possível sobre administração de bens. Agora tinha a intenção de ensinar este conhecimento acumulado a Léo.

- Realmente não é sua terra - havia-lhe dito Merripen. – Não até que tenha posto algo de seu próprio sangue e suor nela.

- Isso é tudo? - tinha perguntado com sarcasmo. - Só o sangue e o suor? Estou seguro de que posso encontrar um ou dois fluídos corporais para doar se for tão importante.

Mas em privado reconheceu que Merripen tinha tido razão. Este sentimento de propriedade, de conexão, não era possível conseguir de outra maneira.

Colocando as mãos nos bolsos, Léo deixou escapar um suspiro tenso. O jantar o tinha deixado inquieto e irritável.

- Deve ter tido uma briga com a senhorita Marks, - comentou Amelia. - Pelo geral, vocês sempre se estão atirando flechas o um ao outro sobre a mesa. Mas esta

noite estiveram em silêncio. Acredito que ela não levantou a vista de seu prato nenhuma só vez.

- Não foram flechas - disse Léo com secura.

- Então, O que foi?

- Ela me disse-pela força-que Rutledge é seu irmão.

Amelia lhe olhou com receio. - O que lhe fez para que lhe dissesse isso?

- Não importa que. Ouviu o que acabo de dizer? Que Harry Rutledge é...

- A senhorita Marks já esteve sob pressão suficiente sem que você intervenha - disse Amelia. - Espero que não fosse cruel com ela, Léo. Porque se foi assim...

- Eu, cruel com o Marks? Eu sou o que deve preocupar-se. depois de uma conversa com ela, pelo general fico com as vísceras de fora e arrastando detrás de mim. - sua indignação se duplicou ao ver sua irmã tratando de reprimir um sorriso. - Tenho entendido que já sabia que Rutledge e Marks são familiares.

- É-o há uns dias. - admitiu.

- por que não disse nada?

- Ela me pediu que não o dissesse, e estive de acordo, por respeito a sua privacidade.

- O diabo sabe por que Marks deve ter privacidade quando ninguém por aqui a tem. - Léo parou em seco, obrigando a sua irmã a deter-se também ficando frente a frente.

- por que é um segredo que ela é irmã do Rutledge?

- Não estou segura. - admitiu Amelia, olhando-o inquieta. - Quão único sei é que é para seu amparo.

- Amparo do que

Ela sacudiu a cabeça com impotência. - Talvez Harry lhe pode dizer isso. Mas o duvido.

- Por Deus, alguém me vai ter isso que dizer, ou tirar daqui ao Marks pelo culo.

- Léo. - disse com assombro. - Não te atrevera.

O sorriso com malícia - Seria um prazer.

- Mas pensa no Beatrix, e o molesta que estaria.

- Estou pensando no Beatrix. Não quero a minha irmã menor aos cuidados de uma mulher com um segredo possivelmente perigoso. Se um homem como Harry Rutledge, que tem laços com alguns dos personagens mais nefastos de Londres, não pode reconhecer a sua própria irmã... ela pode ser uma criminosa. Não te ocorreu?

- Não. - disse Amelia com dureza, e começou a caminhar de novo. - Honestamente, Léo, inclusive para ti isto é um pouco dramático. Ela não é uma criminosa.

- Não seja ingênua. - disse, caminhando atrás dela. - Ninguém é exatamente o que pretende ser.

depois de um curto silêncio, Amelia lhe perguntou com cautela: - O que vais fazer?

- Amanhã vou a Londres

Seus olhos se abriram. - Mas Merripen está esperando sua ajuda para a semente de nabo, e a fertilização, e...

- Sei o que Merripen espera. E eu odeio me perder seus fascinantes conferências sobre as maravilhas de esterco. De todos os modos, vou. Quero passar algum tempo com o Rutledge, e tirar algumas respostas dele.

Amelia franziu o cenho. - por que não fala com ele aqui?

- Porque está em sua lua de mel, e não vai estar disposto a passar sua última noite no Hampshire conversando comigo. Além disso, decidi tomar uma pequena comissão para desenhar um jardim de inverno para uma casa no Mayfair.

- Acredito que quer estar longe do Catherine porque algo passou entre vocês.

Léo olhou os últimos brilhos de luz laranjas e violetas no céu. - A luz se vai. - comentou em um tom alegre. - Devemos retornar.

- Não se pode fugir dos problemas, Léo, sabe.

O torceu a boca molesta - por que a gente sempre diz isso? É óbvio que se pode fugir dos problemas. Faço-o todo o tempo, e nunca falha.

- Está obcecado com o Catherine. - insistiu Amelia.- É óbvio para todos.

- Agora quem está sendo dramático? Perguntou-lhe, avançando para a Casa Ramsay.

- Olhe tudo o que faz. – disse Amelia tercamente mantendo o passo dele. - Cada vez que seu nome se menciona, é todo ouvido. E ultimamente, cada vez que te vejo falar ou discutir com ela, parece mais vivo desde que...-fez uma pausa, pensar melhor do que tinha estado a ponto de dizer.

- Desde quando? - Perguntou Léo, desafiando-a a continuar.

- Desde antes da febre escarlatina.

Era um tema que nunca se discutia.

No ano anterior Leio tinha herdado o vizcondado, uma epidemia mortal de febre escarlatina se pulverizou pelo povo onde tinham vivido os Hathaways.

A primeira em ir-se foi Laura Dillard, a noiva de Léo.

A família da Laura lhe tinha permitido permanecer em sua cama, durante os três dias que lhe tinha durado a febre na viu morrer pouco a pouco, até que um dia ela não despertou mas, foi-se e Léo a sustentou entre seus braços.

Léo se tinha ido a casa e se derrubou pela febre, ao igual a Win. Por algum milagre ambos tinham sobrevivido, mas Win tinha ficado inválida. E Léo se tornou um homem completamente diferente, com cicatrizes das quais o não era plenamente consciente. inundou-se dentro de um pesadelo da que não podia despertar. Ele não se preocupou se vivia ou morria. O mais imperdoável é que em sua tortura, tinha machucado a sua família causando um sem-fim de problemas para eles. E quando Leio parecia empenhado em destruir-se a si mesmo, a família tinha tomado uma decisão. Tinham enviado ao Win a uma clínica na França para que se recuperasse, com Léo acompanhando-a.

Embora os pulmões débeis do Win tinham recuperado sua força na clínica, Léo tinha passado horas caminhando pelos povos e dormitava ao calor da Provenza, até atalhos em ziguezague salpicados de flores, entre os campos áridos. O sol, o ar azul quente, o Lenteur, ou a lentidão da vida, tinham esclarecido sua mente e acalmado sua alma. Tinha deixado de beber à exceção de um só copo de vinho no jantar. Ele tinha desenhado e pintado, e finalmente sua pena se foi.

Quando Leio e Win tinham retornado a Inglaterra, Win não tinha perdido tempo em cumprir o desejo de seu coração, que tinha sido casar-se com o Merripen.

Léo, por sua parte, estava tratando de reparar a forma em que lhe tinha falhado a sua família. E sobre tudo, estava decidido a não cair no amor nunca mais. Agora que era consciente do que esse sentimento fatal era capaz de fazer com ele, nunca lhe daria poder tal a outro ser humano sobre ele.

- Se. - disse a Amelia com tristeza. - Se tiver a louca idéia de que albergo algum tipo de interesse pessoal no Marks, esquece o de uma vez. Quão único quero fazer é averiguar se tiver um esqueleto escondido em seu armário. Conhecendo-a, é provável que sim.

Capítulo Três

Eu soube da existência do Cat até que tinha vinte anos - disse Harry Rutledge, estirando as pernas enquanto ele e Léo conversavam sentados em um dos salões do Hotel Clubroom Rutledge. Um lugar tranqüilo e luxuoso, com seus numerosos salões octogonais, era o lugar mais popular de reunião em Londres para a nobreza estrangeira, os viajantes, os aristocratas e os políticos.

Léo olhou a seu cunhado com cepticismo logo que dissimulado. De todos os homens com os que tivesse querido que se casasse uma irmã dela, Rutledge certamente não teria encabeçado a lista. Léo não se confiava nele. Por outra parte, Harry tinha seus pontos bons, entre eles sua evidente devoção pelo Poppy.

Harry bebeu de uma taça de conhaque quente, considerando cuidadosamente suas palavras antes de continuar. Era um homem arrumado, possuidor de um grande encanto, mas também era cruel e manipulador. Não se poderia esperar menos de um homem de seus lucros, entre eles a criação do hotel maior e opulento em Londres.

- Eu não gosto de falar do Cat por várias razões - disse Harry, seus olhos verdes se tornaram sombrios - Entre elas o fato de que nunca fui especialmente amável com ela, nem lhe protegi quando deveria havê-lo feito. E o lamento.

- Todos temos algo que lamentar - disse Léo, tomando um sorvo de conhaque deixando que o fogo líquido corresse por sua garganta - É por isso que aferro a meus maus hábitos. Não começa a lamentar algo a menos que deixe de fazê-lo.

Harry sorriu, mas em seguida ficou sério enquanto olhava a chama de uma pequena vela que se acendeu sobre a mesa.

- antes de dizer nada, quero perguntar qual é a natureza de seu interesse por minha irmã.

- O interesse de um empregador - disse Léo - Estou preocupado pela influência que ela pode ter sobre a Beatriz.

- Nunca te questionou essa influência antes - ataco Harry olhando-o fixamente - E sou consciente de que tem feito um excelente trabalho com a Beatriz.

- Entretanto, a revelação desta misteriosa conexão contigo me preocupou. Por isso poderia saber, possivelmente vocês dois estão tramando algum tipo de plano.

- Não - falo Harry olhando-o diretamente - Não há nenhum plano

- Então por que tantos segretos?

- Não lhe posso explicar isso sem antes te contar algo de meu próprio passado – houve uma pausa, depois da qual Harry acrescentou sombriamente- O qual é algo que detesto fazer

- Sinto-o – se desculpo Léo sem rastro de sinceridade - Adiante.

Harry vacilou de novo, como se pensasse em lhe dizer ou não lhe dizer nada. Ao fim com um profundo suspiro começou

- Cat e eu tivemos a mesma mãe. Seu nome era Nicolette Wogens. Era britânica de nascimento. Sua família se mudou da Inglaterra ao Buffalo, Nova Iorque, quando ainda era um bebê. devido a que Nicolette foi uma filha única que chego bastante tarde à vida do Wogens, o ténia o desejo de vê-la casada com um homem que se fizesse cargo dela. Meu pai, Arturo lhe dobrava a idade, e era bastante próspero. Suspeito que Wogens lhes

obrigou a casar-se até sabendo que ele não sentia nenhum amor para ela. Mas Nicolette se casou com o Arthur, e naci pouco depois. Muito logo, em realidade. Houve especulações sobre que Arturo não era em realidade meu pai

- Era-o? - Léo não pôde deixar de perguntar. Harry sorriu cinicamente.
- Saberei alguma vez com certeza? - encolheu-se de ombros - Em qualquer caso, minha mãe finalmente escapou a Inglaterra com um de seus amantes - Harry tinha o olhar distante - Houve outros homens depois disso, acredito. Minha mãe não era uma Santa. Era como uma cadela em zelo embora muito formosa. Cat se parece muito a ela - fez uma pausa reflexiva - só que mais delicada, mais refinada, e a diferença de nossa mãe, Cat, tem um tipo de natureza mais solidária.

- Em realidade - disse Léo com acritud - ela nunca foi solidária comigo

- Isso é porque você a assusta.

Léo lhe dirigiu um olhar incrédulo.

- De que maneira poderia assustá-la? E não pretenda me dizer que a põe nervosa a cercania dos homens, porque é perfeitamente amável ao CAM e Merripen.

- Sente-se segura com eles

- por que não comigo? - inquiriu Léo sentindo-se ofendido.

- Eu penso - disse Harry pensativo - que é porque ela é consciente de ti como homem.

A revelação causou uma sacudida no coração de Léo. Examinou o conteúdo de sua taça de conhaque com aborrecimento.

- Disse-te ela isso?

- Não, eu o vi por mim mesmo, no Hampshire - Harry se voltou irônico - A gente tem que estar especialmente atento à forma de ser do Cat para poder entender o que pensa ou sente, já que ela não fala de si mesmo - apuro o resto de seu brandy deixando o copo de vidro com cuidado sobre um suporte, recostou-se em sua cadeira - Nunca voltei a ouvir de minha mãe depois de sair do Buffalo - disse acomodando os dedos sobre seu estômago plano - Mas quando cheguei à idade de vinte anos, recebi uma carta dela onde me pedia que fora a vê-la. Tinha contraído uma enfermidade degenerativa, algum tipo de câncer. Supus que antes de morrer, queria ver o que tinha sido de mim. Fui a Inglaterra imediatamente, mas morreu pouco antes de minha chegada.

- E foi aí quando soube do Marks - concluiu Léo.

- Não, ela não estava ali. Apesar dos desejos do Cat por permanecer ao lado de nossa mãe, tinha sido enviada a viver com uma tia e sua avó paterna. Seu pai, ao parecer disposto a velar por sua bem e sua saúde tinha abandonado Londres por completo.

- Homem nobre - se admiro Léo

- Uma mulher da localidade que se ocupou do Nicolette durante sua última semana de sua vida. Foi quem me falou do Cat. Tive o breve desejo de visitá-la mas decidi não fazê-lo. Não havia lugar em minha vida para uma meia irmana que tinha quase a metade de minha idade, e com necessidade de cuidados femininos. Supus que estava melhor com sua tia.

- Era correta essa hipótese? - atreveu-se a perguntar.

Harry lhe dirigiu um olhar inescrutável.

- Não - essa sílaba sombria encerrava toda uma história e Léo tinha muitas vontades de escutá-la.

- O que aconteceu?

- Decidi ficar na Inglaterra e provar meus conhecimentos no negócio hoteleiro.

Assim enviei ao Cat uma carta, lhe dizendo aonde escrever se alguma vez necessitava algo. Alguns anos mais tarde, quando ela tinha quinze anos, escreveu-me pedindo ajuda. Encontrei-a em circunstâncias difíceis.... tivesse desejado ter ido por ela antes

Sentia um puxão de interesse inexplicável, não pôde manter sua chapa habitual de indiferença.

- O que quer dizer com circunstâncias difíceis?

Harry negou com a cabeça - Temo-me que é o mais que posso dizer. O resto depende do Cat.

- Maldita seja, Rutledge!, não pode parar aí. Quero saber como os Hathaways terminam envoltos nisto, e por que tive a má sorte de terminar como o patrão da pior preceptora que deu a Inglaterra.

- Cat não tem que trabalhar. É uma mulher com médios independentes. Outorgue-lhe bastante dinheiro para lhe permitir a liberdade de fazer algo que ela desejasse. Foi a um internato por quatro anos, e ficou a ensinar outros dois. Eventualmente, veio para mim e me disse que tinha aceito um posto como preceptora da família Hathaway. Acredito que estava na França com o Win nesse tempo. Cat para a entrevista, ao CAM e Amelia gostam, Beatrix e Poppy claramente a necessitava, e ninguém parecia disposto a questionar sua falta de experiência.

- É obvio que não - disse Léo com acritud - Minha família nunca se incomodaria com um pouco tão insignificante como a experiência trabalhista. Estou seguro de que iniciaram a entrevista lhe perguntando qual era sua cor favorita
Harry estava tratando, sem êxito de não sorrir.

- Sem dúvida tem razão.

- por que procuro um emprego quando não tinha necessidade de dinheiro?

Harry se encolheu de ombros.

- Ela queria experimentar o que era viver com uma família, embora fora como um estranho. Cat acredita que nunca terá a sua própria.

As sobranças de Léo se juntaram enquanto tratava de dar sentido a isso.

- Nada a o impediria de – assinalou - Não o crie?

Havia um toque de brincadeira nos duros olhos verdes do Harry.

- A ti Hathaways, resultaria-te impossível entender o que se sente o ser criado de forma isolada, por pessoas às que lhes importa um nada seu bem-estar. Não tem mais remedeio que assumir que é tua culpa, que é indigno de ser amado. E esse sentimento se envolve a seu redor até que se converte em uma prisão formando uma barricada contra qualquer pessoa que queira aproximar-se de ti.

Léo escutou com atenção, dando-se conta de que Harry estava falando de si mesmo, assim como do Catherine. Em silêncio reconheceu que Harry estava no certo: inclusive no pior momento de desespero da vida de Léo, sempre tinha sabido que sua família o amava. Pela primeira vez compreendeu plenamente o que tinha feito Poppy pelo Harry, de como tinha quebrado o cárcere invisível que ele havia descrito.

- Obrigado - disse Léo em voz baixa - Sei que não foi fácil para ti falar sobre isto

- É obvio – assentiu logo com absoluta seriedade, Harry murmurou - Uma coisa que deve ficar clara, Ramsay: Se fizer mal ao Cat da maneira que seja, terei que te matar

Vestida com sua camisola de dormir, Poppy se sentou na cama com uma novela. Escuto que alguém se introduzia aos elegantes apartamentos privados, e levantou o olhar com um sorriso quando observo que seu marido entrava na habitação. Seu pulso se acelerou agradando ao vê-lo, tão escuro e elegante. Harry era um homem enigmático, perigoso, inclusive na opinião daqueles que professavam a conhecê-lo bem. Mas com o Poppy, relaxava-se e mostrava seu lado amável.

- Falou com Léo? - perguntou ela.

- Sim, meu amor.

Harry se encolheu de ombros despojando-se de sua jaqueta, pendurou-a no respaldo de uma cadeira e se aproximou da cama - Queria falar sobre o Cat, como eu esperava. Disse-lhe algumas coisas sobre seu passado e o meu até onde pude.

- O que pensa da situação? – pergunto Poppy sabia que Harry era brilhante no que discerne sobre os pensamentos de outras pessoas e seus motivos. Harry se desatou a gravata, deixando que pendurasse a ambos os lados de seu pescoço.

- Ramsay está mais interessado no Cat do que trata de aparentar, isso está claro. E eu não gosto. Mas não vou intervir a menos que Cat me peça ajuda.

Chegou até a linha exposta de sua garganta, passando o dorso dos dedos sobre sua pele sensível com uma ligeireza que causou que sua respiração se acelerasse. Sua mão descansava sobre a veia onde pulsava seu pulso rápido, acariciou-lhe brandamente.

Disse-lhe em voz baixa – Ponha o livro a um lado.

Os dedos dos pés do Poppy se encolheram debaixo da roupa de cama ao escutar o som sedutor de sua voz.

- Mas cheguei a uma parte muito interessante – modestamente tento jogar com ele.

- Asseguro-te que não é nem a metade de interessante como o que está a ponto de passar.

Abriu as lapelas de seu camison com uma varrida deliberada que a deixou sem fôlego, Harry baixou seu corpo sobre o dela... e o livro caiu ao chão, esquecido.

Capítulo Quatro

Catherine esperava que Léo, lorde Ramsay, mantivera-se afastado do Hampshire durante uma boa temporada. Talvez assim, transcorrido o tempo suficiente, poderia-se pretender que o beijo no jardim nunca tinha acontecido.

Mas enquanto isso, não podia deixar de perguntar-se... por que o tinha feito?

O mais provável era que simplesmente o havia para divertir-se com ela, encontrando uma nova maneira de dê estabelecer seu equilíbrio.

Se a vida fora justa para todos, pensou, Léo teria sido gordinho, com marcas de varíola e calvo. Mas era um homem bonito, capaz de construir um edifício de seis metros de altura. Tinha o cabelo escuro e olhos azuis e um sorriso deslumbrante. O pior era que Léo não se parecia em nada ao canalha que era. Parecia são, limpo e honrado, um cavalheiro do o qual as mais bela das mulheres poderia apaixonar-se perdidamente.

A ilusão se dissipou logo que abriu a boca. Léo era um homem completamente malvado, não ocultava nada de sua vida dissoluta. Sua irreverência não perdoava a ninguém, e menos a ele mesmo. No ano transcorrido desde que se conheceram em primeiro lugar, tinha exposto quase todas as qualidades objetáveis que um homem pode possuir, e qualquer tento de corrigi-lo só o voltava pior. Especialmente se esse intento o tinha feito Catherine.

Léo era um homem com um passado, e ele nem sequer tinha a decência de tratar de ocultá-lo. Era franco sobre sua história dissoluta, o consumo de álcool, as mulheres, uma briga, a conduta automóvel-destrutiva que tinha levado quase à catástrofe à família Hathaway em mais de uma ocasião. A gente só podia concluir que lhe gostava de ser um descarado, ou ao menos ser conhecido como um. Ele desempenhava o papel de aristocrata enfasiado à perfeição, os olhos lhe brilhavam com o cinismo de um homem que, à idade de trinta anos, tinha conseguido sobreviver.

Catherine não queria ter nada que ver com nenhum homem, e menos ainda que com um irradiasse um encanto tão perigoso. Nunca poderia confiar em um homem assim. Seus dias mais escuros ainda poderiam voltar para ele. E se não... era muito possível que os dela sim.

Uma semana depois de que Léo tinha deixado Hampshire, Catherine passou uma tarde fora com o Beatrix. Por desgraça, estas saídas não eram a classe de passeio que Catherine tivesse preferido. Beatrix não passeava, ela explorava. Gostava de ir ao profundo do bosque, investigar à flora, os cogumelos, ninhos, e os buracos no chão. Nada era mais emocionante para a mais jovem dos Hathaway que o descobrimento de um tritón negro, um ninho de lagarto, ou um criadero de coelhos, ou o seguimento das marcas de texugos.

Criaturas feridas que tinham sido capturadas, quando se restabeleciam eram postas em liberdade, ou se não podiam valer-se por si mesmos, convertiam-se em parte da família Hathaway. E a família se acostumou tanto aos animais do Beatrix que ninguém se alterava quando viam um ouriço passeando pelo salão ou a um par de coelhos saltando além da mesa do comilão.

Gratamente cansada depois do comprido passeio com o Beatrix, Catherine se sentou frente a seu penteadeira e se soltou o loiro cabelo. Esfregou com seus dedos o couro cabeludo para acalmar a dor que a trança apertada e as forquilhas lhe tinham deixado.

Uma alegre conversa se escuto a suas costas e ela se voltou para ver o furão do Beatrix, Dodger, saindo de debaixo da cômoda. Seu corpo comprido e sinuoso se arqueada com graça ao caminhar para ela com uma luva branca nos dentes. Esse travesso ladrão

gostava de tirar coisas das gavetas e armários, e escondê-los quem sabe onde. Para frustração do Catherine, Dodger amava suas posses. converteu-se em um ritual de humilhação o percorrer Ramsay House em busca de suas próprias ligas.

- Seu rato coberta de maleza. – disse-lhe Catherine enquanto o permanecia de pé, apoiando suas patinhas pequenas no bordo de sua cadeira. Alargou a mão para acariciar sua pele Lisa, fez-lhe cócegas na parte superior da cabeça, e com cuidado soltou a luva de entre os dentes. - depois de ter roubado todas minhas ligas, agora seguirá com as luvas, Verdade?

Ele a olhava com afeto, com os olhos brilhantes na raia escura que o fazia parecer uma máscara em seu rosto.

- Onde escondeste minhas coisas? - Perguntou-lhe, pondo a luva sobre o penteadeira. - Se não encontrar minhas ligas logo, vou ter que manter minhas meias sujeitas com partes de corda velha.

Ao Dodger tremeram os bigodes e pareceu lhe sorrir mostrando seus pequenos dentes bicudos. retorceu-se como lhe fazendo um convite para que jogasse com ele.

Sorrindo a contra gosto, Catherine agarrou a escova para o cabelo e atirou dele através das fechaduras de seus cabelos soltos. -Não, não tenho tempo para jogar contigo. Estou-me preparando para o jantar.

Como um relâmpago, o furão saltou a seu regaço, agarrou a luva da mesa, e saiu da habitação.

- Dodger- exclamou Catherine, correndo atrás dele. – devolva-me isso Ela correu pelo corredor, onde as criadas andavam de um lado ao outro com pressa incomum. Dodger desapareceu na esquina ao dar volta. - Virgie. - pergunto-lhe Catherine a uma das donzelas - Que está passando?

A garota de cabelo escuro estava sem fôlego e sorridente. – O senhor Leio acaba de chegar de Londres, senhorita, e o ama de chaves nos disse que preparássemos seu quarto e puséssemos outro lugar na mesa para o jantar, e que desfizéramos a bagagem quando os lacaios o subissem.

- Tão logo? - Catherine perguntou sentindo que a cor escapava de seu rosto. - Mas ele não enviou nota alguma. Ninguém o esperava.

Eu não o esperava, era o que queria dizer.

Virgie se encolheu de ombros e se afastou com uma braçada de roupa dobrada.

Catherine se levou uma mão a seu ventre onde os nervos saltavam e se retirou a sua habitação. Não estava preparada para fazer frente a Léo. Não era justo que ele houvesse tornado tão logo.

É obvio, era seu lar. Mas ainda assim...

Ela passeava de um lado a outro na habitação, tratando de pôr em ordem o caos de seus pensamentos. Só havia uma solução: evitaria a Léo. Pretextaria uma dor de cabeça e permaneceria em sua habitação.

Em meio de sua confusão, produziu-se um golpe na porta. Alguém entrou sem esperar uma resposta. Catherine quase se engasgou com o próprio batimento do coração de seu coração quando viu a silhueta familiar de Léo.

- Como te atreve a entrar em minha habitação sem...-Sua voz se desvaneceu enquanto o fechava a porta.

Léo se voltou para ela e a percorreu com o olhar. As roupas do estavam um pouco enrugadas e poeirentas pela viagem. Seu cabelo requeria um bom escovado pois o trazia revolta e algumas mechas lhe caíam sobre a frente. Olhou-o segura de si mesmo, mas cautelosa, a brincadeira que sempre tinha visto em seus olhos já não estava, agora tinham algo diferente que não pôde identificar. Algo novo.

A mão do Catherine se fechou em um punho contra seu ventre, e lutou para controlar sua própria respiração. ficou quieta quando ele se aproximou dela, enquanto seu coração pulsava com uma mescla vertiginosa de temor e excitação.

As mãos de Léo se posaram ao bordo do penteadeira detrás dela, reduzindo assim o espaço entre ambos. Ele estava muito perto, sua vitalidade masculina a rodeava. Cheirava como o ar exterior, como o pó e os cavalos, como um homem são. O se inclinou sobre ela com um de seus joelhos pressionando brandamente o matagal de suas saias.

- por que tornaste? - perguntou ela fracamente.

Ele olhou diretamente aos olhos. - Sabe por que.
Antes que Catherine o pudesse evitar, seu olhar traiçoeiro caiu sobre os contornos firmes de sua boca.

- Cat... temos que falar sobre o que aconteceu.

- Não sei a que te refere.

Ele inclinou a cabeça ligeiramente. - Você gostaria de recordá-lo?

- Não, não... - sacudiu a cabeça para dar ênfase. – Não.

Seus lábios tremiam. - Um “não” é suficiente, querida.

Querida?

Cheia de ansiedade, Catherine luto por manter a voz firme. - Acredito que deixei claro que queria fazer caso omisso do que aconteceu.

- E isso fará que desapareça?

- Sim, isso é o que alguém faz com os enganados. - disse com dificuldade. – deixam-se a um lado e terminam por desaparecer.

- Sério? - perguntou inocentemente Léo. - Meus enganados revistam ser tão agradáveis que tendo a repeti-los.

Catherine se perguntava o que lhe estava passando pois estava tentada a sorrir. - Isto não se repetirá.

- Ah, aí está a voz da preceptora. Tudo é popa e desaprovação. Faz-me sentir como um colegial peralta. – Levanto uma de suas mãos para lhe acariciar o bordo da mandíbula.

Seu corpo era vítima de impulsos contraditórios, sua pele se derretia sob seu tato, e seu instinto de sobrevivência lhe advertiam afastar-se dele. O resultado foi uma espécie de imobilidade aturdida, todos seus músculos se esticaram. - Se não sair de minha habitação neste mesmo instante. - ouviu-se dizer - vou fazer uma cena.

- Marks, não há nada no mundo que eu gostaria mas que verte fazer uma cena. De fato, eu te ajudo. Como começamos? - Léo parecia desfrutar de sua derrota, da palidez incontrolável na cara.

A gema do polegar lhe acariciou a pele fina e suave debaixo de sua mandíbula, um movimento de persuasão que causou que a cabeça se inclinasse para trás antes de que ela soubesse muito bem o que estava fazendo. - Nunca vi esses olhos. - disse o quase distraidamente. - Recordam-me a primeira vez que vi o mar do Norte.- Sua mão seguia o bordo da mandíbula. - Quando o vento persegue as ondas antes de que cheguem à água é a mesma cor verde-cinza de seus olhos como estão agora... e logo se convertem em azul no horizonte.

Catherine só pôde assumir que ele se burlava dela. Franziu o cenho. - O que quer de mim?

Léo se tomou muito tempo para responder enquanto seus dedos acariciavam detrás da orelha massageando brandamente. - Quero seus segredos. E me vais dizer isso de uma maneira ou outra.

Isso lhe deu o impulso para golpear sua mão. - Detenha. Está te divertindo a minha costa, como de costume. É um canalha dissipado, um descarado sem escrúpulos, Y...

- Não se esqueça de "libertino lascivo" - disse. - Essa é uma de meus favoritas.

- Fora!

O se apartou perezosamente do penteadeira. - Muito bem. Irei. Obviamente tem medo de que se ficar, não será capaz de controlar seu desejo para mim.

- O único desejo que tenho para ti - disse, - Implica a mutilação e o desmembramento.

Léo sorriu e caminhou para a porta detendo-se na soleira, olhou por cima do ombro. – Sua cena se evaporou de novo- disse amavelmente, e se deslizou pela porta antes de que ela pudesse encontrar algo para atirar.

Capítulo 5

- Léo - disse Amelia apenas o viu entrar em comilão para o café da manhã – Deve te casar.

Léo a Miro de forma ameaçadora. Sua irmã sabia melhor que ninguém como começar uma conversa com ele a temprana hora. Ele tivesse preferido não pensar nisso e não preocupar-se durante o dia, enquanto que Amelia tinha o gosto de lançar-se de cheio sobre os problemas. Por outra parte, tinha passado muito má noite, com a mente infestada de sonhos eróticos que implicavam ao Catherine Marks.

- Sabe que jamais me casar – respondeu Léo com um bufo.

A voz da senhorita Marks chego da esquina. encontrava-se sentada em uma pequena cadeira, um raio de sol dava totalmente sobre o cabelo e fazia que os fios dourados brilhassem como ouro.

- Bem dito, posto que nenhuma mulher com sentido comum o escolheria por marido.

Léo tomou o desafio sem a vacilação.

- Uma mulher com sentido comum... - murmuro em voz alta - Não acredito que existam mulheres assim.

- Como sabe isso? – replico Catherine – Você jamais se interessou em conhecer o caráter de uma mulher já que passa muito tempo ocupado em examinar seus... seus...

- Seus o que? – incito ele.

- Suas medidas de vestido – falo finalmente enquanto Leio ria de seu pudor.

- É realmente tão impossível para você nomear as partes do corpo, Marks? Peitos, quadris, pernas por que é tão indecente falar da anatomia humana de uma maneira direta?

Ela entrecerró os olhos.

- Porque é algo incorreto.

Léo sorriu

- Para mim não o é

- Pois para meu se – replicar ela - E preferiria que recordasse essa regra de boa educação.

Léo elevo a frente enquanto a olhava.

- Devo supor que você jamais teve pensamentos incorretos.

- Talvez...

- E nesses talvez... Com quem sonha?

Lhe lanço um olhar de indignação

- Alguma vez fui eu o protagonista de seus sonhos incorretos? – persistiu Léo fazendo que seu rosto se tingira de rubor.

- Você jamais estaria em meus sonhos - protestou.

- Não, mas você disse “algumas vezes”. Quero saber com quem sonha essas vezes

Amelia se adianta para interromper a briga.

- Léo, deixa de atormentar à senhorita Marks.

Léo apenas a escuto, sua atenção estava fixa no Catherine.

- Não penso coisas más sobre você ao contrário do que você imagina – explico - De fato, nem sequer penso em você

- Não tenho nenhuma dúvida – replico – já que estou segura que você prefere às mulheres sem virtudes.

- A virtude em uma mulher é como a pimenta na sopa. um pouco provoca um sabor agradável. Mas exagere-o, e ninguém quererá comê-la.

Catherine reprimiu o impulso de lhe responder em um intento de pôr fim a l discussão, afastou-se uns passos enquanto pensava em algum argumento rápido com que objetar. No silêncio que seguiu a isto, Léo se deu conta que a família inteira o olhava fixamente.

- O que fez? – Replico - O que acontece? Que diabos estão lendo?

Amelia, CAM e Merripen tinham colocado uns papéis sobre a tabela, enquanto que Win e Beatriz procuravam o significado de alguns termos em um livro de direito legal...

- Acabam de entregar uma carta de nosso advogado de Londres, o Sr. Gadwick - disse Merripen - Parece que há algumas questões legais que não ficaram muito claras quando herdou o título.

- Não vejo de que possamos nos surpreender – arguiu Léo enquanto caminhava para a mesa onde as viandas do café da manhã tinham sido servidas – O título e a mansão foram jogados para mim, como as embalagens usadas dos pescados. junto com a maldição dos Ramsay.

- Não há nenhuma maldição dos Ramsay – replico Amelia.

- Não? – Sorriu Léo com olhar turvo - Então porquê a meia dúzia passada de Lorde Ramsays morreram na sucessão rápida?

- Pura coincidência - respondo - Esse ramo da família em particular era torpe e inepta. Um problema muito grande para os de sangue azul.

- Bem, então nós não teremos esse problema - Léo voltou sua atenção ao Merripen - Me fale sobre as questões legais. E usa palavras compreensíveis. Não tenho vontades de pensar a esta hora da manhã. Dói.

Olhando que nenhum parecia sentir-se muito feliz, Merripen se sentou na mesa.

- Esta casa – começou a explicar – As terras que sobem a um total de quatorze acres sobre os que está construída, não pertenciam ao título Ramsay originalmente. Foram adicionados depois. Em termos legais, é uma porção que se adicionou depois do legado dos Ramsay. Não está contemplada dentro da herança completa. Esta porção de terra se pode hipotecar, comprar ou vender a vontade do dono.

- Bem – disse Léo - Dado que sou o proprietário e não quero hipotecar ou vender algo, tudo está bem Não é assim?

- Não.

- Não? – se estranhou Léo - Segundo as regras estabelecidas, o lorde conserva sempre seu lar e a terra do senhorio. Não se podem separar. E nada pode trocar isso.

- Correto – disse Merripen – Tem direito a viver na antiga mansão do senhorio. A que está ao noroeste do estado onde convergem dois rios.

Léo se sentou sobre sua cadeira olhando fixamente a toalha branca.

- Mas é uma pilha de escombros coberta de musgo. Foi construída em tempos do Edward o confessor.

- Sim – respondeu Merripen em um tom prático – Essa é a mansão que te corresponde.

Léo que se tornava cada vez mais e mais irritado sozinho disse.

- Não quero esses restos sangrentos, quero esta casa. por que há um problema com isso?

- Posso lhe dizer? – Pediu Beatriz com impaciência – Estava olhando todos os termos legais, e descobri que há algo bom para nós. incorporou-se com seu furão Dodger o mascote preferido que descansava ao redor de seus ombros. – Temos essa mansão em

ruínas que perdurou atreve dos séculos. Um dos antigos lorde Ramsays adquiriu este pacote do quatorze-acre e construiu um novo lar nele. Após, Ramsay House foi herdada a cada novo visconde. Mas o último lorde Ramsay—seu predecessor--encontrou uma maneira de dividir a propriedade e fazer que sua viúva e sua filha ficassem com ela. O chamo a isto uma concessão de viuvez. Tal é assim Ramsay House e os hectares que o circundam lhe corresponderiam à condessa viúva.

Léo sacudiu a cabeça com incredulidade.

- Porquê não o reclamo antes.

Amelia respondeu em um tom sombrio.

- Parece que a viúva não tinha nenhum interesse na casa, já que estava em ruínas. Mas agora que foi restaurada e ficou formosa, informou a nosso advogado que está disposta a brigar pela casa até conseguir tomar posse dela. –

- Maldito seja aquele que tente lhe arrebatar sua casa aos Hathaways. Se for necessário, levar o caso até a chancillería do Westminster.

Merripen se esfregou os olhos com fadiga.

- A chancelaria não tomaria o caso.

- Como sabe?

- Infelizmente nunca atualizo o testamento no que respeita ao legado dos Ramsay.

- E se lhe compramos a propriedade à viúva?

- Ela há dito que nenhuma quantidade de dinheiro lhe induziria a desistir.

- As mulheres trocam de parecer com frequência – argullo Leio - Faremo-lhe uma boa oferta.

- Muito bem. Mas se ela a rechaça, solo há uma forma em que nós possamos conservar esta.

- Não posso esperar para escutar isso - disse Léo.

- O último lorde Ramsay adotou uma disposição para que seus sucessores pudessem conservar a casa e a herdade total, se você te casar e produz uma legião de herdeiros varões em um prazo de cinco anos.

- por que cinco anos?

Win respondeu brandamente.

- Porque nas três décadas passadas, nenhum Ramsay conseguiu viver mais de cinco anos depois de receber o título. E nenhum deles engendrou um filho legítimo.

- Mas as boas notícias, Léo – interveio Beatriz sorrindo amplamente - É que viveste sendo lorde Ramsay pelos últimos quatro anos. Se pode permanecer vivo por um ano mais, a maldição da família estará rota.

- Além disso – adicionou Amelia - Tem que te casar e engendrar um filho quanto antes.

Léo os Miro fixamente a todos por espaço de uns segundos, suas reações espectadores. Uma risada nervosa lhe escapou.

- Vocês estão loucos se pensarem que vou ser forçado a me casar sem amor para que a família possa continuar vivendo no Ramsay House."

Aproximando-se com um sorriso que conseguia aplacá-lo, Win lhe deu uma parte de papel.

- É obvio que nunca quereríamos te forçar a uma união sem amor, querido. Mas juntamos uma lista de bons prospectos, todas as moças são encantadoras. por que não feitas uma olhada e vê se alguma delas te parece bem?

Trocando de humor com ela, Leio tomo a lista e a Miro.

- Marietta Newbury?

- Sim – disse Amelia - O que tem que mau com ela?

- Eu não gosto de seus dentes.

- O que opina sobre a Isabel Charrington? .
- Eu não gosto de sua mãe.
- Lady Blossom Tremaine?
- Eu não gosto de seu nome.
- OH, Por Deus, Léo, não há nada de mau nisso.
- Não o quero. Não poderia ter uma esposa chamada Blossom. Cada noite sentiria como se me deitasse com uma vaca - Léo levantou seu olhar para o céu - Pode ser que também dita me casar com a primeira mulher que olhe passar pela rua. Algo séria melhor, até terminar casado com o Marks.

Todos guardaram silêncio.

Ainda escondida em um rincão de quarto, Catherine Marks sentiu os olhares de todos os Hattaways em cima dela. Seus olhos se tornaram sombrios detrás dos óculos e uma maré da cor rosa atacou sobre sua cara.

- Isso não é gracioso – falo com fim de forma aguda.
- Séria a solução perfeita – disse Léo sentindo uma perversa satisfação ao ver a moléstia dela - Discutimos todo o tempo, não nos suportamos um a outro, é como se já estivéssemos casados.

Catherine se elevou sobre seus pés, olhando-o fixamente atacada pelo que considerava um ultraje.

- Jamais me casaria com você.
- Bem, porque jamais o pediria. Era somente um exemplo.
- Não me utilize para dar exemplos! – grito indignada enquanto fugia do quarto, com o olhar de Léo fixa nela.
- Talvez tenha a solução – sugeriu Win, pensativa – Poderíamos ter uma bola.
- Uma bola? - perguntou Merripen sem compreender.
- Sim, e convidar a todas as mulheres jovens elegíveis que possamos imaginar. É possível que uma delas consiga apanhar a bola e então Léo poderia cortejá-la.
- Não vou cortejar a ninguém - renegou Léo, mas nenhum deles fez conta.
- Eu gosto dessa idéia – interveio Amelia - Uma noiva à caça de uma bola
- Seria mais preciso dizer - assinalou CAM secamente – que será uma caçada, para que chamá-lo jogo de bola se se tratar de pescar ao noivo. Dado que Léo será a presa.
- É como a Cinzenta - exclamou Beatriz - Só que sem o príncipe azul

Decidido a acalmar a disputa, CAM levantou a mão em um gesto imperioso.

- Tranqüilos, todos vocês. Se chegar a passar e perdemos a casa Ramsay, que Deus não o queira, podemos construir outra casa em alguma outra parte da propriedade. Temos domínio absoluto dela.

- Isso levaria anos e o custo seria enorme - protestou Amelia - E não seria o mesmo. passamos muito tempo na restauração deste lugar, e pusemos nosso coração nisso.
- Especialmente Merripen - adicionou Win em voz baixa.

Merripen deu uma ligeira sacudida com a cabeça.

- É só uma casa

Mas todos sabiam que era mais que uma estrutura de tijolo e morteiro ... era seu lar. O filho do CAM e Amelia tinha nascido ali. Win e Merripen se casou ali. Com todo seu encanto ao azar, Ramsay House foi uma expressão perfeita para a família Hathaway e para si mesmo. Ninguém entenda melhor que Léo.

Como arquiteto, ele sabia muito bem que alguns edifícios tinham um caráter inerente a quão habitantes era muito mais que a soma de suas partes. A casa Ramsay tinha sido danificada e restaurada ... tinha trocado de ser um depósito descuidado a um lar próspero e feliz, e tudo porque a uma família tinha importado. Seria um crime que os

Hathaways fossem deslocados por um par de mulheres que não tinham investido nada nela, através do que resultou ser nada mais que um ato de prestidigitação jurídica.

Amaldiçoando entre dentes, Léo arrastou sua mão pelo cabelo.

- Quero jogar uma olhada às ruínas da antiga casa senhorial – disse - Merripen, Qual é a melhor maneira para chegar a lá?

- Não estou seguro - admitiu Merripen - Estranha vez saio tão longe.

- Eu sei – interveio Beatriz – A senhorita Marks me levou ali para desenhar as ruínas. São muito pitorescas.

- Você gostaria de ir comigo? - perguntou Léo.

- eu adoraria – aceito.

Amelia franziu o cenho - por que quer visitar as ruínas, Léo?

O sorriu de uma maneira que sabia ia incomodar a.

- Para tomar a medida das cortinas, é obvio.

Capítulo seis

- Raios. - exclamou Beatrix, entrando na biblioteca onde Leio a tinha estado esperando.
- Não posso ir contigo às ruínas depois de tudo. Acabo de ver lucky, e ela está a ponto de ter a seus bebês. Não posso deixá-la em um momento como este.

Léo sorriu socarronamente remplazando um livro de sua prateleira. - Quem é lucky?"

- OH, esqueci-me de que não a conhecia. É uma gata de três patas que pertencia a um fabricante de queijo no povo. A pobre ténia a pata apanhada em uma ratoeira, teve que lhe ser amputada. E agora que já não é uma boa jaqueta de ratos, o queijeiro me deu isso. Nem sequer tinha nome, Imagina?

- Tendo em conta o que aconteceu ela, o nome de 'Lucky' é algo assim como um nome equivocado, Não?

- Pensei que poderia melhorar sua sorte.

- Estou seguro de que assim será. - disse Léo, divertido. Beatrix sentia uma paixão imensa por ajudar às criaturas vulneráveis, isso a tinha preocupado sempre e ao igual ao resto dos Hathaway Todos eles reconheceram que Beatriz era a pessoa mais pouco convencional da família.

Beatrix fugia dos eventos sociais de Londres. Embora era uma moça bonita, não era uma beleza clássica, com seus olhos azuis, cabelo escuro, e comprido, esbelta figura.

Alguns cavalheiros se sentiam atraídos por sua frescura e encanto, sem saber que ela demonstrava o mesmo paciente interesse aos ouriços, ratos de campo, e malcriados spaniels . E quando chegava o momento para o cortejo formal, os homens preferiam deixá-la em paz . Com cada temporada consecutiva, suas possibilidades de matrimônio tinham diminuído.

Isto ao Beatrix não parecia lhe importar. Tinha dezenove anos quase vinte e ainda não se apaixonou. Os Hathaway estiveram de acordo de que poucos homens seriam capazes de compreendê-la ou dirigi-la. Ela era uma força da natureza, sem ver-se obstaculizada pelas regras convencionais.

- vá cuidar do Lucky. - disse Léo com suavidade. - Não espero ter alguma dificuldade para encontrar as ruínas por mim mesmo.

- OH, é que não vai sozinho. - disse-lhe ela. - Arrumei-me isso para a senhorita Marks te acompanhe.

- Sério? E está disposta a fazê-lo?

antes do Beatrix pudesse responder, Catherine entrou na biblioteca, com sua magra figura vestida em roupa de montar, e o cabelo recolhido em um apertado coque trancado. Levava um livro de esboços debaixo do braço. deteve-se em seco ao ver Léo, que levava uma jaqueta de montar, uma calça ajustada, e botas bem gastas.

Seu cauteloso olhar foi ao Beatrix. - por que não te puseste seu traje de montar, querida?

Beatrix respondeu em tom de desculpa: - Sinto muito, senhorita Marks, não posso ir depois de tudo. Lucky me necessita. Mas igual você pode mostrar o caminho a Léo incluso melhor que eu. - Dirigiu a ambos seu radiante sorriso. - É um bom dia para montar a cavalo, Não? Que tenham um lindo dia fora! - E com uma rápida e ágil pernada saiu da biblioteca.

As magras sobancelhas do Catherine se contraíram ao olhar a Léo. - por que quer visitar as ruínas?

- Só quero as ver. Porque tenho que lhe explicar tudo o que faço? A menos que se negue porque tem medo de estar a sós comigo.

- Medo de que? No mais mínimo.

Léo fez um gesto para a porta em uma paródia dos maneiras cavalheirescos. - depois de você, então.

como resultado da importância estratégica dos portos do Southampton e Portsmouth, New Hampshire se encheu de antigos castelos e pitorescas ruínas de fortalezas e moradias sajonas. Embora Léo tivesse sabido que havia restos de uma antiga casa solariega no imóvel Ramsay, ele ainda não tinha encontrado a oportunidade de visitá-los. Entre as preocupações da agricultura, a contabilidade das rendas, tarifas, e o trabalho, o corte de madeira e os encargos arquitetônicos que Léo tomava em ocasiões, não tinha tido muito tempo para viajar a prazer.

Juntos, ele e Catherine cavalgaram até os últimos campos de nabos com flores e trigo, e os pastos de trevo onde as ovelhas pastavam. Cruzaram pelo bosque de madeira ao

noroeste do imóvel, onde fortes correntes de cortar através de verdes colinas e penhascos de pedra calcária. A terra cultivável era menos aqui, mais pedra que franco, mas sua localização era uma posição solidamente defensável para uma antiga casa solariega fortificada.

Enquanto subiam a colina, Léo olhava discretamente ao Catherine. Era esbelta e se via graciosa a cavalo, guiando-o com soltura. Uma mulher muito realizada, pensou. Elegante, eloqüente, competente em quase tudo o que fazia. Entretanto, quando outra mulher tivesse feito o possível por fazer notar essas qualidades Catherine se esforçava muito para não chamar a atenção sobre si mesmo.

Chegaram ao lugar da casa original, onde os restos das antigas muralhas se sobressaíam da terra como as vértebras de criaturas fossilizadas. As desigualdades no terreno de matagais marcaram a localização de dependências da mansão. Um orifício circular de pouca profundidade, a uns vinte e cinco metros de largura, revelo as dimensões do fosso que rodeava uma elevação de sessenta metros quadrados de terreno.

depois de desmontar e atar a seu cavalo, Léo foi ajudar ao Catherine. Ela tinha tirado o pé do estribo, deixando que Léo controlasse sua descida. A sedimento no chão frente a ele, ela levanto o rosto, a asa de seu chapéu de montar parcialmente sombreava seus olhos opalescentes.

Estava de pé com suas mãos sobre seus ombros. Tinha a cara avermelhada pelo esforço, os lábios entreabertos... e Léo soube como seria fazer o amor com ela, seu corpo ligeiro e flexível por debaixo do dele, sua respiração entrecortada contra sua garganta enquanto ele se movia entre suas coxas. Levaria-a a êxtase, lentamente e sem piedade, e então a faria gemer e gritar seu nome...

- Aqui está. - disse Catherine. - Sua casa ancestral.

Apartando seu olhar dela, Léo observo as ruínas. – Encantador. - disse. – Solo é questão de varrer e tirar o pó e o lugar ficasse como novo.

- Está de acordo com o plano da família para encontrar uma noiva para você?

- Acredita que deveria fazê-lo?

- Não, não acredito que você tenha os ingredientes de um marido decente. Não tem caráter para isso.

Léo se molesto ao escutá-la dizer isso, não porque se sentisse ofendido por isso mas lhe irritou que ela dissesse isso sobre ele.

- Quem é você para me julgar? - perguntou.

Os ombros dela se levantaram em um gesto incômodo. - A gente não pode deixar de ouvir falar de suas façanhas quando todas as viúvas e matronas estão juntas nos bailes.

- Já vejo. E acredita em todos os rumores que escuta?

Ela guardou silêncio. Léo esperava que discutisse ou o insultasse. Entretanto para sua surpresa, ela o olhou com certo remorso. - Você tem um ponto a seu favor, se os rumores forem certos ou falsos está mal que eu os escute.

Léo esperou que ela seguisse com algum insulto para castigá-lo, mas parecia realmente arrependida de suas palavras, o qual lhe surpreendeu e lhe fez dar-se conta que havia tantas coisas que não sabia dela, essa jovem solitária e séria, que chegasse a sua família há tanto tempo.

- O que dizem as intrigas sobre mim? - perguntou casualmente.

Lhe dirigiu um olhar irônico. - Sua destreza como amante é muito comentada.

- OH, bom, esses rumores são certos. - depois estalou a língua como se estivesse surpreso – A sério as damas falam sobre essas coisas?

Ela arqueio suas magras sobrancelhas - Do que se imaginava que falavam?

- De malha, vestidos, receitas culinárias, essas coisas.

Ela sacudiu a cabeça e conteve um sorriso.

- Devem ser tediosos essas coisas para você - disse Léo. - De pé ao fundo do salão escutando intrigas e vendo dançar a todos outros.

- Não me importa. Eu não gosto do baile.

- Alguma vez dançou com um homem?

- Não- admitiu.

-Então, Como pode saber que não gosta?

- Posso ter uma opinião sobre algo, embora não o tenha feito.

- É obvio. É muito mais fácil formar opiniões sem ser incomodado pela experiência ou os fatos

Ela franziu o cenho, mas guardou silêncio.

- Deu-me uma idéia, Marks. -continuou Léo. – vou permitir que minhas irmãs organizem a reunião que se mencionou anteriormente. Só por esta razão vou vir a você em meio dela e lhe pedirei que baile comigo à vista de todos.

Ela olhou horrorizada. - Negar-me.

- De todas formas o pedirei.

- Só para burlar-se de mim. - disse. - Para nos pôr em ridículo aos dois.

- Não. - suavizou sua voz. - Só para dançar, Marks.

Seus olhares se encontraram e permaneceram assim por um comprido momento, e a seguir, para surpresa de Léo, Catherine lhe sorriu. Um doce sorriso natural, brilhante, a primeira que lhe dava de presente. Léo sentiu que seu peito se esticava, e foi tão estimulante, como se uma droga eufórica tivesse chegado diretamente a seu sistema nervoso.

sentia-se.... feliz.

Isso lhe fez recordar a felicidade que sentisse faz muito tempo, não queria senti-la, e entretanto, mantinha esse calor vertiginoso em seu corpo sem razão alguma.

- Obrigado. - disse Catherine até sorrindo. - Isso foi amável de sua parte, meu lorde. Mas nunca vou dançar com você.

Essa negativa se converteu, é obvio, na meta da vida de Léo.

Catherine se voltou para recuperar um caderno de esboços e um cilindro de lápis da bolsa de selim.

- Não sabia que desenhava. - disse Léo.

- Não sou muito boa nisso.

O fez um gesto para o livro que ela tinha entre as mãos. - Posso vê-lo?

- Não lhe darei motivos para burlar-se de mim.

- Não o farei. Tem minha promessa solene. vamos ver. - Pouco a pouco Léo lhe tendeu a mão com a palma para cima.

Catherine olhou sua mão aberta, e logo sua cara. Vacilante lhe deu o livro.

O abriu o livro, olhou através dos desenhos. Havia uma série de desenhos das ruínas desde diferentes ângulos, talvez muito prudente e disciplinada nos lugares onde houvesse um pouco de soltura dando o esboço mais vitalidade. Mas em geral foi muito bem feito. – Bonito - , disse. - Tem uma sensação agradável para a linha e a forma.

Ela se ruborizou, parecia incômoda com os elogios. – Suas irmãs dizem que você é um artista consumado.

- Competente, talvez. Minha formação em arquitetura inclui uma série de classes de arte. - Léo lhe brindou um sorriso ocasional. – Sou especialmente bom para desenhar as coisas que ficam quietas por compridos períodos de tempo como edifícios, postes de luz. - Ele folheou o livro. - você tem algum dos desenhos do Beatrix?

- Na última página. - disse Catherine. - Ela começou a desenhar uma seção que se sobressai da parede, essa dali, mas logo começou a preocupar-se com um esquilo que salto ao primeiro plano.

Léo encontrou um retrato detalhado de um esquilo. Negou com a cabeça. - Beatrix e seus animais.

Ambos intercambiaram um sorriso.

- Muitas pessoas falam com seus mascotes. - disse Catherine.

- Sim, mas muito poucos entendem as respostas. - Colina do livro de esboços, logo lhe deu as costas e começou a caminhar o perímetro do recinto senhorial.

Catherine o seguiu, abrindo-se passo entre os ramos seca, as flores amarelas e vagens de cor negra. - Que tão profundo era o fosso original?

- Eu diria que não mais de dois metros e médio nos cortes do terreno mais alto. - Léo se protegeu os olhos com as mãos enquanto inspecionava seu entorno. -Devem ter desviado uma das correntes para enchê-lo. Vê esses montículos dali? Provavelmente foram os edifícios de exploração e os quartos dos serventes, feitos de argila e postes de madeira.

- Do que parecia a casa?

- O mais provável é que fosse feita de pedra, com o resto de uma combinação de materiais. E é provável que estivesse cheio de ovelhas, cabras, cães, e os servos.

- Sabe a história do dono original? - Catherine se sentou em uma porção da parede exposta e se arrumou a saia.

- refere-se ao primeiro visconde Ramsay? – paro-se no bordo da depressão circular que tinha sido o fosso. Seu olhar percorreu a paisagem quebrada. - Começou como Tiram do Blackmere, conhecido por sua falta de misericórdia. Ao parecer, tinha talento para o saque e a queima de aldeias. Foi considerado como o braço esquerdo do Eduardo o Príncipe Negro. Entre todos eles, virtualmente destruíram a prática da cavalaria.

Ao olhar por cima do ombro, sorriu ao ver o nariz enrugado do Catherine. sentou-se com a retidão de uma colegiala, com o caderno de esboços em seu regaço. Tivesse-lhe gostado de apoiá-la contra a parede e beijá-la. Era bom que não pudesse ler seus pensamentos, continuou a história.

- depois de lutar na França e de estar preso quatro anos, Thomas foi posto em liberdade e retornou a Inglaterra. Suponho que pensou que era hora de sentar cabeça, pois matou ao barão que tinha construído este lugar, apodero-se de suas terras e violou a sua viúva.

Catherine o Miro com seus olhos muito abertos. - Pobre senhora

Léo se encolheu de ombros. - Ela deve ter tido alguma influência nele. casou-se com ela depois e engendraram seis filhos.

- Viveram a uma velhice tranqüila?

Léo negou com a cabeça, aproximando-se dela sem pressa. - Thomas voltou para a França, onde lhe puseram fim a sua vida no Castillon. Mas os franceses foram muito civilizados com ele, levantaram-lhe um monumento no campo.

- Não acredito que se merecesse nenhum tipo de tributo.

- Não seja muito dura com o homem que solo para o que os tempos exigiam.

- O era um bárbaro. - disse indignada. - Independentemente dos tempos. - O vento tinha liberado uma mecha de cabelo frouxo de seu apertado coque, e o fez desviar-se pela bochecha.

Incapaz de resistir, Léo se aproximou e acariciou seu rosto ao acomodar o cabelo detrás da orelha. Tinha a pele tão suave, como a de um bebe - A maioria dos homens são barbaros - disse.- É só que agora temos mais regra que seguir. - tirou-se o chapéu, pô-lo na parede, e olhou seu rosto. - Você pode lhe pôr a um homem uma gravata, lhe ensinar maneiras, e fazê-lo assistir a uma velada, mas quase nenhum de nós estamos verdadeiramente civilizados.

- Por isso sei dos homens - disse - Estou de acordo.

Lhe dirigiu um olhar zombador. - O que sabe você dos homens?

Olhou solene, a íris cinza clara agora tingida de verde mar. - Não confio neles.

- Eu diria o mesmo das mulheres. - Ele se Quito o casaco e o arrojou por cima do muro, e se foi à colina no centro das ruínas. Inspecionando a terra circundante, Léo não pôde evitar perguntar-se se Tirarem do Blackmere tinha estado neste lugar exato, olhando por cima de sua propriedade. E agora, séculos depois, o imóvel era de Leio para fazer o que quisesse com ela, para lhe dar forma e ordem, agora todos e tudo eram sua responsabilidade.

- Que tal é a vista daí acima? - Ouviu a voz do Catherine de abaixo.

- Excepcional. Venha a vê-lo, se o desejar.

Deixou o caderno de esboços na perto e começou a subir a costa da colina, levantando suas saias enquanto subia.

Voltando a ver o Catherine, Léo deixou que seu olhar se atrasasse em sua esbelta e bonita figura. Ela tinha sorte de que os tempos medievais já tivessem passado, pensou sorrindo para si, ou se teria encontrado a se mesma sendo devorada por algum lorde merodeador. Mas o toque de diversão se desvaneceu rapidamente ao imaginar a satisfação primitiva de reclamá-la como dela, elevá-la em seus braços levando-a a um terreno suave dos arredores.

Por um momento se deixou levar por aquela idéia... sentir seu corpo retorcer-se sob o seu enquanto rasgava seu vestido e beijava seus peitos.

Léo sacudiu a cabeça para limpá-la preocupado pela direção de seus pensamentos. O poderia ser algo, mais não um homem que tomasse à força a uma mulher. E entretanto, a fantasia era muito potente para ignorá-la. Com um grande esforço espanco seus impulsos bárbaros e voltou para sua atitude de sempre.

Catherine estava na metade do pendente quando deu um grito afogado e pareceu cambalear-se.

Preocupado, Léo correu para ela imediatamente.- tropeçou-se? Demônios. - deteve-se no lugar quando viu que o terreno tinha dado forma parcialmente debaixo dela. -

Detenha-se, Cat. Não se mova. Espere.

- O que está passando? - Perguntou-lhe, pálida como a neve.- É um afundamento?

- Mas bem como um milagre arquitetônico sangrento. Parece que estamos de pé sobre uma porção de um teto que cedeu ao menos faz dois séculos.

Eram aproximadamente cinco metros de distância, dos terrenos mais altos.

- Cat. - disse-lhe com muito cuidado - Baixe lentamente à terra para redistribuir seu peso sobre uma superfície maior. Fácil. Sim, assim. Agora vai engatinhar para baixo do pendente.

- Pode-me ajudar? - Perguntava, e o tremor em sua voz fez estremecer seu coração.

Respondeu com uma voz grossa que não soava como a sua. -Carinho, nada eu adoraria mais. Mas se um meu peso ao seu poderia paralisar o teto por completo. Mova-se agora, se lhe faz sentir melhor com todos os restos ali, não pode estar muito longe para cair.

- Em realidade, isso não nos faz sentir melhor a nenhum dos dois. – com a cara lívida, ela se movia lentamente sobre suas mãos e joelhos.

Léo ficou em seu lugar, sem apartar o olhar do Catherine. A terra que parecia tão sólida sob seus pés era possivelmente não mais que uma capa de terra e partes antigas de madeira podre. - vais estar bem. - disse em um tom suave, enquanto seu coração pulsava com angustia por ela. - Não deve pesar mais que uma mariposa. Meu peso é uma carga para o que fica das vigas e as juntas de transição.

- É por isso que não se está movendo?

- Sim. Se se causar um colapso quando tentar baixar, eu gostaria que estivesse fora de perigo.

Os dois sentiram o movimento de terra debaixo deles.

- Meu lorde. -perguntou Catherine com os olhos muito abertos. - você crie que isto tem algo que ver com a maldição Ramsay?

- Em realidade, isso não me tinha ocorrido ainda - disse Léo. - Muito obrigado por me recordar isso El techo se derrumbó, y al mismo tiempo cayó en medio de un torrente de tierra, piedra y madera en un espacio oscuro de abajo.

O teto se derrubou, e ao mesmo tempo caiu em meio de uma corrente de terra, pedra e madeira em um espaço escuro de abaixo.

Capítulo Sete

Catherine se moveu e tossiu. Tinha areia na boca e nos olhos, estava tendida sobre uma superfície muito incômoda.

- Marks! - ouviu Léo empurrar os refugos a um lado enquanto se abria caminho para ela. Sua voz era tremente e urgente - Está ferida? Pode te mover?

- Sim ... eu estou de uma só peça ... - sentou-se e se esfregou a cara. Avaliando de maneira rápida entre a coleção de dores e malluga duras em seu corpo os danos causados pela queda, decidiu que eram insignificantes - Só uns quantos golpes

- OH, querida.

- perdi minhas lentes – o escuto jurar - vou tratar de encontrá-los - desorientada, tratou de focar o que podia de seu entorno. Léo era uma forma magra, uma mancha escura próxima enquanto procurava entre os escombros. O pó nublou o ar, assentando-se lentamente. Pelo pouco que podia ver, estavam em um poço, talvez a seis pés de profundidade, com a luz solar filtrando-se através da garoa pelo teto quebrado.

- Tinha razão, meu lorde. Não estava longe de cair. É esta a torre da comemoração?

A respiração de Léo soava tensa enquanto respondia

- Não estou seguro. Poderia ser uma cripta debaixo da torre da comemoração. Vejo os restos de uma partição de pedra por lá ... e ocos na parede lateral onde se juntam as transversais de apoio.

Em um arranque de terror, Catherine ficou em cuclillas engatinhando e escavando até chegar a ele na penumbra.

- O que é? – os braços de Léo se fecharam a seu redor. Ofegando, enterrou o rosto na superfície sólida de seu peito. Estava médio sentado, médio convexo em meio de montões de madeira podre, pedra e terra. Uma de suas mãos tomo sua cabeça aproximando a seu em um abraço protetor. - O que aconteceu?

Sua voz ficou afogada em sua camisa. Léo lhe acariciou o cabelo e a apertou ainda mais contra seu corpo.

- Não é isto uma cripta?

- Se por que te assustar?

Ela logo que podia falar entre ofegos

- Não é ... onde guardam os corpos?

Pergunta-a trêmula ficou pendurando no ar com um Léo perplexo

- OH. Não, não é essa classe de porão - um ligeiro tremor de diversão correu através de sua voz, e ela sentiu que sua boca tocava o bordo da orelha. - Está pensando em uma das habitações que há por debaixo das Igrejas modernas, onde se guardam os defuntos. Mas uma cripta medieval é diferente. É só um armazém debaixo da torre da comemoração.

Catherine não se moveu.

- Não há s-esqueletos nesta cripta?

- Não. Tampouco crânios, nem ataúdes - sua mão seguia acariciando com ternura seu cabelo – Pobrecita, tudo está bem, não há nada que temer aqui embaixo. Respira profundamente e te acalme, está a salvo.

Catherine seguia descansando entre seus braços, conteve a respiração. Tratou de pensar no fato de que Léo, seu inimigo e verdugo, falava-lhe com ternura e a acariciava. Seus

lábios roçavam seus cabelos. Permaneceu quieta, enquanto absorvia a sensação. Ela nunca se sentou atraída pelos homens de seu tamanho, preferindo os de menor estatura por parecer menos intimidantes. Mas ele era forte e reconfortante, e parecia tão interessado nela, sua voz era como o veludo escuro envolto a seu redor.

Que sensação tão desconcertante, se alguém lhe houvesse dito que um dia ficaria apanhada sozinha em um poço sujo com Leio Ramsay, ela teria pensado que era seu pior pesadelo. E entretanto, estava resultando ser uma experiência bastante agradável. Não era de sentir saudades que Ramsay fora tão solicitado entre as damas de Londres ... Se dessa maneira se dedicou às seduzir, todo este encanto que suas mãos criavam ao acariciá-la, Catherine facilmente podia entender como tinha chegado a ser alguém tão desejado.

Para seu pesar, ele a empurrou brandamente para apartar a dele.

- Marks ... Me temo que não vou ser capaz de encontrar suas lentes óculos neste naufrágio.

- Tenho outro par em casa - aventurou ela.

- Graças a Deus - Léo se incorporou com um grunhido de moléstia – Vejamos, se nos encontrarmos no mais alto da pilha de escombros, estamos só a uma curta distância da superfície. Eu te vou içar, sairá daqui, e então vais montar de novo ao Ramsay House. CAM treinou aos cavalos, por isso não será necessário que o guie. vai encontrar o caminho de volta a casa sem nenhum problema.

- O que vais fazer? - perguntou-lhe, desconcertada. Parecia mas bem tímida.

- Temo-me que vou ter que esperar aqui até que envie a alguém para que me tire por que?

- Tenho uma lasca - fez uma pausa, procurando uma palavra. sentia-se indignada.

- vais fazer me viajar de volta só e sem escolta, virtualmente cega, para procurar a alguém que te resgate? E tudo porque tem uma lasca?

- Uma muito grande – se condolió

- Onde está? Em seu dedo? Em sua mão? Talvez possa ajudar ao OH, Deus – exclamo isto último quando tomou a mão e a levou a seu ombro. Sua camisa estava empapada de sangue e uma parte grossa de madeira me sobressaía de seu ombro - Isso não é uma lasca - disse com Estas horror empalado. O que posso fazer? Intento tirá-lo?

- Não, poderia comprometer alguma artéria. E eu não gostaria de terminar sangrado aqui

arrastou-se para ele, colocando seu rosto junto ao seu para examiná-lo com ansiedade. Inclusive nas sombras, parecia pálido e gasto, quando pôs os dedos sobre sua frente, sentiu a umidade fria.

- Não se preocupe – murmurou - Vê-se pior do em realidade é

Catherine não estava de acordo. Em todo caso, era pior do que parecia. O pânico cresceu nela enquanto se perguntava se estaria em estado de shock, uma condição na qual o coração não bombeia sangue suficiente para manter o corpo morno. Despojando-se de seu casaco de montar, ela tratou de cobrir seu peito com o peito.

- O que está fazendo? - perguntou.

- Trato de te manter em calor.

Léo arrancou o objeto de seu peito e fez um som de brincadeira.

-Não seja ridícula. Em primeiro lugar, a lesão não é tão má. Em segundo lugar, esta coisa é tão pequena que não é capaz me esquentar a mais mínima parte. Agora, sobre meus planos...

- Obviamente que é uma lesão importante – interrompeu - E não estou de acordo com seu plano. Tenho um melhor.

- É obvio que sim - ironizo com sarcasmo - Marks, por uma vez faz o que te peço

- Não, não vou sair daqui. vou acumular os refugos para formar uma pira que nos permita sair.
 - Nem sequer se pode ver, maldita seja. E não pode mover estas madeiras e pedras. É muito pequena.
 - Não há necessidade de fazer comentários depreciativos sobre minha estatura – reclamo enquanto se cambaleia para cima, entrecerrando os olhos em seu entorno. Identifico a mais alta pilha de escombros, dirigindo-se para ela e procurou rochas próximas.
 - Não estou sendo depreciativo – sua voz soava exasperada - Sua estatura é absolutamente perfeito para minha atividade favorita. Mas não é o suficientemente forte para transportar rochas. Maldita seja, Marks, vais fazer te danifico!
 - Fique aí – ordeno Catherine bruscamente, para ouvir empurrar algum objeto pesado - vais agravar sua lesão, e então será ainda mais difícil sair. Eu hare o trabalho pesado Encontrou um montão de blocos de pedra, agarrou uma e a arrastou até a pilha, tratando de não tropeçar com suas próprias saias.
 - Não é o suficientemente forte - disse Léo, sua voz soava grave e sem fôlego.
 - O que me falta em força física - respondeu ela ao ir a por outro bloco - Compenso-o em determinação.
 - Que inspirador!. Poderíamos deixar de lado a fortaleza heróica por um momento, e tirar reluzir um pouco de sentido comum?
 - Não vou discutir contigo, meu lorde. É necessário guardar o fôlego para... - deteve-se para levantar outro bloco – Empilhar as rochas
- Em algum lugar em meio dessa terrível experiência, Léo decidiu vagamente que nunca mas subestimaria ao Catherine Marca. Onça por onça, ela era a pessoa mais incrivelmente obstinada que tinha conhecido, arrastando rochas e escombros médio cega e com o obstáculo de suas saias largas, com diligência e perseverança cruzava de ida e volta frente a seus olhos frágeis. Tinha decidido construir um túmulo sobre o que poderiam subir para sair, e nada a deteria.
- de vez em quando se detinha para lhe pôr a mão sobre a frente ou na garganta, comprovando sua temperatura e o pulso. E seguia de novo.
- Era algo humilhante para o deixar que uma mulher fizesse sozinha o trabalho, mas cada vez que tentava ficar de pé, enjoava-se e gemia de dor. Sentia seu ombro ardendo não podia usar seu braço esquerdo corretamente. O suor frio gotejava de sua cara e lhe ardiam os olhos.
- As colinas pelo que lhe pareceu foram uns minutos e teve a vaga idéia de que ela se foi mas quão seguinte sentiu foram as mãos do Catherine que o sacudiam com urgência.
- Marks - disse atordoado - O que está fazendo aqui? - Tinha a confusa impressão de que era pela manhã, e ela queria despertá-lo antes de sua hora habitual.
 - Não te pode dormir - disse ela com um gesto ansioso - construí uma pilha com a altura suficiente para que possamos sair, agora vêm comigo.
- Seu corpo se sentia como se tivesse sido encerrado em chumbo. sentiu-se afligido pelo cansaço.
- Me dê cinco minutos. Deixe dormir um pouco mais.
 - Agora, meu lorde – seguiu sacudindo-o até que obedeceu - Vêm comigo, eu te ajudar a te mover - Léo obedeceu com um gemido, se cambaleio até que conseguiu ficar em pé. Uma rajada de dor irradiou de seu ombro, uma série de maldições saíram de sua boca antes de que pudesse deter-se. Curiosamente, Catherine não o repreendeu.
 - Mais à frente – disse - E não te vás cair, é muito pesado para mim
- Profundamente irritado, mas consciente de que estava tratando de ajudá-lo, concentrou-se em pôr seus pés e manter o equilíbrio.
- É a abreviatura do Leonard, Léo?

- O que? - perguntou confuso
- Seu nome.
- Maldita seja, Marks! Não quero falar agora.
- Me responda - insistiu ela.

deu-se conta de que estava tratando de mantê-lo alerta.

- Não –disse respirando pesadamente - É só Léo. Meu pai amava as constelações. Léo é a constelação ... do verão, a estrela mais brilhante marca seu coração. Regulus.

Fez uma pausa para olhar a pilha de rochas que tinha feito.

- Bom. Vá que é eficiente. A próxima vez que tome uma comissão de arquitetura - fez uma pausa para tomar fôlego - Te vou recomendar com o empreiteiro
- Talvez s tivesse tido meus óculos – disse - Poderia ter feito as escadas adequada

Ele deixou escapar um bufo de risada.

- Você vai primeiro, e eu te seguirei.
- Sujeita lhe de minhas saias
- Marks , isso é o mais lindo que alguma vez me há dito.

Subiram juntos com muita dificuldade, enquanto que o sangue de Léo se convertia em gelo, sua ferida lhe doía e seu cérebro parecia mingau. Durante o tempo em que esteve atirado no chão, enfureceu-se com o Catherine por não lhe haver feito caso quando o que ele queria era ficar no poço. O sol lhe cegava, sentia-se quente e estranho. Uns dores ferozes se instalaram detrás de seus olhos.

- vou procurar meu cavalo – informo Catherine - vamos montar de novo juntos.

A possibilidade de montar a cavalo e empreender a volta para o Ramsay House soava como algo exaustivo. Mas ante sua implacável insistência não teve mais remedeio que cumprir. Muito bem. Cavalaria, seguiria sangrando todo o passeio até cair morto e Catherine chegaria à casa levando seu cadáver sentado detrás dela. Léo se sentou sobre o estou acostumado a jogando fumaça e discando um momento até que Catherine retorno trazendo o cavalo. A raiva lhe deu forças para fazer um esforço maciço por última vez. subiu detrás dela, e pôs seu braço ao redor de seu corpo magro. aferrou-se a ela, tremendo de dor. Era pequena mas forte, sua coluna vertebral era um eixo que os sustentava aos dois. Agora tudo o que tinha que fazer era agüentar. Seu ressentimento se evaporou, foi dispersado pouco a pouco devido à dor que o atacava

Escuto então a voz do Catherine. - por que decidiste não te casar?

Sua cabeça se balançava mais perto de seu ouvido.

- Não é justo fazer perguntas pessoais quando estou quase delirante. poderia te dizer a verdade.
- por que? - insistiu. deu-se conta de que estava pedindo um pedaço dele, de seu passado, que nunca deu a ninguém. Seu estivesse sentindo-se um pouco melhor a teria talhado sem olhares. Mas suas defesas habituais não foram mais eficazes que o muro de pedra que rodeava seu coração
- É por causa de uma menina que morreu Não? - Catherine o surpreendeu perguntando - Vocês estavam prometidos e ela morreu da mesma febre escarlatina que afetou-te afeto a ti e ao Win. Como se chamava ...?
- Laura Dillard - parecia impossível que ele pudesse compartilhar isto com o Catherine Marks, mas ela parecia esperar que o faria. E de algum jeito estava obrigando com ela.
- Era uma formosa menina, amava a aquarela. Poucas pessoas são boas nisso, têm muito medo a cometer enganos, não se pode levantar a cor ou ocultá-la, uma vez que o tem impresso. E a água é imprevisível, um sócio ativo na pintura. Às vezes a cor se difunde da maneira que você não espera, ou se forma uma sombra. Isso era o que adorava a Laura. Gostava das surpresas. Conhecíamos-nos da infância. Fui durante dois

anos para estudar arquitetura, e quando voltei, apaixonamo-nos. Tão facilmente. Era nosso caminho. Meus pais tinham morrido no ano anterior. Meu pai tinha uma doença do coração. Ele foi se dormir uma noite e nunca despertou. E minha mãe o seguiu uns meses mais tarde. Não podia deixar o luto por ele. Eu não sabia até então, que algumas pessoas podiam morrer de dor - Era calado então – contínuo com suas lembranças como se fossem folhas e ramitas flutuando em um arroio - Quando Laura doente com a febre, nunca pensei que seria fatal. Pensei que a amava tanto que meu amor poderia curar a de qualquer enfermidade. Mas eu a sustentei durante três dias e senti como a morte me arrebatava isso das mãos. Como a água gotejando através de meus dedos. Abracei-a até que seu coração deixou de pulsar, e sua pele finalmente se voltou fria. A febre tinha feito seu trabalho e a levei.

- Sinto-o – murmuro em voz baixa, quando ficou em silêncio. Ela cobriu a mão com a sua - Na verdade o sinto. Eu ... OH, não tenho alguma coisa adequada que dizer.

- Está bem - disse Léo - Há algumas experiências na vida para as quais não se inventaram as palavras adequadas.

Manteve sua mão sobre a sua.

- depois da Laura morreu – falo depois de um momento – Caiu doente com a mesma febre.

- Foi um alívio.

- por que?

- Porque me queria morrer. Só que Merripen, com suas sangrentas poções ciganas, não me lhes deixar. Tomou muito tempo lhe perdoar por isso. Odiava-o por me manter com vida. Odiava mundo que era sem ela. Odiava-me mesmo por não ter o valor para pôr fim a tudo. Cada noite ficava dormido rogava a Laura que não me deixasse.

Acredito que ela esteve comigo por um tempo.

- Quer dizer ... em sua mente? Ou literalmente, como um fantasma?

- Os dois, suponho. Vivi em um inferno e fiz o mesmo a mim ao redor até que finalmente aceitei que se foi.

- E ainda a quer – a voz do Catherine era sombria - É por isso que nunca te casasse

- Não. Tenho um carinho extraordinário por sua memória. Mas foi faz uma eternidade. Não poderia voltar a passar por isso outra vez. Converteria-me em um louco

- Pode que não seja assim de novo.

- Não, seria pior, porque nnaquele tempo naquele tempo eu era só um menino.

Agora sou um homem, o que quero, o que preciso é muito mas ... meus sentimentos se tornaram mais intensos, sou muito possessivo e isso é algo que não qualquer poderia dirigir – soltou uma risada sardônica – Às vezes a força de meus sentimentos me aflige mesmo, Marks.

Capítulo Oito

Chegaram ao pátio onde cortavam a madeira já estavam a uma curta distância da Casa Ramsay, Catherine estava preocupada. Léo só falava em monossílabos e se apoiava nela. Estava tremendo e suando, com o peso frio de seu braço quando se afez a ela. Uma parte de seu vestido estava pega ao ombro, onde seu sangue a tinha empapado. Consigo ver com sua vista imprecisa a um grupo de homens preparando-se para descarregar um carro de madeira. Por favor, Meu deus, faz que Merripen esteja entre eles.

- Está o senhor Merripen com vocês? - gritou.

Para seu alívio, a enorme e escura silhueta do Merripen, tinha surto de entre aqueles homens. -Sim, senhorita Marks

- Lorde Ramsay está ferido - disse desesperada. – Tivemos uma queda e seu ombro está sangrando.

- Leve-o a casa. Encontraremos-nos ali.

antes de que ela pudesse responder, ele já tinha começado a correr para a casa a uma velocidade surpreendente.

Quando Catherine teve guiado ao cavalo à entrada principal, Merripen já estava ali.

- Houve um acidente nas ruínas - disse Catherine. - Uma parte de madeira lhe enterrou no ombro pelo menos faz uma hora. Esta muito frio, e diz incoerências.

- Essa é minha forma habitual de falar - disse Léo a suas costas. - Estou perfeitamente lúcido. - Tratou de descer do cavalo com movimentos lentos. Merripen chegou até o colocando seu braço debaixo de seu ombro e guiou o de Léo ao redor de seu pescoço. A dor sacudiu a Léo que lhe lançou grunhido. - OH, maldito filho de puta.

- Se que estas brilhante - disse Merripen secamente, e olhou ao Catherine. - Onde está o cavalo de Lorde Ramsay?

- Nas ruínas.

Merripen lhe lançou um olhar avaliando-a. - Está ferida, senhorita Marks?

- Não, senhor.

- Bem. Vá à casa e procure o CAM

Acostumados como estavam os Hathaway às emergências, dirigi-se a situação com eficácia e rapidez. CAM ajudou ao Merripen a colocar a Léo na casa e a subir as escadas, um a cada lado de Léo. Embora se tinha construído a casa de solteiro junto ao imóvel para o uso de Léo, este tinha insistido em que Merripen e Win vivessem ali em seu lugar, assinalando que como o casal se casou para tão pouco, necessitavam a

privacidade muito mais que ele. Quando chegou a New Hampshire, ficou em uma das habitações de hóspedes na casa principal.

Formaram uma tríada bastante harmoniosa, CAM, Merripen e Léo, cada um com sua própria responsabilidade. Embora Léo era o titular do imóvel, não se opunha a compartilhar a autoridade. Ao retornar da França depois de uma ausência de dois anos, Léo estava agradecido ao ver como CAM e Merripen tinham reconstruído o imóvel Ramsay em sua ausência. Tinham convertido a propriedade desmantelada em uma florescente e próspera, e nenhum deles tinha pedido nada em troca. Léo tinha reconhecido que tinha muito que aprender de ambos.

O manejo de um imóvel requeria muito mais que descansar na biblioteca com uma taça de oporto como os aristocratas faziam nas novelas. Tomou um amplo conhecimento da agricultura, os negócios, o gado, a construção, a produção de madeira, e a melhora da terra. Todo isso somado às responsabilidades da política e o Parlamento era mais do que um homem podia levar a cabo. portanto, Merripen e Léo tinham acordado compartilhar a madeira e a agricultura, enquanto que CAM dirigiria o negócio de bens e investimentos.

Em caso de urgência médica, embora Merripen era competente na matéria, pelo general CAM se fazia cargo. depois de ter aprendido as artes da cura de sua avó Romaní, CAM era relativamente experiente no tratamento de enfermidades e lesões. Era melhor, mais seguro, inclusive, que o deixasse fazer o que pudesse para ajudar a Leio em lugar de chamar um médico.

A prática estabelecida na medicina moderna era para os médicos sangrar a seus pacientes para cada doença imaginável, apesar das controvérsias na comunidade médica. Estatísticos tinham começado a rastrear a história de casos anteriores para demonstrar que a sangria não servia de nada absolutamente, mas persistiu o procedimento. Às vezes inclusive o derramamento de sangue foi utilizado para tratar a hemorragia, de acordo com a crença de que era melhor fazer algo que nada absolutamente.

- Amelia - disse CAM, enquanto ele e Merripen recostavam a Leio na cama - vamos necessitar água quente, e todas as mantas que haja. Depois Win e Beatrix poderiam levar a senhorita Marks a sua habitação e lhe ajudar

- OH, não - protestou Catherine - Obrigado, mas eu não necessito ajuda. Posso me lavar por mim mesma e...

Suas objeções foram anuladas, entretanto. Win e Beatrix não cederiam até que tivessem fiscalizado seu banho e lhe tivessem ajudado a lavar o cabelo e ficar um vestido limpo. Encontrou um par de óculos e se sentiu aliviada de ter recuperado a visão. Win insistiu em lhe pôr ao Catherine pomada e ataduras nos dedos.

Finalmente lhe permitiu ir ao quarto de Léo, enquanto que Win e Beatrix esperariam abaixo. Encontrou a Amelia, CAM, e Merripen rodeando a cabeceira do paciente. Léo estava sem camisa, e loja de comestíveis de mantas. Não deveria havê-la surpreso o vê-lo discutindo simultaneamente com os três.

- Nós não necessitamos sua permissão - disse Merripen ao CAM. - vou deixar o cair por sua garganta se for necessário.

- Que o inferno te leve. - grunhiu Léo. - Te vou matar se o tenta

- Ninguém te vai obrigar a tomá-lo - interrompeu-o CAM em tom exasperado. - Mas tem que explicar suas razões, phral, porque não estamos fazendo isto sem sentido

- Não tenho que lhes explicar nada. Seu e Merripen podem tomar essa porcaria e meter-lhe no...

- O que é? - Catherine perguntou da porta. - Há algum problema?

Amelia saiu ao corredor, com o rosto tenso pela preocupação e aflição. - Sim, o problema é que meu irmão é um idiota teimoso - disse em voz alta para que Léo a escutasse. voltou-se para o Catherine e baixou a voz. - CAM e Merripen dizem que a ferida não é grave, mas poderia chegar a ser muito malote se não se limpar adequadamente. A peça de madeira se deslizou em meio da clavícula e a articulação do ombro, e não há maneira de saber quão profunda é. Eles têm que irrigar a ferida para tirar lascas ou fibras de roupa, ou se inflamasse. Em outras palavras, vai ser um caos sangrento. E Léo se nega a tomar láudano.

Catherine a olhou com desconcerto. - Mas... ele deve tomar algo para acalmar a dor

- Sim. Mas não o fará. Ele segue dizendo ao CAM que siga adiante e trate a ferida. Como se alguém pudesse fazer esse trabalho minucioso quando um homem está gritando em agonia.

-Já te disse que não gritar - replicou Léo do dormitório. - Solo o faço quando Marks começa a recitar sua poesia

Apesar de sua consternação, Catherine quase sorriu.

Olhando ao redor da ombreira da porta, ver o rosto de Léo foi terrível, sua tez bronzeada agora exibia uma palidez cinzenta e tremia como um cão molhado. À medida que seus olhares se encontraram na rehúyo, via-se tão desafiante, exausto e miserável que Catherine não pôde evitar perguntar: - Poderia ter uma palavra com você, meu lorde, se me permitir?

- É obvio - foi sua resposta áspera. - eu adoraria ter a alguém mais com quem discutir. Entrou na habitação, enquanto CAM e Merripen se fizeram a um lado. Com uma expressão de desculpa, perguntou-lhe: - Permite-me ter um momento a sós com lorde Ramsay...?

CAM lhe dirigiu um olhar inquisitivo, claramente perguntando-se que influência podia ter sobre Léo. - Faz o que possa para lhe persuadir a beber a medicina que está na mesita de noite.

- E se isso não funciona - acrescentou Merripen - Tenta com um duro golpe no crânio com o atizador.

O casal saiu ao corredor.

A sós com Léo, Catherine se aproximou da cama. Ela deu um coice ao ver a estaca incrustada no ombro, a carne rasgada gotejando sangue. Dado que não havia uma cadeira para sentar-se junto à cama, sentou-se com cuidado sobre o bordo do colchão. Olhou-o fixamente, sua voz suave se escuto com preocupação. - por que não se toma o láudano?

- Maldita seja, Marks... - Ele deixou escapar um suspiro áspero. - Não posso. me acredite, sei como vai ser se não me tomo, mas não tenho outra opção. É... - deteve-se e olhou para outro lado, apertou a mandíbula contra uma nova onda de tremores.

- por que? - Catherine queria estar perto dele e se encontrou tomando sua mão. Como não ofereceu nenhuma resistência, ela se encorajo e deslizou seus dedos por debaixo de sua mão fria enfaixada -Diga-me isso apressou ela. - Por favor.

A mão de Léo se fechou na dela enviando uma resposta através de todo seu corpo. A sensação foi de alívio, uma sensação de pertencer justo a esse lugar. Ambos olharam fixamente suas mãos juntas, seus dedos entrelaçados

- Depois que Laura morreu - ouviu-lhe dizer com voz espessa - Comportava-me muito mal. Pior do que o faço agora, se se pode conceber. Mas não importa o que fiz, não me deu o esquecimento que eu necessitava. Uma noite fui ao East End com alguns de meus companheiros mais depravados a um fumadero de ópio. - Fez uma pausa enquanto sentia a mão do Catherine apertá-lo na reação. - podia-se cheirar a fumaça por todo o beco. O ar era de cor marrom, Levaram-me a uma habitação cheia de homens e mulheres sem conhecimento esparramados no chão, todos sem sentido ou aturdidos. A forma em que brilhavam as pipas de ópio... era como dezenas de pequenos olhos vermelhos piscando os olhos na escuridão.

- Sonha como uma visão do inferno - sussurrou Catherine

- Sim. E o inferno estava exatamente onde queria estar. Alguém me trouxe uma pipa. Com a primeira tragada, senti-me muito melhor, quase choro.

- O que se sente? - Perguntou ela, sua mão tomo rápido a sua.

- Em um instante, tudo está bem com o mundo e nada, não importa quão escuro ou doloroso pode ser. Imaginava que toda a culpa, o medo e a fúria que hei sentido, de repente se desvanecia como uma pluma ao vento

Possivelmente uma vez Catherine lhe teria julgado severamente por desfrutar de tanta maldade. Mas agora sentia compaixão. Ela compreendeu a dor que lhe tinha levado a tais profundidades.

- Mas a sensação não dura - murmurou.

Negou com a cabeça. - Não. E quando se vai, está pior que antes, não pode encontrar prazer em nada. Seus seres queridos não importam, tudo o que pode pensar é que a fumaça de ópio e quando o poderá ter de novo.

Catherine olhou seu perfil, logo que parecia possível que este era o mesmo homem que tinha desprezado durante o ano passado. Sempre lhe tinha parecido totalmente superficial e autocomplacente. Quando em realidade as coisas lhe tinham importado muito. - O que lhe fez parar? - Perguntou-lhe brandamente.

- Cheguei ao ponto em que a idéia de ir ser um condenado era muito exaustivo. Eu tinha uma pistola na mão, e CAM me deteve, disse-me que os ROM acreditam em que se se sofrer muito por uma pessoa que morreu, a sua vez o espírito do defunto se converte em um fantasma, este não tem o valor para te abandonar, pois se sente com o dever de te proteger. Tive que deixar ir a Laura - disse.- Por seu bem. - Léo a olhou então com seus olhos de um azul fascinante. - E o fiz. Jurei a meu mesmo deixar o ópio, e após nunca hei meio doido essa porcaria. Doce Cristo, Cat, não sabe quão difícil foi deixá-lo, essa costure tomo tudo o que tência, se sotaque que volte para mim uma só vez... achar-me no fundo de um poço do que nunca poderei sair. Não posso correr esse risco, não o farei. - Léo...- Ela o viu abrir e fechar os olhos pela surpresa. Era a primeira vez que o chamava por seu nome.- Toma o láudano. - disse. - Não te deixarei cair, não deixarei que te converta em um degenerado.

O torceu a boca. – Me estas oferecendo te assumir como responsável

- Sim.

- Sou mais do que pode dirigir.

- Não - disse Catherine com decisão. - Não o é.

Leio Rio sem alegria, logo lhe dedico um largo olhar, curiosa. Como se fora alguém em quem ele podia confiar, mas não conseguia saber se arriscar-se ou não.

Catherine não podia acreditar o que estava passando. Sentada ao bordo da cama, da mão de um homem contra o que tinha lutado com tanta força e durante tanto tempo. Nunca tinha imaginado que estaria disposta a mostrar-se tão vulnerável com ela.

- Confia em mim. - insistiu ela.

- me dê uma boa razão.

- Porque pode.

Léo sacudiu ligeiramente a cabeça sustentando seu olhar. Ao princípio pensou que ele se estaria negando, mas resultou que estava sacudindo a cabeça com assombro triste de suas próprias ações. Fez um gesto para o pequeno copo de líquido sobre a mesinha de noite. – dêem-me isso murmurou, - antes de ter a oportunidade de pensá-lo melhor. - Lhe entregou a taça e ele o bebeu em uns poucos goles. Um calafrio de repulsão o percorreu enquanto devolvía a taça vazia ao Catherine.

Ambos esperaram para que o medicamento sortisse efeito.

- Suas mãos... - disse Léo tomando seus dedos enfaixados. A ponta de seu polegar roçou brandamente a superfície das unhas.

- Não é nada - sussurrou. - Só um arranhão.

Os olhos azuis dele se voltaram confusos e fora de foco, fechou-os. O gesto de dor de seu rosto começou a relaxar-se. - Dei-te as obrigado – pergunto. – Por me tirar das ruínas?

- Não é necessário que me agradeça.

- De todos os modos ... obrigado. - Levanto uma de suas mãos e apoio a palma contra sua bochecha enquanto seus olhos permaneciam fechados. - Meu anjo da guarda. - disse, sua voz começava a soar amortecida. - Não acredito que tenha tido um até agora.

- Se o tiver. - disse - É provável que corresse muito rápido para poder manter-se em contato contigo.

O riu pelo baixo.

A sensação de sua bochecha barbeada sob sua mão a enchia de uma ternura surpreendente. Teve que recordar que o ópio estava sortindo efeito nele. Este sentimento entre eles não era real. Mas parecia como se algo novo surgisse dos restos de sua antiga inimizade. Um estremecimento por aquela intimidade passou sobre ela como o murmúrio de uma andorinha por debaixo de sua mandíbula

Permaneceram assim até que um ruído na porta fez ao Catherine voltar para presente.

CAM entrou na habitação, olhou o copo vazio, e deu ao Catherine um gesto de aprovação. - Bem feito - disse. - Isto me facilitasse mais as coisas com o Ramsay.

- te apodreça - respondeu Léo ligeiramente, abrindo os olhos ao ver o CAM e Merripen aproximando-se, Amelia lhes seguiu com um braço cheio de trapos e toalhas podas. A contra gosto, Catherine se separou de Léo e se retirou à porta.

CAM olhou a seu cunhado com uma mescla de preocupação e afeto. A luz do sol se filtrava da janela deslizando-se sobre as capas de cor negra brilhante de seu cabelo. - Eu posso me encarregar disto, phral. Entretanto, poderíamos chamar um médico gadjo se o preferir.

- Deus não, Algo que você me faça é muito melhor que o que me faria qualquer médico, sem contar que viria com seu maldito pote de sanguessugas.

- Não quero sanguessugas aqui - respondeu CAM apoiando as costas de Léo sobre os travesseiros – Lhes tenho terror.

- Você? - Perguntou Amelia. - Não sabia.

CAM ajudou a Leio a sentar-se sobre o colchão. - Quando era menino e ainda vivia com a tribo, fui caminhando por um lago alimentado por um manancial com alguns dos outros meninos. Saímos com as pernas cheias de sanguessugas. Diria que gritei como uma menina, à exceção das garotas que estavam mais tranqüilas que eu.

- Pobre CAM. - Amelia disse, sorrindo.

- Pobre CAM? - repetiu Léo mostrando-se indignado. - E eu o que?

- Eu não gosto de te dar muita importância- respondeu Amelia – Pois suspeito que tem feito isto solo para te liberar da plantação de nabos.

Léo respondeu com duas palavras que a fizeram sorrir.

Amelia sob a roupa de cama até a cintura de seu irmão e cuidadosamente pôs toalhas debaixo de seu ombro lesado e o flanco. A visão de seu magro e musculoso torso provocou ao Catherine sensações estranhas em seu estomago. Ela ficou detrás da porta sem querer sair ainda sabendo que era inadequado ficar.

CAM lhe deu um beijo a sua esposa sobre a cabeça e a separou da cama - Espera fora, Monisha, necessitamos espaço para trabalhar.- voltou-se para a bandeja com o material de cura.

Catherine empalideceu para ouvir o ruído de facas e utensílios de metal.

- Não vais fazer uma dança tribal ou sacrificar uma cabra? - Perguntou Léo em tom de brincadeira - Ou pelo menos cantar algo?

- Não, já fizemos todo isso na planta baixa - disse CAM. Entregou uma parte de correia de couro a Léo. - Ponha isto entre os dentes. E tráfico de não fazer muito ruído quando estivermos trabalhando em ti. Meu filho está dormindo.

- antes de pôr isto em minha boca. - disse Léo - Poderia me dizer o último lugar em que vivi?- Fez uma pausa. – O segundo ... não importa. Não quero saber.- Pôs a correia entre os dentes e a retiro para acrescentar - Preferiria que não me amputassem nada.

- Se o fizermos. - disse Merripen, limpando com cuidado ao redor da lesão no ombro. - Não vai ser intencional.

- Preparado, phral? - Ouviu perguntar ao CAM brandamente. – Sujeita o, Merripen. Está bem. À conta de três.

Amelia se encontrou com o Catherine no corredor, tinha o rosto tenso. Ela envolveu seus braços ao redor de sua cintura.

Ouviram o gemido de Léo, seguido de um fluxo de palavras no Romaní entre o CAM e Merripen. A língua estrangeira era enérgica, mas suave.

Estava claro que apesar dos efeitos do ópio, o procedimento foi difícil de suportar. Cada vez que Catherine escutava um grunhido ou um grito de dor procedente de Léo, ficava tensa por toda parte retorcendo-se nervosamente os dedos.

depois de dois ou três minutos, Amelia olhou apareço pela porta. – Tiraram a lasca? - perguntou ela.

- Falta pouco, Monisha. - foi a resposta do CAM. - Poderia ter sido muito pior. - fez uma pausa em um ruído surdo de Léo. - Sinto muito, phral. Merripen, agarra as pinzas e tomada essa parte aí.

A cara da Amelia estava pálida quando ela se voltou para o Catherine. E o abraço, assombrou-lhe seu gesto, abraçava-a da mesma maneira que poderia ter abraçado ao Win, Poppy, ou Beatrix. Catherine ficou um pouco rígida, não por rechaçá-la, se não pela surpresa. - Estou tão contente de que não sofressem danos, Catherine. - disse Amelia. - Obrigado por cuidar de lorde Ramsay.

Catherine assentiu com a cabeça ligeiramente.

Amelia a abraço de novo e lhe sorriu. - Estará bem, já sabe. Tem mais vistas que um gato.

- Isso espero. - disse Catherine com sobriedade. - Espero que isto não seja resultado da maldição Ramsay.

- Eu não acredito em maldições ou feitiços, nem nada pelo estilo. A única maldição de meu irmão é uma automóvel-imposta.

- Se... refere por causa de sua dor pela Laura Dillard?

Os olhos azuis da Amelia a olharam. - Ele falou com você a respeito dela?

Catherine assentiu com a cabeça.

Amelia parecia surpreendida. Tomando o braço do Catherine a levou a fundo do corredor, onde havia menos risco de ser ouvidas - O que lhe há dito?

- Que gostava da aquarela. - respondeu Catherine vacilante. - Que eram noivos, logo ela doente de escarlatina, e morreu em seus braços. E depois... seu fantasma o enfeitiço durante um tempo. Literalmente. Mas isso não podia ser verdade... Verdade?

Amelia permaneceu em silêncio durante um minuto. - Acredito que é certo. - ela disse com uma calma notável. - Mas não o admitiria ante muita gente, pois me faz soar como uma lunática. - Um sorriso irônico cruzou seus lábios. - Entretanto, você viveu com os Hathaway o tempo suficiente para saber com certeza que somos de fato uma manada de loucos. - Fez uma pausa. - Catherine.

- Sim?

- Meu irmão nunca fala da Laura Dillard com ninguém... jamais.

Catherine piscou. - Estava aturdido pela dor, tinha perdido sangue.

- Não acredito que por isso lhe falasse dela.

- O que outra razão poderia ter sido? - Perguntou Catherine com dificuldade.

Deve ter demonstrado em seu rosto, o muito que temia a resposta.

Amelia a olhou de perto, e logo se encolheu de ombros com um sorriso triste.- Já hei dito muito. me perdoe, é só que quero a felicidade para meu irmão. -Fez uma pausa antes de adicionar com sinceridade:- E também a sua.

- Asseguro-lhe, senhora, que entre seu irmão e eu não há nada.

- É obvio - murmurou Amelia, e voltou para a porta a esperar.

Capítulo Nove

Depois que a ferida tinha sido limpeza e enfaixada, Léo ficou com o rosto cinzento e esgotado. Dormiu durante o resto do dia, despertava de vez em quando para encontrar caldo ou lhe quente correndo por sua garganta. A família era implacável em seus esforços para fazer-se cargo dele. Como tinha esperado, o ópio lhe causou pesadelos, sonhava com criaturas que saíam da terra e com suas garras atiravam do para baixo querendo levar-lhe por debaixo da superfície, onde uns olhos vermelhos e brilhantes piscavam na escuridão. Apanhado em seu sonho narcótico, Léo não conseguia despertar, quão único conseguia se se movia muito era ter mais alucinações. O único alívio que sentiu foi quando um pano frio se aplicou sua frente, e uma presença amável, reconfortante flutuava junto a ele.

- Amelia? Win? - murmurou em meio de sua confusão.

- Shhhh ...

- Esta quente - disse com um suspiro de dor.

- Fica quieto - foi vagamente consciente de que o pano se trocou duas ou três vezes mas ... misericordioso sangue-frio aplicado à frente ... uma mão ligeira curva na bochecha.

Quando despertou pela manhã, estava cansado, febril, e nas garras de uma profunda tristeza. Era a seqüela habitual do ópio, é obvio, mas o saber o logo que ajudou a aliviar a monotonia entristecedora.

- Tem uma febre leve – lhe disse pela manhã. - vais ter que tomar mais chá de mel enrama para reduzi-la. Mas não há nenhum sinal pela que devamos nos preocupar Com o descanso de hoje espero que amanhã pela manhã se sinta muito melhor

- Você utiliza o chá como água estancada - murmurou Léo - E não vou permanecer em cama todo o dia.

CAM sorriu simpático - Entendo, phral. Não te sente o suficientemente doente para descansar, mas não está bem para fazer qualquer outra coisa. Tem que te dar a oportunidade de sanar

- Vou abaixo para tomar um café da manhã adequado

- O café da manhã parece mas já se termino.

Léo franziu o cenho e se esfregou a cara, fazendo uma careta quando sentiu dor em seu ombro.

- Lhe diga ao Merripen que venha aqui. Quero falar com ele.
- Está fora com os inquilinos tratando a distribuição da semente do nabo.
- Onde está Amelia?
- Cuidando o bebê. Está na etapa da dentição.
- O que tem que o Win?
- Está com o ama de chaves, fazem um inventário para a aquisição d comestíveis.

Beatriz está levando cestas aos aldeãos anciões da cidade e eu tenho que visitar um inquilino que faz dois meses não paga o aluguel. Temo-me que não há ninguém disponível para te entreter enquanto

Léo recebeu esta declaração com um silêncio áspero. E logo se atreveu a perguntar pela pessoa a quem realmente queria ver. Quão única não se incomodou por perguntar sobre seu bem-estar, inclusive depois de que lhe tinha prometido ajudá-lo

- Onde está Marks?
- A última vez que a vi, estava muito ocupada com trabalhos de agulha. Parece que lhe acumularam algumas reparações.
- É algo que pode fazer aqui.

A cara do CAM se tornou cuidadosamente em branco.

- Quer que a senhorita Marca deva fazer o cerzido em seu quarto?
- Sim, envia-a aqui.
- vou perguntar se estiver disposta -disse CAM, olhando-o duvidoso.

depois de que Leó se lavou e colocado uma bata, voltou a meter-se à cama. Estava dolorido e lhe exasperem. Uma criada trouxe uma pequena bandeja com uma parte de pão torrado e uma solitária taça de chá. Léo se comeu seu café da manhã enquanto olhava com ar taciturno a porta vazia. Onde estava Marks? Se CAM sequer se incomodou em lhe dizer que ele a estava esperando. Se o tinha feito assim, era evidente que ela tinha decidido fazer caso omisso da ordem. Insensível, insensível arpia. E isto depois de que ela tinha prometido cuidar dele . O tinha persuadido de tomar o láudano, e então o tinha abandonado. Bom, Léo não a queria agora. Se se decidia a aparecer depois de tudo, ia despedir a. ria com desprezo e lhe diria que nenhuma empresa em todo mundo quereria a ter empregada.

- Meu lorde? - o coração lhe deu um salto quando a viu na porta, vestida com um traje azul escuro, seus cabelos de ouro brilhando com a luz do sol que entrava pela janela. Sua só presença era capaz de iluminar a escuridão de seu dia. Tinha um livro na mão e um copo de líquido claro na outra - Como está esta manhã?

- Aborrecido de meu engenho – respondeu Léo com o cenho franzido - por que tomou tanto tempo vir para ver-me?

- Acreditei que ainda dormiam – entro na habitação. Catherine deixou a porta aberta. A forma larga e peluda do Dodger, o furão veio galopando detrás dela. depois de levantar a frente em alto para ver seu entorno, Dodger se escorreu por debaixo da cômoda. Catherine, Miro com suspicacia ao furão - Provavelmente um novo esconderijos - disse, e suspirou. Deu a Léo o copo de líquido turvo e se inclino ante o - Bebe isto, por favor.

- O que é?
- Casca de salgueiro para a febre. Acrescentei-lhe um pouco de limão e açúcar para melhorar o sabor.

Léo bebeu a beberagem amarga, olhando como Catherine se movia pela habitação.

Abriu uma segunda janela para permitir que entrasse a brisa exterior. Tomando a bandeja do café da manhã saiu ao corredor para entregar-lhe a uma criada que passava.

Quando retornou até o Leó, pôs seus dedos sobre sua frente para provar a temperatura. Léo a agarrou pela boneca, para deter o movimento. Ele a olhou reconhecendo-a

- Foi você – asseguro - Seu veio para mim ontem de noite
- troquei o pano de sua frente mais de uma vez - os dedos do Catherine se moveram ligeiramente ao redor dele. Sua voz era muito suave – Deveu te haver confundido, como se eu queria entrar no dormitório de um homem em meio da noite – sorriu com ironia mas ambos sabiam que tinha sido ela. O peso da melancolia se elevou grandemente, especialmente quando Leio advertiu a preocupação em seus olhos.

- Como estão suas mãos? - perguntou, voltando seus dedos raspados para as inspecionar.

- A cura vai muito bem, obrigado -fez uma pausa -Hão-me dito que necessitava companhia?

- -Sim - disse ele com prontidão.

- vou permanecer aqui contigo - seus lábios se curvaram no que intento ser um sorriso.

- Muito bem – acessou, Léo queria atirar dela contra ele e inalar seu aroma. Cheirava a luz e a limpo, como o chá, o talco e a lavanda.

- Posso te ler algo? – perguntou - trouxe uma novela. Você gosta de Balzac? O dia havia melhorando grandemente

- A quem não?

Catherine ocupou a cadeira junto à cama. - Ele é um pouco rebuscado para meu gosto. Prefiro as novelas com mais trama.

- Mas com o Balzac - disse Léo - Terá que meter-se de cheio. Tem que te derrubar de cheio em sua língua ... – houve uma pausa, olhou mais de perto seu rosto ovalado. Estava pálida, e havia sombras sob seus olhos, sem dúvida como consequência de lhe haver visitado tantas vezes na noite. - Vê-te cansada - disse sem rodeios – foi minha culpa. Sinto muito

- OH, absolutamente, não foi por sua causa. Tive pesadelos.

- Sobre o que? - sua expressão se tornou vigilante. Terreno proibido. E, entretanto Leio não podia deixar de perguntar - São pesadelos sobre seu passado? A respeito de qualquer situação em que esteve envolto Rutledge?

Catherine o Miro atônita sentindo imediatamente desconforto.

- Acredito que será melhor que vá.

- Não - disse Léo com rapidez, fazendo um gesto com a mão - Não vá. Necessito companhia estou ainda sofrendo as seqüelas do láudano que me convenceu de tomar - vendo que continuava sua vacilação se apressa a acrescentar - E tenho febre.

- É leve.

- Marks, é uma dama de companhia Ou não? - disse com o cenho franzido - Pois então há seu trabalho!

Ela pareceu indignada por um momento, e logo uma explosão de risadas alago a estadia apesar de seus esforços para manter a compostura.

- Sou a acompanhante de – disse - Não a tua

- Por hoje, neste dia é minha. Sente-se e começa a ler.

Para surpresa de Léo, o enfoque magistral que deu a seu emprego resulto efetivo pois Catherine voltou para seu assento e abriu o livro na primeira página. Utilizou a ponta de seu dedo indicador para empurrar seus óculos há seu lugar. Um gesto pouco meticuloso que o adorava.

- Um Homme casos – leu ela - Um homem de negócios. Capítulo um.

- Espera – Catherine o olhou espectador. Léo escolheu suas palavras com cuidado.

- Há alguma parte de seu passado que estaria disposta a discutir?

- Com que propósito?
- Tenho curiosidade por ti.
- Eu não gosto de falar de mim mesma.
- Essa é uma prova de quão interessante é. Não há nada mais tedioso que as pessoas às que gostam de falar sobre si mesmos. Somos um exemplo perfeito. Ela baixou o olhar para o livro como se estivesse fazendo um grande esforço para concentrar-se na página. Mas depois de só uns segundos, olhou para cima com um sorriso que parecia dissolver sua coluna vertebral.
- Vocês serão muitas coisas, meu lorde. Mas nenhuma delas os descreve como aborrecidos – quando a Miro sentiu a mesma sensação inexplicável de calor, de felicidade, que tinha experiente no dia anterior antes de seu acidente nas ruínas - O que você gostaria de saber? - Perguntou ao Catherine.
- Quando se inteirou de que necessitava óculos?
- Tinha cinco ou seis. Meus pais e eu vivíamos no Holborn, em um solar no Portpool Lane. Como as meninas não podiam ir à escola nesse momento, uma mulher do lugar tratou de nos ensinar a algumas de nós. Disse a minha mãe que eu era muito boa para a memorização, mas era torpe na hora de ler e escrever. Um dia minha mãe me mandou a fazer um mandado a procurar uma peça de frango ao açougue. Foram só duas ruas de distância, mas me perdi. Tudo era impreciso. Encontraram-me vagando e chorando a umas ruas de distância, até que por fim alguém me levo ao açougue - um sorriso curvou seus lábios – Era um homem bom, quando lhe disse que não acreditava que pudesse encontrar o caminho de volta a casa, disse que teve uma idéia. E me provou os óculos de sua esposa. Não podia acreditar como se via o mundo. Foi algo mágico. Pude ver o padrão de tijolos nas paredes, e os pássaros no ar, e inclusive a malha do avental do açougueiro. Esse era meu problema, disse. E após usei óculos.
- Seus pais se sentiram aliviados ao descobrir que sua filha não era tão lerda, depois de tudo?
- Justamente o contrário. Discutiram por vários dias sobre que lado da família tinha podido herdar a condição débil de meus olhos. Minha mãe estava muito angustiada, lá dizia que os lentes estragariam minha aparência.
- Que se apodreçam!
- via-se triste. - Minha mãe não possuía o que alguém chamaria uma grande profundidade de caráter. Abandono a seu marido e a seu filho para correr pela Inglaterra em detrás de seu amante, eu não podia esperar um excesso de princípios... eu acreditava que se casaram quando era muito pequena.
- Houve amor entre eles?
- Tendo em conta que - mordeu-se o lábio inferior, chamando sua atenção sobre a suavidade de seus tentadores lábios - Sentiram-se atraídos o um pelo outro em um sentido físico... - admitiu - Mas isso não é amor, Verdade?
- Não-disse em voz baixa - O que aconteceu seu pai?
- Prefiro não falar dele.
- depois de tudo o que confiei a ti? – dirigiu-lhe um olhar de reprimenda - Sr justa, Marks. Não pode ser mais difícil para ti do que era para mim.
- Está bem – acessou Catherine tomou uma respiração profunda - Quando minha mãe adoeceu, meu pai sentia que tinha uma pesada carga. Pagou a uma mulher para cuidar dela até o final, e me enviou a viver com minha tia e minha avó, nunca soube mais dele. Pode estar morto, por isso sei.
- Sinto muito - disse Léo. E assim era. Sentia-o genuinamente, tinha o desejo de algum jeito de poder viajar no tempo para poder consolar a uma garotinha pequena que

usava óculos, que tinha sido abandonada pelo homem que deveria havê-la protegido. - Não todos os homens são assim – sentiu de repente a necessidade de explicar.

- Sei. Não seria justo por minha parte culpar a toda a população masculina pelos pecados de meu pai.

Léo se deu conta incômodamente de que seu próprio comportamento não tinha sido melhor que o de seu pai, que ele se permitiu em sua própria amargura chegar até o ponto de abandonar a suas irmãs.

- Não é de sentir saudades que me odeie - disse – Talvez lhe recordo isso a ele. Abandonei a minhas irmãs quando necessitavam.

Catherine lhe dirigiu um olhar a seus olhos claros, não era de lástima, nem censura, só ... valoração.

-Não - disse ela com sinceridade - Você não é como ele. tornaste com sua família. trabalhaste para eles, cuidado deles. E eu nunca te odiei.

Léo a olhou de perto, mais que um pouco surpreso pela revelação.

- Não?

- Não. De fato... - interrompeu-se bruscamente.

- De fato? – interesse-se Léo - O que foste dizer?

- Nada.

- Estava destinada a me querer contra de sua vontade.

- É obvio que não! - disse Catherine afetada, mas Léo viu a contração de um sorriso nos lábios.

- Irresistivelmente atraída por mim, até que terminasse correndo em detrás de meus sorrisos – sugeriu - Minha conversação fascinante?

- Não, e não.

- Seduzida por meus olhares profundos? - acompanhou a isto com um gesto ao desviar as sobrancelhas que termino por fazer que ela riera a gargalhadas. - Sim, deve ter sido isso – Insistindo-se sobre os travesseiros, Léo a olhou com satisfação.

Que risada mais maravilhosa que tinha! Enchia de luz seu rosto e escorregava por sua garganta como um gorgoreo musical, fazendo-o sentir-se como se tivesse estado bebendo champanha. E o que era um problema que isto poderia chegar a converter-se em algo mais que esse desejo louco que sentia por ela. estava-se convertendo em algo real para ele, um sentimento que crescia em dimensões e o fazia vulnerável de mil maneiras que ele nunca tinha imaginado.

Como Catherine leu em voz alta, o furão surgiu de debaixo da cômoda e subiu a seu regaço. ficou dormido em um círculo ao reverso, com a boca aberta. Léo não culpou ao Dodger no mais mínimo. O regaço do Catherine parecia um lugar encantador para descansar a cabeça. Fingiu interesse na narrativa complexa e detalhada, enquanto sua mente se ocupava da questão sobre que aspecto teria ela nua. Parecia algo trágico o pensar que nunca a veria assim. Porque inclusive sendo uma empregada, o código de ética de Léo dizia que um homem não podia deitar-se com uma virgem a menos que tivesse intenções sérias. Tinha-o tentado uma vez, entregando-se perdidamente apaixonado, a ponto de perder tudo como consequência disso.

Havia alguns riscos que um homem não pode tomar duas vezes.

Capítulo Dez

Era mais de meia-noite quando Catherine despertou pelo ruído do pranto de um bebê. Certamente Rye seguia tendo moléstias com os dentes, pois normalmente o querubim tinha um caráter doce e tinha estado inquieto ultimamente.

Catherine olhou sem ver na escuridão e chutou as telhas fora de suas pernas, tratou de encontrar uma posição mais cômoda para dormir, de lado, sobre seu estomago, de flanco, nenhuma posição a encontrava agradável.

depois de uns minutos, o pranto do bebê cesso. Não havia dúvida de que estava sendo atendido por uma mãe atenta.

Mas Catherine ficou acordada, sozinha, adolorida, a pior maneira de estar acordada.

Tratou de distrair-se com as antigas palavras celtas para contar ovelhas, que ainda eram utilizadas pelos camponeses em lugar dos números modernos ... já, tão, tethera, pethera ... Se ouvia o eco de séculos nas antigas sílabas. Sether, methera, hover, Cover ...

Sua mente evoca a imagem de uns olhos azuis, sulcados de luz e escuridão, como as tiras de céu e o oceano. Léon a tinha observado enquanto lhe tinha lido, e enquanto o para a cura. E debaixo de suas brincadeiras, e sua fachada relaxada, ela sabia que ele a desaba. Yan, tão tethera ...

Possivelmente Léon estava acordado neste momento. A febre se dissipou pela tarde, mas poderia ter reavivado. Ele poderia necessitar água, ou um pano frio.

Catherine saiu da cama e ficou a bata antes de que pudesse pensar duas vezes, tomou seus óculos do penteadeira e as põs.

Com os pés descalços cruzou o corredor de madeira enquanto se dirigia ao quarto de Leio em uma missão de caridade.

A porta da habitação se encontrava parcialmente aberta. penetrou sem fazer ruído, como um ladrão, nas pontas dos pés à cama justo como a noite anterior. A escuridão da habitação se achava perturbada por uns raios de luz da janela aberta, eram como as sombras de um coador. Podia ouvir o fluxo suave e constante da respiração de Léo. Catherine se aproximou da cama devagar, os batimentos do coração de seu coração aumentavam enquanto depositava seus dedos na frente de Léo, não havia febre, solo um suave calor saudável.

A respiração de Léo era irregular quando despertou. -Cat? - Sua voz era espessa pelo sonho - O que está fazendo?

Ela não deveria estar aí com ele, qualquer desculpa que desse soaria falsa e ridícula, porque não havia nenhum motivo racional para que incomodasse a essas horas.

Torpemente murmurou: - Eu... eu devi ver se... - Sua voz se apagou.

Começou a retroceder, mas lhe agarrou a boneca com uma destreza notável, considerando que era de noite e estava apenas acordado, ela ficou imóvel suspensa sobre ele e sua boneca encarcerada entre suas mãos.

Léo exercia pressão sobre seu braço, obrigando-a a inclinar-se mais por cima dele, até que perdeu o equilíbrio e caiu em cima. Com o temor de lhe fazer danifico, luto para apoiar as mãos sobre o colchão usando todo seu corpo, deteve-se o encontrar-se com a carne nua de seu membro viril coberta de um pêlo suave.

- Meu lorde- sussurrou-lhe: - Eu não queria...

Sua larga mão se curvo na parte posterior da cabeça, e ele inclino sua boca para a sua.

Não foi um beijo, foi uma posse. Tomou totalmente, seu cálida língua exploro os contornos de sua boca lhe tirando a vontade e o pensamento, o aroma masculino de sua pele cheio suas fossas nasais, era um aroma tão erótico, tão delicioso, muitas sensações juntas... a seda quente de sua boca, o agarre seguro de suas mãos, os duros contornos masculinos de seu corpo.

O mundo girava lentamente à medida que Léo se voltou com ela em seus braços cravando a metade de seu corpo à cama. Seus beijos eram ásperos e doces, nos que participavam não só os lábios, se não os dentes e a língua. Ofegando, pôs suas mãos ao redor de seu pescoço e o ombro enfaixado, o se aproximou mas a ela beijando-a como se queria devorá-la. As dobras da bata se abriram e o bordo de sua camisola lhe subiu até os joelhos. Léo separou sua boca da dela para iniciar a busca deliciosa para a garganta, onde o pescoço e o ombro se uniam, enquanto seus dedos se concentraram na parte dianteira da camisola, desabotoando os pequenos botões e estendendo o magro tecido. Sob a cabeça e seus lábios percorreram lentamente o pendente ascendente de seu suave peito até que chegou ao topo, retendo-o em sua boca começou a lambeir gema fresca com traços ondulantes de sua língua, seus gemidos se mesclavam com as rajadas de seu fôlego. Léo se colocou entre suas coxas apoiando seu peso sobre ela que sentiu a dureza

de seu membro entre suas pernas, o procurou o outro peito, fechando sua boca sobre o mamilo umedecendo-o com a língua e os lábios, criando ondas de prazer constante.

Com cada movimento, ela descobria mais sensações prazenteiras, Léo voltou a tomar sua boca drogando-a a beijos, enquanto se movia sobre ela com um ritmo sutil, roçando seu sexo contra o dela fazendo-a reagir, retorceu-se desesperadamente debaixo dele tratando de escapar, seus corpos estavam tão apertados como as páginas de um livro fechado e se sentia tão bem, era tão grosseiramente agradável, que lhe dava medo.

- Não - ofegou ela empurrando-o. – Espera, por favor

Uma de suas mãos se apóio descuidadamente sobre seu ombro lesado e Léo se separou dela soltando uma maldição.

- Meu lorde? - Ela se levanta da cama tremendo de pés a cabeça. - Sinto muito. Tenho-te feito mal? O que posso...?

- Vete.

- Sim, mas...

- Agora, Marks. - Sua voz era baixa e gutural. - Ou volta para a cama e terminemos isto.

Ela fugiu.

Capítulo Onze

depois de uma noite miserável, Catherine procurou provas seus óculos e se deu conta que as tinha perdido em algum momento durante sua visita à habitação de Léo. Gemendo, sentou-se em seu penteadeira e se cobriu o rosto com as mãos. Um impulso estúpido, pensou com voz surda. Um momento de loucura. Nunca deveria ter cedido a ela. Não havia ninguém a quem culpar a não ser a si mesmo. Tinha-lhe dado armas a Léo para que a torturasse com isto. Aproveitava qualquer oportunidade para humilhá-la

, sabia muito bem. O mau humor do Catherine não melhora com a aparição do Dodger, que saiu da caixa de sapatos debaixo de sua cama. O furão empurrou a tampa aberta, com a cabeça, estalou a língua em sinal de saudação alegre, e atirou seu sapato da caixa. O céu sabia onde tinha a intenção de deixá-lo.

- Não, Dodger - disse com cansaço, o torceu a cabeça sobre seu braço enquanto o observava. Tudo estava tão impreciso. Necessitava suas lentes. E era muito difícil ir em busca de algo quando não podia ver mais de dois pés por diante de sua cara. Por outra parte, se uma das empregadas tinha encontrado na habitação de Léo suas lentes, que Deus a ajudasse, todo mundo pensaria que tinha estado em sua cama. Dodger abandonou a sapatilha tratando para ela, sentiu seu corpo forte, comprido e magro contra seu joelho. Estava tremendo, algo que Beatriz lhe havia dito que era normal nos furões. Um furão tinha a temperatura baixa quando estava dormindo, e o tremor era sua maneira de esquentar-se a si mesmo ao despertar. Catherine se inclinou para acariciá-lo. Quando tratou de subir a seu regaço, entretanto, lhe deu uma cotovelada.

- Não me sinto bem – se desculpo com o furão, embora não havia nada mau com ela fisicamente. Dodger pareceu indignar-se com seu rechaço e se voltou para voltar a esconder-se na habitação. Catherine continuou meneando a cabeça enquanto permanecia sentada frente ao penteadeira, sentindo-se muito triste e envergonhada. dormiu-se até tarde. Podia ouvir os sons das pegadas e a conversação afogada procedente da planta baixa.

Se Léo tinha baixado a tomar o café da manhã? Ela não poderia olhá-lo à cara. Sua mente voltou por uns minutos às lembranças da noite anterior. Uma quebra de onda de calor percorreu seu corpo ao recordar a maneira em que o a tinha beijado, a sensação de sua boca nos lugares íntimos de seu corpo. Escuto ao furão voltar para a habitação de novo, rendo e saltando como o fazia quando estava especialmente contente por algo.

- Vete, Dodger - disse com voz surda. Mas ele insistiu, chegando a seu lado com a frente em alto uma vez mais, seu corpo como um cilindro comprido. Catherine lhe fez uma olhada e Miro que tinha algo que sujeitava com cuidado em seus dentes frontais. Piscou. Pouco a pouco, agachou-se e tomou o objeto que sustentava, deu-se conta que eram suas lentes – Assombroso – era incrível como um pequeno gesto de amabilidade podiam fazer que alguém se sentisse bem.

- Obrigado - sussurrou ela, com lágrimas em seus olhos enquanto acariciava seu cabecita - Amo-te, doninha asquerosa – o abraço contra seu regaço enquanto Dodger se volteava ao reverso e suspirava.

Catherine se vestiu com esmero, pondo especial interesse em seu penteado, lhe acrescentando mas broches para obter que ficasse rigidamente perfeito, ficando um vestido cinza de um tom um pouco mais forte do habitual, inclusive fez um dobro nó às cintas de suas botas de cano longo. Como se assim tratasse de não deixar nenhum nó solto, ou conseguisse conter-se amarrando seus pensamentos.

Ao entrar na sala de cafés da manhã, viu a Amelia na mesa. Estava dando de comer ao bebê torradas de centeio, a criatura babava copiosamente devido à dentição.

- Bons dias-murmuró Catherine enquanto se aproximava de servir uma taça de chá no samovar.

- O pobre deve comer centeio ... o ouvi chorar na noite. O novo dente não chegou ainda?

- Ainda não - disse Amelia com tristeza - Sinto ter perturbado seu sonho, Catherine.

- OH, não me incomoda. Já estava acordada. Foi uma noite agitada.

- Deve havê-lo sido para lorde Ramsay também - comentou Amelia.

Catherine a olhou rapidamente, mas por sorte não parecia haver nenhum significado oculto no comentário. Tratou de manter sua expressão neutra.

- Sim? Espero que esteja bem esta manhã.

- Parece bastante bem, mas esta inusualmente calado. Tem-nos preocupados - Amelia fez uma careta. - Suponho que não melhorou sua disposição quando lhe disse que estamos planejando levar a cabo o baile em menos de um mês.

Agitando a açúcar no chá com muito cuidado, Catherine lhe perguntou - vai dizer lhe às pessoas que o evento é com o propósito de encontrar uma noiva para o lorde Ramsay?

Amelia sorriu. - Não, eu não sou a indicada. Entretanto, será evidente que um grande número de mulheres jovens e elegíveis foram convidadas. E, é obvio, meu irmão é o objetivo primitivo matrimonial.

- Não entendo porque - murmurou Catherine, tratando de sonar desinteressada, quando dentro dela fervia o desespero. deu-se conta de que não seria capaz de permanecer com a família Hathaway quando Leio se casou. Literalmente, não seria capaz de suportar vê-lo com outra mulher. Sobre tudo se o fazia feliz.

- OH, é muito singelo – explico Amelia com picardia – Lorde Ramsay é um homem muito atrativo, tem todo seu cabelo e todos seus dentes, é suficientemente jovem, galhardo e viril para engendrar vários filhos. Se não fora meu irmão, suponho que não o consideraria um mau prospecto.

- É muito bonito - comentou Catherine sem pensar e se ruborizou quando Amelia lhe dirigiu um olhar ardiloso. Bebeu sua lhe com celeridade e mordisco um pãozinho a modo de café da manhã, logo foi em busca da Beatriz. Era hora dos estudos da manhã. Catherine e Beatriz tinham situado em um patrão, principiariam suas lições com uns poucos minutos sobre etiqueta e maneiras, logo passariam o resto da manhã vendo lições como história, filosofia, inclusive ciência. Temas que Beatriz tinha dominado à larga. Não eram os temas que ensinava às jovens só com o fim das fazer adequados algemas e mães. Catherine sentiu que ela e Beatriz se converteram em companheiras de estudos. Embora Catherine nunca tinha tido o privilégio de conhecer os pais Hathaway, pensou que ambos, em particular o Sr. Hathaway, haveriam-se sentido satisfeitos pelos lucros de seus filhos. Os Hathaways eram uma família de intelectuais, todos eles tinham facilmente a possibilidade de discutir um tema ou questão em um nível abstrato. E havia algo mais que compartilhar, sua capacidade de dar saltos imaginativos e as conexões entre temas díspares.

Uma noite, por exemplo, a discussão durante o jantar se centrou nas notícias de um transporte aéreo de vapor que tinha sido desenhado por um fabricante de bilros do Somerset chamado John Stringfellow. Não funcionou, mas a idéia era fascinante.

Durante o debate sobre se o homem poderia ser capaz de voar alguma vez em uma invenção mecânica, a Hathaways tinha comentado a mitologia grega, a física, as cometas chinesas, o reino animal, a filosofia francesa, e os inventos do Leonardo da Vinci. Tratar de seguir o debate tinha sido quase vertiginoso.

Privado Catherine se preocupou a respeito de se tais temas candentes de conversação poriam fora de possíveis pretendentes do Poppy e Beatrix. No caso da primeira poderia ter sido problemático. Pelo menos até que conheceu o Harry. Entretanto, quando Catherine tinha tentado expor o tema com delicadeza com o CAM Rohan ao começo de seu emprego, o tinha estado sido decidido em sua resposta.

- Não, senhorita Marks, não deve tratar de trocar ao Poppy ou Beatriz - havia-lhe dito - Não funcionária e só obteria que fossem infelizes. Tão somente lhes ajude a aprender como devem comportar-se em sociedade, como falar, como ser como os gadj.

- Em outras palavras – disse Catherine com ironia – Quer que tenham a aparência de ser corretas, mas não deseja que em realidade o sejam.

CAM lhe tinha encantado por sua compreensão.

- Exatamente.

Catherine entendia agora a que se referia CAM. Nenhum dos Hathaways seria nunca como os habitantes da sociedade londrino, nem queria que fossem.

dirigiu-se à biblioteca para encontrar alguns livros para seus estudos com a Beatriz. Ao entrar na sala, entretanto, deteve-se com um grito de assombro ao ver Léo inclinado sobre a mesa da biblioteca, escrevendo algo em um jogo de desenhos dispersos.

Léo voltou a cabeça para olhá-la, com seus olhos penetrantes. Trato de parecer fria e distante. Seu crânio pulsava e doía nos lugares onde tinha atirado dele com muita força.

- bom dia – saúdo sem fôlego, retrocedendo um passo – Não pretendia interrompê-lo.

- Não me interrompe.

- Devi buscar alguns livros, se ... se puder.

Léo lhe fez um gesto de assentimento e voltou sua atenção aos desenhos.

Plenamente consciente de si mesmo, Catherine foi às estanterias e tomo o título que lhe interessava. Estava tudo tão silencioso que pensou que os batimentos do coração de seu coração poderiam escutar-se. Necessitava desesperadamente romper o silêncio.

- Está desenhando algo sobre a herança? Uma casa para um inquilino?

- A adequação dos estúbulos.

Catherine olhou sem ver ao longo das fileiras de livros. ia pretender que os acontecimentos da noite anterior não tinham acontecido? Certamente o esperava. Mas então escuto que Léo dizia

- Se quiser uma desculpa, não a vais obter - Catherine se voltou para ele - Quer que te peça perdão? - seguia contemplando o conjunto de elevações em seus desenhos - Quando uma mulher visita um homem em sua cama de noite, não é para tomar o chá e conversar.

- Eu não te estava de visita em sua cama - disse ela à defensiva - Quer dizer, estava em sua cama, mas não era meu desejo te encontrar ali – balbucio consciente de que estava dizendo coisas sem sentido, resistiu o impulso de dar-se a si mesmo um golpe tortazo na cabeça.

- Às duas da manhã? - informou-lhe – Pelo comum um se encontra recostado em um colchão, praticando duas atividades, alguém é dormir e ... não acredito que precise dar mais detalhe sobre qual é a outra.

- Eu só queria ver se tinha febre - disse, avermelhando - Se necessitava algo

- Aparentemente sim.

Catherine nunca se havia sentido tão extraordinariamente incômoda. Toda sua pele se tornou muito quente para seu corpo.

- O vais dizer a alguém? – atreveu-se a perguntar.

Uma de suas sobrancelhas se arqueio burlonamente.

- Tem medo de que vá mexericar com alguém sobre nosso encontro de ontem à noite? Não, Marks, não ganharia com isso. E muito a meu pesar, não fizemos o suficiente para justificar uma intriga decente.

Catherine caminha para olhar um montão de esboços e restos na esquina da mesa. Os emprego em uma pilha ordenada.

- Fiz-te mal? - as arrumou para perguntar, recordando como se impulsionou inadvertidamente sobre seu ombro ferido - Dói-te esta manhã?

Léo vacilou antes de responder.

- Não, com o tempo diminuiu depois de sua partida. Mas o diabo sabe que não se necessita muito esforço para que me volte a atacar.

Catherine foi superada pelo remorso.

- Sinto-o muito. Necessita que ponha um cataplasma?

- Um cataplasma? - repetiu sem compreender - Em meu ... OH!. Está-te refirindo a meu ombro?

A jovem piscou na confusão.

- É obvio que estamos falando de seu ombro. Do que outra coisa poderia ser?

- Cat... - Léo apartou o olhar dela. Para sua surpresa, houve um tremor de risada em sua voz - Quando um homem se excita e fica insatisfeito, pelo general demora para voltar para a normalidade e isto lhe pode provocar dores por um bom tempo.

- Onde?

Lhe dirigiu um olhar simbólico sem vontades de falar.

- Quer dizer o que ...? - um rubor selvagem corriam sobre seu rosto quando finalmente compreendeu a que se referia - Bom, não me importa se te dói, eu estava preocupada só por sua ferida!

- Esta muito melhor - assegurou-lhe Léo, com os olhos brilhantes de diversão - Quanto a minha outra dor...

- Não tem nada que ver comigo – replico a toda pressa.

- Não estou de acordo.

A dignidade do Catherine se quebrado em pedaços. Era evidente que não ficava mais opção que retirar-se.

- Vou agora

- O que acontece os livros que vieste a procurar?

- Virei por eles mais tarde. - quando se voltou para sair rapidamente, o bordo da manga em forma de sino roço a pilha de esboços que tinha acomodado anteriormente e estes foram dar ao chão - OH, raios - imediatamente se deixou cair de joelhos, recolhendo os papéis.

- Deixa-o - ouviu dizer Léo - Eu o farei.

- Não, eu sou a culpado e... - Catherine se interrompeu quando viu algo entre os projetos de estruturas, paisagens e as páginas de notas. Um desenho a lápis de uma mulher ... uma mulher nua recostada sobre seu flanco, o cabelo claro que fluía por toda parte. Uma das coxas magras descansada timidamente sobre o outro ocultando parcialmente a sombra delicada do triângulo feminino. E havia um par de (tudo era muito-familiar) de lentes colocados em equilíbrio sobre seu nariz. Catherine agarrou o desenho com uma mão tremente, enquanto seu coração se sacudia em tombos fortes contra suas costelas. Tomou alguns minutos poder recuperar a fala, sua voz soava alta e sem ar.

- Sou eu - Léo se tinha fincado no do tapete junto a ela. Assentiu com a cabeça, olhando-a com tristeza. Seus olhos eram surpreendentemente azuis em contraste com as sombras do estudo.

- por que? – sussurrou

- Não estava destinado a ser algo humilhante – explico – Era algo solo para meu, de ninguém mais.

obrigou-se a olhar o esboço de novo, sentindo-se horivelmente exposta. Nada poderia ter sido mais incômodo que se em realidade a estivesse vendo nua.

E, entretanto a representação estava longe de ser crua ou degradantes. O desenho da mulher tinha sido feito com linhas largas e elegantes, a pose era artística. Sensual.

- Você ... você alguma vez me viu assim - acertou a dizer, antes de acrescentar fracamente - Espiaste-me?

Um sorriso de desaprovação tocou os lábios - Não, ainda não descendi ao voyeurismo - fez uma pausa.

- Entendi bem?

- Não é fácil fazê-lo, devo adivinhar o que há por debaixo de todas as capas.

Uma risada nervosa lutada por sair apesar de sua mortificação.

- Certamente não admitiria posar como modelo – pôs o esboço sobre a pilha, de barriga para baixo. Sua mão tremia. - desenhaste a outras mulheres desta maneira? - perguntou com acanhamento.

Léo sacudiu a cabeça. - Comecei contigo e até agora é quão único tenho feito.

- Tem outros esboços como este? De mim sem roupa?

- Um ou dois – confesso tratando de olhá-la com gesto arrependido.

- OH, por favor, por favor, destrói-os.

- É obvio. Mas a honestidade me obriga a te dizer que é provável que faça mais. É meu passatempo favorito, desenho ao nu.

Catherine gemeu e afundou a cara entre as mãos. Sua voz se deslizou entre o filtro de tensão de seus dedos.

- Eu gostaria que ocupasse seu tempo livre em algo mais.

Ouviu sua risada rouca. – Cat, carinho Pode tratar de lombriga aos olhos? Não?

Ela ficou rígida mas não se moveu ao sentir suas mãos ao redor de seu rosto - Só estava brincando. Não vou esboçar algo como isso outra vez - Léo continua rendo enquanto cuidadosamente colocava seu rosto sobre seu ombro são - Está zangada?

Ela negou com a cabeça - Tem medo?

- Não – respondeu com a respiração tremente – É sozinho que me surpreende que me veja dessa maneira.

- por que?

- Eu não gosto.

- Ninguém se vá a si mesmo como alguém perfeito.

- Estou segura de que nunca me apareceria em um salão completamente nua

- Isso – disse - seria uma vergonha terrível - tomou uma inspiração entrecortada – Sabe muito bem que sempre me fascinaste, Cat. tive fantasias tão más, que nos enviariam diretamente ao inferno, tanto se lhe contasse isso como se não. E a maneira em que te quero não tem nada que ver com a cor de seu cabelo, ou as modas espantosas que leva postas - sua mão se posou brandamente sobre sua cabeça - Catherine Marks, ou quem quer que seja ... Tenho o desejo mas profano de te levar a cama para estar contigo ... duas semanas, pelo menos ... cometer todos os pecados mortais conhecidos pelo homem. Eu gostaria de te fazer algo mais que esboçar seu corpo nu. Quero desenhar sobre ti diretamente com pluma e tinta ... floresça ao redor de seus seios, atalhos de estrelas por debaixo de suas coxas - Deixou que seus lábios quentes se deslizassem qual pincel sobre o bordo de sua orelha - Quero fazer um mapa de seu corpo, riscar o norte, sul, este e oeste em ti..

- Não o faça - disse ela, quase sem poder respirar.

Uma risada compungida lhe escapou - Já lhe disse isso. Direto ao inferno.

- Isto é minha culpa - apertou o rosto ruborizado contra seu ombro - Não deveria ter ido verte ontem à noite. Não sei por que o fiz.

- Eu acredito que sim - sua boca roçou a parte superior da cabeça - Não venha a minha habitação esta noite, Marks. Porque se o faz de novo, não vou ser capaz de me deter.

Soltou-a ao levantar do chão. Retiro de sua mão o desenho e o maço de papéis cansados. Léo tomou o bosquejo e cuidadosamente lhe deu os farrapos ao papel convertendo-o em três tiras largas que pôs em suas mãos.

- vou destruir outros – prometeu

Catherine permaneceu imóvel enquanto o saía da habitação. Seus dedos se fecharam sobre as tiras de papel roda, as esmagando entre seus dedos com força.

Capítulo Doze

No mês que seguiu, Léo se mantinha deliberadamente muito ocupado para evitar encontrar-se com o Catherine. Duas granjas que tinha alugado requeriam novos sistemas de rega, esse era um tema sobre o que Léo tinha desenvolvido certa experiência, enquanto que CAM trabalhava com os cavalos e Merripen fiscalizava a extração de madeira, Léo tinha desenhado um sistema de sulcos e sarjetas que regavam as pradarias com água que vinha desde rios próximos. Em um lugar no que o canal seria muito baixo para ser liberado naturalmente exigia instalar uma roda hidráulica, A roda, sempre com os cubos, tirava a quantidade necessária de água e a enviava por um canal artificial.

Sem camisa e suando sob o resplendor do sol suave do Hampshire, Léo e os inquilinos cavavam sarjetas e canais de drenagem, removiam a pedra e a tiravam do chão. Ao final do dia a Léo doía cada músculo e se sentia muito cansado para manter-se acordado durante o jantar. Seu corpo se endureceu e tinha emagrecido tanto que se viu obrigado a pediremprestadas calças ao CAM, enquanto que o alfaiate arrumava sua roupa.

- Pelo menos o trabalho te impede de voltar para seus vícios - brincou Win uma noite antes do jantar, lhe acariciando carinhosamente o cabelo quando se uniu a ele na sala.

- Eu gosto de meus vícios. - disse-lhe Léo. – Tomo trabalho consegui-los.

- O que terá que conseguir. - disse Win brandamente. - É uma mulher, e não estou dizendo isto por interesse, Léo.

Lhe sorriu, Win era a mais gentil de suas irmãs, tinha lutado tantas batalhas pessoais em altares do amor. – Se que não possui nenhuma molécula de interesse, Win. Mas não vou tomar seu conselho.

- Pois deveria, necessita uma família própria.

- Tenho família suficiente com a qual lutar. E há coisas que prefiro fazer antes que me casar.

- Por exemplo?

- Ah, cortar minha língua e me unir aos monges trapenses... me derrubar nu em mel e me deitar sobre um formigueiro... Sigo?

- Isso não será necessário. - disse Win, sorrindo. - Entretanto, algum dia te casará, Léo. CAM e Merripen hão dito que tem uma linha muito distinta de matrimônio em sua mão. Assombrado, Léo olhou a sua palma. – Tenho esta dobra pela maneira em que agarro minha pluma.

- É uma linha de matrimônio. – Insistiu - E é tão larga, que virtualmente se envolve ao redor de ambos os lados de sua mão. O que significa que algum dia te casará com seu amor destinado. - Win elevou as sobrancelhas de maneira significativa, como dizendo: O que pensa disso?

- Os ciganos não acreditam realmente na leitura da mão. - informo-lhe Léo. - É uma tolice, só o fazem para tirar dinheiro aos parvos e aos bêbados.

Antes que Win pudesse responder, Merripen entrou na sala. – Os Gadjos se que sabem complicar as coisas. - disse, lhe entregando uma carta a Léo e depois deixando cair sobre o sofá.

- O que é isto? - Léo perguntou, olhando a assinatura na parte inferior. - Outra carta do advogado? Pensei que estava tratando de arrumar as coisas.

- quanto mais, explica - disse Merripen . – Mais confuso se volta. Como ROM, ainda tenho problemas para entender o conceito de propriedade da terra. Mas o imóvel Ramsay...-sacudiu a cabeça com desgosto. - É um nó gordiano dos acordos, as subvenções, os costumes, as exceções, adições e arrendamentos.

- Isso é porque o imóvel é muito velho. - Win disse sabiamente. - A mais antiga é a casa solariega, e com o tempo adquiriu mais complicações. - Olhou a Léo. - Por certo, acabo-me de inteirar que a condessa Ramsay e sua filha a senhorita Darvin querem vir para uma visita. recebemos uma carta delas ao meio-dia.

- Que diabos diz! - Léo estava indignado. - Com que propósito? Para desfrutar-se? Para fazer um inventário? Ainda tenho um ano mais antes de que possam reclamar o lugar.

- Talvez querem fazer as pazes e encontrar uma solução aceitável para todos nós. - sugeriu Win.

Win sempre estava disposta a pensar o melhor da gente e acreditar na bondade essencial da natureza humana.

Léo não tinha esse problema.

- Fazer as pazes, meu culo. - murmurou. - Por Deus, estou tentado a me casar solo para ferir esse par de bruxas.

- Tem alguma candidata em mente? - Perguntou Win.

- Nenhuma sozinha. Mas se alguma vez me chego a casar, será com uma mulher a que jamais chegue a amar.

Um movimento na porta lhe chamou a atenção, e viu como Catherine de forma discreta entrava na habitação. Dirigiu-lhe ao grupo um sorriso neutro, evitando cuidadosamente o olhar de Léo, e se dirigiu a uma cadeira perto da esquina. Com moléstia, Léo se deu conta de que ela tinha perdido peso. Seus peitos eram mais pequenos, sua cintura estava tão magra como um cano e sua tez era pálida. Era que ela de forma deliberada estava descuidando sua alimentação? Que tinha causado sua falta de apetite? faria-se mal se continuava assim.

- Pelo amor de Deus, Marks. - disse irritado - Quer estar tão fraca como um ramo de abedul?

- Léo. - protestou Win.

Catherine lhe lançou um olhar de indignação. - Não é para mim a quem ficam as calças frouxas.

- Olhe-se, está meio morta de desnutrição - continuou Léo com o cenho franzido. - O que lhe passa? por que não está comendo?

- Ramsay. - murmurou Merripen, era evidentemente que Léo tinha cruzado o limite.

Catherine se levantou de sua cadeira e olhou a Léo. - Você é um valentão, um hipócrita e não tem direito a criticar meu aspecto, assim... assim... – fez uma pausa pensando em uma palavra para feri-lo e disse com violência. – Cabron. - tomo suas saias com raiva e saiu da sala.

Merripen e Win a observavam com a boca aberta.

- Onde aprendeu essa palavra? – exigiu Léo pisando em seus talões.

- De você. - disse ela com veemência por cima do ombro.

- Pelo menos sabe o que significa?

- Não, e não me importa. Mantenha-se afastado de mim

Catherine saiu da casa e Léo se foi atrás dela, lhe ocorreu que tinha estado desejando uma discussão com ela, qualquer tipo de interação.

Ela saiu até a metade da casa, e logo se encontraram no jardim da cozinha. O ar era penetrante com o aroma das ervas esquentadas pelo sol

- Marks. - disse com exasperação. - Persegurei-te através da salsinha se insistir, mas não podemos deixar as coisas assim, temos que esclarecer isto.

Ela se deu volta para olhá-lo à cara com as bochechas ruborizadas - Não há nada que discutir. Não me dirige a palavra em dias e quando o faz sozinho é para realizar comentários ofensivos.

- Não quis ser ofensivo. De verdade

- Não sou fraca, caipira desprezível! Valho tão pouco como pessoa para você, que se atreve a me tratar com tanto desprezo?

- Sinto muito.

Catherine ficou em silêncio, respirando forte.

- Não deveria ter falado dessa maneira - disse Léo com brutalidade. - E não é menos que uma pessoa para mim, seu bem-estar na verdade me importa. Eu não estaria tão zangado se se tratasse de outra pessoa que não fosse você, é sozinho que me incomoda que não cuide de ti mesma.

- Você tampouco se cuida.

Léo entreabriu os lábios para responder, mas não podia pensar em uma réplica eficaz. Abriu e fechou a boca de novo.

- Trabalha até o esgotamento. - disse Catherine. - Tem-lhe cansado uma pedra em cima pelo menos uma vez ao dia.

- As novas explorações necessitam sistemas de rega. Eu sou o mais adequado para o desenho e sua implementação.

- Você não tem que cavar trincheiras e mover rochas.

- Devo fazê-lo.

- por que?

Léo a olhou fixamente, tendo em conta se devia ou não lhe dizer a verdade. Ele decidiu ser franco. -Porque trabalhar até o esgotamento é a única maneira em que posso deixar de pensar em te seduzir de noite.

Catherine lhe dirigiu um olhar com olhos redondos. Sua boca se abria e fechava da mesma maneira em que ele o tinha feito um momento antes.

Léo a olhou com uma mescla de diversão e calor crescentes. Já não podia negar que não encontrava nada no mundo mais entretido que falar com ela. Ou simplesmente estar

perto dela. Essa mulher era teimosa, fascinante... por completo diferente a seus amantes do passado. E em momentos como este tinha todo o atrativo de um ouriço selvagem.

Mas ela o desafiava e se enfrentava ao de igual a igual, como nenhuma outra mulher o tinha feito, desejava-a além da razão.

- Não pode me seduzir. - disse Catherine com irritação.

Os dois estavam imóveis, seus olhares se encontraram.

- Nega a atração que existe entre nós? - A voz de Léo era mais profunda do habitual. Viu um calafrio percorrer o corpo do Catherine antes de que ela apertasse os dentes com determinação.

- Nego que a vontade racional possa ser dominada pela atração física. - disse. – O cérebro sempre está alerta.

Léo não pôde evitar um sorriso zombador que se desenhava em seus lábios. - Bom Deus, Marks. Obviamente nunca tem feito o amor, pois do contrário saberia que o órgão que sempre está a cargo não é o cérebro. De fato, o cérebro deixa de funcionar por completo.

- Isso lhes resulta fácil aos homens

- O cérebro de uma mulher não é menos primitivo que o do homem, especialmente quando se trata de uma distração física.

- Estou segura de que desejas acreditar isso

- Demonstro-lhe isso?

A delicada boca do Catherine se curvou com cepticismo, mas não pôde resistir a tentação e lhe perguntou: - Como?

Tomando-a do braço, Léo a levou a uma zona mais separada do jardim da cozinha, detrás de um par de pérgolas cobertas com feijões escarlate. Estavam de pé junto a um estufa a qual foi utilizado para resguardar as novelas em flor, isto tinha permitido ao jardineiro cultivar novelas e flores com independência das condições meteorológicas prevalentes.

Léo olhou a seu redor para assegurar-se de que não estavam sendo observados. - Hei aqui uma provocação para suas funções cerebrais superiores. Primeiro, eu te beijo, depois vou fazer-te uma pergunta simples. Se sua resposta for correta, vou-te dar a razão.

Catherine franziu o cenho e apartou o olhar. - Isto é ridículo - disse a ninguém em particular.

- Tem certamente o direito de rechaçá-lo - disse-lhe Léo. – É esse caso, terá perdido.

Cruzando os braços sobre o peito, Catherine lhe olhou com os olhos entreabridos. - Um beijo?

Léo abriu as mãos com as Palmas para cima, para demonstrar que não tinha nada que ocultar. Sustentou-lhe o olhar. - Um beijo, uma pergunta.

Pouco a pouco ela afrouxo os braços, ficou de pé diante dele com incerteza.

Léo não esperava em realidade que ela aceitasse aquela provocação. <sentiu que o coração começava a pulsar desbocado, à medida que se aproximava a antecipação crescia em seu interior.

- Posso? - Perguntou-lhe, jogando mão de seus óculos para tirar as de seu rosto.

Ela piscou, mas não resistiu.

Léo dobrou os óculos e os guardou no bolso de seu casaco. Muito brandamente lhe inclinou o rosto para cima com ambas as mãos, sabia que a punha nervosa, melhor, pensou sombriamente.

- Está preparada? - Perguntou.

Ela assentiu com a cabeça entre suas mãos e os lábios trementes.

Leio sedimento sua boca ligeiramente na dela, beijando-a brandamente. Seus lábios eram frescos e doces, aprofundou o beijo, a rodeio com seus braços atraindo-a para ele. Era magra, mas forte, seu corpo era flexível como o de um gato. Sentiu que ela começava a relaxar-se entre seus braços, concentrou-se em sua boca, explorou-a com fogo procurando com sua língua até que sentiu a vibração de seu suave gemido entre seus lábios.

Léo levantou a cabeça e olhou sua cara avermelhada. Estava hipnotizado pelo verde-cinza de seus olhos que lhe era difícil recordar que devia lhe fazer uma pergunta.

- Pergunta-a. - recordou-se em voz alta, e sacudiu a cabeça para limpar-se. - Aqui está. Um granjeiro tem doze ovelhas. Morrem sete. Quantas ficam?

- Cinco - disse ela com prontidão.

- Sete - Sorriu enquanto ela o via confundida.

Catherine franziu o cenho. - Esse foi um truque. me faça outra.

- Isto não é uma negociação. - disse.

- Outra - insistiu.

Uma risada rouca lhe escapou.- Deus, se que for teimosa. Está bem. – inclino a cabeça para o Catherine e ela ficou rígida.

- O que está fazendo?

- Um beijo, uma pergunta. - recordou-lhe.

Catherine lhe olhou com pesar, mas cedeu inclinando a cabeça para ele enquanto que Léo a atraiu para se uma vez mais, esta vez seu beijo não foi tão efêmero, era firme e urgente, sua língua se afundava no doce interior de sua boca, rodeio o pescoço masculino com seus braços enquanto que seus dedos se enredaram em seu cabelo.

Léo se foi enjoando pelo desejo e o prazer, precisava senti-la mais perto dele e suas roupas o impediam, tremiam-lhe as mãos pela necessidade de encontrar a doce pele pálida sob o tecido de seu pesado sutiã. Tratava de apertar-se mais dela, de beijá-la mais profundamente, e instintivamente ela tratou de lhe ajudar, chupo sua língua com um som de prazer. O cabelo na parte posterior de seu pescoço se arrepiou e um calafrio de prazer subiu por sua coluna vertebral até a base de seu crânio. Ela rompeu o beijo, ofegando. - me faça a pergunta - recordou-lhe com voz pastosa.

Léo quase não podia recordar seu próprio nome, no único que queria concentrar-se era na forma em que seus corpos encaixavam. Mas de algum jeito sentiu a obrigação. - Alguns meses têm trinta e um dias, outros trinta. Quantos meses têm vinte e oito?

Um sulco perplexo apareceu entre suas finas sobrancelhas. - Um.

- Todos. - foi sua suave resposta. Ele tratou de parecer simpático ao ver sua indignação.

- me faça outra pergunta. - disse Catherine, furiosa e decidida.

Léo negou com a cabeça, sem fôlego pela risada. - Não posso pensar em nada mais. Meu cérebro se vê privado de sangue. Aceita-o, Marks, perdeste.

Lhe agarrou as lapelas de sua jaqueta e o aproximou de novo para a ela, aproximou sua boca a de Léo antes de que ele soubesse o que estava fazendo. A diversão se esfumou. Cambaleando-se para frente com ela em seus braços, ele estendeu uma mão para apoiá-la contra o cristal. Seus lábios ardiam pela excitação, o beijo sem reservas, deleitando-se com a sensação de seu corpo contra o seu, estava morrendo de luxúria, tanto que seu membro lhe doía pela necessidade de tê-la. Beijou-a sem restrições, chupo seus lábios e quase a mordeu, a sensação de acariciar o interior de sua boca era muito deliciosa para suportá-lo.

antes de que terminasse de perder todo o auto-controle que ficava, Léo separou seus lábios dos dela e a abraçou fortemente contra seu peito.

Outra pergunta, pensou vagamente, e obrigou ao que ficava de coerência em sua mente para chegar a algo.

Sua voz era rouca, como se a tivesse usado só para respirar no fogo. - Quantos animais de cada espécie colocou Moisés no arca?

Ela respondeu envolta em seu abraço. - Dois.

- Nenhum. - conseguiu dizer Léo. - Porque foi Noé, não Moisés.

Já não encontrou o jogo divertido, e Catherine não parecia preocupar-se com ganhar. ficaram juntos, abraçados, seus corpos refletiam uma só sombra que se estendia ao longo de um atalho do jardim.

- vamos chamar o um empate - murmurou Léo.

Catherine negou com a cabeça. - Não, tem razão. - disse ela com voz débil. - Não posso pensar em nada.

Esperaram um pouco mais, enquanto ela se apoiou no ritmo selvagem de seu coração. Os duas estavam nas nuvens, mutuamente ocupados com uma pergunta que não se podia fazer e uma resposta que não se podia dar.

Deixando escapar um suspiro instável, Léo se separou dela, fez uma careta quando o tecido da calça roçou sua carne excitada. Graças a Deus que a jaqueta era suficientemente larga para ocultar o problema. Saco os óculos de seu bolso e os pôs com cuidado sobre o nariz.

Ofereceu-lhe seu braço a modo de trégua e Catherine o aceito.

- O que significa "bode"? – perguntou com curiosidade quando ele a levou pelo pomar.

- Se te dissesse. - disse ele – Possivelmente poderia mal entendê-lo e se como odeia isso.

Léo passou a maior parte do dia em um arroio no lado oeste do imóvel, para determinar o melhor sítio para uma roda hidráulica e o marcado da zona. A roda seria de aproximadamente cinco metros de diâmetro, equipado com uma fila de cubos que desembocavam em uma depressão da qual a água seguia seu curso ao longo de uma série de canais de fluxo de madeira. Léo estimava que o sistema de rega de hectares beneficiário a aproximadamente cento e cinquenta, ou dez granjas.

depois de selecionar umas parcelas com os arrendatários e os camponeses, martelar com estacas de madeira no chão, e vadear através de uma corrente fria e lamacenta, Léo volta ao Ramsey House. Caía a tarde, o sol de um amarelo condensado ainda caía sobre os verdes prados. Léo estava cansado, empapado de suor, e molesto por brigar com os insetos. Com ironia ele pensava que todos os poetas românticos se admiravam pela forma rapsódica de ser da natureza, eles certamente nunca tinham participado de um projeto de rega.

Suas botas estavam tão cobertas de barro que se dirigiu à porta da cozinha, deixou-as na porta, e entrou em meias três-quartos. O cozinheiro e uma criada se ocupavam de cortar as maçãs e fazer a massa, enquanto que Win e Beatrix se sentaram na mesa de trabalho polindo prata.

- Olá, Léo. - disse Beatrix alegremente.

- meu deus, que caras traz - exclamou Win.

Léo sorriu às duas, continuando, enrugou o nariz enquanto detectou um aroma amargo no ar. - Não acreditava que fora possível que qualquer outro aroma poderia eclipsar o meu neste momento. O que é? Polidor de metais?

- Não, em realidade é ... - Win parecia reservada. - Bom, é uma espécie de corante.

- Para tecido?

- Para o cabelo. - disse Beatrix. - Verá, a senhorita Marks quer obscurecer o cabelo antes do baile, mas tinha medo de usar tinturas da farmácia, por isso o passado a última vez. Assim Cook propôs uma receita que utiliza sua mãe. Deve ferver cascas de nozes e casca de cassia, junto com o vinagre e o...

- por que Marks se tingi o cabelo? - pergunto Léo, esforçando-se por manter um tom normal, mesmo que sua alma se rebelava contra a idéia de que um cabelo tão formoso, brilhante como o ouro e âmbar pálido, fora talher por uma insípida mancha escura.

Win respondeu com cautela. - Acredito que ela não quer chamar a atenção ... no baile, com tantos convidados pressentem. Não a pressões para obter respostas, tem direito a sua privacidade. Léo, por favor, não a incomode perguntando-lhe

- A ninguém parece estranho que tenhamos um servente que insiste em disfarçar-se? - Perguntou Léo. - É esta família tão extremamente excêntrica que aceitamos algo estranha sem nem sequer fazer perguntas?

- Não é estranho. - disse Beatriz. - Muitos animais trocam de cor, sépia, por exemplo, ou certas espécies de rãs, alguns camaleões durante um tempo..

- Desculpem - disse Léo com os dentes apertados. Saiu da cozinha com passo decidido, enquanto que Win e Beatrix ficaram olhando-o.

- Estou-me acordando de algumas costure muito interessantes a respeito dos camaleões. - disse Beatrix.

- B, carinho - murmurou Win. - Talvez é melhor ir aos estábulos e encontrar ao CAM.

Catherine se sentou em seu penteadeira, contemplando sua imagem refletida no espelho. Vários artigos foram arrumados cuidadosamente diante dela: uma toalha dobrada, um pente, uma jarra e uma panela cheia de um lodo escuro que parecia betume. Ela tinha pintado uma mecha de cabelo para fazer uma prova e estava esperando a que a pintura se fixasse para ver de que cor ficava. depois de seu último desastre com o corante, quando seu cabelo se tornou verde, ela não queria correr riscos.

Com o baile Hathaway a só dois dias, Catherine não tinha mais remedeio que converter seu aspecto o mas monótono possível. Os clientes dos condados vizinhos assistirão, assim como as famílias de Londres. E como sempre, tinha medo de ser reconhecida, entretanto, todo o tempo que ocultava sua aparência e se mantinha nas esquinas, ninguém se fixava nela. As acompanhantes mais freqüentes foram as solteiras ou viúvas pobres, as mulheres não desejadas que tinham sido atribuídas à tarefa de velar pelas meninas jovens que ainda tinham seus melhores anos por diante. Catherine era apenas maior que as garotas, mas se sentia como se houvesse décadas entre elas.

Catherine sabia que seu passado poderia alcançá-la algum dia. E quando o fez, o tempo que tinha passado com a família Hathaway teria terminado. Tinha sido o único período da verdadeira felicidade em sua vida. Ela choraria ao perdê-los.

A todos eles.

A porta se abriu de repente, rompendo a contemplação tranqüila do Catherine. Ela se voltou em sua cadeira e viu Léo tão desalinhado, estava suarento, enrugado e sujo, seus pés talheres só pelos meias três-quartos.

Ela saltou para ele, recordando muito tarde que levava nada mais que uma camisola enrugada.

O sedimento seu olhar duro sobre ela sem perder detalhe e Catherine ficou vermelha de indignação. - O que está fazendo? – exclamou -. Tornaste-te louco? Sal de meu quarto neste instante!

Capítulo Treze

Léo fechou a porta de repente e chegou até o Catherine com grande rapidez. O miserável pela força até a jarra e a concha.

- Basta! - gritou ela, agitando-se contra ele, enquanto lhe empurrava a cabeça para a concha e vertia a água sobre a mecha de cabelo que tinha saturado com o tintura. Grito com fúria - O que te passa? O que está fazendo?

- Lavando esta porcaria de seu cabelo – verteu o resto da água sobre sua cabeça. Catherine gritou e lutou, chegando a chapinhar a água sobre ele, até que consigo deixar atoleiros no piso e o tapete empapado. Lutaram até que Catherine fico tombada sobre a capa de lã úmida que cobria o chão. Suas lentes tinha pirado, deixando a habitação convertida em um borrão. O rosto de Léo estava a escassos centímetros do dele, seus olhos azuis lançavam chamas enquanto estavam fixos nela. Submeteu-a sem esforço, sujeitando-a pelas bonecas, como se ela não fora mais que um fiapo esquelético em um varal. Era muito pesado para ela, os músculos de seu abdômen e o peso de sua masculinidade se apoiavam no suporte das coxas. retorceu-se com impotência. Queria que a deixasse livre e ao mesmo tempo desejava que não a soltasse jamais. Seus quadris pressionavam sobre ela evidenciando a dureza entre suas coxas. Seus olhos se encheram de lágrimas

- Por favor – pediu em voz alta mas se engasgou - Por favor, solta minha boneca Para ouvir a nota de medo em sua voz, a expressão de seu rosto trocou. Soltou seus braços enquanto ela se encolhia até com a cabeça jorrando. Estreitou-a contra seu ombro.

- No-murmurou- Não tenha medo de mim. Eu nunca... - sentiu que lhe beijava um lado da cara, o bordo da mandíbula. Ondas de calor se deslizaram sobre ela, aumentando a sensibilidade nos lugares onde sentia a pressão de seu corpo. Deixou cair seus braços sentindo-os lânguidos mas seus joelhos continuavam apertadas contra seu corpo, abraçando-o por instinto.

- O que te importa? - perguntou sobre sua camisa úmida - O que te importa qual seja a cor de meu cabelo?

Sentiu a dura parede de seu peito debaixo da camisa, queria pinçar debaixo da roupa, esfregar a boca e as bochechas através da pele masculina. Sua voz foi suave e feroz.

- Porque não é você. Não está bem. O que estão escondendo?-

Moveu a cabeça fracamente, seus olhos estavam alagados em lágrimas.

- Não lhe posso explicar isso Há muito ... não posso. Se soubesse, teria-me que ir. E eu quero estar contigo só um pouco mais - um soluço lhe escapou da garganta – Com sua família, com vocês... isso é o que queria dizer.

- Pode ficar, protegerei-te do que seja.

Reprimiu outro soluço. Uma lágrima se deslizou por sua bochecha, levou-se uma mão para apagá-la mas o já tinha posto sua boca ali, seus lábios absorveram o rastro de sal molhado. Sua mão tremente se curvou ao redor de sua cabeça não com a intenção de provocá-lo, mas ele tomou assim deslizando sua boca até encontrar a sua beijá-la avidamente. E ela gemia, perdida em um tumultuoso sentimento de urgência.

Deslizou um braço por debaixo de seu pescoço, sustentando-a enquanto a beijava. Sentia a excitação crescer nele, escutava o som agitado de sua respiração enquanto procurava sua língua para atirar dela com seus lábios. A Libero de seu peso para acariciar com sua mão cálida tecido úmido que cobria seu ventre retirando-o lentamente. Ela bem poderia ter estado nua a seus olhos posto que a camisa úmida apenas se ocultava o crescimento de seus mamilos contra a fria casca do tecido que se tornou transparente. Beijou sobre a musselina molhada, movendo sua boca para ponto rosado que se sobressaía do tecido. Apaixonado, atirava das lapelas da camisa fazendo a um lado o objeto para revelar as formas de seus peitos, erguidos e redondos.

- Cat – o sopro de seu fôlego sobre sua pele úmida a fez estremecer-se - Poderia morrer se me pedisse isso, é tão formosa ... tão doce ... Deus ... – tomo o mamilo em sua boca e começou a atormentá-lo, lhe dando voltas com a língua, atirando do brandamente. Ao mesmo tempo, seus dedos foram a até sua carne íntima, localizando a fenda delicada entre suas coxas, acariciando-a até que se torne úmida. Sentia o passo suave de seu dedo sobre um lugar que lhe produzia uma terrível sensação de prazer, a carícia enviava fogo a traves de suas veias. Seus quadris se elevaram respondendo e gemeu ligeiramente, meigamente, até que todo seu corpo cantarolava prazer através de cada poro de sua pele, e uma extraordinária promessa de alívio flutuava fora de seu alcance.

Seu toque se tornou mais profundo, um dedo de sua mão empurrando a traves de seu corpo. A invasão suave a fez encolher-se para trás, surpreendida. Só que estava tombada sobre o chão e não havia lugar aonde fugir. Ela se esconde levando sua mão até a sua. Léo acariciou o flanco de seu pescoço. – Querida, inocência. te relaxe e deixa que te toque...

Sentiu o complexo funcionamento dos ossos e os tendões quando o dorso de sua mão acariciou novamente sua intimidade com suavidade, deixando que seu dedo escorregasse a seu interior onde todo se tornou umidade. Conteve a respiração quando seu foi presa de tremores convulsivos. Léo baixou seus olhos ardentes para olhá-la, a cor de seus olhos azul claro parecia o de uma chama. O rubor lhe tinha passado pelas bochechas e a ponte do nariz.

- Quero estar dentro de ti - disse com voz espessa, acariciando-a - Aqui ... e mais profundo.

Um som incoerente subiu por sua garganta, como a debilidade que invadia seus joelhos movendo-se presa do desespero o que provocou que o retirasse seus dedos, elevou-se sobre se se desesperada, as coisas que desejava fazer com ele não tinham nome. Tiro de sua cabeça para baixo para alcançar sua boca, beijou-o com frenesi, necessitam a pressão voluptuosa de sua boca, o impulso de sua língua.

Uma série de golpes na porta rompeu a bruma que os rodeava dando passo a uma sensação horripilante. Léo amaldiçoou e retirou sua mão que ia de novo a suas coxas escondendo seu corpo debaixo da dele.

Cat gemeu, seu coração pulsava com força.

- Quem é? – bramo Léo bruscamente.

- Rohan.

- Se abrir essa porta, juro-te que vou matar te.

A declaração foi pronunciada com a sinceridade cruel de um homem que estava ao bordo da loucura. Ao parecer, foi suficiente para que CAM Rohan deixasse de atirar da cavanhaque da porta. depois de um comprido momento disse:

-Preciso falar contigo

- Agora?

- Definitivamente tem que ser agora - foi sua resposta inexorável.

Fechando os olhos, Léo respirou tensa e lentamente - Abaixo, na biblioteca.

- Em cinco minutos? - insistiu CAM.

Léo ficou olhando a porta fechada com uma expressão da ira de incredulidade

- Te largue, Rohan.

Quando o ruído dos passos do CAM se retirou, Léo olhou ao Catherine. Não parecia poder deixar de tremer, com os nervos em um completo estado de agitação.

Murmurando algo em voz baixa, abraçou-a e lhe esfregando em círculos as costas.

- Tranqüila, amor. Deixa que te abrace - pouco a pouco a frenética necessidade desapareceu, e ela ficou imóvel em seus braços, sua bochecha contra a sua. Léo ficou de pé facilmente, e a levou a cama. Pôs seu corpo médio nu sobre o colchão. Cat se sentou sobre o procurando a colcha para pô-la a seu redor tentando para procurar suas lentes. Léo foi buscá-los encontrando-os na esquina da habitação, os trouxe de novo.

- Vejo melhor sem os lentes que com eles, é porque já estão muito desgastados - pensou com tristeza, tratando de endireitar os Marcos de arame maltratadas e polir as lentes com uma esquina da colcha.

- O que lhe vais dizer ao Sr. Rohan?- perguntou com vacilação, ficando-as óculos.

- Não sei ainda, mas nos próximos dois dias e até que se leve a cabo a maldita bola, vou pôr algo de distancia entre nós. Devido a nossa relação parece haver-se voltado muito candente ultimamente e isso parece ser algo que nenhum dos dois podemos dirigir. Entretanto, depois disto você e eu vamos falar. Sem rodeios e sem mentiras.

- por que? - perguntou-lhe com os lábios secos.

- Temos que tomar algumas decisões

- Que tipo de decisões? – estava considerando despedi-la ou possivelmente tinha em mente algum tipo de proposta indecorosa - Talvez o melhor seria que me fora do Hampshire - disse com dificuldade.

Os olhos de Léo brilharam perigosamente. Tomando a cabeça entre as mãos, inclinou-se para lhe sussurrar ao ouvido, no que bem poderia ter sido uma promessa ou uma ameaça.

- A onde quer que vá, encontrar-te

Soltou-a para dirigir-se à porta, e fez uma pausa antes de sair.

- Por certo – disse - Quando fiz os bosquejos sobre ti, eu não te fiz justiça depois de que Léo se trocou com um traje decente, foi à biblioteca. CAM estava esperando-o ali, olhando não mais feliz do que Léo se sentia. Mesmo assim, havia uma calma no que era uma qualidade que ajudava a relaxar o transbordado temperamento de Léo. Não havia nenhum homem na terra em quem confiasse mais. Quando se conheceram, Léo nunca tivesse eleito a um homem como CAM Rohan para a Amelia.

Simplesmente não o fez. CAM era um cigano, e ninguém pode pretender que a herança cigana fora uma vantagem na sociedade Inglesa. Mas o temperamento do homem, sua paciência, seu bom humor, e os bons costumes inerentes a ele, eram coisas impossíveis de negar.

Em um tempo relativamente curto, CAM se tinha convertido em um irmão para Léo. Tinha-o visto em seu pior momento, e lhe tinha devotado seu apoio constante enquanto Leio tinha lutado por resignar-se a uma vida carente de inocência e esperança. De algum jeito, nos últimos anos, Léo tinha recuperado um pouco de ambos. De pé ante a janela, CAM nivelava o olhar sagaz dele. Leio sem dizer uma palavra se foi ao aparador, serve-se uma taça de conhaque, e sotaque que o líquido se agitasse entre os dedos. Para sua surpresa, viu que sua mão não estava muito estável.

- Chamaram-me dos estúbulos - disse CAM – Vim para encontrar a suas irmãs preocupada e as criadas horrorizadas, porque decidi te encerrar na habitação da senhorita Marks. Não pode tomar vantagem de uma mulher por seu emprego. Sabe muito bem.

- antes de pisar no terreno moral – advertiu Léo – Não esqueçamos que antes de te casar com a Amelia você a seduziu. Ou seduzir a um inocente é aceitável sempre e quando não está trabalhando para ti?

Houve um brilho de irritação nos olhos cor avelã do CAM.

- Sabia que ia casar me com ela quando o fiz. Pode dizer o mesmo?

- Não dormi com o Marks. Entretanto – acrescentou franzindo o cenho – parece ser que a este ritmo vou terminar me deitando com ela a finais da semana. Parece-me que não posso me deter - levantou o olhar para o céu - Senhor, me ajude por favor - quando pareceu que não haveria resposta por parte do Todo-poderoso, tomo um novo gole de aguardente que desço por seu pescoço em uma rajada de fogo suave.

- Crie que se a despedisse estaria cometendo um engano? - perguntou CAM.

- Definitivamente

- Sim, isso é o que penso - Léo tomou outro gole de licor.

- Às vezes é necessário cometer um engano para evitar fazer algo até pior - CAM sorriu um pouco ao ver a expressão sinistra de Léo - Crie que pode evitá-la sempre, phral?

- Tenho-o feito até agora, me tinha arrumado isso bastante bem...

- É um homem jovem e estas na flor da idade. É natural que quer ter a sua própria mulher. O que é mais, tem um título que transmitir. E pelo que entendo da nobreza, sua principal responsabilidade é engendrar um herdeiro.

- Meu deus, estamos de volta com isso outra vez! – reclamo com o cenho franzido, termino seu conhaque e sotaque o copo a um lado - Quão último quero fazer é terminar rodeado de uma parvada de mucosos
CAM elevou uma sobrancelha, olhando-o divertido.

- O que tem que mau com os meninos?

- São pegajosos, interrompem. Choram quando não têm um motivo aparente, são molestos, inquietos, insuportáveis. Se desejasse esse tipo de companhia tenho me conformo com meus amigos - disse instalando-se em uma cadeira, CAM estirou suas largas pernas e olhou com indiferença a seriedade enganosa de Léo.

- vais ter que fazer algo a respeito da senhorita Marks. Devido a isto não pode continuar. Inclusive para os Hathaways, é ... - vacilou, procurando uma palavra – algo...

- Indecente - finalizou Léo por ele. passeou-se pela habitação e lhe deu as costas. Ao deter-se sentiu de novo no coração esse frio, escuro, apoiou as mãos sobre a chaminé e baixou a cabeça.

- Rohan - disse cuidadosamente – Você foi testemunha do que passo comigo depois da Laura.
 - Sim – aceito CAM - Os ROM diriam que foi um homem sem alma. Sua amada lhe tinha arrebatado isso.
 - Ou isso, ou me voltei louco.
 - O amor é uma forma de loucura, Não? - perguntou CAM prosaicamente Léo deixou escapar uma risada sem senso de humor.
 - Para mim, sem lugar a dúvidas.
- Os dois ficaram em silêncio. depois de um momento CAM murmuro
- Até pensa na Laura, phral?
 - Não - Léo olhou a chaminé vazia - aceitei que se foi. Já não tornei a sonhar com ela nunca mais. Mas lembrança como foi, tratando de viver enquanto eu estava morto por dentro. Acredito que seria pior agora. Não posso passar por isso outra vez.
 - Parece que pensa que pode escolher - disse CAM – mas não é assim, a gente tem que retroceder. O amor escolhe a ti. A sombra se move, como ordena o sol.
 - Como posso desfrutar de ditos Romaní? - maravilhou-se Léo - E seu sabe muitos deles
- levantou-se da cadeira, CAM se foi ao aparador e se serve uma taça de brandy.
- Espero que não esteja considerando em fazê-la seu amante - disse o cigano com total naturalidade. - Rutledge te esquartejaria sem importar que seja o irmão de sua esposa
 - Não, não o pensei em nenhum caso. Tendo-a como uma amante criaria mais problemas dos que resolveria.
 - Se não poder deixá-la sozinha, não pode tê-la como amante, e não te casará com ela, a única opção é despedi-la.
 - A opção mais sensata - coincidiu Léo com seriedade - Também a menos favorita.
 - Há dito a senhorita Marks que é o que ela quer? - Léo sacudiu a cabeça.
 - Está aterrorizada por não ser capaz de fazer frente a isto. Porque, que Deus me ajude, é possível que Marks me queira.

Capítulo quatorze

Durante os seguintes dois dias, a família Hathaway foi um hervidero de atividade. Grandes quantidades de comida e de flores foram gastas, os móveis armazenados

temporalmente, as portas tiradas de suas dobradiças, os tapetes estavam enrolados, e os pisos foram encerados e polidos.

Os habitantes do Hampshire e condados circundantes assistiriam ao baile, assim como as famílias de distinção de Londres. Para desgosto de Léo, os convites tinham sido aceitas com entusiasmo por uma multidão de pais com filhas casaderas. E como o senhor da casa, seu dever era atuar como anfitrião e dançar com tantas mulheres como fora possível.

- Isto é o pior que me tem feito. – disse a Amelia.

- OH, absolutamente, estou segura de que te tenho feito costure piores.

Léo o considerou repassando uma larga lista de delitos.

- Não se preocupe, tem razão. Mas para ser claros... só faço isto por ti.

-Sim, sei. Espero que encontre a alguém com quem contrair matrimônio para que possa produzir um herdeiro antes de que Vanessa e sua mãe tomem posse de nossa casa.

Leio Miro a sua irmã entreabrindo os olhos. - Quase poderia dizer que a casa significa mais para ti que minha própria felicidade.

- Não, absolutamente. Sua felicidade significa tanto para mim como a casa.

- Obrigado - disse secamente

- Mas também pessoalmente acredito que sérias muito mais feliz se te apaixonar e te casa.

- Se alguma vez se apaixonou por alguém - replicou ele - Certamente não o arruinaria me casando com ela.

Os convidados começaram a chegar cedo de noite. As mulheres estavam vestidas de seda ou tafetán, broches jóias brilhantes adornando decotes arredondados, as mãos cobertas com luvas de longitude de bracelete branco. Muitos braços femininos estavam adornados com braceletes de moda a jogo.

Os cavalheiros, pelo contrário, estavam vestidos com simplicidade casacos e negros a jogo, calças, gravatas e já seja em branco ou negro. As roupas foram adaptadas com um toque de soltura, fazendo o movimento natural muito mais fácil do que tinha estado na constrição dos objetos do passado

A música flutuava pelas habitações e os vestidos com flores em abundância. Mesas cobertas de raso de ouro rangiam sob as pirâmides de frutas, queijos, verduras assadas, pão doce, pudins, carne, o pescado defumado e frango assado. Os meninos foram levados a sala de jogos, os cavalheiros fumavam e bebiam licor na biblioteca, ou bebiam vinho e champanha na sala de cartas.

O salão estava cheio de gente, com grupos de pessoas em todos lados e casais de baile no centro. Léo teve que admitir, que havia um número pouco comum de atrativas mulheres jovens pressente, embora todas lhe pareciam iguais ficou a dançar com o maior número possível delas, tomando cuidado de incluir alhelies, e inclusive convenceu a uma viúva ou dois a dar uma volta com ele.

E todo o tempo esperava ver aparecer ao Catherine Marks.

Esta levava um vestido de cor lavanda, o mesmo que tinha levado nas bodas do Poppy. Seu cabelo recolhido em um coque liso, firme na parte posterior de seu pescoço. Observava ao Beatrix do fundo.

Léo tinha visto o Catherine fazer o mesmo muitas vezes, de pé em silencio entre as damas e acompanhantes enquanto que as garotas só um pouco mais jovens que ela paqueravam, riam e dançavam. Era absurdo que Catherine não quera ser notada, ela era igual a todas as mulheres desse maldito rincão.

De algum jeito Catherine deveu sentir seu olhar sobre ela, pois se voltou e o olhou, e não podia apartar a vista por mais que o desejo.

Uma viúva tinha captado a atenção do Catherine, fez uma pergunta sobre algo e ela se voltou para a maldita mulher.

Ao mesmo tempo, Amelia se aproximou dele e o agarrou da manga.

- Meu lorde – disse com voz tensa.- Temos uma situação, uma não muito boa. Jogando a sua irmã um olhar de preocupação, Léo viu noto que oferecia um sorriso falso em caso de que qualquer pessoa pudesse está-la observando. - Tinha perdido a esperança de que algo interessante passasse esta noite. - disse. - O que é?

- Miss Darwin e a condessa Ramsay estão aqui.

A cara de Léo empalideceu - Aqui? Agora?

- CAM, Win e Merripen está falando com elas no vestíbulo de entrada.

- Quem diabos as convidou?

- Ninguém. Vieram em companhia de Lorde e Lady Ulster e não pudemos as rechaçar.

- por que não? Elas não nos querem.

- Embora tenham vindo de maneira inadequada sem convite, seria ainda pior para nós que as rechacemos. Faria-nos parecer muito descorteses, e por dizer o menos, não seria bem visto.

- Com muita frequência. - refletiu Léo em voz alta. - Os bons costumes se encontram em posição contrária ao que quero fazer.

- Sei como se sente.

Compartilharam um sorriso triste.

- O que crie que querem? - Perguntou Amelia.

- vamos ver. - disse Léo com secura. Oferecendo seu braço, escoltou-a fora do salão para a entrada.

aproximaram-se dos outros Hathaway, que estavam falando com um par de mulheres vestidas com luxuosos trajes de noite.

A mulher mais velha era presumivelmente a condessa Ramsay, era uma mulher de aspecto médio, um pouco gordinha, não era atrativa nem plaina. A mulher mais jovem, a senhorita Vanessa Darwin, era uma beleza delirante, alta com uma figura elegante magra e de peitos generosos, levava um vestido azul-verde adornado com plumas de pavão. Seus cachos de cor escura lhe cobriam os ombros. Sua boca era pequena e completa, a cor de uma ameixa amadurecida, e seus olhos eram sensuais, escuros.

Tudo sobre a Vanessa Darwin anunciava a confiança sexual, que Léo celebrava em uma mulher, só que nesta garota era um pouco desagradável. Provavelmente porque ela o olhou como se esperasse que caísse a seus pés e começasse a ofegar como um cão com uma doença respiratória.

Com a Amelia em seu braço, Léo se aproximou do casal. fizeram-se as apresentações, que se inclinou com uma cortesia impecável.

- Bem-vinda ao Ramsay House, meu lady senhorita Darwin. Que agradável surpresa.

A condessa lhe sorriu. - Espero que nossa chegada inesperada não lhe tenha causado nenhum inconveniente, meu lorde. Entretanto, quando lorde e lady Ulster nos fizeram saber que estavam dando um baile no Ramsay House, o primeiro desde sua restauração, estava segura de que não lhe importaria a companhia de seus parentes mais próximos.

- Parentes? - perguntou Amelia sem compreender. O parentesco entre o Hathaways e Darvins era tão distante para justificar apenas a palavra.

A condessa Ramsay seguiu sorrindo.- Somos primos, não?, quando meu pobre marido passou desta para a melhor, que Deus o tenha em sua glória, encontrou consolo ao saber que seus bens passariam à custódia de suas mãos capazes. Embora... - Seu olhar passava do CAM ao Merripen. - Não esperávamos tanta variedade de cores em seus parentes políticos.

Compreendendo totalmente a referência pouco sutil a que tanto CAM e Merripen eram parte cigana, Amelia franziu o cenho abertamente. – Ouça

- Que agradável é. - Léo interrompeu a sua irmã, tratando de evitar uma explosão - Poder finalmente ser capazes de nos comunicar sem a interferência dos advogados.

- Estou de acordo, meu lorde. - respondeu a condessa Ramsay. - Os advogados têm feito que a situação em matéria do Ramsay House seja bastante complexa, não crie? Mas estamos só as mulheres, e portanto muito do que se refere vai diretamente sobre nossas cabeças. Não é assim, Vanessa?

- Sim, mamãe - foi sua resposta recatada.

As redondas bochechas da condessa Ramsay se incharam com outro sorriso. Seu olhar abranjo a todo o grupo. - O que mais importa é o vínculo familiar.

- Significa isso que decidiu não nos jogar da casa? - Perguntou Amelia sem rodeios.

CAM rodeio a cintura de sua esposa com uma mão e lhe deu um apertão de advertência.

A condessa Ramsay Miro a Amelia com os olhos muito abertos. - meu deus. Eu não sou de tudo capaz de discutir aspectos legais, meu pequeno cérebro se derruba quando o tento.

- Entretanto. - disse Vanessa Darwin com voz sedosa. - Tal como o entendemos, não podemos ter direito ao Ramsay House, se lorde Ramsay se casar e engendra um herdeiro dentro de um ano. - Seu olhar se deslizou audazmente sobre Léo, percorrendo o de pés a cabeça. - E ele parece estar bem dotado para fazê-lo.

Léo arqueou uma sobrancelha, divertido pela delicada ênfase que pôs no término “Bem dotado”

CAM interveio antes que Amelia pudesse articular uma resposta mordaz. – Meu lady, Conta com alojamento durante sua estadia em New Hampshire?

- Obrigado por sua amável preocupação. - respondeu Vanessa Darwin, - Mas ficamos na residência de Lorde e Lady Ulster.

- Algum refrigerio seria bem recebido, entretanto. - sugeriu a condessa Ramsay. - Acredito que uma taça de champanha me cairá muito bem.

- Não faltava mais. - disse Léo. - Posso acompanhar a à mesa de refrescos?

- Que belo. - disse a condessa, radiante. -Obrigado, meu lorde. - Ela aceito o braço que Léo lhe oferecia e Vanessa tomo o outro. Sorrindo de maneira encantadora, Léo se afastou com elas.

- Que gente tão horrível - disse Amelia molesta. - Provavelmente estão aqui para inspecionar a casa. E vão monopolizar a Léo toda a noite, quando deveria estar falando e dançando com as jovens elegíveis.

- A senhorita Darwin é uma jovem elegível. - disse Win, procurando problemas.

- meu deus, Win. Crie que a senhorita Darwin veio aqui para conhecer Léo? Crie que poderia casar-se com ele?

- Seria vantajoso para ambas as partes se se casarem - disse Win. - Darwin se converteria no Lady Ramsay e aumentasse a urbanização inteira. E todos poderemos seguir vivendo aqui, seja ou não Leio pai de um menino.

- A idéia de ter uma cunhada como as senhoritas Darwin é intolerável.

- A gente não pode julgá-la ao primeiro contato. - disse Win. - Talvez ela é uma pessoa agradável no fundo.

- Duvido-o. - disse Amelia. – Não parece das mulheres que são amáveis no fundo. - Ao dar-se conta de que CAM e Merripen falavam entre si no Romaní, perguntou a seu marido: - Do que estão falando?

- Há plumas de pavão em seu vestido. - comentou CAM, no mesmo tom que ele poderia haver dito, “! Há aranhas venenosas sobre seu vestido ”

- É um efeito muito elegante. - Amelia o olhou com curiosidade. - Você não gosta das plumas de pavão?

- Para os ROM - disse Merripen com sobriedade - Uma só pluma de pavão é um mau presságio.

- E ela leva dezenas. - adicionou CAM.

Viram Léo caminhando com a Vanessa Darwin como se se dirigissem para um poço cheio de víboras.

Léo acompanho Vanessa Darwin à sala, enquanto que a condessa Ramsay se manteve perto das mesas de refrescos com Lorde e Lady Ulster. depois de uns minutos de conversação com a Vanessa, fico claro que era uma jovem com uma inteligência adequada e de um caráter muito coquete. Léo já tinha estado na cama com mulheres como Vanessa antes, assim que lhe inspirou pouco interesse. Entretanto, poderia beneficiar à família Hathaway que as mantivera perto dele, embora só fora para conhecer seus planos.

Em uma conversação ligeira, Vanessa confessou o espantosamente aborrecido que tinha sido passar um ano de luto depois da morte de seu pai, e o ansiosa que estava de ter finalmente uma temporada em Londres ao ano seguinte. – Mas, como eu gosto deste imóvel. - exclamou. - Lembrança que uma vez a visite quando meu pai tinha o título. Era um montão de lixo, e os jardins eram estéreis. Agora é uma jóia.

- Tudo é graças ao Sr. Rohan e Merripen. - disse Léo. - A transformação se deveu inteiramente a seus esforços.

Vanessa o olhou perplexa. -Bom. Nunca me tivesse imaginado. Essa gente não está acostumada ser tão laboriosa.

- Os ciganos são muito laboriosos, em realidade. É só que são nômades, o que limita seu interesse no cultivo.

- Mas seus cunhados não são nômades, por isso parece.

- É sozinho que cada um encontrou uma boa razão para ficar no Hampshire.

Vanessa se encolheu de ombros. - Eles dão a aparência de ser cavalheiros, e suponho que é tudo o que alguém poderia pedir.

Léo se molesto pelo tom de desdém. - Os dois estão relacionados com a nobreza, de fato, são só a metade romaní. Merripen herdará um condado irlandês algum dia.

- Tinha escutado algo isso. Mas... a nobreza irlandesa. - disse ela com uma careta de desgosto.

- Você considera inferiores aos irlandeses?. - perguntou Léo cruzando os braços.

- Você não?

- Sim, sempre me pareceu tão molesto que eles se neguem a considerar-se ingleses.

Vanessa optou por ignorar o comentário. Exclamou com prazer enquanto se aproximavam da sala, com suas fileiras de brilhantes janelas, o interior pintado de nata, e o teto de telhas levantadas. - Que formoso. Acredito que vou desfrutar da vida aqui.

- Como se disse antes. - assinalou Léo ao cabo. – Possivelmente não tenha a oportunidade, tenho um ano mais para contrair matrimônio e procriar.

- Tem a reputação de ser um solteiro difícil de alcançar, o que deixa certa dúvida quanto a se for obter o primeiro.- Um brilho provocador apareceu em seus olhos escuros. – Quanto ao segundo, estou segura de que o faz muito bem.

- Eu nunca faria essa afirmação. - disse Léo meigamente.

- Não tem que fazê-lo, meu lorde. Os rumores dizem que é você um amante excelente. vai negar o?

Não era uma pergunta que caberia esperar de uma senhorita que acabava de conhecer, Léo deduziu que se supunha que devia estar impressionado por sua audácia. Entretanto, depois de participar de um número infinito de tais conversações em salões de Londres, já não encontrava tais observações intrigantes.

Em Londres, um pouco de sinceridade é muito mais lhe impactem que a audácia.

- Não vou lhe contar o que faço no dormitório. - disse. – Sou simplesmente competente. E as mulheres não revistam reconhecer a diferença.

Vanessa riu. - Que coisas faz no dormitório, meu lorde?

Léo a olhou sem sorrir.- O amor, é obvio. Sem ele, toda a empresa é simplesmente uma questão de tecnicismos.

Ela o olhou desconcertada, mas a máscara coquete reapareceu rapidamente. - OH, já, o amor é uma coisa passageira. Possivelmente seja jovem, meu lorde, mas não ingênua.

- Tem-me descoberto. - disse. - Quer dançar, miss Darwin?

- Isso depende, meu lorde.

- Do que?

- De se você for competente para isso.

- Touché. - disse Léo, sorrindo a seu pesar.

Capítulo Quinze

Ao ser informadas pela Amelia da chegada imprevista da condessa Ramsay e Vanessa Darwin, Catherine se encheu de curiosidade. Seguido depois por um estranho sentimento de desconcerto. De pé a um lado do salão, ela e Beatriz, observaram como Léo dançava uma valsa com a senhorita Darwin. Faziam um bom casal, a formosura escura de Léo se equilibrava perfeitamente com a vibrante beleza da senhorita Darwin.

Léo era um excelente bailarino, mais atlético que gracioso guiava a seu casal com excelente destreza pela pista de baile. As saias do vestido azul-verde da senhorita Darwin se formavam redemoinhos com decoro, uma dobra de sua saia de vez em quando envolvia suas pernas pelo movimento da valsa.

A senhorita Darwin era muito formosa, com brilhantes olhos escuros e cabelo negro e abundante. Miro como murmurava algo que provocou a risada de Léo. Parecia encantado com ela. Absolutamente encantado. Catherine não deixou de notar uma sensação muito peculiar no estômago enquanto os olhava, como se se tivesse tragado um punhado de pregos. Beatriz estava a seu lado e lhe tocou brevemente as costas, para lhe oferecer solidariedade. Catherine sentiu que houve uma mudança nos papéis habituais, que em lugar de ser ela sabia dama de companhia que oferecesse o consolo e orientação. Tudo estava ao reverso.

Tratou de trazer para sua memória suas lições de etiqueta para evitar mostrar seus sentimentos ante a jovem

- Não te parece que é muito atrativa a senhorita Darwin? – comento
- Suponho - murmuro Beatriz mostrando-se evasiva.
- De fato - adicionou Catherine em tom sombrio - ela é encantadora.

Beatriz olhava Léo e a senhorita Darwin com um gesto reflexivo em seus olhos azuis, já que executou um giro perfeito

- Eu não diria que é encantadora ...
- Não posso ver nenhum defeito.
- Eu se puder. Seus cotovelos são nodosos - esquadrinhando através de suas lentes, Catherine pensou que talvez Beatriz tinha razão. Eram um pouco nodosos.
- É certo - disse ela, sentindo-se um pouco melhor.
- E não te parece que seu pescoço é muito comprido?
- É uma girafa - disse Beatriz com um gesto enfático.

Catherine se esforçou por ver a expressão de Léo, perguntando-se se se tinha precavido da longitude anormal do pescoço da senhorita Darwin. Não parecia havê-lo feito

- Seu irmão parece muito contente com ela – murmurou.
- Estou segura de que solo trata de ser amável.
- Ele nunca é amável.
- É-o quando quer - explico Beatriz.

Mas isto só lucro no Catherine um maior desassossego. devido a que a questão era se Léo se sentia atraído ou não pela beleza de seu cabelo negro, desesperava-lhe não ter uma resposta a isso.

Um jovem cavalheiro deveu tirar a Beatriz a dançar, e Catherine lhe deu permissão. Com um suspiro, recostou-se contra a parede e sotaque que seus pensamentos

vagassem. O baile tinha sido um êxito terminante. Todo mundo o estava passando de maravilha, a música era muito agradável, a comida deliciosa, a tarde temperada sem muito calor nem muito frio. E ela se sentia miserável. Entretanto, dificilmente ia deixar se derrubar por algo assim. Forçando uma expressão agradável em sua cara, voltou-se para conversar com um par de anciãs que estavam pé junto a ela. Sustentavam um animado debate sobre os méritos relativos de um ponto de cadeia ou um ponto para dividir ao esboçar um bordado crewel. Ela estava tratando de escutar com atenção enquanto mantinha seus dedos enluvados entrelaçados.

- Senhorita Marks - voltou-se para a família voz masculina. Léo estava ali, impressionante em seu traje formal de tarde em branco e negro, seus olhos azuis faiscavam maldade.- Quer você me fazer a honra? - perguntou, assinalando ao torvelinho de casais que dançavam na pista.

Lhe estava pedindo a dançar!. Como o tinha prometido uma vez. Catherine empalideceu quando se deu conta da multidão de olhares que estavam fixas neles. Uma coisa que o anfitrião da noite pudesse lhe conceder um pouco de atenção a acompanhante de sua irmã. Mas era algo completamente distinto que a convidasse a dançar. Ele sabia, e lhe importava um cominho.

- Vete – murmuro com um sussurro agudo, o coração lhe pulsava violentamente. Um leve sorriso curvo seus lábios.

- Não posso. Todo mundo nos está olhando. vais rechaçar me publicamente? Não podia pô-lo em evidência dessa maneira. Era uma violação à etiqueta rechaçar o convite de um homem para dançar se poderia interpretar como que ela não queria dançar com ele por motivos pessoais.

E, entretanto ia ser o foco de atenção ... começariam a correr as más línguas ...que era o que ela tratava de evitar a toda costa.

- por que faz isto? -sussurrou de novo, desesperada-se e furiosa ... entretanto em algum lugar em meio da agitação em seu interior, produziu-se um comichão de prazer.

- Porque quero – disse com um amplo sorriso - E você também.

Era imperdoável sua arrogância. Ele estava no certo. O que a converteu em uma idiota?.

– Sim - mordendo o lábio, ela o tirou do braço e se deixou levar para o centro da pista.

- Poderia fazer o intento de sorrir - sugeriu Léo – Parece um detento que será levado a força.

- Sente-se mais como se fora a uma decapitação - disse.

- É só um baile, Marks.

- Deveria dançar com a senhorita Darwin de novo - disse ela, fazendo uma careta notando o tinteiro sombrio em sua própria voz. Léo riu em voz baixa.

- Uma vez foi suficiente. Não desejo repetir a experiência.

Catherine tentou, sem êxito, sufocar um murmúrio de prazer.

- Não te cai bem?

- OH, entendemo-nos de maravilha, sempre e quando não se separasse do tema que para ela é de supremo interesse.

- O imóvel?

- Não, ela mesma.

- Estou segura de que com a maturidade, a senhorita Darwin será menos autocritica.

- Talvez. Mas isso não tem nenhuma importância para mim.

Léo a tomo em seus braços aproximando-a mais a seu corpo para começar o baile e de maneira inexplicável uma noite que lhe tinha parecido terrível momentos antes chegou a converter-se em algo maravilhoso. Catherine estava enjoada. Ele a abraçou, a mão direita ficou em seu ombro, a mão esquerda assegurando a sua. Inclusive através das

capas de suas luvas, sentia-se a pressão do contato de sua pele. O baile começou. Na valsa, o homem foi a fundo no controle da sincronização, o ritmo, a seqüência de passos. E Léo não deu ao Catherine nenhuma oportunidade de falhar. Era fácil segui-lo, cada movimento era coordenado. Houve momentos em que parecia flutuar pelo ar antes de varrer a outra série de voltas. A música era um som audível de desejo. Catherine ficou em silêncio, com medo de romper o feitiço, concentrando-se só nos olhos azuis por cima dela. E pela primeira vez em sua vida, foi completamente feliz. O baile durou três minutos, possivelmente quatro. Catherine tratou de memorizar a cada segundo e gravá-lo em sua memória, para no futuro poder fechar os olhos e trazê-lo tudo de volta. Como a valsa terminou com uma nota doce, encontrou-se contendo o fôlego, desejando que se durasse um pouco mais.

Léo fez uma reverência e lhe ofereceu o braço.

- Obrigado, meu lorde. foi encantador.
- Você gostaria de voltar a dançar?
- Temo-me que não. Provocaria um escândalo. Eu não sou um hóspede, depois de tudo.

- É parte da família – esclareço Léo.

- É muito amável, meu lorde, mas sabe muito bem que não é certo. Sou uma empregada a que lhe paga um salário, o que significa... - interrompeu-se quando se deu conta de que alguém, um homem, olhava-a fixamente. Ao olhar em sua direção, viu o rosto que lhe tinha açoitado em seus pesadelos.

A vista dele, uma figura do passado que as tinha arrumado para evadir durante tanto tempo, todos os reflexos de calma que possuía desapareceram enviando tumultos de pânico em grande escala por todo seu corpo. Só o sustentar do braço de Léo lhe impediu de cair ao chão como se a houvesse fulminado uma patada no estômago. Tratou de respirar, de manter o controle.

- Marks? - Léo tomo a cara voltando-a para ele, olhando sua palidez com preocupação. - O que acontece?

- É sozinho um pequeno enjôo - acertou a dizer. - Deve ser pelo exercício, faz tanto que não dançava

- Deixa que te leve a uma cadeira

- Não! - O homem seguia olhando-a, tinha-a reconhecido se notava em suas facções. Tinha que fugir antes de que se aproximasse dela. Tragou com força as lágrimas que se amontoavam em seus olhos e garganta. O que pôde ter sido a noite mais feliz da vida tinha terminado por converter-se na pior.

terminou-se, pensou com amargura. Sua vida com a Hathaways tinha chegado a seu fim. Queria morrer.

- O que posso fazer? - Perguntou Léo em voz baixa.

- Por favor, procura a Beatriz ... lhe diga ... - não pôde terminar. Movendo a cabeça cegamente, saiu da sala o antes possível.

Os esforços da dança, um corno, pensou Léo sombriamente. tratava-se de uma mulher que se moveu um montão de pedras para que o pudesse sair de um fossa.

O que incomodava ao Catherine, não tinha nada que ver com o cansaço. Jogando uma olhada pela habitação com os olhos entreabridos, Léo viu uma quietude em meio da multidão faladora até que o descobriu.

Guy, Lorde Latimer, estava olhando ao Catherine com tanta atenção como Léo. E enquanto ela saía do salão, Latimer começou a caminhar para a porta pela que tinha desaparecido.

Léo franziu o cenho pensando seriamente que a próxima vez que sua família planejasse um baile ou velada, ia inspecionar pessoalmente a lista de convidados. Se tivesse sabido

que Latimer seria convidado, teria tachado o nome com a tinta mais escura que tivesse encontrado.

Latimer, aproximava-se dos quarenta anos, tinha chegado à etapa da vida em que um homem não podia ser chamado caveira sem ter nisso implícita certa imaturidade.

Juvenil, além de que ser considerado como um vividor por sua média idade.

Como seguinte na linha de sucessão a um condado, Latimer tinha poucas ocupações além de esperar a que seu pai morresse. Também se dedicava à busca de vício e perversão. Ele esperava que outros limpassem sua sujeira, e não se preocupava com a comodidade de ninguém mas sim pela sua própria. O lugar no peito onde se supunha estava o coração ele o deveria ter ocupado por uma cabaça ou estava tão vazia como uma delas. Era ardiloso, inteligente e calculador, todas essas qualidades ao serviço da perversão sem limites próprios.

E Léo, no fundo de seu desespero pela morte da Laura Dillard, fazia todo o possível para emulá-lo. Recordo as aventuras que as que tinha estado envolto com o Latimer e seu grupo de aristocratas de moral dissipada,

Léo se sentiu claramente impuro. Desde sua volta da França, tinha evitado escrupulosamente Latimer. Entretanto, a família do Latimer eram seus vizinhos do condado do Wiltshire, e teria sido impossível afastar-se dele para sempre.

Ao ver aproximar-se da Beatriz por um lado da sala, Léo se aproximou para ela notando-se impaciente e a tirou do braço.

- Não dance mais por agora, B - murmurou perto de seu ouvido - Marks não está disponível para velar por ti.
- por que não?
- Tenho a intenção de averiguá-lo. Enquanto isso, não te meta em problemas.
- O que devo fazer?
- Não sei. Ir à mesa de refresco e comer algo.
- Não tenho fome – se queixo Beatriz, exalando um suspiro - Mas suponho que não se precisa ter fome para comer.
- Boa chica-murmurou ele, e saiu da habitação rapidamente.

Capítulo Dezesseis

- Alto! Alto aí, digo-te!

Catherine ignora a ordem, mantendo a cabeça baixa enquanto corria o comprimento de um corredor para a escada de serviço. estava-se afogando da vergonha e o medo. Mas também estava furiosa, pensando no monstruosamente injusto que era que este homem viesse a lhe arruinar a vida, uma e outra vez. Ela sabia que isto aconteceria algum dia, que apesar de que Latimer e os Hathaway se moviam em círculos diferentes, inevitavelmente se encontrariam. Mas havia valido a pena o risco para estar com os Hathaway e sentir embora fora solo por um tempo que tinha sido parte de uma família.

Latimer a agarrou por braço com força lhe causando moretones. Catherine se deu volta para olhá-lo à cara, todo seu corpo tremia.

surpreendeu-se de ver até que ponto tinha envelhecido, seus rasgos endurecidos por uma vida infestada de excessos, estava mais gordo da cintura, e seu cabelo cor avermelhada desaparecia sob as cãs, qualquer diria que seu rosto tinha adquirido o aspecto enrugado da habitual autocomplacência.

- Eu não o conheço, senhor - disse com frieza. – Não seja inoportuno.

Latimer não soltou seu braço, seu olhar devorador a fazia sentir-se suja - Nunca te esqueci. Busque-te por anos. Conseguiu-te outro protetor, não? - deslizou a língua pelos lábios movendo a mandíbula como se estivesse preparando-se para desenganchá-la e tragá-la completa - Eu queria ser o primeiro. paguei uma fortuna com sangue por isso.

Catherine respirou tremendo. - me libere de uma vez ou eu...

- O que está fazendo aqui, vestida com o traje de uma solteirona?

Ela apartou o olhar, lutando contra as lágrimas. - Sou empregada da família Hathaway. Por Lorde Ramsay.

- Acredito-te. me diga quais são os serviços que proporciona ao Ramsay.

- me deixe em paz. - Sua voz era baixa e tensa.

- Por nada do mundo. - Latimer aproximou seu rígido corpo ao dela, com seu fôlego de vinho azedo fluando na cara. - A vingança. - disse em voz baixa - É o ato de uma pessoa desprezível e mesquinha. Não há dúvida de por que eu sempre o desfrutei de muito?

- por que quer vingança? - Perguntou Catherine, desprezando-o até o fundo de sua alma. – Não perdeu nada por mim, exceto possivelmente o mais mínimo fragmento de orgulho, que facilmente se podia permitir.

Latimer sorriu. - Aí é onde te equivoca. O orgulho é tudo o que tenho. Sou muito sensível a respeito, de verdade. E não estarei satisfeito até que retorne os interesses. Oito anos de orgulho é uma bonita soma, Não é certo?

Catherine o olhou com frieza. A última vez que o tinha visto, era uma menina de quinze anos de idade, sem recursos e sem ninguém que a protegesse. Mas Latimer não tinha idéia de que Harry Rutledge era seu irmão. Tampouco parecia lhe interessar que podia haver outros homens que se atrevessem a interpor-se entre ele e o que queria. - Você

libertino desagradável - disse. - Suponho que a única maneira que pode ter a uma mulher é comprando-a. Só que eu não estou em venda.

- Esteve-o uma vez Não? - Perguntou Latimer cruzando os braços. – Foi uma peça custosa, e eu estou seguro que valeu a pena. Obviamente já não é virgem, pois estas ao serviço do Ramsay, mas me segue gostando e me deve uma amostra do que paguei.

- Não lhe devo nada ! me Deixe em paz.

Latimer lhe surpreendeu com um sorriso, abrandando seu rosto - Vamos, Faria-me um grande favor. Eu não sou tão má pessoa. Posso ser generoso. Quanto te paga Ramsay? Dou-te o triplo. Não será uma dificuldade compartilhar meu leito, conheço um par de coisas para agradar a uma mulher.

- Estou segura que sabe como sentir prazer você mesmo. - disse ela, retorcendo-se em seu punho. – Vá-se.

- Não resista, ou poderia te fazer danifico

Os dois estavam tão envoltos no conflito que nenhum deles se deu conta que chegava um terceiro.

- Latimer. - Era a voz de Léo cortando o ar como uma folha de aço. - Se alguém for incomodar a meus serventes, esse sou eu, E certamente não requeiro de sua ajuda. Para alívio incomensurável do Catherine, o afrouxo o brutal apertão e ela aproveitou para mover-se longe , retrocedeu com tanta pressa que quase tropeçou. Mas Léo se aproximou dela com rapidez, com uma mão no ombro a reteve antes de cair, a ligeireza de seu controle, de um homem consciente da fragilidade, estava em forte contraste com o Latimer.

Nunca tinha visto leio a como nesse momento, tão furioso com um brilho assassino nos olhos. Não era absolutamente o mesmo homem que tinha dançado com ela só uns minutos antes.

- Está bem? - Perguntou.

Catherine assentiu com a cabeça, olhando-o aturdida. Como é que conhecia lorde Latimer? Querido Deus, Era possível que fossem amigos? E se for assim... de ter a oportunidade, Léo poderia ter feito quão mesmo Latimer, faz tantos anos?

- nos deixe. - murmurou Léo, retirando a mão de seu ombro.

Jogando uma olhada ao Latimer, Catherine se estremeceu de repugnância e fugiu deles, como sua vida todo se veio abaixo a seu redor.

Léo olhou ao Catherine e resistiu as vontades de segui-la. Iria com ela mais tarde, e trataria de acalmar ou reparar o dano que se feito. E foi considerável o dano que tinha visto em seus olhos.

Quanto ao Latimer, Léo foi tentado poderosamente a massacrar a esse bode. Em seu lugar, seu rosto permaneceu implacável. - Não tinha idéia que tinha sido convidado. -

disse - Ou teria aconselhado às empregadas esconder-se. De verdade, Latimer, deve forçar às mulheres que não estão disponíveis para ser atendido?

- Quanto tempo a tiveste?

- Se te referir ao período de tempo em que a senhorita Marks esteve trabalhando com a família não de tudo três anos.

- Não há necessidade de pretender que ela é um servente - disse Latimer. – Menino preparado, instalou a seu amante no lar familiar para sua própria conveniência. Quero estar com ela, só por uma noite.

Léo encontrou cada vez mais difícil conter seu temperamento. – Que, em nome de Deus te faz pensar que ela é meu amante?

- Ela é a garota, Ramsay. Da que te fale Não te lembra?

- Não - disse Léo com secura.

- Estávamos ébrios nesse momento. - admitiu Latimer. - Mas eu acreditava que estava me emprestando atenção.

- Até sóbrio, Latimer, é irrelevante e molesto. por que tinha que te emprestar atenção a tudo o que diga quando estava bêbado? E que diabos quer dizer com, "ela é a garota"?

- A compre a uma mulher maior que a tinha ganho em um leilão privado de classes. Era a coisa mais encantada que jamais tinha visto, não mais de quinze anos, com os cachos de ouro, e uns olhos tão notáveis. A senhora me assegurou que a garota era absolutamente virgem e entretanto, haviam-lhe dito todas as formas em que sentia prazer a um homem. paguei uma fortuna para ter à garota a meu serviço pelo período de um ano, com a opção para continuar a minha disposição se o desejava.

- Que conveniente. - disse Léo, com os olhos entrecerrados. - Suponho que nunca te incomodou em lhe perguntar à garota se ela desejava tal acerto.

- É irrelevante, o acordo foi para seu benefício. Era afortunada por ter nascido com beleza, e ela aprenderia como tirar proveito disto. Além disso, assim são todas as prostitutas, não? É só uma questão de circunstância e preço. - Latimer se deteve, sorrindo socarradamente. - Ela não te disse nada disto?

Léo ignorou a pergunta. - O que passou depois?

- O dia que me levaram ao Catherine a mim casa e antes de que baixasse sua bagagem, um homem se abriu aconchego e a levo. Literalmente a raptou. Um de meus homens da pé tratou de detê-lo e recebeu um balaço na perna. Quando me dava conta do que estava passando, o homem já tinha tomado ao Catherine e passado a soleira de frente. Só posso assumir que ele tinha perdido o leilão privado e decidiu tomar o que queria pela força. Catherine desaparecido depois disso. Procurei-a por oito anos. - Latimer se pôs a rir pelo baixo. - E agora ela se voltou sua posse. Não deveria me surpreender, na verdade. Sempre foste um bode retorcido. Como lhe arrumou isso para tê-la?

Léo esteve um momento em silêncio, seu peito se encheu de angústia lacerante pela Catherine de quinze anos, traída pelos que deveriam havê-la protegido, vendida a um homem sem moral nem piedade. A idéia do que Latimer teria feito ao Catherine doente a Léo, as depravações do Latimer não se teriam detido em uma mera violação física, mas sim também teria destruído sua alma. Não era de sentir saudades que Catherine não pudesse confiar em ninguém, era a única resposta racional às circunstâncias impossíveis.

Lançando um olhar frio ao Latimer, Léo pensou que se fosse só um pouco menos civilizado, teria matado ao filho de puta no ato. Entretanto, terei que conformar-se mantendo-o longe do Catherine, e fazer o necessário para mantê-la a salvo.

- Ela não é propriedade de ninguém. - disse Léo com cuidado.

- Bem. Então eu posso...

- Ela está sob meu amparo agora.

Latimer arqueou uma sobrancelha, divertido. - O que posso deduzir com isso?

Léo falava muito a sério. -Que não vais aproximar te dela, que nunca terá que suportar o som de sua voz ou o insulto de sua presença nunca mais.

- Temo-me que não pode me obrigar a estar longe dela.

- Temo-me que terá que fazê-lo.

O soltou uma gargalhada. - Certamente não me está ameaçando

Léo sorriu com frieza. - Por muito que sempre tratei de ignorar seus devaneios de ébrio, Latimer, algumas costure ficaram em minha memória. Algumas de suas confissões de má conduta fariam a mais de umas poucas pessoas infelizes. Sei o suficiente de seus segredos para que vá ao cárcere Marshalsea sem nem sequer um bilhete e se isso não for suficiente, eu estaria mais que disposto a golpear seu crânio com um martelo. De fato, estou-me entusiasmando com a idéia. - Ao ver o assombro nos olhos do outro homem, Léo sorriu sem humor. - Vejo que crie em minha sinceridade. Isso é bom. Poderia-nos economizar algum inconveniente. - Fez uma pausa para dar suas próximas palavras um maior impacto. - E agora vou pedir lhe a meus serventes que lhe tirem de meu imóvel. Não é bem-vindo.

O rosto do ancião ficou furioso. – Arrepende-te de ter feito um inimigo de mim, Ramsay.

- Não tanto como eu me arrependi que ter sido alguma vez seu amigo.

- O que aconteceu Catherine? - Amelia perguntou a Léo quando retornou à sala.- por que se foi tão de repente?

- Lorde Latimer a abordou. - disse breve.

Amelia sacudiu a cabeça, perplexa de indignação. - Essa repulsiva cabra Como se atreve?

- Porque isso é o que faz. É uma afronta à sociedade e todas as normas de moral e a decência. Uma pergunta melhor seria por que diabos o convidamos?

- Nós não o convidamos, convidamos a seus pais e obviamente, ele veio em seu lugar. - Lhe lançou um olhar acusador. - E ele é um velho conhecido teu

- A partir de agora, vamos supor que cada velho conhecido meu é um libertino ou um criminoso e deve manter-se longe do imóvel e da família.

- Sabe se Lorde Latimer machuco ao Catherine? - Perguntou Amelia com ansiedade.

- Não fisicamente. Mas quero que alguém vá ver a, espero que este em sua habitação. Vai vê-la, ou enviasse ao Win?

- Sim, é obvio.

- Não lhe faça perguntas. Só te assegure de que este bem.

Meia hora mais tarde, Win disse a Léo que Catherine se negou a falar, que solo queria retirar-se sem ser incomodada.

Provavelmente era o melhor, pensou Léo. Apesar de que queria ir com ela e lhe oferecer toda sua ternura a deixaria dormir.

Ao dia seguinte, arrumariam tudo.

Léo despertou ao redor das nove e se aproximou da porta do Catherine, estava fechada ainda, e não havia som do interior. Resulto-lhe todo um esforço manter o controle para não entrar e despertá-la, Entretanto, ela precisava descansar... especialmente pela manhã pois tinha a intenção de discutir com ela mais tarde.

Parecia que quando Leio sob as escadas toda a família, incluídos os funcionários, praticavam o sonambulismo. O baile tinha terminado até as quatro da manhã, e ainda assim alguns dos convidados se mostraram relutantes a abandoná-lo. Sentado na sala de cafés da manhã, Léo bebeu uma taça de chá forte e viu como Amelia, Win e Merripen entravam, CAM, que sempre se levantava tarde, ainda estava ausente.

- O que aconteceu Catherine ontem à noite? - Perguntou Amelia em voz baixa. - E o que tem que a saída precipitada de Lorde Latimer? mais de uma língua o comenta

Léo tinha considerado se devia ou não discutir os segredos do Catherine com o resto da família. Teria que lhes dizer algo, embora não entrasse em detalhes, sentia que seria mais fácil para o Catherine se alguém dava uma explicação. - Resulta. - disse cuidadosamente – Que quando Cat era uma menina de quinze anos, sua família fez um acerto com o Latimer.

- Que tipo de acerto? - Perguntou Amelia. Seus olhos se abriram quando Leio lhe enviou a resposta com seu olhar. - Querido Deus.

- Felizmente Rutledge interveio antes que ela fora obrigada a... - Léo se interrompeu, surpreso pela fúria em sua própria voz. Lutou para tranquilizar-se antes de continuar. - Não necessita mais detalhes. Ela esteve na clandestinidade durante os últimos oito anos. Latimer a reconheceu ontem à noite, e a assusto. Estou seguro de que vai despertar esta manhã com a idéia de deixar Hampshire.

O gesto do Merripen era severo, mas seus olhos negros eram quentes ao dizer. - Não há necessidade dela se vá daqui. Está a salvo conosco.

Léo assentiu com a cabeça, esfregando o bordo da taça de chá com a gema do polegar. - vou deixar isto em claro quando falar com ela.

- Léo. - disse Amelia com cuidado. - Está seguro de que é o melhor para dirigir isto? Com seu histórico de brigas...

Lhe dirigiu um olhar duro. - Estou seguro.

- Amelia? - Disse uma voz vacilante da porta.

Foi Beatrix, vestida com um traje azul com volantes, seu cabelo escuro recolhido, a preocupação tinha enrugado a frente.

- bom dia, querida - disse Amelia com gosto.- Não há necessidade de levantar-se cedo, se não o desejar.

Beatrix respondeu com uma série de palavras.- Queria ver como lhe estava indo ao mocho ferido que mantenho no celeiro. E também estava procurando Dodger, porque não o vi desde ontem pela tarde. Assim abri a porta a senhorita Marks apenas um pouco, para ver se ele estava ali. Já sabe como gosta de dormir em sua caixa de sapatilhas.

- Mas ele não estava ali? - perguntou-lhe Amelia.

Beatrix negou com a cabeça. - E tampouco a senhorita Marks. Sua cama parece, e sua mala desapareceu. encontrei isto no penteadeira.

Entregou uma folha de papel dobrada a Amelia, quem a abriu e leu as linhas escritas.

- O que diz? - Léo perguntou, já de pé.

Amelia a entregou sem dizer uma palavra.

Por favor, me perdoem por deixá-los sem dizer adeus. Não há outra opção. Nunca poderei expressar a gratidão que sinto por sua generosidade e amabilidade. Espero que não seja presunçoso de minha parte dizer que embora não são minha família, na verdade, são a família de meu coração.

Os vou sentir saudades a todos vocês.

Sempre dela, Catherine Marks

- meu deus - grunhiu Léo, lançando o papel dobrado sobre a mesa. - O drama desta família é mais do que um homem pode tolerar. Supus que poderíamos ter tido uma discussão razoável na comodidade do Ramsay House, mas não, a senhorita foge na escuridão da noite e deixa uma carta cheia de palavrorio sentimental.

- Não é palavrorio. - disse Amelia à defensiva.

Ao Win lhe encheram os olhos de lágrimas compassivas ao ler a nota. - Kev, temos que encontrá-la.

Merripen deslizou uma mão sobre a sua.

- foi-se a Londres. - murmurou Léo. Sabia que Harry Rutledge era a única pessoa a que Cat poderia recorrer. Embora tinham convidado ao Harry e Poppy ao baile, a atividade hoteleira os tinha mantido em Londres.

A ira, a urgência, explorou dentro de Léo de um nada. Tratou de não demonstrá-lo, mas o descobrimento de que Cat se foi... de que o tinha deixado... tinha-o cheio de uma fúria possessiva diferente a tudo o que havia sentido nunca antes.

- O carro correio pelo general deixa Stony Cross às cinco e meia - disse Merripen. - O que significa que tem uma boa oportunidade de alcançá-la antes de que chegue ao Guildford. Eu vou contigo, se o desejar.

- E eu também. - disse Win.

- Iremos todos - declarou Amelia.

- Não - disse Léo com gravidade -. Eu vou sozinho. Não quero que estejam ali quando alcançar ao Marks.

- Léo. - Amelia lhe perguntou com desconfiança - O que pensa fazer com ela?

- por que sempre insiste em fazer perguntas quando sabe que você não gostasse da resposta?

- Porque, posto que sou otimista. - disse com aspereza: - Sempre espero que esteja equivocado.

Capítulo 17

O calendário de saídas era limitado, agora que os correios carregaram de mais os trens de locomotiva. Catherine tinha tido sorte de obter um posto dentro de um carro com destino a Londres.

Mas não se sentia como uma pessoa com sorte, entretanto se sentia miserável e muito sozinha, com muito frio, inclusive no interior de um carro abafado. O veículo estava cheio de passageiros por dentro e por fora, com pacotes e malas atadas precariamente em cima da tampa. Tudo se sentia perigosamente sobrecarregado já que retumbava nos buracos da estrada. A dez milhas por hora, um dos passageiros falava admirado da força e resistência da equipe de carrinhos de mão.

Silenciosamente Catherine olhou pela janela como as pradarias do Hampshire ficavam atrás, deixando o espesso bosque trocando pelas paisagens das ruas da cidade grandes e buliçosas como o mercado do Surrey.

Só havia outra mulher no interior do carro, um gordinha e bem vestida matrona que viajava com seu marido. Dormitava na esquina oposta ao Catherine, emitindo roncões delicados. Cada vez que o carro se sacudia, causava que os objetos em seu chapéu de cascavel e carcaj tilintassem. Era um bom chapéu, adornado com cachos de cerejas artificiais, uma pluma, e um pequeno peluche de aves.

Ao meio-dia o carro se deteve em uma estalagem onde ficou um novo tiro de cavalos em preparação para o seguinte lance da estrada. Gemendo de alívio ante a perspectiva de uma breve pausa, os passageiros saíram de veículo e entraram no botequim.

Catherine se levou sua mala com ela por medo a deixá-la no carro. Continha as coisas essenciais como uma camisola de dormir, roupa interior e meias, um sortido de pentes e alfinetes, uma escova, um xale e uma volumosa novela com uma inscrição maliciosa da Beatriz ... “ Esta história está garantida para entreter à senhorita Marca sem incomodá-la no mais mínimo! Com muito carinho dos incorrigíveis B.H”.

A estalagem parecia moderadamente bem equipada, mas era o tipo de lugar que freqüentavam trabalhadores e operários. Catherine olhou desconsoladamente em uma das paredes do que deveria ser um jardim que estava talher com papéis, voltou-se para ver como um par de moços de quadra trocavam a equipe.

Esteve a ponto de deixar cair a mala a um lado do pátio de transporte ao sentir um movimento independente dentro. Não como se algo tivesse caminhado a seu redor ... era mais como ... algo vivo. Os batimentos do coração de seu coração se tornaram rápidos e desorganizados, como o meneio de batatas pequenas em água fervendo.

- OH, não- sussurrou se pego contra a parede lhe dando as costas a outros, tratando desesperadamente de manter a bolsa fora de sua vista, soltou o prendedor e a abriu apenas duas polegadas. Uma pequena cabeça apareceu de maneira elegante. Catherine se horrorizou ao contemplar uns familiares olhos brilhantes e com uma série de comprimentos bigodes. - Dodger - sussurrou. O furão gesticulava alegremente, as comissuras de sua boca se encrespa em seu perpétuo sorriso. - OH, moço travesso! - Deveu haver-se cansado na bolsa quando ela esteve fazendo sua bagagem - O que vou fazer contigo? - perguntou com desespero. Empurro sua cabeça para baixo da bolsa enquanto o acariciava para que calasse. Não tinha mais remédio que levar a maldito animal com ela todo o caminho a Londres, e deixar-lhe depois ao Poppy, até que ela pudesse devolver-lhe a Beatriz.

logo que uma das moços de quadra gritou: “Tudo preparado!”

Catherine voltou a entrar no carro e sotaque a mala a seus pés. Abriu a parte superior uma vez mais, para ver o Dodger, quem se havia enrole nas dobras da camisola.

- Por favor cala – lhe advertiu com severidade - E não me cause problemas
- Peço-lhe perdão! - escuto-se a voz da matrona ao entrar no carro, seu chapéu de pluma tremia de indignação.

- OH, não senhora! Eu não estava falando com você – se desculpo Catherine apressadamente – Falava comigo mesma.

- Certamente – conveyo deixando cair no assento de em frente.

Catherine se sentou rígida. Esperando um ruído ou algum murmúrio proveniente da mala que a pudesse trair. Entretanto, Dodger ficou quieto. A matrona fechou os olhos e baixou o queixo até apoiá-la sobre os montículos de seu seio. Em questão de dois minutos, parecia estar dormida outra vez.

Talvez isto não fora tão difícil depois de tudo, pensou Catherine. Se a mulher ficava dormida, e os cavalheiros voltem a tomar a leitura do periódico, ela poderia ser passar

de contrabando ao Dodger até Londres. Mas enquanto Catherine se atenia a essa esperança, toda a situação foi de controle.

Sem prévio aviso, Dodger apareceu a cabeça, observando seu novo entorno de maneira interessante, e se deslizou da bolsa. Os lábios do Catherine se separaram em um grito silencioso, ficou imóvel com as mãos detidas no ar. O furão correu para o assento de em frente onde estava o chapéu de colgijes da matrona. Dando uma dentada ou dois, seus dentes afiados cortaram um cacho de cerejas artificiais. Triunfante se deslizou pelo assento e saltou ao regaço do Catherine com seu prêmio. Fez feliz a dança de guerra com uma série de saltos movimentos retorcidos.

- Não - sussurrou Catherine agarrando as cerejas e tratando de colocá-lo de novo na mala. Dodger protestou, chiando o que provocou que a mulher soprasse e piscasse, despertando com irritação para ouvir o ruído.

- Já ... o que ... - Cat ficou imóvel, seu pulso palpitava com estrondo em seus ouvidos. Dodger se tinha acomodado ao redor de seu pescoço e pendurava, fazendo o morto. Ao igual a um cachecol, pensou Cat, tratando de reprimir um estalo de risada demente.

A mulher lançou um olhar indignado ao cacho de cerejas em seu regaço.

- por que ... por que, você tem um dos adornos de meu chapéu, Estava tratando de roubá-los enquanto eu dormia a sesta?

Catherine ficou séria imediatamente.

- Não, OH não, foi um acidente.

- Mas o arruíno, e era meu melhor chapéu, Custou-me duas libras e seis peniques! me devolva meu adorno... - exigiu mas logo soltou um som estrangulado ao ver como Dodger saltava ao regaço do Catherine, apoderando-se das cerejas, e desaparecendo na segurança da mala.

A mulher gritou com força ensurdecadora, o grito saiu do carro com um completo alvoroço forjado de saias.

Cinco minutos depois, Catherine e a mala tinha sido expulso sem contemplações do carro. Estava de pé ao bordo do pátio de transporte, impregnado de uma concorrência dos aromas fortes: a esterco, cavalos, urina, combinados com os aromas de carne cozida e pão quente procedente de um botequim.

O chofer tinha ventilado sua caixa, fazendo caso omissos dos protestos indignados do Catherine.

- Mas paguei para viajar todo o caminho a Londres! - exclamou.

- Você pagou por um passageiro, não por dois assim solo tem direito na metade do caminho.

Catherine olhou com incredulidade sua expressão pétrea com a mala na mão.

- Isto não é um passageiro!

- Temos um quarto de hora de atraso por sua culpa e a de seu rato – protesto o chofer, quadrando os cotovelos e estalando o látigo.

- Não é um rato, ele é ... espere, Como vou chegar a Londres?

Uma das moços de quadra respondeu implacavelmente

- As seguintes postas saem amanhã pela manhã, senhorita. Talvez deixem que você e seu mascote viajem na parte superior

Catherine olhou.

- Não me quero montar em cima de um carro de carga, paguei para viajar no interior, todo o caminho a Londres, e considero que isto é um roubo! O que vou fazer até manhã pela manhã?

A moço de quadra, um homem jovem com um comprido bigode enroscado, encolheu-se de ombros.

- Pode perguntar se houver habitações disponíveis – sugeriu - Apesar de que provavelmente não vejam com bons olhos aos hóspedes com os ratos. Olhou além dela como outro veículo entrava no pátio. - Fora do caminho, senhorita, ou será enrolada pelo transporte.

Catherine caminha para a entrada da estalagem. Olhando a mala, onde Dodger jogava com as cerejas. Não era suficiente, pensou frustrada, ter tido que deixar a vida que amava, que tivesse passado uma noite inteira com um pranto incessante que quase se esgotou agora? por que o destino era tão cruel lhe deixando ao Dodgers a seu cargo?

- Você. - lamentou-se em voz alta – É a gota que derramo o copo, atormentaste-me durante anos e roubaste todas minhas ligas, e ...

- Perdão - disse uma voz amável.

Catherine o olhou com o cenho franzido. Ao momento seguinte se cambaleou, perdendo o equilíbrio momentaneamente. Seus olhos contemplavam atônitos a Léo, Lorde Ramsay, que a olhava divertido.

Manteve as mãos metidas nos bolsos aproximando-se dela com passo depravado.

- Estou seguro de que deve te sentir desesperada. Mas por que grita a sua bagagem?

Apesar da negligência de suas maneiras, seu olhar fez um inventário cuidadoso de seu aspecto. Sua só presença conseguia lhe tirar a respiração. Era tão bonito, tão querido e familiar, que Catherine tinha o louco impulso de jogar-se em seus braços. Não podia compreender por que tinha vindo atrás dela. Agachando-se para fechar a mala, decidiu que o melhor seria não lhe dizer que tênia ao Dodger até depois de ter conseguido uma habitação.

- O que faz aqui, meu lorde? - perguntou vacilante.

Léo se encolheu de ombros sem pressa.

- Quando despertei esta manhã depois de apenas quatro horas e meia de sonho, pensei que me viria bem saltar no carro e ir dar um passeio pitoresco pelo Haslemere – Leio fez uma pausa para olhar um sinal por cima da porta - Spread Eagle Inn. Que nome tão pitoresco! - seus lábios tremiam ao ver sua expressão desconcertada, mas seus olhos eram quentes. Sua mão se aproximou de sua cara, cuidadosamente, lhe levantando o queixo - Seus olhos estão inchados.

- É o pó da viagem -disse Catherine com dificuldade, tragando saliva ante a doçura de seu tato, queria recarregar o queixo contra de sua mão, como um gato faminto que precisava deixar-se acariciar. Sentia a ardência das lágrimas. Mas não podia chorar diante dele. Seria uma reação espantosa.

Se permaneciam no pátio de transporte um momento mais, ia perder a compostura por completo.

- Teve alguma dificuldade com o chofer? - perguntou.

- Sim, e não haverá outro até manhã. Tenho que procurar uma habitação.

Ele não o exímio de seu olhar.

- Pode voltar para o Hampshire comigo.

A sugestão foi mais devastadora do que Léo podia saber.

- Não, não posso. Vou a Londres, para ver meu irmão.

- E depois?

- Depois... provavelmente viajar.

- Viajar?

- Sim, vou ... vou percorrer o continente. Poderia me instalar na França ou Itália.

- Sua sozinha?

Léo não se incomodou em ocultar seu cepticismo.

- Contratar uma dama de companhia.

- Não pode contratar uma dama de companhia, você é uma dama de companhia companheiro.

- Acabo de renunciar a esse posto

Por um momento, houve uma intensidade alarmante em seu olhar, depredadora, perigosa.

- Tenho um novo emprego para ti, um novo posto – ofereceu e ela sentiu um calafrio que lhe percorreu as costas.

- Não, obrigado

- Não escutaste ainda de que se trata.

- Não faz falta que me explique isso.

Às cegas lhes deu as costas entrando em edifício. Parando-se detrás da tabela da recepção, esperou resolutamente até que um homem baixinho e fornido vinha a saudá-la. Tinha a cabeça calva e brilhante, uma espessa barba cinza e as costeletas largas.

- Posso lhe ajudar? – perguntou olhando ao Catherine e ao homem detrás dela.

Léo falou antes de que pudesse dizer uma palavra.

- Minha esposa e eu queríamos tomar uma habitação.

- Você alguma? - Catherine se giro para lhe lançar um olhar ofendido - Quero minha própria habitação e não sou seu,,,

- Ela não fala a sério - Léo sorriu ao hospedeiro de maneira triste, com a mesma expressão de um homem que se compadece de outro - Uma disputa conjugal, está zangada porque não vou deixar que sua mãe nos visite.

- Ahhh ... - o hospedeiro fez um som detestável e se inclinou a escrever no livro de registro - Não se deixe meu lorde. Nunca lhe deixam quando dizem que o farão. Quando a mãe de minha esposa nos visita, os ratos se lançam ao gato, pedindo ser comido. Seu nome?

- Senhor e senhora Hathaway.

- Mas – protesto Catherine começando a irritar-se. interrompeu-se ao sentir o tremor na bolsa. Dodger queria sair. Tinha que mantê-lo oculto até que estiveram a salvo acima. -Está bem - disse ela breve – Subamos já.

Léo sorriu. - Desejosa de começar a reconciliação, carinho?

Dirigiu-lhe um olhar que lhe tivesse assassinado no ato.

Para a impaciência nervosa do Catherine, tiveram que transcorrer outros dez minutos de trâmites, como a garantia de alojamento para o condutor e o laçao de Léo. Por outra parte, suas malas e duas bolsas de viagem importante, terei que trazer-se.

- Pensei que não poderia chegar até Londres - disse Léo, um pouco envergonhado.

- por que alugou uma só habitação? - sussurrou bruscamente.

- Porque não está segura você sozinha. Necessita de meu amparo.

Ela o olhou furiosa. – Seu é o único de quem necessito amparo!

Mostrou a uma habitação ordenada, mas escassamente mobiliada, com uma cama de bronze que tinham a necessidade de polir-se, uma colcha descolorida, muito lavada. Duas cadeiras estavam que estavam junto a uma chaminé pequena, uma estofa, a outra pequena e nua. Um lavabo maltratado ocupando um rincão, uma mesa pequena em outro. O estou acostumado a varrido e as paredes pintadas de branco estavam vazios à exceção de uma obra emoldurada.

O tempo não passa em vão. Graças a Deus cheirava a limpo e não existiam os fedores de fora, só um ligeiro aroma de carne assada do botequim de abaixo, e uma espiga de cinza na chaminé apagada.

depois de que Léo teve fechado a porta, Catherine pôs sua bolsa no chão e o abriu.

Dodgers apareço a cabeça, fazendo um giro completo enquanto inspecionava a habitação. Saltou e correu por debaixo da cama.

- Trouxe os Dodger contigo? - perguntou Léo sem compreender.
- Não voluntariamente.
- Já vejo. É por isso que foram obrigados a abandonar o carro?

Ele jogando uma olhada, Catherine se sentou para reorganizar seus pensamentos.

Sentindo uma sensação cálida quando o viu tirá-la jaqueta e gravata. Tudo a respeito da situação era inadequado, e entretanto o decoro parecia não importar.

A seguir ele contou como tinha descoberto ao furão em sua bolsa e como tinha roubado as cerejas do chapéu da matrona, para quando chegou à parte onde Dodger tratava de fazer-se passar por um cachecol ao redor de seu pescoço.

Léo ofegava de risada. via-se tão bem rendo-se que ao Catherine não importo se era a costa dela ou não. Inclusive o imito, rompendo a rir a gargalhadas.

Mas de algum jeito sua risada se dissolveu em pranto, sentiu que seus olhos se enchiam de lágrimas mesmo que seguia rendo, pôs suas mãos sobre a cara para conter as emoções vertiginosas que a sacudiam.

Impossível. Sabia que parecia uma louca, rendo e chorando ao mesmo tempo. Este tipo de reação emocional era seu pior pesadelo.

- Sinto-o – se afogava sacudindo a cabeça, tampando-os olhos com a manga do antebraço – me Deixe, por favor... por favor.

Mas os braços de Léo se acoplaram a seu redor. Apertando seu corpo tremendo contra seu peito, sujeitando-a com firmeza. Ela sentiu que ele dava um beijo quente sobre sua orelha exposta. O aroma de seu sabão de barbear cheio seu nariz, a fragrância masculina era reconfortante e familiar. Não se deu conta de que tinha seguido murmurando com voz entrecortada – Perdão

Até que ele respondeu: -Sim, deve senti-lo ... por te haver partido sem me dizer uma só palavra, tem razões para chorar.

- Eu deixe uma carta - protestou.

- Essa nota muito sensível? Certamente não acreditou que seria suficiente para que eu não te perseguisse. Agora te tranquilize, estou aqui, e você está a salvo, não vou deixar ir. Estou aqui.

deu-se conta de que estava lutando por unir-se mas a ele, tratando de afundar seu abraço. Quando seu pranto remeteu a uns soluços aquosos, sentiu-se muito mal, Léo ele retirou a jaqueta de viagem. Em seu esgotamento nem sequer protesto, encontrou-se cumprindo as ordens como um menino obediente, tirando os braços das mangas. Nem sequer protesto quando o Quito os broches e as forquilhas que ele sujeitavam o cabelo. Seu couro cabeludo pulsava fortemente ao desfazer o apertado do penteado. Léo ele tirou os óculos e os pôs a um lado, enquanto ia procurar um lenço em sua jaqueta.

- Obrigado - murmurou Catherine, enxugando-os olhos doloridos com o lenço de algodão impressado, limpando-a nariz. ficou com o lenço enrugado entre seus dedos.

- Vêem aqui - Léo se sentou em uma das cadeiras e a atraiu para ele.

- Não posso - começou, mas ele a fez calar e a tombo sobre seu regaço. Os montículos de suas saias se derramaram pesadamente sobre os dois. Ela apoiou a cabeça em seu ombro, o funcionamento de seus pulmões agitados gradualmente se contraiu retornando a sua respiração tranquila. Sua mão lentamente acariciava seu cabelo.

- Não deveria me haver seguido – se atreveu a dizer finalmente.

- Toda a família queria vir - disse Léo - Parece que os Hathaways não podem prescindir de sua influência civilizadora. Assim fui comissionado para te trazer de volta. Ao escutar isto quase começou a chorar de novo.

- Não posso voltar

- por que não?

- Já sabe. Lorde Latimer deve te haver falado de mim.

- Disse-me algo – com o dorso dos dedos acariciou o flanco de seu pescoço
- Sua avó era a madame Não?

Seu tom era tranquilo como se ter uma avó que fora a proprietária de uma casa de prostituição fora algo do mais normal e corrente. Catherine assentiu, tragando saliva com dificuldade.

- Me fui viver com minha avó e tia Althea quando mamãe adoeceu. Ao princípio eu não entendia que era o negócio familiar, mas depois de um tempo me dava conta do que significava. Althea tinha chegado a uma idade em que já não era tão popular entre os clientes. Eu tinha então quinze anos, e se supunha que era meu turno. Althea me disse que eu tinha deslocado com sorte, porque ela tinha tido que começar aos doze anos. Perguntei-lhe se podia ser um professor ou uma costureira, ou algo assim. Mas ela e minha avó me disseram que nunca ganharia o dinheiro suficiente para lhes pagar por tudo o que tinham gasto em mim. Trabalhar para elas era a única opção. Tratei de pensar em um lugar aonde ir, e de algum jeito sobreviver por mim mesma. Mas não existia uma posição que pudesse conseguir sem que me pedissem recomendações. À exceção de um trabalho na fábrica, o que teria sido perigoso e os salários eram muito baixos para pagar uma habitação em qualquer lugar. Roguei a minha avó que me deixasse ir com meu pai, porque eu sabia que ele nunca me teria deixado ali se tivesse conhecido seus planos. Mas ela me disse... - Catherine se deteve, com as mãos fixas em sua camisa. Léo tomo as mãos lhe massageando as bonecas

- O que foi o que te disse, amor?
- Que o já sabia, e o aprovado, já que receberia uma percentagem do dinheiro que eu ganhasse. Não queria acreditá-lo - deixou escapar um suspiro quebrado - Mas tinha que havê-lo suspeitado Não?

Léo ficou em silêncio, esfregando brandamente o polegar na palma de sua mão. A questão não necessitava resposta. Catherine apertou os dentes contendo um estremecimento de dor, e reatou seu relato - Althea trouxe para vários senhores para que me conhecessem, disse-me que seriam encantadores. Disse que de todos eles, Lorde Latimer fazia a oferta mais alta - fez uma cara contra sua camisa - Ele eu gostava menos que ninguém. Me piscava os olhos os olhos e me dizia que tinha algumas surpresas escondidas para mim.

Léo pronunciou umas palavras entre dentes. Em sua pausa incerta, passou-lhe a mão pelas costas.

- Contínua-
- Mas Althea lhe disse o que teria que esperar, porque acreditava que lhe iria muito melhor se eu soubesse. E os atos que ela descreveu, as coisas que se supõe que ...
- sua mão ficou imóvel sobre suas costas.
- Foi requerido para pôr isso prática? – ela negou com a cabeça.
- Não, mas tudo soava tão horrível - uma nota de diversão simpática dava a sua voz um tom de calor.

- É obvio que assim deve parecê-la a uma menina de quinze anos de idade. Levantando a cabeça, Catherine olhou sua cara. Era muito formoso para seu próprio bem, e pelo dela também. Embora não levava seus óculos, podia ver cada detalhe impressionante dele ... as finas linhas que o sorriso desenhava nas esquinas exteriores de seus olhos, sua pele contrastando contra o tom pau-rosa de sua pele. E, sobre tudo o azul matizado de seus olhos, a luz e a escuridão, a luz solar e sombra.

Léo esperou pacientemente, abraçando-a como se não houvesse nada mais no mundo que ele tivesse preferido fazer.

- Como escapou?

- Fui ao escritório de minha avó, uma manhã - disse Catherine- quando todos dormia. Estava procurando dinheiro. Pensava fugir encontrar um alojamento e uma posição decente em alguma parte. Mas não ache nem um só xelim. Mas em um dos rincões no escritório, encontrei uma carta, dirigida a mim. Jamais a tinha visto antes.

- Era do Rutledge? - disse Léo mais que perguntar.

Catherine assentiu com a cabeça.

- Tinha um irmão que jamais tivesse sabido que existia. Harry tinha escrito que se eu necessitava alguma vez ajuda, deveria lhe enviar uma mensagem a essa direção. Escrevi-lhe imediatamente uma carta para lhe fazer saber o problema que me encontrava, e a dava ao William para que a entregasse.

- Quem é William?

- Um menino que trabalhava ali ... levando e trazendo coisas, baixando e subindo escadas, limpando sapatos, fazendo recados, o que lhe pediam que fizesse. Acredito que era filho de uma das prostitutas. Um menino muito doce. Entregou a nota ao Harry. Acredito que Althea nunca se inteirou. Se chegar a fazê-lo temo pelo que tenha podido lhe acontecer a ele. - sacudiu a cabeça com um suspiro. - Ao dia seguinte me mandaram à casa de Lorde Latimer. Mas Harry chegou bem a tempo. - fez uma pausa reflexiva. - Assustou-me um pouco menos que Lorde Latimer, estava muito zangado. Nesse momento pensei que toda essa fúria estava dirigida a mim, mas sei que o que o incomodava era a situação.

- A culpa freqüentemente toma a forma de ira.

- Eu nunca culpe ao Harry pelo que me passou. Eu não era sua responsabilidade. A cara de Léo se endureceu.

- Aparentemente não foi responsabilidade de ninguém.

Catherine se encolheu de ombros com inquietação.

- Harry não sabia o que fazer comigo, perguntou-me onde queria viver, já que não podia ficar com ele, e lhe perguntei se podia me enviar algum lugar longe de Londres. Instalo-me em uma escola no Aberdeen - o assentiu com a cabeça

- Alguns membros da nobreza enviavam a suas filhas mais indisciplinadas ou por más condutas ahi.

- Como sabe?

- Estou familiarizado com uma mulher que assistiu a essa escola. Um lugar muito severo - disse.

- eu adorava - seus lábios tremiam.

- A ti?

- Vivi ali durante seis anos, e dedicada ao ensino os últimos dois

- Rutledge te visitava?

- Só o fez uma vez. Mas de vez em quando escrevia. Jamais fui a casa de férias, porque o hotel não era realmente um lar, e Harry não queria lombriga - fez uma careta – O não estava nada bem, até que conheceu o Poppy.

- Não estou convencido de que está bem agora - disse Léo - Mas enquanto ele queira e respeite a minha irmã, não vou ter nenhum problema com ele

- OH, mas o ama - disse Catherine com seriedade. - Na verdade que faz.

A expressão de Léo se suavizou - O que te faz estar tão segura?

- Posso-o ver. A forma em que está com ela, o olhar de seus olhos e ... por que sorri assim?

- As mulheres. Vêm um homem com uma expressão idiota, e assumem que foi golpeado por uma flecha do Cupido, quando em realidade é um nabo que digeriram mau. – olhou-o com indignação.

- Estas te burlando de mim? - rendo, Léo a apertou entre seus braços enquanto ela tratava de levantar-se de seu regaço.

- Limito-me a fazer uma observação a respeito de seu gênero

- Suponho que pensa que os homens são superiores.

- Não, absolutamente. Só mais simples. Uma mulher é uma coleção de diversas necessidades, enquanto que um homem só tem uma. Não, não te levante. me diga por que foi desse colégio.

- A diretora me pediu isso

- Sério? por que? Espero que não tenha feito algo reprovável e chocante

- Não, sempre me levei bem.

- Sinto muito ouvir isso.

- Mas a diretora Marks me mandou chamar para ir a seu escritório uma tarde e...

- Marks? - Léo a olhava alerta - Desde aí tomou seu nome?

- Sim, eu a admirava muito, queria ser como ela. Era severo mas amável, e nada parecia perturbar sua compostura. Fui a seu escritório e falamos durante muito tempo. Ela disse que tinha feito um trabalho excelente, e era bem-vindo a retornar e continuar ensinando no futuro. Mas primeiro queria que me fora do Aberdeen e visse o mundo. Disse-lhe que deixar o colégio era quão último queria fazer, e ela me disse que por isso tinha que fazê-lo. Tinha recebido notícias de um amigo em uma agência de colocação em Londres sobre uma família de ... circunstâncias pouco comuns, como ela dizia, estava procurando uma mulher para que atuasse como preceptora e dama de companhia de duas irmãs, uma das quais tinha sido recentemente expulsa antes de terminar a escola.

- Essa deve ter sido Beatriz.

Catherine assentiu com a cabeça.

- A diretora pensou que poderia me adaptar aos Hathaways. O que eu nunca espere foi o muito que eu chegaria a me adaptar a vocês. Fui a uma entrevista, e pensei que toda a família era um pouco louca, mas a mais bela possível. trabalhei para eles durante quase três anos, e fui tão feliz e agora... - interrompeu-se, com o rosto triste começando a fazer panelas.

- Não, não - disse Léo rapidamente tomando a cabeça entre as mãos - Não comece de novo.

Catherine estava tão surpreendida ao sentir seus lábios sobre suas bochechas e seus olhos fechados, que as lágrimas imediatamente se evaporaram. Quando por fim se atreveu a olhá-lo de novo, viu que tinha um leve sorriso. alisou-se o cabelo e olhou sua cara devastada pela dor com um grau de preocupação que nunca tinha visto nele antes. assustou-se ao dar-se conta de quanto dela mesma acabava de revelar. Agora ele sabia tudo o que ela tinha tratado de manter em segredo durante tanto tempo. Suas mãos se moveram contra seu regaço como as asas de um pássaro que se encontrou no interior apanhado.

- Meu lorde - disse com dificuldade - por que veio detrás de mim? O que quer de mim?

- Surpreende-me que tenha que perguntá-lo - murmurou, ainda acariciando seu cabelo. - Quero te oferecer um emprego.

- É obvio - pensou a jovem com amargura - me Converter em seu amante.

Sua voz soava tranqüila embora não deixo de advertir-se nela um sarcasmo suave.

- Não, isso nunca funcionaria. Em primeiro lugar, porque seu irmão me assassinaria ou ao menos se encarregaria de que ficasse mutilado. Em segundo lugar, é muito Espinosa, educada e fina para ser um amante. Sérias muito mais adequadas como esposa.

- De quem? - perguntou ela com o cenho franzido.

Léo a olhou fixamente com os olhos entrecerrados.

- Minha, é obvio.

Capítulo Dezoito

Catherine lutava com tanta violência que se viu obrigado a soltá-la.

- Já tive bastante de seu humor insensível - exclamou ela saltando a seus pés. - Você é um...

- Não estou brincando, maldita seja! - Léo se levantou e chegou até ela, Catherine saltou para trás, ele tomou e ela resistia. enfrentaram-se até que Catherine se encontrou caindo de costas sobre a cama.

Léo caiu sobre o Catherine perdendo o equilíbrio, ela o sentiu afundar-se na massa de saias e seu peso a obrigou a separar as pernas, e em sua resistência roçou a excitação crescente de Léo, quanto mais se retorcia, mais crescia, ela cedeu sob seu peso.

Léo a olhou com malícia... mas havia algo mais em sua expressão, um significado que a inquietava profundamente.

- Considera-o, Marks, casar resolverá nossos problemas. Terá o amparo de meu nome, não terá que deixar à família. E já não poderão me dar mais a lata de que me case.

- Eu sou ilegítima. - disse claramente, como se ele fora um estrangeiro tratando de aprender Inglês. - Você é um visconde, não pode casar-se com uma bastarda.

- O que acontecer o duque do Clarence? Tiveram dez filhos bastardos com essa atriz... Como se chamava ...

- A senhora Jordan.

- Sim, essa... Seus filhos foram todos ilegítimos, mas alguns deles se casaram.

- Você não é o duque do Clarence.

- Assim é. Eu não sou mais sangue azul que você. Herdei o título por pura casualidade.

- Isso não importa. Se se casar comigo, seria escandaloso e inadequado, e as comportsas se fechariam para você.

- Por Deus, mulher, deixe que duas de minhas irmãs se casassem com ciganos. Essas portas estão fechadas já, com pregos e parafusos.

Catherine não podia pensar com clareza, logo que podia escutar através de seus ouvidos os golpes do clamor selvagem de seu sangue. A vontade e o desejo atiravam dela com a mesma força. Afastando o rosto de sua boca disse com desespero. - A única forma de manter Ramsay House para sua família é casar-se com a senhorita Darwin

O deu um bufo de brincadeira. - Também é a única maneira em que podia ter a certeza de ter cometido sororicideio.

- O que disse? - Perguntou perplexa.
- Sororicídio. Matar à esposa de um.
- Não, então o que quis dizer foi “uxoricídio”
- Está segura?
- Sim, “uxor” é a palavra em latim para esposa.
- Então, O que é “sororicídio”?
- Matar a uma irmã
- OH, bom, se tivesse que me casar com a senhorita Darwin, provavelmente termine fazendo isso também. - Léo lhe sorriu. - O ponto é que eu nunca poderia ter este tipo de conversação com ela.

Ele provavelmente tinha razão. Catherine tinha vivido com os Hathaway o tempo suficiente para conhecer seu estilo de brincadeiras, caindo nos rodeios verbais que poderiam começar falando de um crescente problema da contaminação do rio Tâmesis, e terminar debatendo a questão de se o conde do Sândwich tinha inventado os sândwiches. Catherine conteve uma risada ao dar-se conta que embora ela poderia ter tido uma ligeira influência civilizadora nos Hathaway, sua influência sobre ela tinha sido muito major.

Léo baixou a cabeça e lhe beijou o flanco de seu pescoço com uma parcimônia que a fez estremecer-se. É evidente que tinha perdido o interesse no tema da senhorita Darwin.

- te renda, Cat. Dava que te casa comigo.

- O que acontece não posso lhe dar um filho?
- Nunca há garantias.- Léo levantou a cabeça e sorriu. - Mas pensa em quão divertido será tentá-lo.

- Eu não quero ser responsável por que os Hathaway percam Ramsay House

Sua expressão se voltou séria ao lhe dizer.- Ninguém te fará responsável por isso, é uma casa nem mais nem menos. Não há uma estrutura na terra que possa durar para sempre. Mas uma família sim.

A parte dianteira de sua blusa se abriu. deu-se conta de que o a tinha desabotoado enquanto falavam. apressou-se a detê-lo, mas ele já tinha conseguido estender o frente de sua blusa aberta, revelando seu espartilho e a camisa.

- portanto o único em que vais ser responsável. -, disse Léo com voz rouca. – Sera ir à cama comigo tão freqüentemente como quero, e participar de todos meus esforços para conceber um herdeiro. - Como Catherine tinha a cara para um lado, ofegante se inclinou para lhe sussurrar ao ouvido. - Vou te dar agrada, a te satisfazer, vou seduzir te de pés a cabeça, e te vai encantar.

- É tão arrogante e absurdo, OH, por favor, não faça isso. - Ele estava percorrendo a orelha com a ponta de sua língua sedosa e úmida. Sem emprestar atenção a seus protestos, beijou-lhe e lambeu seu caminho com o passar do arco tenso de seu pescoço. - Não o faça - gemeu ela, mas ele tomou com sua boca ofegante, e deixou que sua língua jogasse ali também, e a sensação e o sabor e o aroma dele a faziam sentir-se bêbada. Pôs a provas seus braços ao redor de seu pescoço, e ela se rendeu com um débil gemido.

Depois que sua boca tinha sido saqueada, acariciada e explorada a fundo, Léo levantou a cabeça e a olhou com olhos aturdidos. - Quer escutar a melhor parte de meu plano? - perguntou com voz rouca. - Para fazer honesto contigo, vou ter que te corromper primeiro.

Catherine ficou consternado ao escutar sua própria risita entupida. - Não há dúvida de que é bom nisso.

- Superdotado - assegurou o - Meu truque é fazer o que mais você gosta e, a seguir te permitirei ter só um pouco disso. Te vou atormentar até que se sinta absolutamente miserável.

- Isso não soa nada agradável.

- Não o crie? Depois te surpreenderá quando me permitir fazê-lo de novo.

Catherine não pôde conter outra risita indefesa. Então os dois estavam imóveis, ruborizou-se, olhando-se fixamente o um ao outro.

ouviu-se sussurrar: - Tenho medo.

- Sei, querida - disse Léo com suavidade. - Mas terá que confiar em mim.

por que?

- Porque pode.

Seus olhares se encontraram. Catherine estava paralisada. O que ele pedia era impossível. Para entregar-se por completo a um homem, a qualquer, era um anátema a sua própria natureza. portanto, deveria ter sido fácil rechaçá-lo.

Só que quando ela tratou de formar a palavra "não", não pôde fazê-lo. .

Léo começou a despi-la, atirando da blusa bruscamente, e Catherine o deixou, é mais lhe ajudou, afrouxando os cordões com mãos trementes, levantando os quadris. Desabotoou-lhe o espartilho com destreza, com a familiaridade que tência com aquele objeto. Ele tinha pressa, entretanto. Foi lento e pausado enquanto lhe tirava as capas de tecido, uma por uma.

Por último Catherine estava coberta de nada mais que de um rubor, sua pele pálida tinha marcas temporárias que deixaram os borde do espartilho e as costuras de sua roupa. A

mão de Léo descendeu até seu ventre, com a ponta de seus dedos acariciando seus pontos sensíveis chegando a território inexplorado. Sua expressão era tenra quando a palma de sua mão escorregou em seu estômago... baixando brandamente até chegar a seus cachos íntimos.

- É loira. - sussurrou.

- É que não... Você gosta? - Perguntou timidamente, ofegando quando sua mão subiu a seu peito.

Houve um espionho de sorriso em sua voz. - Cat, tudo em ti é tão formoso, quase não posso respirar. - Seus dedos acariciavam seu seio, jogando com a ponta de cor rosa até que se tenso. inclino-se para ele e tomou em sua boca.

Seu coração deu um tombo para ouvir um ruído na planta baixa, um ruído que soava como os pratos quebrar-se no botequim, o tom de uma voz elevada. Era inimaginável que outros continuassem com seu ritmo de trabalho normal, enquanto que ela estava nua na cama com Léo.

Uma de suas mãos se deslizou por debaixo de seus quadris, para acoplá-la a sua ereção apanhada sob as calças. Ela gemeu contra seus lábios, sacudida por um intenso prazer, queria ficar apertada a ele para sempre. Ele a beijou profundamente, apertou-a contra o empurrando seu corpo em um ritmo constante levando-a a descobrir sensações novas, quando mas e mas ondas de prazer a invadiam... ele se separo dela. Catherine fez um som de protesto, por seu corpo dolorido pelo prazer não sufocado.

Léo se sentou e foi despojando-se de sua roupa, revelando um poderoso corpo masculino, forte e musculoso. Tinha pêlo no peito e um pouco mais abaixo, então noto seu que seu corpo estava preparado para acoplar-se com o seu e sentiu um nó no estômago pelos nervos. Léo voltou para ela recostando-se a seu lado. .

Ela o exploro timidamente, movendo os dedos sobre a pele Lisa de seu peito, encontrou a pequena cicatriz no ombro de seu percalço nas ruínas, Catherine apertou os lábios na zona e o ouviu suspirar, animada, avançou mais abaixo na cama e esfregou o nariz e a boca através do tapete suave de seu peito.

Tratando de recordar as instruções que faz muito tempo atrás lhe desse "Althea", ela tomo o membro ereto de Léo e se inclino para ele, A pele era tão fina e sedosa, como nada que havia sentido nunca. Timidamente se inclinou para beijá-lo com o passar do eixo e depois introduzi-lo em sua boca. Levantou a vista para calibrar sua reação, esperando com olhar interrogante.

Léo não estava respirando nada bem. Um tremor sacudiu sua mão quando a passou por cima de seu cabelo.- É a mulher mais adorável, doce...OH - ficou sem fôlego quando ela o beijou de novo, e riu com passo inseguro. - Não, amor, está bem. Não mais disso por agora. - Chego até ela e a atraiu para ele.

Ele foi mais exigente agora, mais autoritário, fazendo-a relaxar-se por completo. Que estranho que pudesse renunciar tão facilmente a todo seu controle com ele, quando tinham sido tão ferozes adversários. Separou-lhe as coxas com a mão, e sentiu algo

úmido percorrer sua intimidade antes que ele a tocasse. Tinha a cabeça inclinada para trás e fechou os olhos respirando profundamente quando o dedo de Léo se deslizou dentro dela.

Léo parecia desfrutar de sua resposta. Inclino sua cabeça para seus peitos, e utilizou seus dentes brandamente, lambendo e mordendo ao mesmo tempo que o impulso lento de seu dedo. Parecia todo seu corpo alinhado com esse ritmo de persuasão, cada tremor, pulso, o músculo, o pensamento, surgindo assim, uma e outra vez, até que a sensação se acumulo e um pico de prazer delicioso. Ela soluçava de excitação, montante as ondas de prazer deixando que a levassem para o clímax... e finalmente se afundou na debilidade tremente.

Ele se abatia sobre ela, ofegando, olhando a à cara atordoado. Ela o atraiu mais perto e sentiu a dureza de seu membro em suas partes íntima, o começou a pressionar seu sexo duro, inchado e quente contra a entrada de seu corpo, e uma dor aguda a surpreendeu, o se introduziu mais profundamente, lento e duro e implacável, até que esteve totalmente dentro de seu corpo, deteve-se para olhá-la e trato de acalmá-la com seus beijos, sua boca se deslizou brandamente sobre suas bochechas e garganta.

A intimidade daquele momento, a sensação de senti-lo dentro de seu corpo, foi impressionante. Ela se encontrou a si mesmo acariciando suas costas elegante. Murmurando seu nome, ela deslizou a palma de sua mão sobre seu flanco e lhe insistiu a continuar. Ele começou a pressionar com cautela, sentiu dor, e de uma vez algo que acalmava aquela pressão profunda, abriu-se a ele instintivamente, atirando dele para senti-lo mais perto.

Gostava dos sons que ele fazia, ao igual a seus gemidos e palavras entrecortadas, sua tosca respiração. Arqueamento os quadris com cada investida de Léo, rodeio a cintura dele com suas pernas para senti-lo mais profundamente, o tremeu e um grunhido saiu de sua garganta

- Cat, Cat... ... - Léo se retirou abruptamente de seu interior e derramo sua semente sobre o estomago dela. Abraçou-a com força, gemendo sobre seu pescoço.

ficaram assim, tratando de recuperar o fôlego. Catherine sentia, suas extremidades pesadas. A alegria a tinha invadido, como a água que penetra em uma esponja seca. No momento, ao menos, era impossível que se preocupasse com nada.

- É verdade - disse dormitada. – É muito bom nisto.

Léo se inclino para ela lentamente, como se o movimento lhe tivesse causado um grande esforço. Apertou os lábios em seu ombro, e ela sentiu que sorria sobre sua pele.
- Que deliciosa é – sussurrou -. Foi como fazer o amor com um anjo.

- Sem auréola - murmurou ela, e Léo Rio, toco-se a capa de umidade até morna sobre o estômago. - por que fez isso?

- me retirar, quer dizer? Não quero te embarçar se não estar preparada
- Quer filhos? Quero dizer... é pela cláusula do testamento, ou por ti?

Léo considerou que. – Não especialmente pela clausula. Entretanto contigo ... não me importaria

- por que comigo?

Tomando uma mecha de seus cabelos, Léo deixou que se escorregasse através de seus dedos, jogando com ele. - Não estou seguro. Talvez porque te vejo como uma mãe.

- Crie que eu poderia ser uma? – Catherine nunca se viu si mesmo dessa maneira.

- OH, sim. É do tipo que obrigaria a nossos filhos a comer nabos e a arreganhá-los por correr com objetos afiados.

- É assim como era sua mãe?

estirou-se, chegando aos pés dela bastante tempo depois. -Sim. E dou graças a Deus por isso. Meu pai, bendito seja, foi um estudante brilhante a um passo da loucura. Alguém tinha que ser sensato. - apóio-se em um cotovelo, observava-a. Com a gema do dedo polegar suavizava o arco da sobrancelha. - Não te mova, amor, vou por um trapo para ti.

Catherine esperou dobrando os joelhos, olhando ao sair da cama e dirigir-se ao lavabo. O tomou um pano, umedecendo-o com água de uma jarra, e se limpo a si mesmo de maneira eficiente. Tomando outro trapo, umedeceu-o com abundantemente água e o levou para ela. Catherine sentiu que tinha a intenção de atendê-la, mas ela tomou o tecido e disse timidamente: - Eu o farei.

Léo encontrou sua roupa esparramada pelo piso, ficou as calças e a roupa de cama, e voltou para o Catherine com o torso nu. – Suas lentes. - murmurou, ficando os com cuidado sobre o nariz. Suas mãos eram fortes e cálidas contra a frescura de suas bochechas úmidas. Ao ver o calafrio que se apodera dela, colocou-lhe a manta até os ombros, e sentou no bordo do colchão.

- Marks. - disse com sobriedade. - Com o que passou... posso tomar isso como um sim a minha proposta?

Ela vacilou, e sacudiu a cabeça. E então lhe dirigiu um olhar cauteloso mas firme, para indicar que não havia nada que pudesse fazer ou dizer para trocar de opinião. Sua mão encontrou a forma de seu quadril, lhe apertando através da colcha. - Prometo-te que tudo vai melhorar, uma vez que descanse e tenha tempo para...

- Não, não é por isso. Desfrutei-o. - Fez uma pausa, ruborizando-se com ferocidade. - Muito. Mas não quero que nos entendamos sozinho no dormitório, brigamos tão terrivelmente.

- Não será assim a partir de agora. Serei amável, deixar que ganhe cada discussão, inclusive quando eu seja o que tem a razão. - Seus lábios tremeram de diversão. – Não está convencida, por isso vejo. Teme que discutamos?"

Catherine olhou o edredom, alisando uma costura desfiada. - Está de moda entre a nobreza que o marido e sua esposa de tenham amantes. Eu nunca poderia aceitar isto. - Quando o abriu a boca para responder, ela continuou de forma precipitada. - E nunca ocultaste sua aversão ao matrimônio. É impossível de acreditar que tenha trocado de opinião tão rápido...

- Entendo. - a mão de Léo cobriu a dela em um apertão significativo. - Tem razão, estive contra a idéia do matrimônio desde que perdi a Laura. E inventei todo tipo de desculpas para não tomar esse risco de novo. Mas não posso negar por mais tempo que é uma mulher digna de amar, e não te proporia matrimônio a menos que não soubesse, sem lugar a dúvidas que pode satisfazer todas minhas necessidades, ao igual a eu as tuas - deslizou os dedos sob o queixo e a insistiu a olhá-lo. - Quanto à fidelidade - não tenho nenhuma dificuldade com isso. - Seu sorriso se voltou irônica. - Minha consciência está já carregada de tantos pecados de meu passado que não poderia agüentar um mais.

- Aborrecerá-te comigo - disse ela com ansiedade.

Isso lhe provocou um leve sorriso em seus lábios. - Obviamente não tem nem idéia da prodigiosa variedade de formas em que um homem e uma mulher podem entreter-se. Não me aborrecerei, nem seu tampouco. - Lhe acariciou a rosada bochecha com um dedo olhando-a fixamente. - Se fosse à cama com outra mulher, seria uma traição a ambos, minha esposa e eu. E não lhe faria isso a qualquer de nós. - Fez uma pausa.- Crie-me?"

- Sim – admitiu -. Sempre soube quando diz a verdade, embora incomode.

Houve um brilho de diversão em seus olhos. - Então, me dê sua resposta.

- antes de tomar qualquer decisão, eu gostaria de falá-lo com o Harry.

- É obvio. - Um sorriso se desenhou em seus lábios.- O se casou com minha irmã, agora eu quero me casar com a sua, se se opuser, direi-lhe que se trata de um trato justo.

Enquanto estava sentado inclinado sobre ela, com seu cabelo castanho escuro caindo sobre a frente, Cat não podia acreditar que Leio Hathaway estava tratando de convencer a de casar-se com ele. Embora estava segura de que dizia a verdade, a gente rompia as promessas feitas apesar da boa intenção nas manter.

Ao ler sua expressão, Léo estendeu a mão e atirou dela contra seu peito quente e duro. - Eu gostaria de lhe dizer que não tenha medo – murmurou - Mas isso não é sempre possível. Por outro lado... já começaste a confiar em mim, Marks, não tem sentido deter-se agora.

Capítulo 19

Ao inteirar-se de que os comilões privados no botequim estariam ocupados por algum tempo. Léo pediu que lhes enviassem uma bandeja a sua habitação, assim como água para um banho quente.

Catherine continuó dormindo debaixo da colcha enquanto esperava. moveu-se e piscou quando escutou a abertura de portas, sela movimentos de um lado a outro, o tinido de pratos e talheres, o golpe de uma tina grande ao ser colocada no chão. Noto que havia um peso em quente e peludo a seu lado. Dodger se tinha miserável debaixo da colcha e dormitando junto a seu ombro. Catherine lhe olhou, viu o brilho de seus olhos brilhantes e escutou um bocejo pequeno antes de voltar a fazer um novelo junto a ela.

Recordando que só levava em cima a camisa Leio, Catherine se escondeu debaixo da colcha aparecendo pelo bordo quando um par de garçonetes entraram carregando as coisas necessárias para o banho. Suspeitariam o que tinha ocorrido entre ela e Léo antes? preparou-se para uma escutar uma risada maliciosa ou receber um olhar acusador, talvez uma risada depreciativa, mas parecia muito ocupadas para fixar-se. Só faziam seu trabalho de maneira mecânica, esvaziaram os cubos sobre a tina, trouxeram os da água quente deixando preparado o banho. Uma das garotas deixou sobre um tamborete de três patas montões de toalhas dobradas.

As garçonetes tivessem saído da habitação sem nenhum incidente, salvo que Dodger, atraído pelo aroma da comida, saiu de debaixo da colcha. dê-se pé à altura da cama e olhou a bandeja do jantar na mesa pequena, seus bigodes meneando-se com alegria. “OH, linda, está-me dando fome!” parecia dizer sua alegre expressão.

Uma das criadas Miro ao Dodger, com a cara contraída pelo terror.

- Eeek! – Exclamo assustada assinalando ao gordinho bichinho enquanto tremia - É um rato ou um camundongo, ou...

- Não, é um furão - explicou Léo, em um tom razoável e tranquilizador - Uma criatura inofensiva e altamente civilizada, o mascote favorito da realeza, em realidade. Rainha-a Isabel tinha um furão, e era realmente uma criatura adorável.

A garçonte tinha recolhido um atiçador e o sustentava elevado à espera de um ataque.

- Dodger - chamo Catherine com voz suave -Vêm aqui

Dodger se deslizou até ela. antes de que pudesse lhe detê-lo aconteceu a língua pela bochecha em um beijo carinhoso.

Uma das garçonetes a olhou horrorizada, e a outra parecia doente.

Lutando para manter uma cara séria, Léo deu meia coroa a cada donzela e as convidou a sair da habitação. Quando a porta esteve fechada com chave, Catherine levantou o afetuoso furão de seu peito e o olhou com o cenho franzido.

- Você é a criatura mais problemáticos do mundo, e não é para nada civilizados.

- Aqui, Dodger - Léo colocou um prato de carne de vitela e alguns doces no chão para que comesse o furão. Enquanto que se entretinha devorando sua comida, Léo se aproximou até o Catherine e tomou seu a cara entre suas mãos suaves. Baixou a boca à sua em um beijo breve e quente. - O jantar ou o primeiro banho? – a jovem se sentiu mortificada ao escutar o ruído que fez seu estômago com um audível rugido. Léo sorriu – Ao parecer o jantar...

A comida consistiu em rodelas de carne em purê de batatas, e uma garrafa de vinho tinto forte. Catherine comeu com voracidade, chegando inclusive a limpar o prato com um pedaço de pão. Léo era um companheiro entretido, contando histórias divertidas, lhe fazendo confidências, enquanto se encarregava de preencher sua taça de vinho. À luz da

única vela que se deixaram sobre a mesa, sua cara era realmente formosa, com suas pestanas espessas criando sombras incandescentes sobre seus olhos azuis. Ocorreu ao Catherine que se tratava da primeira comida que tinha compartilhado alguma vez a sós com ele.

Alguma outra vez ela tivesse temido esta possibilidade, pensando que teria que estar em guarda cada segundo. Mas não havia nenhum conflito nesta conversação fácil. Como podia estar acontecendo?. Quase desejava que uma das irmãs Hathaway saísse de algum lugar próximo, para poder compartilhar este descobrimento ... Seu irmão e ela compartilhavam uma comida juntos sem discutir!

Tinha começado a chover no exterior, o céu se obscureceu de maneira rápida, leal aprecio da tormenta tinha feito desaparecer os sons da gente e cavalos e toda atividade no pátio de transporte. Inclusive vestida com um traje emprestado que Léo lhe tinha dado, Catherine se estremeceu e sentiu que sua pele se arrepiava.

- É hora de seu banho - disse Léo, enquanto jogava sua cadeira para trás.

Perguntando-se se teria a intenção de permanecer na sala, Catherine aventurou.

- Talvez possa me permitir um pouco de intimidade.

- Nem sonhe com isso - disse – Talvez necessite ajuda

- Posso fazê-lo sozinha. Preferiria não ser vigiada

- Meu interesse é puramente artístico. Imagino como Hendrickje Rembrandt Bathina, vadeando em águas da inocência.

- Puramente?- perguntou dúvida.

- Tenho uma alma muito pura. Não são mais que minhas partes privadas as que me colocaram em problemas.

Catherine não pôde conter a risada.

- Pode permanecer na habitação, sempre e quando te der a volta.

- De acordo – concedeu, foi parar se junto à janela.

Catherine olhou a tina com antecipação. Não acreditava ter desejado tanto um banho em outras ocasiões. depois de sujeitar o cabelo na parte superior de sua cabeça, despoja-se do traje, a camisa e os óculos, colocando-os sobre a cama, olhou com cautela a Léo, que parecia ter tomado um grande interesse no que havia no pátio de transporte. Tinha a janela uns aberta poucos centímetros, deixando que o ar com aroma de chuva entrasse a habitação.

- Não olhe – pediu com ansiedade.

- Não o farei. Embora realmente deveria descartar suas inibições – disse – Quanto único consegue é chamar à tentação.

deixou-se cair com cuidado na banheira maltratada.

- Eu diria que por hoje tive suficiente - suspiro de alívio quando a água encho com seus salpicaduras os dores de suas partes íntimas.

- Estaria encantado de poder ajudar.

- Não vais ajudar – advertiu

- É uma tentação - Ouviu-o rir.

Léo se manteve a distância enquanto Catherine tomava seu banho, olhando a chuva. depois de que ela se lavou e enxaguado, sentia-se tão cansada, que duvidava de sua própria capacidade para sair da banheira. Ao tratar de endireitar-se sobre suas pernas perdeu o equilíbrio enquanto tratava de esticar-se para tomar uma toalha dobrada do tamborete junto à banheira. Léo se aproximou dela com rapidez, tomou a toalha envolvendo-a a seu redor. Rodeando-a com seus braços em um casulo temporário, abraçou-a por um momento.

- Deixe dormir contigo esta noite – murmuro contra de seu cabelo havia uma interrogação em sua voz.

Catherine o olhou com curiosidade.

- O que faria se me negasse? Procuraria outra habitação?

Negou com a cabeça. - Preocuparia-me com sua segurança se estivesse em uma habitação diferente. vou dormir no chão.

- Não, vamos compartilhar o leito – disse ela apertando a bochecha contra seu peito totalmente relaxada. Que cômoda se sentia no oco de seus braços, pensou com assombro. Quão tranqüila e segura se sentia junto a ele.

- por que alguma vez foi assim antes? - perguntou pensativa. - Se tivesse sido como é agora, nunca teria discutido contigo sobre algo.

- Tratei de ser amável contigo uma ou duas vezes. Mas não o fiz bem

- Fez-o? Nunca me tinha fixado - sua pele, de um tom cor de rosa pelo banho, voltou-se um pouco mais escura. - Eu era aquecimento, desconfiada. E você ... foi tudo o que temia.

Os braços de Léo se ateram a seu redor. Olhou-a de forma pensativa, como se estivesse desenredando algo em sua mente. Os olhos azuis eram mais ardentes do que tinham sido alguma vez.

- Façamos um trato, Marks. A partir de agora, em vez de assumir o pior de nós mesmos, vamos tratar de assumir o melhor. De acordo?

Catherine assentiu com a cabeça, paralisada por sua doçura.

De algum jeito umas poucas frases singelas pareciam ter forjado uma mudança maior entre eles de tudo o que tinha ocorrido antes. Léo a soltou com cuidado. Ela caminhou à cama enquanto ele se banhava com estupidez em uma banheira que não poderia albergar a um homem de seu tamanho. deitou-se e o olhou sonolenta, enquanto sentia o acolhedor da tibieza de uma cama limpa e seca. E apesar de todos os problemas que lhe esperavam, afundou-se em um profundo sonho.

Em seus sonhos, voltou de novo para dia em que tinha completo os quinze. Tinha vivido sem seus pais durante cinco anos, com sua avó e tia Althea. Sua mãe tinha morrido durante esse tempo. Nunca soube com exatidão quando ocorreu este evento, ao não ter sido bem informado depois do fato. Tinha-lhe pedido Althea que lhe permitissem visitar sua mãe doente, e Althea tinha respondido que já tinha morrido.

Até sabendo de que sua mãe tinha sofrido uma enfermidade degenerativa mortal, sabendo que não havia esperança, a notícia a sotaque em estado de shock. Catherine tinha começado a chorar, mas Althea se havia posto impaciente e espetou

- De nada serve que chore. Ocorreu faz muito tempo

Isto tinha deixado Catherine com um sentido tão desconcertante de quão avançado foi o tempo. Não podia chorar adequadamente porque tinha perdido a oportunidade adequada para o duelo. Vivian em uma pequena casa no Marylebone, uma moradia miserável, mas respeitável se localizada entre o escritório de um dentista com uma réplica de um conjunto de dentes que penduravam de seu signo, e uma biblioteca de assinatura com o apoio de recursos privados. A biblioteca era regenteada por sua avó, que ia ali todos os dias a trabalhar.

Era o lugar mais tentador do mundo, esta grande edificação, com sua vasta coleção de livros e ocultos. Catherine tinha cuidadoso o lugar desde sua janela, imaginando o bonito que seria poder navegar entre as milhares de volúmenes a sua idade. Sem dúvida, no ar haveria aroma de pergaminho, a couro e pó do livro, um perfume literário que enchia as tranqüilas habitações. Havia- dito a Althea que queria trabalhar ali algum dia, uma declaração de que tinha ganho um estranho sorriso de sua tia, e uma promessa de que o faria sem dúvida.

Entretanto, apesar do claro sinal de que era uma biblioteca a que solo acudiam distinguidos cavalheiros, Catherine pouco a pouco se foi dando conta de que havia um pouco equivocado no lugar.

Ninguém ficava com nenhum dos livros.

Cada vez que Catherine mencionava esta incongruência, Althea e sua avó se converteu em umas tumbas, a mesma reação que tinha mostrado quando lhe perguntou se seu pai alguma vez voltaria por ela.

O dia que cumpriu os quinze anos lhe tinham dado dois vestidos novos. A gente era azul e um branco, com saias largas que ficavam até o chão, e as cinturas muito altos. A partir de agora, havia-lhe dito a tia Althea, levaria o cabelo recolhido e se comportaria como uma mulher. Já não era uma menina. Catherine tinha assumido esta promoção com orgulho e ansiedade, perguntando-o que caberia esperar dela agora que ela se converteu em uma mulher.

Althea tinha procedido a explicar-lhe com sua cara magra procurando as palavras, seu olhar não foi muito capaz de coincidir com a do Catherine. O estabelecimento do lado, como se suspeitava, não era uma biblioteca de empréstimo. Era uma casa de prostituição, pela que tinha trabalhado dos doze anos. Era uma ocupação bastante fácil, assegurou ao Catherine ... deixar que o homem fizesse o que quisesse, enquanto ela deixava que sua mente viajasse a outra parte, logo tomar o dinheiro. Não importa quais fossem seus desejos ou como utilizassem seu corpo, relativamente seriam poucas moléstias, sempre e quando não resistisse.

- Eu não quero fazer isso – tinha protestado Catherine, horrorizada ao ver os conselhos que lhe tinham dado.

Althea se tinha levantado arqueando suas sobrancelhas pintadas.

- Que mais crie que pode fazer? Crie-te apta para algo?

- Algo menos isso.

- Menina cabezota, Sabe quanto gastamos em sua manutenção? Tem alguma idéia do que nos há flanco te ter? É obvio que não, não acredito que saiba...mas agora é o momento de pagar.

- Me estas pedindo fazer algo que...

- Crie que é melhor que eu?-

- Não-disse Catherine, com as lágrimas de vergonha escorregando de seus olhos - Mas eu não sou uma prostituta.

- Cada um de nós nasceu com um propósito, querida – a voz da Althea era tranqüila, inclusive amável - Algumas pessoas nascem com privilégios, alguns são bentos com o talento artístico ou inteligência natural. Você, por desgracia, carece destes aspectos ... é médio inteligente, médio engenhosa, e não tem algum talento distinguible. herdaste a beleza, entretanto, e a natureza de uma prostituta. portanto, sabemos qual é seu propósito, Não é certo?

Catherine fez uma careta.

- Viver em meio disto, não significa que eu tenha as qualidades de uma prostituta.

- Está-te enganando, querida. Você é o produto de duas famílias de mulheres infieis. Sua mãe era incapaz de lhe ser fuel a ninguém. Os homens a encontraram irresistível, e ela não podia resistir a ser amada. E por nosso lado ... sua bisavó era uma alcahueta, e treinou a sua filha no negócio. Logo foi meu turno, e agora é o teu. De todas as garotas que trabalham para nós, você será a mais afortunada. Não estará com qualquer homem. Você será o astro de nosso pequeno negócio. Um homem de uma vez, por um período de negociação. vais durar muito mais tempo dessa maneira.

- Não posso fazê-lo – resistiu Catherine, mas logo se encontrou sendo vendida ao Guy, Lorde Latimer.

O era tão alheio a ela como todos outros homens, com seu fôlego ácido e a cara áspera e as mãos calosas. Tratando de lhe dar um beijo, colocando as mãos nas aberturas de suas roupas. Estava divertido por seu inútil luta, grunhindo em seu ouvido a respeito do que ia fazer com ela, e o odiava, aborrecia a todos os homens

- Não vou fazer te danifico ... se não brigar comigo ... – lhe havia dito Latimer agarrando suas mãos, obrigando-a a tocar sua virilha. – Isto te vai gostar, se que sabe muito pouco do que é, mas eu lhe mostrarei isso ...

- Não, não me toque, Não o faça, não...! - despertou chorando, empurrando lastimosamente contra um peito duro. Não!

- Cat, sou eu. Cala, sou eu - uma mão cálida acaricio suas costas. Ela ficou imóvel, com a bochecha úmida pressionada contra um tapete de pêlo suave. O som de sua voz era profunda e familiar.

- Meu lorde?

- Sim. Foi só um pesadelo. termino-se, deixa que te abrace.

Sua cabeça lhe pulsava com força. sentia-se débil e doente tão cheia de vergonha.

Léo a abraçou contra seu peito. Ao sentir a maneira que ela tremia, alisou-lhe o cabelo repetidamente.

- O que estava sonhando? - sacudiu a cabeça com um som afogado - Tinha que ver com o Latimer, Não?

depois de uma larga vacilação, ela se esclareceu garganta e disse: - Em parte.

Ele a acariciou formando círculos calmantes sobre suas costas, enquanto seus lábios se moviam por suas bochechas úmidas.

- Tem medo de que venha por ti?

Ela negou com a cabeça. – De algo pior

Muito brandamente lhe perguntou - Pode me contar?

Afastando-se dele, Catalina se fez um novelo, olhando na direção oposta.

- Não é nada, sinto haver despertado.

Léo se colocou atrás dela ajustando-se a seu corpo. Ela se estremeceu ante a sensação da pele junto ao comprido das costas, pernas largas e peludas perto dela, um braço musculoso que a abraçava. Todas as texturas, aromas e os pulsos dele a envolveram por completo, seu fôlego caindo sobre seu pescoço lhe mostrando quão extraordinário era a sensação de um homem junto a ela.

Estava mal encontrar prazer nisso. Tudo o que Althea lhe havia dito, era muito possível. Tinha a natureza de uma prostituta, desejo de atenção masculina ... era realmente a filha de sua mãe. Tinha reprimido e ignorado esse lado de si mesmo durante anos. Mas agora lhe mostrava com tanta segurança como um reflexo em um espelho

- Não quero ser como ela - sussurrou sem pensar.

- Como quem?

- Como minha mãe

Suas mãos se detiveram em seu quadril.

- Seu irmão me disse que definitivamente não é como ela - fez uma pausa - De que maneira tem medo de ser similar?

Catherine guardou silêncio, a respiração vacilante porque tratava de não afogar-se com uma nova quebra de onda de lágrimas. Foi sua perdição, com essa ternura renovada. Ela tivesse preferido a velha brincadeira de Léo. Parecia que não tinha defesas contra este novo homem.

Deu-lhe um beijo no oco detrás da orelha.

- Minha querida menina- sussurrou-lhe - Não me diga que se sente culpado por ter encontrado prazer no ato sexual?

ficou mais nervosa ao ver que tinha chegado a essa conclusão com tanta rapidez.

- Talvez um pouco - disse ela, com a voz quebrada
 - Meu deus, estou na cama com uma puritana! - Leio tomo seu corpo rígido e a tombo sobre o colchão colocando-a debaixo do, ignorando seus protestos - por que estaria mal que uma mulher desfrutasse?
 - Não acredito que seja mau para outras mulheres
 - Só para ti, então? - sua voz era suave mas tinha um toque sardônico. -por que?
 - Porque sou a quarta geração de uma família de prostitutas. E minha tia me disse que tinha uma inclinação natural para isso.
 - Todo mundo faz o amor, é a forma de reproduzir-se.
 - Não, para isso, para a prostituição.
 - Não existe tal coisa como uma inclinação natural para a venda da gente mesmo. A prostituição é uma situação forçada nas mulheres por uma sociedade que não permite às pobres mais opções para manter-se. E quanto a ti ... Nunca conheci a uma mulher menos disposta a isso - jogou com as mechas de seu cabelo enredado - Temo-me que não estou de acordo com sua lógica. Não há nada de mau em que uma mulher desfrute ao tocar a um homem ou ao ser tocada por ele, não tem nada que ver com a prostituição. Algo que sua tia te disse foi por pura manipulação e as razões para isso eram óbvias - sua boca desceu pela linha de seu pescoço, deixando um reguero de beijos ao longo da superfície tensa - Não posso entender que se sinta culpado – lhe disse - Especialmente quando está tão equivocada –
- Ela soluçou. - A moralidade não é um engano.
- Aí está o problema. Tem a moral, a culpa e o prazer mesclados – cobriu um de seus peitos com uma mão, cavando-o com ternura. A sensação pego na boca de seu estômago - Não há nada moral em negar o prazer, e nada de mau em desfrutá-lo-o sentiu sorrir contra sua pele - O que realmente precisa é desfrutar de várias noites de luxúria incivilizada comigo e terminaria por erradicar toda a culpa fora de ti. E se isso não funcionasse, pelo menos eu seria feliz - sua mão se passeio por seu corpo, seu polegar roçando o bordo superior dos cachos íntimos. Seu ventre tenso sob sua palma. Seus dedos se perdiam nas profundidades de seu corpo.
 - O que está fazendo? - perguntou ela
 - Te ajudar com seu problema. Não, não me agradeça isso, não é problema absolutamente - sua boca sorridente roçou a dela, movendo-se sobre ela de maneira sensual - Que palavra utilizaria para isto, amor?
 - Para que?
 - Para chamar a este doce lugar ... aqui - seu corpo bruscamente se arqueio ante sua suave carícia. Logo que podia falar.
 - Não tenho uma palavra para chamá-lo
 - Então, como refere a ela?
 - Não sei!
- riu em voz baixa. - Sei que há vários nomes. Mas os franceses, como é lógico, têm as melhores palavras para descrevê-lo, O chat.
- O gato? - perguntou, desconcertada.
 - Sim, um dobro significado para um felino e para a parte mais branda de uma mulher. Gato. Coño, a pele mais doce ... não, não seja tímida. me diga que animal doméstico é suas – suas palavras lhe roubaram o fôlego.
 - -Meu lord-protestou ela com voz débil.
 - Me peça o que queira e o farei – seus dedos continuaram atormentando o oco sensível detrás de seu joelho. Ela se trago um gemido.
 - Diga me havia isso persuasão em seu sussurro.

- Por favor - Léo beijou sua coxa, sua boca suave e quente, sua barba enche raspava sua pele de maneira excitante.

- Por favor, O que?

Malvado homem. Ela se retorceu e se cobriu a cara com as mãos, apesar de que estavam em completa escuridão. Sua voz foi afogada pela tela de seus dedos.

- Me acaricie, por favor - seu toque foi tão ligeiro que logo que pôde senti-lo ao princípio, agito-se debaixo do ele.

- Você gosta disto?

- Sim, sim ... - seus quadris se elevavam convidando-o a mais. Tocou as dobras de seu sexo, massageando delicadamente, localização o ponto que a fazia gemer. Acariciava-a de maneira tão hábil que todo seu corpo começou a tremer

- Que mais quer que te faça? - sussurrou, movendo-se para baixo na escuridão. Sentia seu fôlego sobre ela, sobre o calor de sua umidade, um sopro intermitente suave, seus quadris arqueados e tensas, sem vontade.

- Me faça o amor

Parecia arrependido de me fazer

- Não, está muito dolorida.

- Léo! – choramingou.

- Quer que te beije nesse lugar? Aqui? - seu dedo assinalo o ponto onde para erupção- Os olhos do Catherine olhos se abriram na escuridão. Aturdida e desorientada pela sugestão, umedeceu-se os lábios secos.

- Não... não sei - retorcia-se ao sentir que o respirava sobre o ponto onde se concentrava a umidade de seu corpo. – Sim...

- Peça-me isso bem.

- Te pedir o que? ... OH, não posso!

Os dedos que acariciavam seu corpo se detiveram.

- Nos vamos dormir, então? - tomou a cabeça entre as mãos.

- Não – sua voz era inexorável.

- Sabe como deve pedi-lo

Não pôde. As sílabas se entupiam em sua garganta ante tal vergonha, ela só podia gemer na frustração. Léo, soltou uma risita afogada contra sua coxa.

- Estou tão contente de que o encontre tão divertido – espeto com fúria.

- Sim - assegurou-lhe, sua voz cheia de risada. - OH, Marks, hoje fomos muito longe.

- Não te incomode - espetou ela, tratando de afastar-se, mas lhe cobriu as pernas com uma sua sustentando-a com facilidade.

- Não há necessidade de ser testarudo-insistiu ele. -Anda, diga-o para mim.

Houve um comprido silêncio. Tragou saliva e se obrigou a dizer: - me beije...

- Onde?

- Aí abaixo - conseguiu dizer com voz tremente - Em meu gato, por favor

Léo ronronou em aprovação.

- Vá que é uma garota travessa - sua cabeça baixo, e acariciou a suavidade de sua umidade, e sentia a boca coberta da parte mais sensível dela seus clitoris úmido, aberto, e o mundo prendeu fogo.

- É isto o que queria? - ouviu-lhe perguntar.

- Mais, mais! – suplico ela, ofegando. Sua língua riscou círculos ao redor de sua carne, saboreando-a. Seu corpo se tenso em resposta, quando a voluptuosidade se foi ampliando ao longo dela. cobriu-se na sensação úmida, cada passada de sua língua dava passo a um maior prazer. Suas mãos cavadas sustentando seu traseiro para empurrá-la para ele, ao encontro de sua boca.

estremeceu-se convulsionando-se, gritando, gozando do calor delicioso que enchia todo seu corpo. Sua boca ficou seca, sua respiração agitada como se resistisse a deter-se. Por um maravilhoso momento sentiu que a ponta de sua língua entrava nela o medo seus últimos tremores.

Logo sentiu como o ar frio com aroma de chuva entrava pela janela parcialmente aberta soprando sobre sua pele. Pensou que agora seria o turno de que Léo satisfizera suas próprias necessidades então se voltou para ele totalmente esgotada. Mas ele a emprego no oco de seu braço e atirou das mantas sobre ambos. Estava saciada e cansada, incapaz de manter-se acordada.

- Dorme - escuto-lhe sussurrar - E se tiver mais pesadelos ... as espantar com meus beijos.

Capítulo Vinte

A noite de chuva tinha cedido a uma manhã verde úmida. Léo despertou com os sons do pátio de transporte cobrando vida com o vime, o tinido e os cavalos. O ruído surdo dos passos que avançavam pelos corredores quando as pessoas abandonaram suas habitações e foram ao botequim em busca de seu mantimentos.

A parte favorita de Leio em uma entrevista romântica tinha sido sempre justo antes de fazer o amor. Parta-a que não gostava de era entretanto à manhã seguinte, quando devia despertar primeiro para sair sem causar ofensa a seu amante de volta.

Essa manhã, entretanto, era diferente de qualquer outra. Tinha aberto os olhos para descobrir que estava na cama com o Catherine Marks, e que não havia nenhum outro lugar no mundo onde queria estar. Ela até dormia profundamente, com a palma da mão para cima. Seus dedos estavam dobrados como os borda de uma orquídea. via-se tão formosa essa manhã, seu corpo depravado e ruborizado pelo sonho.

Percorreu seu olhar fascinado sobre ela, o nunca tinha crédulo tanto em uma mulher, mas sabia que seus segredos estavam a salvo com ela. E os dela com ele. Estavam conectados. Não importava o passado, seus dias de brigar tinham terminado, conheciam-se tão bem.

Por desgraça, a questão de seu compromisso matrimonial não estava de tudo resolvida. Léo sabia que Cat não estava tão convencida de que ele fora uma boa partida, por outra parte, Harry Rutledge ia dar sua opinião a respeito, e até agora a Léo estranha vez tinham gostado de suas opiniões, inclusive era possível que Harry respirasse ao Cat em sua idéia de viajar pelo continente.

Uma ruga se formou no cenho de Léo quando pensou em como tinha sido a vida do Catherine desprotegido até agora. Como poderia uma mulher tão digna de afeto ter recebido tão pouco? Queria compensar tudo o que tinha passado por cima. Queria lhe dar tudo o que ela não tinha tido. Teria que ser muito convincente para que aceitasse sua proposta matrimonial.

O rosto do Catherine se via tão tranqüilo, com os lábios entreabertos. Acurrucada entre os lençóis brancos, com seu cabelo cor ouro esparramado sobre o travesseiro e os ombros, parecia um doce colocado em meio de redemoinhos de nata batida.

Houve um movimento aos pés da cama, Dodger se encarapitou até a esquina do colchão e se deslizou ao lado do Catherine, ela se moveu e bocejou, buscou-o para acariciá-lo. O furão curvo a cauda e fechou os olhos.

Catherine despertou lentamente, estirando seu corpo como um gato, olhou a Léo com assombro, claramente perguntando-se por que ele estava ali com ela. Era um olhar de inocência, os formosos olhos cinza mar o contemplavam enquanto sua mente se esclarecia. Vacilante lhe pôs uma mão fria na bochecha, acariciando a barba que tinha crescido durante a noite. Sua voz era baixa e pergunta. - É tão áspera como o ouriço do Beatrix.

Léo lhe beijou a palma.

Catherine o miro com cautela sua respiração se agito em seu peito quando pergunta - Vamos a Londres hoje?

- Se.

Ela guardou silêncio durante um momento. - Ainda quer te casar comigo? - perguntou bruscamente.

O manteve sua mão na sua. - vou insistir nisso.

Seu rosto estava de perfil assim não podia vê-lo os olhos. - Mas... eu não sou como Laura.

Léo se assustou um pouco pelo comentário. - Não - disse ele com franqueza. Laura tinha sido o produto de uma família amorosa, uma vida idílica em um pequeno povo. Ela nunca tinha conhecido nada como o medo e a dor que tinham dado forma à infância do

Catherine. – Parece-te com a Laura não mais do que me pareço eu ao menino que era então. - continuou. - É relevante?

- Talvez seria melhor se te casasse com alguém como ela. Alguém que... - deteve-se.

Léo se voltou e se apoiou em um cotovelo, olhando seus míopes olhos azul-cinzas.

- Alguém a quem ama? - Terminou por ela, e a viu franzir o cenho e morder o lábio inferior com incerteza. Queria morder brandamente e chupar essa boca perfeita como se fora uma ameixa fresca. Em troca, riscou o bordo de seu lábio inferior brandamente com um de seus dedos. - Disse-lhe isso antes, volta-me louco... – disse. – Imoderado, ciumento, possessivo... estou absolutamente louco por ti.

Deixou que o dorso dos dedos se deslizassem sobre o queixo e na parte frontal de seu pescoço, onde sentiu o veloz ritmo cardíaco. Não era ingênuo ante os signos da excitação feminina, deslizou sua mão sobre seus peitos, roçando com a gema a dureza de seu mamilo. - Se eu te amasse, Cat, eu gostaria de te ter para o café da manhã, o almoço e o jantar. Nunca te deixaria em paz.

- Eu gostaria de estabelecer limites, e quero que tome em conta. – Ela fez um movimento com a mão afastando ao furão. – Quer uma mão firme, isso é tudo.

Molesto pela perturbação, Dodger se deslizou da cama indignado e foi se saltar à mala do Catherine.

Léo acariciou a curva de seu peito e lhe acariciou a ponta com a língua. - Talvez tenha razão – disse, lhe agarrando a mão, levando-a até seu membro ereto.

- Eu... Não quis dizer...

- Sim, sei. Mas sou uma pessoa de mente literal. - ensinou-lhe a acariciá-lo, guiando-a na forma que gostava que o tocassem, logo, ambos se tornaram sobre a cama com a respiração agitada. Quantas vezes tinha fantasiado Léo este momento, com a afetada e dissimulada Marks nua com ele na cama. Acariciando com seus dedos largos e pálidos seu sexo inchado. Foi glorioso.

Sua mão se esticava sobre seu sexo rígido e a deliciosa pressão foi quase impossível de suportar, ia explorar em qualquer momento.

- Deus... não, não, espera... - o afastou sua mão com um sorriso ofegante.

- Fiz algo mal? - perguntou Catherine com ansiedade.

- Não, absolutamente, amor. Mas por uma vez espero durar mais de cinco minutos, especialmente antes de que a dama este satisfeita. - Tomou seus peitos e os acariciou brandamente. - Que formosa é. te recoste sobre os travesseiros e deixa que beije seus peitos. - Como ela titubeou, lhe deu um beliscão brincalhão no mamilo.

Ela se sacudiu pela surpresa.

- Belisque-te muito forte?. - perguntou Léo arrependido, o olhar concentrado em seu rosto. - Então, faz o que te peço, e acalmar a dor. - Não lhe aconteceu despercebido seu

dobro pisco, ou a alteração do ritmo de sua respiração. Tendeu as mãos e as passou lentamente sobre as magras curvas de seu corpo.

- É insuportável. - disse-lhe ela de maneira desigual. Entretanto, obedeceu à pressão alentadora de suas mãos, e subiu lentamente por cima dele. Era ligeira e flexível, sua pele como a seda, sentiu o roce de seus cachos loiros contra seu estômago.

Seus mamilos já estavam duros quando Leio os meteu na boca. Jogou com eles, arrastando a língua através deles, desfrutando dos sons indefesos que subia de sua garganta.

- me beije. - disse, deslizando uma mão detrás de seu pescoço, atirando de sua boca à sua. - E ponha seus quadris sobre as minhas.

- Deixa de dar ordens. - protestou ela sem fôlego.

Em um impulso, Léo decidiu provocá-la com um sorriso arrogante roso seus lábios. - Aqui na cama, eu sou o professor. Vou dar as ordens, e seu as vais obedecer sem perguntar - Fez uma pausa deliberada, arqueando as sobrancelhas.- Entendido?

Catherine ficou tensa. Léo nunca tinha desfrutado tanto como ver sua luta interior entre a indignação e a excitação. Respirava agitadamente e a seguir, seu corpo parecia ter perdido toda sua tensão. - Sim - disse ao fim não de tudo capaz de resistir seu olhar.

Léo sentiu seu próprio coração pulsar desbocado. - Boa garota. - disse com voz pastosa. - Agora abre suas coxas para que me possa sentir dentro. E ela obedeceu.

O parecia aturdido, um pouco perdido, com o olhar sobre a do Catherine observando suas reações ante ele. Seus olhos brilhavam, desejava ir além da imaginação, descobrir e satisfazer todas suas necessidades.

- Ponha sua mão sobre seu peito. - disse - E leva-o a minha boca.

Ela se inclinou sobre ele para lhe obedecer, tremendo. E então ele era o que estava perdido, absorvendo fortemente a suavidade de seu doce peito. Perdeu a consciência de tudo, solo perduro o instinto, a intenção primitiva de conquistar, possuir.

Fez-a ajoelhar-se sobre ele, e seguiu a umidade lhe embriaguem com aroma de sal da entrada suave de seu corpo. Aprofundando com a língua, rastreou e lambeu até que sentiu que os músculos largos, finos de suas coxas apertavam de maneira rítmica.

Com um rouco murmúrio, Léo salvo a distância e a pôs escarranchado sobre seus quadris. Ele mesmo se ajusto contra a fenda suave de seu sexo e estreitou a cintura para sustentá-la. Ela se estremeceu quando entendia o que queria.

- Pouco a pouco - murmurou enquanto se acomodava sobre ele. - Segue para baixo. - Logo que conseguiu sufocar um gemido agônico quando a sentiu apertar a seu redor, sua carne torcida que atirava dele afundando-o em seu interior. Nada que houvesse sentido antes tinha sido alguma vez tão bom -OH, doce Jesus ... toma-o tudo."

"Não posso." Ela se retorceu e ficou imóvel, olhando-o desgostada.

Era inconcebível que Léo pudesse encontrar diversão neste momento, quando seu corpo era torturado pelo desejo. Mas estava tão adoravelmente torpe escarranchado sobre ele. De algum jeito trato de reprimir uma gargalhada, Léo pôs suas mãos sobre ela, acariciando-a - Se puder - disse com voz rouca - Ponha suas mãos em meus ombros, e inclina seu doce corpo um pouco para frente.

- É muito.

- Não o é.

- É-o.

- Eu sou o experiente. Você a novata, Recorda?

- Isso não troca o fato de que é muito ... OH.

Em algum momento em meio de seu debate, o pressionou seu corpo contra o dela salvando a distância que até os separava. Seu corpo se deslizou plenamente no dela, ficando totalmente unidos.

- Ah - disse ela de novo, seus olhos médio fechados, sua pele se tinjo de um rubor completo.

Léo sentiu como um clímax explosivo rodava dentro do, só um pouco de estimulação eram suficientes para chegar a esse ponto irresistível. O corpo do Catherine se esticou ao redor dele com um ritmo voluptuoso que ameaçava voltando-o louco. Ela se moveu com cautela, a deliciosa fricção lhe causava sensações irresistíveis.

- Cat, espera - de sussurrou através de seus lábios secos.

- Não posso, não posso ... - ela se moveu de novo, e se arqueou como se estivesse montando um potro de tortura.

- Permanece quieta.

- Estou tratando - mas ela tinha começado a mover-se por instinto, gemia e tomou o ritmo, vendo a linha de seus lábios com gritos encantados de assombro, e ao sentir os espasmos alcançá-la, as sensações chegaram a ela muito capitalistas para que as pudesse resistir.

Com um esforço titânico, Léo se retirou e derramou seu prazer sobre as savanas, enquanto que seu fôlego assobiou entre os dentes apertados. Cada músculo gritou em sinal de protesto por ter sido privado do calor exuberante que lhe tinha encerrado. Ofegando, piscando frente a uma chuva de faíscas, Léo sentiu ao Catherine acurrucarse contra ele.

Uma de suas mãos chegou até seu peito, pressionando-a sobre seu coração que pulsava com força. Ela apertou os lábios contra seu ombro.

- Não queria que te detivera - sussurrou.

- Eu tampouco - envolveu seus braços a seu redor, e sorriu com tristeza contra seu cabelo - Mas esse é o problema com o coitus interruptus. A gente sempre tem que sair na estação antes de chegar ao destino final.

Capítulo Vinte e um

Léo o propôs duas vezes mais ao Catherine durante a viagem a Londres. Ela se negou em ambas as ocasiões, decidida a proceder de maneira sensata discutindo antes de mais nada a situação com seu irmão. Quando Leio assinalou que fugir em meio da noite do Ramsay House não podia ser tomado como um comportamento sensato, ela se desculpou dizendo que talvez não deveria ter atuado com tanto ímpeto.

- Por muito que me custe admiti-lo - disse a Léo quando a carruagem atravessava o caminho de correios – Devo dizer que não estive em meu são julgamento devido ao baile. Foi um shock ver lorde Latimer tão inesperadamente. E quando ele pôs suas mãos sobre mim, senti-me como se fora uma menina assustada de novo, tudo o que pôde pensar foi escapar - Fez uma pausa reflexiva – Mas me consolava o fato de pensar que tinha ao Harry.

- Também tinha a meu - protesto Léo em voz baixa.

Ela o olhou com assombro. - Não sabia.

- Sabe agora.

“me deixe ser seu irmão maior” lhe tinha pedido Harry ao Catherine em sua última reunião no Hampshire, deixando em claro que queria ter o tipo de relação familiar do que nunca tinham sido capazes antes.

Com não pouca inquietação, Catherine pensou que estava a ponto de provar sua afirmação muito antes que qualquer dos dois o tivesse esperado. E até eram virtualmente desconhecidos. Mas Harry tinha trocado muito durante o curto tempo de seu matrimônio com o Poppy. Era muito mais amável e mais tenro agora, e certamente disposto a pensar no Catherine como algo mais que uma meia irmana.

Ao chegar no Hotel Rutledge, Léo e Catherine se apresentaram imediatamente nos suntuosos apartamentos privados que Harry e Poppy compartilhavam.

De todos os Hathaways, Poppy era a pessoa com a que Catherine se havia sentido sempre mais cômoda. Poppy é uma moça e cálida que amava a ordem e a rotina. A sua era uma essência, ensolarada e de aceitação pela natureza, proporcionando um equilíbrio necessário à intensidade impulsionada pelo Harry.

- Catherine! - exclamou, abraçando-a, depois se apartou para olhá-la com preocupação.

- O que faz aqui? passou algo mau? Estão todos bem?

- Sua família está muito bem - explico Catherine a toda pressa. - Mas ocorreu algo Tubo que abandonar meu posto com os Hattaways - sua garganta se fechou por um nó

Poppy Miro a Leio com o cenho franzido.

- Tem-lhe feito algo?

- por que me pergunta isso?

- Porque se houver problemas de qualquer tipo, você deve estar envolto.

- É verdade. Mas esta vez eu não sou o problema, se não a solução.

Harry se aproximou deles nesse momento, seus olhos verdes estavam entrecerrados.

- Se sua for a solução, Ramsay, estou aterrorizado de escutar qual é o problema.

Dirigiu um olhar alerta ao Cat e a atraiu para ele para estreitá-la em um abraço protetor.

- O que passa Cat? - perguntou-lhe perto do ouvido. - O que aconteceu?

- OH, Harry – balbuciou – Lorde Latimer chegou ao baile que se deu no Ramsay House.

- Encarregar-me disso – respondeu sem duvidá-lo, com a segurança de quem se sente seguro de si mesmo - Eu me ocuparei de ti
Catherine fechou os olhos e deixou escapar um suspiro lento.

- Harry, não sei o que fazer.

- Fez bem em ir para mim. vamos resolver isto juntos - Harry levantou a cabeça e olhou a Léo. – Suponho que Cat te falou que o Latimer.
Léo o olhou sombrio.

- Me acredite que se tivesse conhecido algo da situação antes, o não se teria aproximado dela
Harry manteve ao Catherine no oco de seu braço quando se voltou para Léo.

- por que carajos o maldito filho de puta se encontrava entre seus convidados ao Ramsay House?

- Sua família foi convidada como amostra de cortesia acorde com sua posição social no Hampshire. Ele veio em seu lugar. depois de que tratou de levar-se pela força ao Marks assinale seu lugar e o pus de patinhas na rua. Asseguro-te que ele não voltará sequer para tentar lhe pôr um dedo em cima.
Os olhos do Harry brilharam perigosamente. - vou fazer que se arrependa de havê-lo feito sequer. Para amanhã de noite o vai desejar estar morto.
Catherine sentiu uma pontada no estômago. Harry era um homem de grande influencia. Além disso por seu trabalho no hotel tinha acesso a uma grande quantidade de informação altamente confidencial e valiosa. O que Harry tinha em mente provavelmente era utilizado para iniciar guerras, fazer cair reino, destruir famílias e desmantelar o sistema financeiro britânico.

- Não, Harry – interveio Poppy. - Se o que estas planejando é fazer que Lorde Latimer apareça assassinado ou mutilado, vais ter que pensar em outra coisa.

- Eu gosto do plano do Harry – conveio Léo.

- Não é um tema que entre a debate - informou-lhe Poppy - Venham, vamos sentar nos a discutir alternativas razoáveis - olhou ao Catherine . – Deve estar morta de fome depois de viajar desde tão longe. Chamarei o serviço para que nos tragam um pouco de chá e alguns sanduíches.

- Não te incomode por mim, obrigado - apressou-se a dizer Catherine - Eu não quero

- Sim, ela quer comer algo – a interrompeu Léo - Somente tomo pão e chá para o café da manhã.

- Não tenho fome - protestou Catherine.
Ele respondeu lhe lançando um olhar molesto e implacável. Foi uma experiência nova, ter a atenção de alguém para os detalhes mundanos de seu bem-estar, tendo em conta o que ela tinha comido no café da manhã. Analiso o sentimento, provou-o, e o encontrou extrañamente agradável, inclusive quando resistiu à idéia de que lhe dissessem o que ténia o que fazer.
Essa pequena interação foi muito similar a mil casos que tinha visto entre a CAM e Amelia, ou Win e Merripen , a forma em que os uns se preocupavam com as outras. depois de que o serviço de lhe foi enviado, Poppy voltou para a sala privada. Sentados ao lado do Catherine no canapé de veludo,

- nos diga o que aconteceu, querida. Sabia Lorde Latimer sobre os planos do baile?

- Não, o baile tinha estado em marcha há algum tempo ... - Catherine conto os acontecimentos da noite em um rápido resumo com as mãos crispadas sobre o regaço - O problema é – disse ela - que não importa como tratemos de silenciar a Lorde Latimer,

o passado se fará público. Um escândalo vem, e nada o deterá. A melhor maneira de arrojar água sobre as chamas para mim é voltar a desaparecer.

- Um novo nome, uma nova identidade? - perguntou Harry, e meneou a cabeça - Não pode continuar vivendo assim para sempre, Cat. Esta vez devemos enfrentá-lo juntos como o devemos ter feito faz anos - beliscou-se a ponte do nariz, revolvendo várias opções em sua mente – O primeiro que veio à mente é te reconhecer publicamente como minha irmã.

Catherine sentiu que tragava cinza. A gente se voltaria vorazmente curiosa quando se inteirasse de que o misterioso Harry Rutledge tinha uma irmã perdida. Estava bastante segura de que não seria capaz de suportar o escrutínio e as perguntas.

- A gente me conhece como a preceptora dos Hathaways - disse ela com voz sufocada – Todos se perguntassem por que a irmã de um rico hoteleiro teria aceito essa posição.

- Que digam o que queiram - disse Harry.

- Mas não falasse bem de ti. – falou Léo secamente - Com as companhias de seu irmão, Marks, lhe veras envolta em rumores pouco adulator.

A forma familiar com que se dirigiu a jovem provocou que os olhos do Harry se estreitassem

- Parece-me interessante – falou dirigindo-se ao Catherine - Chegou a Londres com o Ramsay como Seu companheiro de viagem. Quando decidiram viajar juntos? E que hora foi ontem de noite, para chegar a Londres antes do meio-dia?

Toda a cor que tinha deixado a cara do Catherine com antecedência retornou rapidíssimo em um rubor.

- Eu ... hei ... - olhou a Léo, quem tinha adotado uma expressão de interesse inocente, como se ele também queria escutar sua explicação. - Fui por minha conta ontem pela manhã - as arrumou para dizer, dirigindo seu olhar de novo ao Harry Este se inclinou para diante, com o cenho franzido para observar seu rosto.

- Ontem pela manhã? Onde passou a noite?

Ela elevou o queixo e tratou de sondar a matéria.

- Em uma estalagem de trens.

- Tem alguma idéia de quão perigosos são esses lugares para uma mulher sozinha? perdeu por completo o sentido comum? Quando penso no que pôde te haver acontecido ...

- Ela não estava sozinha – afirmou Léo.

Harry o olhou com incredulidade. Foi um desses silêncios que era muito mais eloqüentes que as palavras. A gente quase podia ver como trabalhava o cérebro do Harry como quando se enfrascava em construir objetos a escala nesse passatempo tão entretido em seus momentos livre. Também pôde ver o momento em que chegou a uma conclusão precisa e muito desagradável.

Harry se dirigiu a Léo em um tom que ao Catherine congelou os ossos.

- Ainda você não te aproveitaria de uma mulher assustada e vulnerável que acaba de sofrer uma comoção.

- Seu alguma vez se preocupou por ela - respondeu Léo - Por te incomoda tão agora?

Harry ficou de pé, com os punhos apertados.

- OH, querido - murmurou Poppy. – Harry...

- Compartilhou uma habitação com ela? – bramo Harry olhando a Léo. - Uma cama?

- Esse não é assunto tua Verdade?

- Dá a casualidade de que é minha irmã e se supunha que seu deveria protegê-la, não abusar dela

- Harry - interrompeu Catherine – O não o fez.

- Poucas vezes estou disposto a escutar conferências sobre a moral - disse Léo ao Harry – Sobre tudo quando esta é dada por alguém que sabe ainda menos que eu sobre ela

- Poppy – falo Harry com o olhar cravado em Léo, como se estivesse contemplando ao homem que vai assassinar - Você e Cat devem sair desta habitação.

- por que devo ir quando eu sou o tema de discussão? - perguntou Catherine - Não sou uma menina

- Vamos, Catherine – lhe pediu Poppy em voz baixa, dirigindo-se à porta – As bravatas e os golpes são sua maneira varonil de arrumar as coisas. Você e eu poderemos ir a algum lugar onde possamos discutir seu futuro com sensatez. Isto pareceu ao Catherine uma excelente ideia. Seguiu ao Poppy fora da sala, enquanto que Harry e Léo seguiam olhando-se um a outro com frio desafio.

- vou casar me com ela - disse Léo.

Harry ficou pálido

- Vocês dois se aborrecem mutuamente.

- chegamos a um acordo.

- Aceitou-te?

- Ainda não. Ela queria falar contigo primeiro.

- Graças a Deus!. Porque lhe direi que é a pior ideia que lhe ocorreu nunca.

Léo arqueou uma sobrancelha. - Dúvidas de que possa protegê-la?

- Duvido que possa proteger a dos que tentam lhe fazer danifico! Duvido que possa fazê-la feliz quando não sabe sequer que é o que quer. Duvido ... não, não me incomodarei te fazendo uma lista de todas minhas preocupações, seria muito larga e sangrenta –os olhos do Harry se tornaram frios - A resposta é não, Ramsay. vou fazer o necessário para manter ao Catt a salvo, você pode retornar ao Hampshire.

- Temo-me que não te será tão fácil te desfazer de mim – advertiu Léo - Talvez não te deu conta que não vim a pedir sua permissão. Não há outra opção aconteceram algumas costure que não se podem desfazer. Entende?

Viu a expressão do Harry e soube que só umas frágeis limitações se interpunham entre ele e uma morte segura.

- Seduziu-a de forma deliberada? - conseguiu dizer Harry.

- Sentiria-se mais feliz se te assegurasse que foi um acidente?

- O único que me faria feliz seria que o peso de umas rochas lhe afundassem no Támesis

- Entendo-o. Inclusive me simpatiza. Não me posso imaginar como seria fazer frente a um homem que comprometeu a sua irmã, quão difícil seria evitar cometer um assassinato. Ah, mas espera... - Léo se tocou o queixo com o dedo indicador pensativo – Não preciso imaginá-lo, porque eu o experimentei faz dois meses com sangue. Os olhos do Harry se estreitaram. - Isso não era o mesmo. Sua irmã ainda era virgem quando me casar com ela.

Léo lhe dirigiu um olhar de arrependimento. - Quando comprometo a uma mulher, cumpro com meu dever.

- Isso sim - murmurou Harry, saltando sobre ele para propinarle um murro na cara. estrelou-se contra o estou acostumado a rodando olhando-o assombrado. Embora Harry conseguiu tombar a Leio no chão, a grossa atapeta tinha absorvido a maior parte do impacto. Harry procurou dar um novo gancho mas Léo se agachou e atirou para sua barba livre. Rodaram duas vezes, intercambiando golpes, com objetivos como a

garganta, os rins, o tórax. E tipo de briga que pelo general se levou a cabo nos becos dos tugúrios.

- Não vais ganhar esta, Rutledge - ofegou Léo escapando de seus punhos para ir-se direto a seus pés. - Não sou um de seus sócios de esgrima, pálido e delicado - evitou uma direita dura e lhe deu um golpe dos seus - aperfeiçoei minha técnica em todos os infernos de jogo e os botequim de Londres - se finito um golpe com a esquerda e seguiu com um gancho de direita com uma repercussão que se estrelo na mandíbula do Harry - E além de todo isso, vivo junto ao Merripen, quem tem uma direita que é tão letal como a patada de uma mula

- Alguma vez deixa de falar? - Harry lançou um contragolpe e deu um passo atrás antes de que Léo pudesse tomar represálias.

- Chama-se comunicação. Deveria prová-lo alguma vez. - exasperado, Leio sob o guarda ficando indefeso - Sobre tudo com sua irmã. Alguma vez te tomaste a moléstia de escutá-la? Maldita seja, homem, chegou a Londres com a esperança de encontrar algum tipo de conselho ou consolo fraternal, e o primeiro que faz é enviá-la fora da habitação.

Harry baixou os punhos cobrindo a Leio com um olhar condenatório, mas quando falou, sua voz estava carregada de auto-condena.

- Falhei-lhe durante anos. Crie que não sou consciente de tudo o que pude ter feito por ela, mas não o fiz? vou fazer todo o possível para expiar minhas culpas. Mas maldita seja, Ramsay ... o último que necessitava nesta situação era que lhe arrebatasse sua inocência quando não podia defender-se.

- Era exatamente o que ela necessitava.

Harry sacudiu a cabeça com incredulidade.

- Maldita seja! - se passado uma mão pelo cabelo negro, e soltou uma gargalhada peculiar estrangulada - Eu não gosto de discutir com um Hathaway. Todos vocês dizem loucuras como se se tratasse de um pouco perfeitamente lógico. É muito cedo para um o brandy?

- Absolutamente. Sinto-me muito sóbrio para esta conversação.

Harry foi a um aparador e tirou dois copos.

- Embora o entendo - disse - Poderia me explicar por que ser desflorada por ti pode representar algo benéfico para minha irmã.

Tirando o casaco, Léo o penduro sobre o respaldo da cadeira e se sentou.

- Marks viveu isolada e só durante muito tempo.

- Ela não esteve sozinha, esteve vivendo com os Hathaways.

- Mesmo assim, ela ficou olhando como perdia a sua família com o nariz pego contra a janela, como um órfão de Dickens. Um nome falso, a roupa cinza, o cabelo tingido ... ocultou sua identidade durante tanto tempo que quase não sabe quem é. Mas a verdadeira Catherine surge quando está comigo. consegui fazê-la baixar o guarda.

Falamos o mesmo idioma, se seu o entender - Léo fez uma pausa, olhando no torvelinho brilhante de seu brandy - Marks é uma mulher contraditória, e entretanto, quanto mais a conheço, essas contradições tomam mais sentido. passou muito tempo nas sombras. Não importa se tratar de convencer-se do contrário ela quer pertencer a algum lugar, parte-se de alguém. E sim, ela quer a um homem em sua cama. A mim em particular - Tomando o conhaque que Harry lhe entregou, Léo o bebeu de um sorvo - vai crescer comigo. Não porque seja um exemplo de homem virtuoso, jamais pretendi sê-lo. Mas sou o homem correto para ela. Não me intimida sua afiada língua, e não pode me dirigir. E ela sabe. Harry se sentou perto e bebeu seu brandy próprio. Observou Léo pensativo, tratando de avaliar sua sinceridade, tratando de julgar sua veracidade.

- O que faria se ela te aceita? - perguntou em voz baixa - Conforme tenho entendido, deve te casar e engendrar um filho quanto antes. Se Cat for incapaz de te dar um filho, os Hathaways perderão Ramsay House.

- sobreviveremos a coisas muito piores que perder uma casa. Casarei-me com o Marks e correrei o risco.

- Talvez estas provando as águas - disse Harry, com o rosto inexpressivo – Tratado de averiguar se for fértil antes de te casar com ela.

Ofendido imediatamente, Léo se obrigou a recordar que estava tratando com a legítima preocupação de um irmão por sua irmã.

- Importa-me um nada se ela for fértil ou não – respondo sem alterar-se. - Se isto mitigar suas preocupações, esperaremos todo o tempo necessário assim expire essa ridícula clausula que nos faria perder a casa.

- E o que há a respeito do que Cat deseja?

- Isso depende dela. Posso fazer frente a Latimer, tenho-o feito já e sou consciente que tenho vantagem frente a ele. Usarei-o se começar a causar problemas. Mas o melhor amparo que posso lhe oferecer a ela é meu nome – ao terminar seu brandy, Leio sotaque a taça vazia a um lado - O que sabe de sua avó e sua tia?

- A velha bruxa morreu não faz muito tempo. A tia, Althea Hutchins, dirige lugar agora. Enviei a meu ajudante Valentín para fazer uma investigação da situação, e voltou um pouco doente. Ao parecer, em um intento por reviver negócio, a Sra. Hutchins converteu o bordel, em um lugar onde abundam as depravações. As desafortunadas mulheres que trabalham ali são pelo general contratadas em outros bordéis - Harry terminou seu conhaque - Parece que a tia está doente, muito provavelmente de alguma enfermidade contraída no bordel

Léo o olhou alerta.

- O há dito ao Marks?

- Não, e não acredito que queira sabê-lo.

- Ela tem medo – murmuro Léo em voz baixa.

- Do que?

- Pelo que quase foi dela. Das coisas Althea lhe disse.

- Por exemplo?

Léo sacudiu a cabeça. – Disse-me isso em confiança - sorriu fracamente notando a Moléstia óbvia do Harry.- Conheceste-a durante anos, Rutledge? Do que em nome de Deus falavam quando estavam juntos? Impostos? O tempo? – ficou de pé para recolher seu casaco - Se me permitir, vou alugar uma habitação.

Harry franziu o cenho. - Aqui?

- Onde mais?

- O que acontece a terraço que aluga pelo general?

- Esta fechada durante o verão. Mas inclusive se não o estivesse, ainda pretenderia ficar aqui. - sorriu ligeiramente - Tenha em conta que esta é uma grande oportunidade para experimentar a alegria de uma família unida.

- Foi uma alegria muito major quando a família ficou no Hampshire - disse Harry enquanto Leio deixou o apartamento.

Capítulo Vinte e dois

- Harry tinha razão em algo - disse Catherine ao Poppy enquanto caminhavam pelos jardins na parte traseira do hotel.

Em contraste com a preferência moderna na jardinagem romântica, com camas de flores que pareciam ter surto de forma espontânea, e os caminhos estabelecidos em serpenteantes curva, os jardins do Rutledge eram ordenadas em fila. Disciplinados sebes formam paredes guiados através de um cuidadoso acerto de fontes, estátuas, canteiros, e camas de flores elaboradas.

- Definitivamente já é tempo. - continuou Poppy - De que Harry lhe presente às pessoas como sua irmã. E para que possa ser conhecida por seu nome real. Qual é, por certo?

- Catherine Wiggins.

Poppy a Miro com uma careta. - Estou segura de que é só porque sempre te conheci como Miss Marks ... mas eu gosto mais Marks.

- A mim também, Catherine Wiggins era uma menina assustada em circunstâncias difíceis. fui muito mais feliz como Catherine Marks.

- Mais feliz? Perguntou Poppy brandamente. - Ou simplesmente menos assustada?

Catherine sorriu. - aprendi muito a respeito da felicidade nos últimos anos. encontrei a paz na escola, embora eu era muito tranqüila e calada para fazer amigos ali. Não foi até que cheguei a trabalhar para os Hathaway que vi as interações do dia a dia de pessoas que se amam. E logo, no último ano, por fim vivi momentos de verdadeira alegria. A sensação de que ao menos no momento, tudo é como deve ser, e não há nada mais que se pode pedir.

Poppy o Miro sorridente. - Momentos como ...?

Entraram no jardim de rosas, cheios de uma profusão de flores, o ar carregado de perfume esquentado pelo sol.

- As tardes no salão, quando a família estava reunida e Win estava lendo. Ir passeio com o Beatrix. Ou aquele dia chuvoso no Hampshire, quando todos fizemos um picnic na terraço. Ou... - Interrompeu-se, surpreendida pelo que tinha estado a ponto de dizer.

- O..? – Poppy a incito a terminar a frase, aproximou-se de uma resplandecente e grande rosa, inalando seu aroma. Lanço- um ardiloso olhar ao Catherine.

É difícil de expressar seus pensamentos mais pessoais, mas Catherine se viu obrigada a admitir a verdade incômoda. - Depois que lorde Ramsay se lesou o ombro nas ruínas da casa antiga ... ele estava em cama com febre ao dia seguinte ... e eu me sentei com ele durante horas. Falamos enquanto fazia a cura, e hei lhe li ao Balzac.

Poppy sorriu.- A Léo deve haver adorado. Adora a literatura francesa.

- Ele me contou sobre o tempo que passou na França. Disse que os franceses têm uma maneira maravilhosa de arrumar as coisas.

- Sim, necessitava-o muito. Quando Leio se foi a França com o Win, era uma ruína de homem. Não o teria reconhecido. Não sabíamos a que temer mais, Win com seus pulmões débeis, ou a Léo, que estava empenhado em destruir-se a si mesmo.

- Mas voltaram bem. - disse Catherine.

- Sim, ambos voltaram finalmente bem. Mas diferentes.

- devido à França?

- Isso, e também a tudo pelo que tiveram que passar. Win me há dito que um não é melhor por estar no topo da montanha, não melhora com a escalada.

Catherine sorriu ao pensar no Win, cuja fortaleza paciente a tinha levado através de anos de enfermidade. - Isso sonha exatamente como ela - disse - Perceptiva. E forte.

- Léo é assim também. - disse Poppy.- É só que é muito mais irreverente.

- E cínico - disse Catherine.

- Sim, cínico... mas também brincalhão. Talvez é uma estranha combinação de qualidades, mas é meu irmão.

Catherine sorriu. Havia tantas imagens de Léo em sua mente ... pacientemente o resgate de um ouriço que tinha cansado em um poste de alambrado buraco ... trabalhando em uma série de planos para uma casa do novo inquilino, com o rosto grave, com concentração ... ferido em sua cama, seus olhos frágeis com dor quando murmurou, sou muito pesado para que você me leve.

Não, ela tinha respondido, não o é.

- Catherine. – Disse Poppy com vacilação - O fato de que Léo chegasse a Londres contigo... Pergunto-me se ... quer dizer, espero que ... Há um compromisso matrimonial em porta?

- Ele me pediu isso. - admitiu Catherine - Mas ...

- Fez-o? - Poppy a surpreendeu com um abraço entusiasta. - OH, é muito bom para ser verdade! Por favor, me diga que aceitou.

- Temo-me que não é tão singelo - disse Catherine com tristeza, retrocedendo.- Há muito que considerar, Poppy.

A alegria que a invadia se desvaneceu rapidamente, uma ruga ansiosa apareceu entre as sobrancelhas. - Não o ama? Mas com o tempo o fará, estou segura disso. Há tanto nele que vale a pena.

- Não é uma questão de amor. - disse Catherine com uma leve careta.

- O matrimônio não é uma questão de amor?

- Não, é-o, é obvio, mas eu queria dizer que o amor não pode superar certas dificuldades.

- Então, Quê-lo? - Perguntou Poppy esperançada.

Catherine ficou vermelha como tomate. -Há muitas qualidades que estimo em Lorde Ramsay.

- E ele te faz feliz, há-o dito.

- Bom, disse-o, admito-o.

- 'Um momento de verdadeira alegria" disse.

- Céus, Poppy, sinto-me como se estivesse sendo interrogada.

Poppy sorriu. - Sinto muito, é só que quero ganhar este partido pelo amor de Léo, o teu, e para a família.

A voz seca do Harry saiu de detrás delas. - Parece que estamos em bandos contrários, meu amor. – aproximo-se delas, olhou a sua esposa com agrado, mas havia um ar de preocupação no - O chá e os sândwiches estão esperando. - disse. - A briga terminou. Podemos voltar para os apartamentos?

- Quem ganhou a briga? - perguntou sua esposa com picardia que lhe valeu uma estranha careta do Harry.

- A conversação termino em briga. O qual foi, sem dúvida, algo bom, pois resultou que nenhum de nós sabe lutar como um cavalheiro.

- Você sabe esgrima. - assinalou Poppy. - Essa é uma forma muito cavalheiresca de lutar.

- A esgrima não é realmente uma luta. É mais como o xadrez com o risco de feridas agudas.

- Bom, me alegro de que não se fizessem mal. - disse alegremente Poppy – Já que há uma clara possibilidade de que logo possam ser cunhados.

- Já somos cunhados.

- Então cunhados ao quadrado. - Poppy deslizou seu braço sobre o de seu marido

Harry olhou ao Catherine, que já tinha começado a caminhar.- Não decidiste ainda, verdade? A respeito de te casar com o Ramsay?

- É obvio que não. - disse em voz baixa, ao mesmo tempo com eles. - Minha cabeça é um torvelinho. Necessito tempo para pensar.

- Harry - disse Poppy - Quando diz que estamos em bandos distintos, espero que não queira dizer que está contra a idéia de que Catherine se case com Léo.

- No momento – disse, pareceu escolher cuidadosamente suas palavras. - Acredito que na cautela está em ordem.

- Não quer que Catherine forme parte de minha família? - perguntou Poppy desconcertada. - Ela teria o amparo dos Hathaway, e estaria mais perto de sua influência.

- Sim, eu gostaria de muito. Só que para isso seria necessário que Ramsay se casasse com o Cat, e eu não estou de tudo convencido de que seja o melhor para ela.

- Acreditei que te agradava Léo. - protestou.

- Agradá-me. Se houver um homem em Londres com mais encanto e engenhosidade que ele, ainda tenho que conhecê-lo.

- Então, Como pode ter alguma objeção?

- devido a seu passado não o recomendaria como um marido confiável. Cat foi traída muitas vezes em sua vida. - Seu tom era sóbrio e sombrio quando olhou ao Catherine.- E eu sou uma das pessoas que te falhou. Não quero que sofra dessa maneira outra vez.

- Harry - disse Catherine com seriedade - É muito severo contigo mesmo.

- Agora não é o momento de verter mel na verdades desagradáveis. - respondeu ele. - Se pudesse trocar o passado, eu gostaria de fazê-lo sem vacilar. Mas tudo o que posso fazer é tratar de reparar o dano, e de fazê-lo melhor no futuro. Eu gostaria que Ramsay fizesse o mesmo.

- Todo mundo merece uma segunda oportunidade - disse Catherine.

- De acordo. E eu gostaria de acreditar que lhe deu volta à página. Mas isso está por ver-se.

- Teme que volte para seus maus hábitos. - disse Catherine.

- Não seria o primeiro, entretanto, Ramsay se aproxima da idade em que o caráter de um homem se mantém mais ou menos estável. Se continua evitando suas práticas libertinas antigas, acredito que será um bom marido. Mas até que demonstre sua valia não estou disposto a arriscar seu futuro como esposa de um homem que pode ser incapaz de manter seus votos.

- Ele manteria seus votos. - insistiu Poppy.

- Como sabe isso?

- Porque é um Hathaway.

Harry lhe sorriu. - Ele é afortunado de ter uma defensora tão doce. E espero que tenha razão. - Seu olhar pisco para fazer frente aos problemas do Catherine. - Estou equivocado ao suspeitar que tem as mesmas dúvidas, Cat?

- Resulta-me difícil confiar em qualquer homem. - admitiu.
Os três guardaram silêncio enquanto continuavam ao longo de um caminho cuidadosamente desafiado.

- Catherine - aventurou Poppy - Posso lhe perguntar algo pessoal?

Cat lhe enviou um olhar preocupado e sorriu. - Não posso imaginar nada mais pessoal que o que estivemos discutindo. Sim, é óbvio.

- Meu irmão te disse que te ama?
Catherine vacilou um comprido momento. - Não - disse ela, seu olhar estava fixo no caminho diante deles. - De fato, recentemente escutei que dizia ao Win que só se casaria com uma mulher se estava seguro de não amá-la. - Lançou um olhar ao Harry, que felizmente se absteve de comentário.

Poppy franziu o cenho. - Ele não pôde ter falado a sério. Léo freqüentemente brinca sobre as coisas e diz o contrário de como se sente realmente. A gente nunca sabe com ele

- Precisamente esse é meu ponto - disse Harry em um tom neutro. - A gente nunca sabe com o Ramsay

Depois que Catherine se comeu um prato de sanduíches com um impulso nascido de um renovado apetite, foi a uma suíte privada que Harry tinha reservado para ela.

- Mais tarde, depois de ter descansado - Poppy lhe disse: - vou enviar uma criada com algumas de minhas roupas. Lhe vão ficar um pouco frouxas, mas podem ser ajustadas facilmente.

- OH, não há necessidade disso - protestou Catherine. - vou enviar pelas coisas que deixei no Hampshire.

- Terá algo de desgaste no ínterim. E tenho dezenas de vestidos que nunca foram usados. Harry é ridiculamente excessivo quando se trata de comprar coisas para mim. Além disso, não há necessidade de que todos seus vestidos de solteira sejam aborrecidos agora. Sempre desejei verte em formosas cores... rosa ou verde jade... - Ela sorriu ao ver a expressão do Catherine. -vais ser como uma mariposa saindo de seu casulo. Catherine tratou de responder com humor, apesar de que seus nervos estavam a flor de pele pela ansiedade. - Eu estava realmente muito confortável sendo uma larva.

Poppy foi procurar ao Harry em seu escritório, onde freqüentemente ia refletir sobre um problema ou trabalhar em algo em um lugar onde estava seguro de não ser interrompida. Só ao Poppy lhe permitia entrar e sair quando quisesse.

A sala estava cheia de estanterias de objetos exóticos e interessantes, presentes dos visitantes estrangeiros, relógios e figuras e coisas estranhas que tinha recolhido em suas viagens.

Harry se sentou em seu escritório em mangas de camisa, jogando com as engrenagens e as molas e pedaços de arame, sumido em seus pensamentos. Poppy lhe aproximou, sentindo uma pontada de prazer enquanto observava os movimentos das mãos, pensando na forma em que estas acariciavam seu corpo.

Harry levantou a vista quando ela fechou a porta, seu olhar atento e reflexivo. Descartou o punhado de objetos metálicos. Levantando-se de sua cadeira, tomou pela cintura e atirou dela pegando-a a seu corpo.

Poppy deslizou as mãos sobre os cabelos escuros e brilhantes - Estou-te distraindo? - Perguntou enquanto se inclinava para beijá-lo.

- Sim - disse ele contra sua boca. - Não te detenha.

Sua risada se dissolveu entre seus lábios, como uma fusão de açúcar no chá quente. Levantando a cabeça, Poppy tratou de recordar para que tinha ido ali - Mmm....., não - disse enquanto a boca do beijava sua garganta. - Não posso recordar nada quando me faz isso, ia perguntar te algo...

- A resposta é sim.

Ela sorriu e o olhou, com os braços ainda rodeando seu pescoço. - O que é o que realmente pensa a respeito desta situação, com o Catherine e Léo?

- Não estou seguro.- Jogou com a parte dianteira de seu sutiã, passando os dedos ao longo da fileira de botões.

- Harry, não os devore - advertiu - São de adorno.

- Do que servem os botões que não fazem nada? - Perguntou, olhando-os perplexo.

- É a moda.

- Como vou conseguir te tirar esse vestido? - Intrigado, Harry começou a procurar as fixações ocultas.

Poppy junto seu nariz à sua - É um mistério. - sussurrou. - Deixarei-te sabê-lo depois de me dizer o que pensa fazer respeito ao Catherine.

- vou apresentar ao Cat como minha irmã, explicar que ela foi à escola no Blue Maid's e, posteriormente, tomou uma posição com os Hathaway como um favor a ti já sua irmã.

- E a respeito de todas as perguntas incômodas? - Perguntou Poppy. - Como vamos responder?

- À maneira dos políticos. Deliberadamente trasgiversando e evadindo.

O Miro com os lábios franzidos, pensativa. - Suponho que é a única opção - disse. - Mas, O que tem que a proposta de Léo?

- Crie que deveria aceitá-lo?

Poppy assentiu com decisão. - Não vejo que ganhasse atrasando a espera. A gente nunca sabe que classe de marido será um homem até que alguém se casa com ele. E então já é muito tarde.

- Pobre minha mujercita - Harry murmurou, acariciando os quadris através das dobras de sua saia. - É muito tarde para ti não?

- Bom, sim, resignei a uma vida de ter que suportar seu amor apaixonado e conversação engenhosa. - Ela deixou escapar um suspiro. - É melhor que ser uma solteirona, digome.

Harry se levantou e atirou dela contra ele, beijando-a até que ela se sentiu enjoada e com suas bochechas ruborizadas.

- Harry - insistiu, quando a acariciou por debaixo da orelha - Quando dará sua bênção para o casamento entre o Catherine e meu irmão?

- Quando ela me diga que não importa o que diga, igual se casasse com ele contra vento e maré - Levantou a cabeça e a olhou fixamente aos olhos. - Vamos à casa a tomar uma sesta.

- Não tenho sonho - murmurou e sorriu.

- Nem eu - Tomando a da mão, ele a tirou da habitação. - Agora sobre esses botões...

Capítulo Vinte e três

Pela manhã, Catherine foi despertada por uma criada que acendeu o fogo na chaminé e trouxe o café da manhã. Uma das alegrias de sua estadia no Rutledge foi a deliciosa comida preparada pelo talentoso chef Broussard.

Catherine suspirou com deleite ao ver o conteúdo da bandeja: chá, ovos frescos enfeitados com nata e do outro lado pequenos cilindros de forma ovalada, e um prato de frutas vermelhas amadurecidas.

- Havia uma nota debaixo da porta, senhorita - disse a donzela - pu-la em um lado da bandeja.

- Obrigado.- Recolhendo o cartão selado e pequena, Catherine sentiu uma pontada de prazer quando viu seu nome escrito com o estilo inconfundível de Léo, a pulcra letra semi- itálico de um arquiteto. – Pode soar o timbre quando tiver terminado com a bandeja, senhorita, e virei correndo a retirá-la. E se necessitar ajuda para vestir-se ou arrumar seu cabelo, posso-lhe ajudar também é isso

Catherine esperou até que a criada se partiu para abrir a nota.

“Misteriosa saída prevista para esta manhã. Este lista às dez em ponto. Use sapatos para caminhar”

Um sorriso estalou no rosto do Catherine.

- Excursão misteriosa - disse ela, vendo como Dodger se encarapitava na cama, e com o nariz pequeno olisqueava com avaliação os mantimentos que havia perto - O que estará planejando? Não, Dodger, nem sequer pense em te comer meu café da manhã. Terá que esperar até que tenha terminado.

Dando a impressão de entender seu tom severo, Dodges se estirou e rodou lentamente, completando três voltas no colchão.

- E não espere que se trate de um acordo permanente - adicionou Catherine, revolvendo o açúcar no chá - Só te estou cuidando até que devolva a Beatriz
Tinha tanta fome que se comeu até o último bocado de seu prato, à exceção da pequena parte se reservava para o furão. Os ovos eram perfeitos, os centros de vapor amarelo para a imersão das crostas pistolette rangente. Quando terminou, tomo uma colher para pôr em um pires para o te regue, coloco alguns frutos no flanco, e foi se pôr o no piso para ele. Felizmente Dodger caminho em círculo, deteve-se para acariciá-la e foi se devorar sua comida.

Catherine acabava de terminar de lavar e escovar seus cabelos quando ouviu um golpe na porta. Poppy, acompanhada da donzela que tinha visto antes, levava a menos três vestidos drapeados em seus braços, enquanto que a criada sustentava um grande cesto cheio do que parecia ser roupa de mulher, meias, luvas e outras ninharias.

- Bons dias-dijo Poppy alegremente, entrando em pôr as coisas sobre a cama. Jogando uma olhada ao furão que comia na esquina, negou com a cabeça e sorriu. - Olá, Dodger.

- Tudo isto é para mim? - perguntou Catherine - Não necessito muito, de verdade

- Estou-te obrigando - informou-lhe Poppy - Assim não t atreva a tratar de rechaçar nada. incluí uns objetos novos da costureira, e um novo espartilho recorda quando vimos as amostras no posto do armador das damas na Exposição Universal?

- É obvio - Catherine sorriu. - Impossível de esquecer uma coleção de objetos de vestir tão formosas.

- Bom, houve uma boa razão porque a senhora Caplin ganhou a medalha de prêmio na exposição. Os espartilhos Caplin são muito mais ligeiros que os de sempre, não têm tantas varinhas e se adaptam de uma forma muito cômoda. Harry lhe disse o ama de chaves do hotel, a senhora Penny que qualquer de quão empregadas desejassem levar um poderiam fazê-lo e os gastos os absorveria o Rutledge.

Catherine levantou as sobranceiras. - Seriamente?

- Sim, porque isto lhes permite muita mais liberdade de movimento. Pode respirar.

Poppy levantou um vestido verde pálido da cama e o mostrou. – Deve usar este isto hoje. Estou segura de que ficasse muito bem, temos a mesma altura, só que você é mais magra

- É muito generosa, Poppy.

- Tolices, somos irmãs – deu ao Catherine um olhar de carinho - Seja ou não que te case com Léo, sempre vamos ser irmãs. Léo me falou de sua saída às dez. Disse-te aonde irão?

- Não, Disse-lhe isso a ti?

- Sim - Poppy sorriu.

- E aonde es?&

- vou deixar que te surpreenderá. Entretanto, direi-te que a expedição conta com minha aprovação e a do Harry.

depois dos esforços combinados entre o Poppy e a criada, Catherine estava vestida com um vestido de cor espuma pálido, nem azul, nem verde, a não ser um pouco de sombra perfeita entre os dois. O sutiã era ajustado, um corte elegante sem costuras que definia sua cintura, as saias plainas até o joelho, onde caía um sem-fim de filas de volantes. A jaqueta a jogo, adaptado à cintura, estava adornada com franjas de seda em tons entrelaçados de cor azul, verde, cinza e prata. Um chapéu pequeno, coquete foi posta em sobre seu cabelo, feito-se em um coque no alto da cabeça.

Para o Catherine, que levava tanto tempo sem usar algo de moda, o efeito foi desconcertante. Viu uma mulher diferente no espelho, decidida, feminina e elegante.

- OH, senhorita, está tão bonita como as meninas que pintam nas latas de caramelos - exclamou a criada.

- Tem razão, Catherine - disse Poppy, radiante Espera a que meu irmão te veja vai lamentar cada palavra horrível que haja dito sobre ti.

- Eu também hei dito costure horríveis do - respondeu Catherine com sobriedade.

- Todos sabíamos que havia uma razão detrás de tanta animosidade entre vocês - disse Poppy - Mas nunca pudemos nos pôr de acordo sobre o que era. Beatriz estava no certo, é obvio.

- Sobre o que?

- Que você e Léo eram como um par de furões, um pouco ásperos no cortejo.

Catherine sorriu timidamente. Beatriz era muito intuitiva.

Poppy dirigiu um olhar irônico ao Dodger, quem estava lambendo cuidadosamente o último resíduo do ovo fora do prato.

- Estava acostumado a pensar Beatriz superaria sua obsessão com os animais.

Agora me dou conta que é a forma em que funciona seu cérebro. Ela vê uma diferença mínima entre o mundo animal e o humano. Só espero que possa encontrar um homem que possa tolerar sua individualidade.

- Que maneira tão discreta de dizê-lo! – comentou Catherine, rendo. - Refere a um homem que não se queixe se encontrar coelhos em seus sapatos ou um lagarto em sua caixa de puros?

- Exatamente!

- Beatriz é muito amorosa e digna de ser amada.

- Como seu – assinalo Poppy significativa. foi recolher o furão quando procedeu a investigar o conteúdo da cesta. - Levarei-me ao Dodgers por este dia. Estou fazendo a correspondência durante toda a manhã, e ele pode dormir em meu escritório enquanto eu trabalho.

O furão pendurava do braço do Poppy, sorrindo ao Catherine se deixou levar.

Léo não tivesse querido deixar sozinha ao Catherine a noite anterior. Tinha desejado permanecer a seu lado, cuida dela, como um elfo que protege um tesouro exótico. Embora nunca antes havia poseído uma natureza ciumenta, parecia que estava recuperando rapidamente o tempo perdido. Era particularmente molesto que Catherine confiasse no Harry. Mas era natural que quera depender de seu irmão, especialmente quando Harry já a tinha resgatado uma vez de uma situação se desesperada e tinha sido seu único consolo depois dos anos. Apesar de que Harry tinha mostrado pouco amor ou interesse por ela até para muito pouco, o era tudo o que ela tinha tido nunca.

O problema era que Léo tinha o desejo de ser todo para o Catherine.

Queria ser seu confidente em exclusiva, seu amante e amigo mais próximo, atender suas necessidades mais íntimas. Lhe dar calor a seu corpo quando tinha frio, sustentar uma taça contra seus lábios quando ela tivesse sede, esfregar seus pés quando estivesse cansada. Unir sua vida à sua em todos os aspectos significativos e os mundanos.

Entretanto, não ia ganhar a comportando-se dessa maneira, uma conversação, uma noite cheia de paixão. Teria que fazer muito mas, limar asperezas estratégicas aqui e lá até que suas objeções se derrubassem. Isto requeria paciência, atenção e tempo.

Que assim fora. Ela valia a pena para todo isso e muito mais.

Ao chegar à porta da suíte do Catherine, Léo chamou discretamente e esperou. Ela apareceu rapidamente, abrindo a porta e sorrindo.

- bom dia – saúdo com um olhar espectador.

Qualquer palavra de saudação que Léo tivesse a intenção de dizer se desvaneceu imediatamente. Seu olhar viajou lentamente sobre ela. Era como uma das imagens femininas pintadas com deliciosos chapeleiros que se mostram nas lojas de impressão.

A perfeição antiga que seu tempo fez a seu desembrulhar, como um bombom envolto em um toque de papel limpo. O silêncio de Léo duro tanto tempo que Catherine se viu obrigada a falar de novo - Estou lista para a saída. aonde vamos?

- Não posso recordar - disse Léo, sem deixar de olhá-la. moveu-se para frente para fazer que entrasse de novo à habitação. Catherine lhe pôs a mão enluvada no peito.

- Temo-me que não posso permitir que entre, meu lorde. Não seria apropriado. Espero que para esta excursão tenha contratado um carro aberto em lugar de um fechado.

- Podemos ir de carro se o preferir. Mas nosso esta destino a uma distância muito curta, e o passeio é agradável através do St. James Park. Você gostaria de ir a pé?

Ela assentiu imediatamente.

Ao sair do hotel, Léo ficou do lado da calçada mais próxima. Caminhando com a mão metida no oco do braço de Léo, Catherine lhe conto o que ela e Beatriz tinha lido sobre o parque, que o rei Jacobo tinha mantido uma coleção de animais ali, incluídos os camelos, crocodilos, e um elefante, assim como uma fila viveiros, ao longo do que se converteu no Birdcage Walk. Isto levou a Leio a falar sobre o arquiteto John Nash, quem tinha desenhado o centro comercial de Central Park. A avenida se converteu na rota real cerimonial do Palácio do Buckingham.

- Nash era o que chamavam um petimetre então – explicava Léo. - Arrogante e presunçoso, que são os requisitos necessários para um arquiteto desse calibre.

- E assim é? - Catherine parecia divertida - por que, meu lorde?

- A assombrosa quantidade de dinheiro investido em uma obra importante de caráter público ... é, em realidade, para acreditar que um desenho tem suficiente mérito para ser construído em uma escala grande. Uma pintura pendura em um museu onde a gente pode ir vê-la ou se não gosta, simplesmente não vão e não há problema. Mas não se pode dizer o mesmo de um edifício, já que este está aí à vista de todo o mundo e que Deus nos ajude se for uma monstruosidade.

Lhe olhou astutamente, lhe emprestando uma atenção especial.

- Alguma desejou desenhar um grande palácio público ou monumento, como o fez o senhor Nash?
- Não, não tenho ambição de ser um grande arquiteto. Só me é útil. Eu gosto do desenho de projetos de menor envergadura, como as casas dos inquilinos do imóvel. Não são menos importantes que um palácio, em minha opinião - cortou seu passo para que coincida com o seu e a conduziu com cuidado sobre um buraco no pavimento - Quando retornei a França pela segunda vez, encontrei-me com um de meus professores da Academia de Belas artes, enquanto eu caminhava pela Provenza. Um ancião adorável.
- Que feliz coincidência!
- Destino
- Você crie no destino? - Léo lhe dedico um sorriso torcido.
- É impossível não fazê-lo vivendo com o Rohan e Merripen, Não te parece? Catherine lhe devolveu o sorriso, e sacudiu a cabeça.
- Sou cética. Acredito que o destino é o que somos e o que fazemos com nossas possibilidades. Segue ... conta me sobre o professor.
- Visitei professor Joseph freqüentemente depois de que aquele encontro casual, dedique-me ao desenho, a redação e a aperfeiçoar meus estudos em sua oficina - pronunciou o sobrenome à maneira francesa, com o acento na segunda sílaba. Sorriu em lembrança triste – Tínhamos falado muitas vezes sobre copos de chartreuse. Eu não podia suportar mais.
- De que queria falar? - foi a pergunta suave.
- Pelo general, a arquitetura. O professor Joseph tinha uma visão pura desta ... uma pequena casa de campo, perfeitamente desenhada tem tanto valor como um grande edifício público. E falou das coisas que ele nunca tinha mencionado na Academia, seu sentido das conexões entre o físico e quão espiritual uma criação perfeita feita pelo homem, como uma pintura, a escultura ou um edifício, poderia lhe oferecer um momento a transcendência. Claridade. Uma chave para abrir uma fresta do céu. - Léo fez uma pausa enquanto vislumbrava sua expressão preocupada. - Já te aborreci. me perdoe.
- Não, não é isso absolutamente - caminharam em silêncio durante quase um minuto e médio antes do Catherine falasse – Não te conheço realmente. Há-me dito tanto de ti estes últimos dias que... é realmente desconcertante.
- Isso significa que está considerando ideia de te casar comigo?
- Absolutamente - disse, e sorriu.
- Não poderá resistir a meus encantos para sempre. Conduziu-a fora do parque por uma rua de lojas e prósperos negócios.
- Me vais levar a um armário? - perguntou Catherine ao ver os aparadores e os emblemas. - Uma loja de flores? Uma livraria?
- Aqui - disse Léo, detendo-se frente a um aparador. - O que crie que é este lugar? Olhou o signo impresso pendurado na janela. – Telescópios? - perguntou ela com assombro. - Quer que tome classes de astronomia? Léo lhe deu as costas à janela.
- Segue lendo
- Fornecedores de acampamentos, hipódromos, ópera, e lentes de perspectiva - leu em voz alta – Patenteado pelas cartas reais de Seu a reina. Exames oculares realizados pelo Dr. Henry Schaeffer com dispositivos modernos com o fim de conseguir a correção da acuidade visual .
- O Dr. Schaeffer é o melhor oculista de Londres - disse Léo - Alguns dizem que do mundo. Foi professor de astronomia na Trindade, quando sua obra com os lentes o

levou a um interesse pelo olho humano. Foi habilitado como um oftalmologista, e deu passos consideráveis no campo. Fiz uma entrevista para que você o veja.

- Mas eu não necessito ao melhor oculista de Londres - protestou ela, surpreendida de que Léo tivesse chegado a tais extremos.

- Vamos, Marks - disse, atraindo-a para a porta - É o momento para que tenha os óculos adequados.

O interior da loja era intrigante, alinhados com as prateleiras dos telescópios, lupas, binoculares, instrumentos estereoscopia, e todo tipo de óculos. Um jovem empregado muito agradável os saudou e foi se procurar ao doutor Schaeffer. O médico saiu muito em breve, mostrando um temperamento expansivo e jovial. Umas formosas barbas brancas emolduravam suas bochechas cor de rosa, e um bigode coberto de neve espessa se curvava para cima quando sorria.

Schaeffer lhes mostrou toda sua oficina, fazendo uma pausa para demonstrar um estereoscopia e explicar como a ilusão de profundidade se criava.

- Este instrumento serve para dois propósitos – explico o doutor, abrindo e fechando os olhos detrás de suas lentes - Em primeiro lugar, os cartões estereograma às vezes de uso no tratamento dos transtornos centrando-se em determinados pacientes. E em segundo lugar, que são úteis para entreter meninos de alto espírito.

Catherine se mostrou precavido mas disposta já que seguiram ao Dr. Schaeffer às habitações na parte posterior de sua loja. Cada vez que ela tinha comprado óculos no passado, o óptico lhe tinha levado só uma bandeja de lentes, entregava-lhe as diversas para sustentar seus olhos, e quando sentiu que tinha obtido a melhor visão, dava por feito que tinha procedido bem.

O Dr. Schaeffer, entretanto, insistiu no exame de sua vista com uma lente de uma lupa que ele chamou "córnea", depois de pôr umas gotas em seus olhos para dilatar as pupilas. depois de assegurar-se de não havia signos de enfermidade ou degeneração, pediu-lhe que lesse as letras e números de uma série de três quadros na parede. viu-se obrigada a voltar a ler as cartas com diferentes dosificações de lentes, até que finalmente consigo ver com uma claridade quase milagrosa.

Quando chegou o momento para discutir os Marcos das lentes, Léo surpreendeu ao Catherine e o Dr. Schaeffer tomando um papel ativo.

- Os lentes que a senhorita Marks usa na atualidade - disse Léo - deixa uma marca na ponte do nariz.

- O contorno do arco de apoio pode ser ajustado - disse o médico.

- Sem lugar a dúvidas. - Léo retirou uma parte de papel do bolso de seu casaco e o pôs sobre a mesa. - Entretanto, tenho algumas ideias mais. O que acontece a ponte se constrói para colocar as lentes um pouco mais longe da cara?

- Está pensando em um desenho similar aos cliques dos óculos? - perguntou Schaeffer, pensativo.

- Sim, ficariam mais cómodos e não se moveriam de seu lugar.

Schaeffer olhava de perto o desenho Léo lhe tinha dado.

- Você elaborou lentes curvos, por isso vejo. Uma característica incomum.

- A intenção é que os lentes fiquem com mais firmeza em seu rosto.

- Esse é seu problema, sua permanência em?

- Sem dúvida - respondeu Léo. - É uma mulher muito ativa. Perseguido animais, caindo através dos telhados, empilhando rochas, isto é um dia normal para ela.

- Meu Lorde - disse Catherine em recriminação.

Schaeffer sorriu enquanto examinava as formas contorsionadas de seus óculos.

- Devido ao estado destes Marcos, senhorita Marks, a gente quase poderia acreditar no diz Lorde Ramsay - seu bigode se curvo para cima - Com sua permissão,

vou encarregar à joalheria com a que trabalho, que construam uns Marcos como os que você riscou.

- Que os façam em prata – Sugeriu Léo. Fez uma pausa olhando ao Catherine com um leve sorriso - E que lhe ponham um toque de filigrana nos Marcos. Nada vulgar ... algo delicado.

Catherine negou com a cabeça imediatamente. – É um adorno custoso e desnecessário.

- Faça o de todas maneiras – lhe pediu Léo ao médico, com o olhar ainda no Catherine - Seu rosto merece um adorno. Nenhuma obra professora deve ter um marco comum

Lhe dedico um olhar reprobatoria. Não gostava da adulação escandalosa, nem que se tomasse para ela cuidados tão insensatas como comprar presentes caros. Mas Léo lhe dou de presente um sorriso E enquanto estava ali sentado, observando-a com seus maus olhos azuis, sentiu uma contração dolorosamente doce no coração, seguida pela sensação de ter ficado fora de balanço. Como se estivesse perto de um precipício a ponto de cair ... e não fora incapaz de afastar do perigo.

Só podia ficar ali com seu precário equilíbrio, suspensa no desejo e o perigo ... não podia salvar-se.

Capítulo Vinte e quatro

confirmou-se pelo Sr. Harry Rutledge, o hoteleiro de Londres, que uma mulher identificada como a senhorita Catherine Marks é, de fato, sua meia irmana, que até agora viveu em uma relativa escuridão como dama de companhia da família do visconde Ramsay do Hampshire. Depois de perguntar por que a jovem não foi introduzida anteriormente na sociedade, o Sr. Rutledge, explicou a margem de apreciação adequada às circunstâncias de seu nascimento, como a filha natural da mãe do Sr. Rutledge e um cavalheiro sem nome. O Sr. Rutledge procedeu a destacar o caráter decoroso e refinação de sua irmã, e seu próprio orgulho no reconhecimento de parentesco com uma mulher a que descreve como "estimável em todo sentido.

- Que adulator - disse Catherine ligeiramente, deixando a cópia do Teme. Enviou ao Harry um olhar triste através da mesa do café da manhã. - E agora as perguntas vão começar.

- Eu lutar com as perguntas - disse Harry. - Tudo o que tem que fazer é te comportar de maneira decorosa e refinada como diz a nota quando Poppy te leve a teatro.

- Quando vamos ao teatro? - Perguntou Poppy, mordendo um último bocado do pão-doce encharcado em mel na boca.

- Amanhã de noite, se estiver de acordo.

Catherine assentiu com a cabeça, tratando de não preocupar-se com a perspectiva. A gente ficaria olhando, e sussurraria. Uma parte dela se encolheu ante a idéia de estar em público. Por outra parte, era uma peça de teatro, o que significa a atenção do público se centraria principalmente no cenário.

- vamos convidar a Léo - perguntou Poppy. E tanto ela como Harry olharam ao Catherine.

Ela se encolheu de ombros em um gesto despreocupado, embora suspeitava que não conseguiu enganar a nenhum deles.

- Tem alguma objeção? - Harry lhe perguntou.

- Não, é obvio que não. Ele é o irmão do Poppy, e meu antigo empregador.

- E possivelmente seu noivo - murmurou Harry.

Catherine o olhou rapidamente. - Não aceitei sua proposta.

- Mas o estas considerando ... não?

O coração lhe deu um tombo no peito. - Não estou segura.

- Cat, não quero te pressionar a respeito, mas Quanto tempo pensa esperar antes de dar uma resposta ao Ramsay?

- Não muito. - Cat franziu o cenho. - Se houver alguma esperança de reter Ramsay House, lorde Ramsay terá que casar-se com alguém logo.

Um golpecito na porta anunciava a entrada da mão direita do Harry, Jake Valentine Ele trouxe para o Harry uma pilha de informe de gestão diária, assim como um punhado de cartas. Uma delas estava dirigida ao Poppy, quem a recebeu com uma cálida sorriso.

- Obrigado, senhor Valentine.

- Senhora Rutledge - disse em resposta com um sorriso, fazendo uma reverência antes de ir-se.

Poppy rompeu o selo e leu a carta, franzia as sobrancelhas conforme se aproximava da conclusão da carta. - meu deus, isto é estranho.

Harry e Catherine a olharam inquisitivamente.

- É do Lady Fitzwalter, a quem conheço através de algumas obra de caridade. Ela me pergunta nesta carta, muito seriamente, se posso convencer a meu irmão para falar com a senhorita Darwin e a condessa Ramsay, que está na cidade. E proporciona a direção da casa em que ficam.

-Não é tão estranho - disse Catherine pragmaticamente, embora a notícia a inquieto. - depois de tudo, uma dama nunca deve recorrer a um homem por qualquer razão, e portanto não é certamente insólito que fiquem de acordo para consertar a reunião.

-Sim, mas por que a senhorita Darwin deseja falar com Léo?

- Poderia ser a respeito da cláusula do testamento - disse Harry, as olhando interessado. - Talvez ela deseja oferecer alguma concessão.

- É obvio que deseja lhe oferecer algo. - disse Catherine tristemente. Não podia deixar de recordar à formosa moréia Miss Darwin foi, e o bem que se viam juntos dançando a valsa.- Entretanto, não acredito que tenha intenção de discutir aspectos legais. É algo pessoal. Do contrário, permitiria aos advogados interferir em seu nome.

- CAM e Merripen estavam aterrorizados pela senhorita Darwin. - disse Poppy ao Harry com um sorriso. - Amelia escreveu que seu vestido de noite estava adornado com plumas de pavão e segundo os ROM é um presságio de perigo.

- Em algumas seitas hindus. - disse Harry – Os gritos do peru estão associados com a temporada de chuvas, e portanto, da fertilidade.

- O perigo ou fertilidade.? - perguntou secamente Poppy. - Bom, deve ser interessante ver a senhorita Darwin ficar em evidência.

- Não quero fazê-lo - disse Léo imediatamente depois de ter sido informado da necessidade de chamar à senhorita Darwin.

- Isso não importa, não tem outra opção. - disse Poppy, tomando seu casaco ao entrar no apartamento.

Ao ver o Catherine sentada na sala com o Dodger em seu regaço, Léo se aproximou dela. - Boa tarde - disse, tomando a mão do Catherine beijá-la no dorso. A sensação de seus lábios, tão quentes e suaves sobre sua pele, causou-lhe um estremecimento.

- Posso? - Perguntou, olhando o lugar no sofá junto a ela.

- Sim, é obvio.

Enquanto Poppy se sentava em uma cadeira perto da chaminé, Léo se sentou junto ao Catherine.

Molesto ao Dodger em várias ocasiões, mas ele não despertou. O furão dormia tão profundamente que era impossível despertá-lo, poderia ter suposto que estava morto, poderia tomá-lo, inclusive sacudi-lo e ele como se nada.

Léo se inclinou para jogar com o furão, levando-o brandamente e o deixou cair de novo em seu regaço. riu entre dentes ao ver como Dodger permaneceu inconsciente.

Catherine detectou um aroma estranho em Léo, um aroma a feno e o aroma acre dos animais. Farejou-lhe com curiosidade. - Cheira um pouco como... os cavalos... Foi dar um passeio esta manhã?

- É água de zoológico - informou-lhe, com olhos brilhantes. - Fui a uma reunião com o secretário da Zoológica Society de Londres, e percorremos o novo pavilhão.

- Para que? - Perguntou ao Catherine.

- Um velho conhecido meu, que estava comigo como aprendiz do Rowland Tempere, foi encarregado a instâncias da rainha para desenhar um recinto de gorilas no zoológico. Mantêm-nos em jaulas pequenas, que é nada menos que uma crueldade. Quando meu amigo se queixava da dificuldade de desenhar uma caixa o suficientemente grande e segura, sem que custem uma fortuna, sugeri-lhe que cavasse um fosso.

- Um fosso? - repetiu Poppy.

Léo sorriu. - Os gorilas não cruzarão em águas profundas.

- Como sabe, meu Lorde? - Perguntou Catherine, divertida. - Beatrix?

- Naturalmente.- Parecia triste. - E agora, depois de minha sugestão, parece-me que fui contratado como consultor.

- Pelo menos se seus clientes se queixarem - Catherine lhe disse: - Não entenderá o que dizem.

Léo soltou uma risada afogada. - Obviamente, não viu o que arrojaram os gorilas quando estão desgostados. - torceu a boca. - De todos os modos, prefiro passar meu tempo com os personagens que fazer uma visita à senhorita Darwin e sua mãe.

A obra da noite era enjoativa, mas muito entretida. A história era a respeito de um formoso camponês russo, o dia de suas bodas com seu verdadeiro amor, a pobre moça foi assaltada em seu dormitório pelo príncipe, e enquanto ela se deprime, foi fatalmente ferida por um áspid. Antes que a morte se apoderasse dela, chegou a sua casa e disse a seu noivo o que tinha acontecido, depois do qual o camponês formoso jurou vingança contra o príncipe. Estes esforços lhe levaram a fazer-se passar por outro nobre na corte real, onde conheceu uma mulher que se parecia exatamente como seu amor morto. Ao final resultou que, a mulher era uma gêmea idêntica da camponesa assassinada, e para complicar ainda mais as coisas, estava apaixonada por jovem filho príncipe do mal. Logo foi o intermédio.

Infelizmente Catherine e Poppy não desfrutaram de do drama pelos comentários em voz baixa, tanto do Harry como de Léo, quem insistiu em assinalar que, em pleno processo de sua morte, a mulher mordida pelo áspid se agarrava o lado equivocado de seu corpo, e, além disso, uma pessoa que morre de veneno provavelmente não cruzaria o estado de ida e volta, enquanto proferia declarações poéticas do amor.

- Não há romance em sua alma - disse Harry em meio do Poppy.

- Não em minha alma, não - respondeu ele com gravidade - Entretanto, tenho uma grande parte dele em outros lugares.

Poppy riu. - Querido poderia por favor fazer que nos tragam champanha? Catherine e eu temos sede.

- vou enviar por ela - disse Léo, de pé e grampeando-a jaqueta. - Tenho que esticar as pernas depois de uma hora e meia nessa cadeira absurdamente pequena - Olhou ao Catherine. - Gosta de um passeio?

Ela negou com a cabeça, sentindo-se muito mais segura nos limites do camarote do teatro que caminhando entre a multidão. - Obrigado, mas estou a gosto aqui

Léo fez a um lado as cortinas na parte posterior do camarote, era evidente que os corredores estavam cheios em grande maneira. Um par de cavalheiros e uma dama vieram através das cortinas e saudaram os Rutledges com gosto. Catherine ficou tensa quando Harry apresentou a lorde e lady Despencer e a irmã de lady Despencer, a senhora Lisle. esperava-se uma fria recepção dos mesmos, talvez um comentário depreciativo, mas foram corteses e afáveis. Talvez, pensou com ironia, que deveria deixar de esperar o pior da gente.

Poppy perguntou a lady Despencer a respeito de um de seus filhos, que tinha estado doente recentemente, e a mulher lhe contou todos os medicamentos e as precauções que tinha tomado por seu filho doente a recuperar-se. Outro grupo de pessoas entrou no camarote, esperando seu turno para falar com o Harry, e Catherine se moveu para fazer espaço para eles. ficou de pé na parte posterior do camarote ao lado dos painéis da cortina, esperando com paciência como a conversa fluía no corredor, no quadro, as grandes cheire de ruído crescente da audiência a seguir. O clamor incessante e o movimento a irritavam. Confio em que logo terminaria o intermédio.

Quando ficou de pé com as mãos detrás de suas costas, sentiu uma mão através das cortinas fechar-se ao redor da boneca. Um corpo masculino se posou atrás do dele. Um sorriso apareceu em seus lábios enquanto se perguntava a que jogo Leio estava jogando.

Mas a voz que escuto em seu ouvido não era de Léo. Era a voz de seus pesadelos.

- Que bonita te vê em suas plumas finas, minha pomba!

Catherine ficou rígida, apertando suas mãos em um punho, enquanto tratava de afastar-se das mãos de Lorde Latimer. retorceu-se a boneca enluvada, forçando-o a que a soltasse enquanto o continuava falando com tom suave.

- Aturdidos e congelados - Catherine não podia ouvir nada ao princípio pela velocidade frenética dos batimentos do coração de seu coração. O tempo pareceu deter-se, vacilante, e continuar a passo de tartaruga - Tantas perguntas sobre você ... – dizia com a voz saturada de desprezo - Todo mundo quer saber mais sobre a enigmática irmã do Rutledge ... É justa ou uma menina caprichosa? Cumprida ou vulgar? De boa família ou uma indigente? Talvez deveria lhes subministrar a todas as respostas. Direi a meus curiosos amigos que é uma beleza, discípula de uma alcahueta infame, é uma fraude. E, sobre tudo uma puta.

Catherine estava silenciosa, respirando pelas fossas nasais. Não podia fazer uma cena em sua primeira saída pública como a irmã do Harry. Qualquer conflito com Lorde Latimer expor sua conexão passado, e poderia provocar sua ruína social muito mais rápido.

- por que não explica tudo com mais detalhe? – sussurrou - por que não diz que você é um sujo libertino que tentou violar a uma menina de quinze anos de idade?

- Tsk, tsk ... Deve saber melhor que ninguém, Catherine. A gente nunca culpa a um homem por suas paixões, não importa quão perverso possa ser. A gente culpa a mulher por ser o eco delas. vais chegar tão longe, pedindo compaixão?. O público despreza às mulheres que se fazem as vítimas, especialmente às mais atrativas.

- Lorde Ramsay fará...

- Ramsay te usasse e te atirasse, porque é o que faz com todas as mulheres. Certamente não é tão vaidosa ou estúpida para pensar que é diferente de outros.

- O que é o que quer?-Perguntou-lhe entre dentes

- Quero aquilo pelo que pague – sussurrou - faz tantos anos. E o vou ter. Não há outro futuro para ti, querida, jamais teve oportunidade de levar uma vida respeitável. No momento em que tenha esparso os rumores sobre ti, jamais voltará a ser bem recebida em qualquer lugar.

Os dedos que a machucavam soltaram seu braço e seu torturador desapareceu deixando-a afligida. Catherine tropeçou novamente até sua cadeira e se sentou pesadamente, tratando de recuperar a compostura. Olhando fixamente para diante, sem ver nada, enquanto que o clamor do teatro pressionado a seus redor por todos lados. Tratou de examinar objetivamente seu medo, de pôr uma barreira a seu redor. Não é que temesse ao Latimer. Odiava-o, ele não era a ameaça que tinha sido para ela alguma vez. Agora tinha a suficiente riqueza para viver a seu desejo.

Mas Latimer tinha identificado suas preocupações com uma exatidão cruel. pode-se lutar contra um homem, mas não contra um rumor. pode-se mentir sobre o passado, mas a verdade sairia à superfície com o tempo. Podia prometer fidelidade e compromisso, mas essas promessas se rompiam freqüentemente.

sentiu-se afligida pela melancolia. sentia-se ... manchada.

Poppy se sentou junto a ela, sorrindo.

- Já é tempo do segundo ato – informo - Você crie que o camponês possa tomar vingança contra o príncipe?

- OH, sem dúvida - respondeu Catherine, tratando de soar alegre, mas sua voz era forçada.

O sorriso do Poppy se desvaneceu, e a olhou de perto.

- Sente-se bem, querida? Vê-te pálida. Aconteceu algo?

antes do Catherine tivesse respondido, Léo apareceu chegando de volta da caixa, acompanhado de um mordomo que levava uma bandeja com champanha. Um sino soou no quadro da orquestra, o que indica que o intermédio logo chegaria a seu fim. Para alívio do Catherine, os visitantes começaram a deslocar-se fora da estadia, e a multidão retrocedeu até o corredor.

- Aqui estamos - disse Léo enquanto entregava taças de champanha ao Poppy e Catherine - É possível que desejem beber rapidamente.

- por que? - perguntou Catherine, forçando um sorriso.

- O champanha se evapora muito mais rápido com estas borbulhas coupé.

Catherine apuro seu champanha com uma pressa imprópria de uma dama, fechando os olhos e tragando a queimadura com gás em sua garganta.

- Eu não queria dizer que tão rapidamente - disse Léo, olhando-a com um leve sorriso.

As luzes começaram a obscurecer-se, e se instalou a audiência.

Catherine olhou no stand de prata onde estava colocada a garrafa de champanha fria

- Posso tomar outro? – sussurrou.

- Não, solo conseguisse te embebedar se tomadas outra taça tão logo.

Léo o Quito a taça vazia das mãos e a pôs fora de seu alcance, logo tomou a mão enluvada na sua.

- Me diga - disse-lhe com doçura - O que está pensando?

- Mais tarde - sussurrou a sua vez, soltando sua mão da sua - por favor - Não queria arruinar a noite para todos, nem lhe dar a Léo a possibilidade de procurar o Latimer no teatro e lhe fazer frente. Não havia nada que dizer nesse momento.

O teatro se obscureceu e se reata a obra, mas os encantos melodramáticos da história não puderam fazer que Catherine saísse de sua miséria. Olhava o cenário de maneira fixa, os diálogos dos atores como se fora uma língua estrangeira. Enquanto sua mente seguia tratando de encontrar uma solução a seu dilema interno.

Não parecia importar que já soubesse as respostas. Nunca tinha sido sua culpa, a culpa era do Latimer, da Altea, e de sua avó.

Catherine podia viver tranqüila pelo resto de sua vida, entretanto os sentimentos de culpa, dor, confusão, seguiam ali. Como ia livrar se deles? O que poderia liberá-la?

Para os próximos dez minutos, Léo olhou ao Catherine em repetidas ocasiões, percebendo que algo andava muito mal. Ela estava tratando dificilmente de concentrar-se na obra, mas estava claro que sua mente se consumia com algum problema entristecedor. Estava distante, inalcançável, como se estivesse encerrada em si mesmo. Tratando de consolá-la, tomou a mão uma vez mais, e passou o polegar por cima do bordo de sua luva da boneca à palma da mão. A frieza de sua pele era surpreendente.

Franzindo o cenho profundamente, Léo se inclinou para o Poppy.

- Que diabos acontece com Marks? - sussurrou-

- Não sei - replicou ela - Harry e eu estávamos falando com Lorde e Lady Despencer, e Catherine se foi a outro lado. Então quando nos sentamos, dava-me conta de que parecia doente.

- Levo-me isso de retorno ao hotel - disse Léo.

Harry, que tinha escutado o último comentário, franziu o cenho e murmurou:

- Todos vamos

- Não há necessidade de que qualquer de nós se vá - protestou Catherine.

Fazendo caso omissa dela, Léo olhou ao Harry.

- Seria melhor se vocês ficarem e vêem o resto da obra. Se alguém perguntar pelo Marks pode dizer que sofreu um enjôo

- Não dirão a ninguém que sofri um enjôo sussurrou Catherine bruscamente.

- Então, digam que fui eu - disse Léo ao Harry. Isso pareceu despertar de seu adormecimento ao Catherine. Léo se sentiu aliviado ao ver um brilho de seu espírito, como sempre disse.

- Os homens não podem ter enjôos. É uma condição nitidamente feminina.

- Entretanto, façam-no - insistiu Léo – Podem dizer inclusive que houve um desmaio.

Ajudou-a a parar-se de seu assento. Harry se levantou olhando a sua irmã com preocupação.

- É isto o que quer, Cat? - perguntou.

- Sim – disse olhando-o molesta.

- Se não o fizer, pediremo-lhe saem aromáticas.

Léo escolto ao Catherine até fora e chamou um carro de aluguel. Foi um de duas rodas, um veículo parcialmente descoberto, com o assento do condutor elevada da parte traseira. poderia-se falar com o condutor através de uma trampilla na parte superior.

Enquanto Catherine se aproximava do veículo com Léo, sentiu uma sensação de formigamento ao ser observada. Temerosa de que Latimer a tivesse seguido, olhou a sua esquerda, onde um homem estava parado junto a uma das colunas do teatro. Para seu alívio, não era Latimer, era um homem muito mais jovem. Alto, ossudo, e vestidos com roupa escura e um chapéu puído a farrapos, com o efeito geral de um espantalho.

Tinha a palidez que em Londres era o selo distintivo dos que passam a maior parte de seu tempo dentro, cuja pele nunca é tocada pelo sol mas sim pelo filtro de ar de uma cidade poluída. Suas sobancelhas eram fortes raia negras em seu rosto gasto, a pele enrugada, com as linhas que para alguém muito jovem era difícil ter.

Ele a olhava fixamente.

Catherine fez uma pausa incerta, consciente de uma vaga sensação de reconhecimento.

Tinha-o visto antes em alguma parte? Não podia compreender onde poderia ter acontecido

- Vamos - disse Léo com a intenção de que subisse ao carro.

Mas Catherine resistiu, apanhada pelo olhar dos olhos escuros de corvo do desconhecido. Léo seguiu a direção de seu olhar. - Quem é esse?

O jovem se adiantou, tirando o chapéu para revelar um arbusto de cabelo negro e peludo.

- A senhorita Catherine? – pergunto com estupidez.

- William - sussurrou com assombro.

- Sim, senhorita - sua boca se curvou para cima no que pareceu ser o início de um sorriso. Deu outro passo vacilante, balançando-se em uma espécie de arco torpe.

Léo se interpôs entre eles de forma protetora e olhou ao Catherine.

- Quem é?

- Acredito que alguma vez te dele fale, é o moço que trabalhava na casa de minha avó.

- O menino dos recados?

Catherine assentiu com a cabeça. - Ele foi o motivo pelo que fui capaz de enviar ao Harry uma carta ... o a levo. - Meu Lorde, me deixe falar com ele.

A expressão de Léo foi implacável.

- Você sérias a primeira em me dizer que uma mulher jamais se encontra e conversa com um homem na rua.

- Agora quer emprestar atenção à etiqueta? - perguntou com irritação - vou falar com ele. - ao ver a negativa em sua cara, sua voz se suavizou, e subrepticamente tocou sua mão - Por favor

Léo cedeu. - Dois minutos - murmurou, olhando-a não muito feliz. manteve-se direito a um lado, são seus olhos azul gelo olhando fixamente ao William. Procurando intimidá-lo. William obedeceu um movimento do Catherine para afastar-se um pouco.

- Você se converteu em uma dama, senhorita Catherine - disse com seu marcado acento do sul de Londres - Mas eu sabia que foi você, seu porte e suas lentes me fizeram reconhecê-la. Sempre tive a esperança de que estivesse bem.

- trocaste mais que eu, William - disse ela, tratando de sorrir - Quanto cresceste Segue trabalhando ... para minha avó?

Sacudiu a cabeça e sorriu com tristeza.

- Ela morreu faz dois anos, senhorita. O doutor disse que foi algo do coração, mas as garotas da casa diziam que merecia uma morte pior...

- Ah - sussurrou Catherine girando seu rosto branco e rígido. Era de esperar, é obvio. Sua avó tinha sofrido de uma enfermidade do coração há anos. Pensou que deveria sentir-se aliviado pela notícia, mas solo sentia esvazio

- E ... Minha tia? Althea segue aí?

William lançou um olhar de vigilância ao redor deles.

- Ela é a madame - disse ele com voz baixa - Eu trabalho para ela, trabalhos eventuais, quão mesmo fiz por sua avó. Mas é um lugar diferente agora, senhorita. Muito pior.

A compaixão se removeu dentro dela pensando em quão injusto era para ele estar apanhado em uma vida assim, sem formação ou educação para lhe proporcionar qualquer outra opção de vida. Em privado resolveu solicitar Harry se poderia haver algum tipo de emprego para o William no hotel, algo que o ajudasse a ter um futuro digno.

- Como está minha tia? - perguntou.

- Doente, senhorita - seu rosto magro estava sério - O doutor disse que tinha... tem uma enfermidade venérea. Contraída de faz anos ... começa por danificar as articulações e se vai até o cérebro. E à idade de sua tia é algo que já não tem remédio.

- Sinto muito - murmurou Catherine, tratando de sentir lástima mas uma massa de medo lhe subiu à garganta. Tratou de tragar de fazer mais perguntas, mas Léo os interrompeu bruscamente.

- É suficiente – ordeno - O carro está esperando.

Catherine dirigiu a seu amigo da infância um olhar triste

- Há algo que possa fazer para te ajudar, William? Necessita dinheiro?

Ela lamentou imediatamente lhe haver feito a pergunta ao ver a vergonha e o orgulho ofendido em seu rosto. Se tivesse tido mais tempo, teria encontrado uma melhor maneira de perguntar. William negou com a cabeça.

- Não necessito nada, senhorita.

- Estou no Hotel Rutledge. Se quiser lombriga, se houver algo que possa fazer por ti.

- Não quero lhe causar problemas a você, senhorita Cathy. Sempre foi amável comigo. Trouxe-me medicina uma vez quando eu estava doente, chegou à paleta da cozinha, onde eu dormia, e me cobriu com uma das mantas de sua cama. sentou-se no chão e me cuidou.

- Vamos - disse Léo lançando uma moeda ao William. O jovem a apanhou no ar, encerrou-a em seu punho e olhou a Leio com uma mescla de cobiça e ressentimento, com o rosto duro. Quando falava, seu acento era exagerado.

Léo guiava ao Catherine longe enquanto a sustentava pelo cotovelo, ajudou-lhe a subir ao carro. No momento em que se sentou sobre o estreito assento e olhou de novo, William se tinha ido.

O assento do acompanhante era tão pequeno que as saias do Catherine, capaz de seda rosa ficaram dispostas como pétalas de rosa, derramado sobre uma das coxas de Léo. Olhando seu perfil, sentiu-a severo e molesta, da mesma forma a Marks de antigamente.

- Não era necessário que me arrastasse assim – recrimino – Foi grosseiro com o William.

Lhe dirigiu um olhar de arrependimento. – Sinto muito, depois de refletir, sentirei-me muito mal por isso.

- Havia algumas costure até que ainda queria lhe perguntar.

- Sim, estou seguro de que tinha muito mais por aprender a respeito das enfermidades de um bordel. me perdoe por te haver privado conversação esclarecedora. Deveria ter deixado que os dois recordassem os bons tempos no bordel enquanto estava parados em meio da rua.

- William era um moço muito amável - disse Catherine em voz baixa - Merecia-se uma melhor na vida. Teve que trabalhar do momento em que pôde caminhar, limpar os sapatos e ter pesados cubos de água acima e abaixo pelas escadas ... não tem família, nem educação. Não tem compaixão por aqueles que vivem em circunstâncias desafortunadas?

- As ruas estão cheias desses meninos. Faço o que posso por eles no Parlamento, e lhes dou caridade. Sim, tenho simpatia por eles. Mas neste momento estou mais interessado em suas circunstâncias desafortunadas que as de qualquer. E tenho algumas pergunta para ti começando por isso: O que aconteceu o intermédio? - quando Catherine não respondeu, tiro-a da mandíbula em um apertão suave mas firme e a obrigou a olhá-lo. – vais dizer me o que acontecer.

Lhe dirigiu um olhar tenso.

- Lorde Latimer se aproximou de mim - os olhos de Léo se reduziram, sob a mão por seu queixo.

- Enquanto estava no camarote?

- Sim. Harry e Poppy não o viram. Latimer me falou através da cortina na parte traseira dos assentos de caixa.

Léo se encheu de uma ira explosiva. Por um momento não se atreveu a falar. Queria voltar e massacrar ao bastardo.

- O que te disse? - perguntou com brutalidade.

- Que eu era uma prostituta e uma fraude.

Léo não era consciente de que estava fora de controle, apertando sua mão até que ela deu um coice. Solto-a imediatamente.

- Sinto que tivesse que acontecer sozinha - atinou a dizer - Não devi te haver deixado. Mas acreditei que jamais se atreveria a voltar a te incomodar depois da advertência que lhe dava.

- Acredito que queria deixar claro que não está intimidado por ti. - assinalou com uma respiração irregular - Acredito que lhe dói seu orgulho há muitos anos, pagou por algo que não recebeu. Talvez poderia lhe dar algo do dinheiro que Harry me atribuo e isso poderia ser suficiente para que me deixe em paz. Para que guarde silêncio sobre o que sabe de mim.

- Não, porque isso solo obteria que a chantagem se prolongasse. E Latimer jamais se calasse. me escute, Cat ... Harry e eu falamos sobre como dirigir o problema. Baste te dizer que em poucos dias, Latimer se encontrará em uma posição em que qualquer poderia terminar no cárcere ou será obrigado a fugir da Inglaterra.

- por que crime? - perguntou com os olhos muito abertos.

- Há uma larga lista para escolher - disse Léo - Fez de tudo e prefiro não mencionar algo em específico, porque não é adequado para os ouvidos de uma dama.

- Você pode fazê-lo sair da Inglaterra? De verdade?
- Na verdade - sentiu que se relaxava um pouco seus ombros caíram - Isso seria um alívio – disse - Entretanto ...
- Sim?

Catherine voltou a cara longe de seu olhar escrutinadora.

- Não importa realmente. Porque o que ele disse não é nada menos que a verdade. Sou uma fraude.
- Isso não é certo, foi uma fraude como uma prostituta aspirante. Mas como uma senhora decente e de bons maneiras que tem um atrativo irresistível para os furões é completamente autêntica.
- Não todos os furões. Só Dodger.
- Prova de seu bom gosto.
- Não trate de ser encantador – murmurou - Não há nada mais molesto que alguém que tenta fazer que alguém se sinta melhor quando quão único quer é te derrubar. Léo conteve um sorriso. - Sinto muito - disse compungiu - Vê e lhe derrube . O estava fazendo muito bem até que te interrompi.
- Obrigado - exalou um suspiro e esperou um momento – Demônios - disse finalmente - Não posso fazê-lo agora - seus dedos se enredaram com os seus e lhe acaricio polegar sobre o dorso de seus nódulos - Quero fazer o correto - disse Catherine
- Nunca fui uma aspirante a prostituta.
- O que é o que você deseja?
- Poder viver em um lugar tranquilo, e estar segura.
- Isso é tudo?
- Sim, isso é tudo. E não o consegui ainda. Embora ... os últimos anos foram o mais próximo que estive a meu sonho.
- Te case comigo – lhe pediu Léo – e poderá ter ambas as coisas. Estará a salvo, e viverá em New Hampshire e além de todo terá a meu... é, obviamente, a cereja no bolo Uma risada reacia escapo dela – Seriam mas cerejas das que o bolo necessita
- Solo as suficientes, Marks.
- Meu lorde, eu não acredito que queira te casar comigo tanto como desejas seguir tendo a razão sempre.
- Quero que te case comigo para que eu não tenha a razão sempre – disse - Não é bom para mim que sejam indulgentes. E você me diz que não com bastante frequência. Deu um bufo de diversão irônica.
- Não te hei dito não nestes últimos dias.
- Então vamos a sua suíte no hotel e pratiquemos. vou tratar de te impor minha forma de ser e você pode tratar de me rechaçar.
- Não-
- Dá-te conta? Está afinando suas habilidades já.

Léo lhe pediu ao condutor que os levasse pela avenida que bordeaba o beco atrás do hotel. Era uma forma muito mais discreta para entrar que desfilar pelo vestibulo. Subiram a escada de serviço e com o passar do corredor que conduzia à habitação do Catherine.

O hotel estava extraordinariamente tranquilo a essa hora, todo mundo já seja por suas atividades da noite terminava por dormir profundamente.

Quando chegaram à porta do Catherine, ela esperou a que Léo procurasse a chave na bolsa de seda de ponto que tinha enredada em uma boneca.

- Me permita – pediu Léo, quando encontrou a chave. Abriu-lhe a porta.
- Obrigado - Catherine guardo a chave e se voltou para ele na soleira.

Léo olhou seu rosto de ossos finos, lendo no brilho de

- Me convide a entrar – pediu em voz baixa. Ela negou com a cabeça.
- Deve ir. Não é correto que esteja aqui.
- A noite ainda é jovem. O que vais fazer ali sozinha?
- Dormir.
- Não, não o fará. Permanecerá acordada o maior tempo possível, preocupado por seus pesadelos - ao ver que tinha conseguido tocar um ponto sensível, Léo aproveitou a vantagem. - me deixe entrar.

Capítulo Vinte e seis

Léo ficou na porta, tirando-os luvas lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo. Ao Catherine lhe secou a boca enquanto o observava. Necessitava-o. Tinha que ser consolada, e ele sabia. Se lhe permitiu entrar em sua suíte do hotel, não havia dúvida quanto ao que aconteceria a seguir.

Quando escuto o som das vozes procedentes ao final do comprido corredor, tendeu-lhe a mão a toda pressa, tomando o das lapelas da jaqueta e atirou dele através da soleira, e fechou a porta da habitação. – Cala. - sussurrou.

Léo apoiou as mãos a cada lado dela, contra a porta. - Sabe como me manter em silêncio.

As vozes se fizeram mais fortes quando as pessoas avançaram com o passar do corredor.

Sonriéndole, Léo disse em um tom perfeitamente audível - Marks, pergunto-me se...

Ela o beijo exasperada, faria algo para que se calasse. Léo caiu complacente, beijando-a com prazer audaz e apaixonado. Inclusive através das capas do vestido de noite ela podia sentir o calor e a dureza dele. Desesperada-se, procurou o calor de seu corpo, oculto sob a roupa.

Ela gemeu, quando o voltou a beijar seus lábios. Sua língua era profunda, e sentia pontadas de prazer sob seu ventre. Suas pernas perderam força e equilíbrio. Léo o Quito os lentes com cuidado. E os meteu no bolso. Com deliberada lentidão, pôs a chave na porta e a fechou do interior. Catherine ficou em silêncio, rasgada entre o desejo e a precaução.

Em silêncio, Léo foi acender um abajur. Uma grossa, como um fósforo se acendeu.... Catherine piscou na sala de sombras cruzadas, na grande forma escura dele diante dela. Suspirava por ele, seu corpo palpitava de desejo, um tremor a percorreu ao pensar em como a tinha cheio, na deliciosa sensação do dentro dela.

Às cegas, ficou de costas ao enquanto Leio lhe desabotoava a fileira de ganchos que sujeitavam a parte de atrás de seu vestido, sentiu a boca dele acariciar a nuca suave de seu pescoço enquanto empurrava o vestido até a cintura e seus quadris, ajudou-lhe a tirar-lhe saiu do montão de capas de seda rosa, continuando com suas sapatilhas. Lhe dando a volta de novo, desabotoou-lhe o espartilho fazendo uma pausa para beijar a cada um de seus ombros a sua vez.

- Solta seu cabelo. - O contato de seu fôlego na pele lhe deu calafrio.

Catherine obedeceu, atirando das forquilhas do coque, as guardando em um pequeno pacote. depois das pôr no penteadeira, foi à cama e subiu sobre o colchão, à espera, estica enquanto ele se despia. Não podia deixar de desejar ficá-los lentes enquanto olhava a forma nebulosa dele, o jogo de luzes e sombras na pele.

- Não entrecierres os olhos com tanta força, amor. Força a vista.
- Não posso verte.

aproximou-se dela, cada linha de seu corpo cheio de graça masculina. - Pode lombriga a esta distância?

Ela o contemplou a fundo. - Certas partes.

Léo deixou escapar uma risada rouca, arrastando-se sobre a cama, sobre ela, apoiando seu peso sobre seus braços. As pontas de seus peitos endurecidos sob o véu de luz de sua camisa. Seus estômagos apertados.

- E agora? - Léo disse em voz baixa. - Estou o suficientemente perto?

- Quase - acertou a dizer, olhando-o à cara. Ela teve que forçar as palavras entre as respirações irregulares.- Mas não de tudo ...

Léo se inclinou para tomar seus lábios, fechando sua boca sobre a dela em uma fogueira sensações Ela se perdeu nele, um beijo que era ao mesmo tempo generoso e exigente. Provou o interior da boca pela primeira vez, e sentiu a sacudida de sua resposta.

Com um som irregular, Léo agarrou a prega da camisa. Ao atirar do objeto para cima, que ele ajudou a Catalina a levantá-la por cima de sua cabeça. Desatou as cintas de seus calções com uma lentidão tortuosa, passando os dedos ao longo da cintura afrouxando, deslizando o tecido de musselina fina por seus quadris. Suas ligas e meias de repente seguiram o mesmo caminho.

Murmurando seu nome, Catherine rodeio com os braços ao redor do pescoço de Léo. arqueou-se contra ele, ofegando com deleite.

Ele acaricio com sua boca o ouvido, seus lábios jogando com o lóbulo suave sussurrou - Cat. vou beijar até o fundo de seu corpo uma e outra vez. E quero que esteja perfeitamente quieta e me deixe fazer o que quiser. Pode fazer isso, não?

- Não - disse ela com seriedade - Realmente não acredito.

Léo apartou a cara por um momento. Quando ele a olhou, seus olhos brilhavam de diversão. - Isso foi em realidade uma pergunta retórica.

- Uma pergunta retórica tem uma resposta óbvia - argumentou - e o que estas pedindo não é... - Interrompeu-se, incapaz de falar ou pensar quando ela o sentiu morder e lambe a parte sensível de seu pescoço. Sua boca estava quente e suave, a ponta da língua como de veludo. abriu-se caminho ao longo de seu braço, detendo-se nos ossos de sua parte interna do braço e a boneca, acariciando o pulso que pulsava visivelmente na pele frágil. Cada centímetro de seu corpo vibrava com o que lhe estava fazendo.

Sua boca percorreu ao longo de seu braço ao lado de seu peito, o caminho de sua boca deixando a pele avermelhada e úmida, roçou seu mamilo mas sem tocá-lo, até que sentiu um gemido em sua garganta. - Meu lorde, por favor - ofegou ela, deslizando suas mãos sobre seu cabelo, tratando de guiá-lo.

O resistiu, sujeitando-a pelas bonecas -Não te mova - recordou-lhe brandamente. - Ou quer que comece de novo?

Fechou os olhos com tranquilidade ofendida, seu peito palpitante. Léo teve o descaramento de rir brandamente, com a boca voltou a roçar seu peito. Um grito lhe escapou quando sentiu os lábios contra seu mamilo. Pouco a pouco sua boca se abriu e selou sobre ele, e começou a sugá-lo. O calor se retorcia no estômago, e seus quadris se levantaram do colchão. O pôs sua mão no abdômen acariciando-a em círculos pressionando as costas para baixo.

Era impossível permanecer imóvel quando Léo a atormentava, despertando seu desejo, Impossível resistir ... mas ele não permitiria outra coisa. abriu-se passo até seu estômago, lambendo e soprando brandamente no oco de seu umbigo. Ela estava débil, suarenta com seu corpo atormentado pelo deleite que raiava na dor.

Sua boca se deslizou pela suavidade do interior das coxas, a língua tocando brandamente a ambos os lados ... em todas partes exceto em seu centro úmido.

- Léo - ofegou. - Isto... não é muito amável de sua parte.

- Já sei - disse. - Separa as pernas.

Ela obedeceu com um estremecimento, o mordisco sua coxa, detrás dos joelhos, dando beijos ao redor de seus tornozelos, chupo perezosamente todos os dedos de seus pés. Ela pego um gemido suplicante.

depois de uma eternidade, Léo tinha progredido finalmente todo o caminho de volta a seu pescoço. Catherine separou as coxas, morrendo pelo ter dentro, mas em troca o a girou sobre seu estômago. Ela gemeu de frustração.

- Garota Impaciente. – A mão de Léo acaricio suas nádegas e se deslizou entre suas coxas. – Isto te satisfaz por agora? - Ela o sentiu separando sua carne torcida. Seu corpo se estremeceu de sorte quando um de seus dedos a penetrou, enquanto beijava ao longo de seu espinho dorsal. Ofego de prazer quando o dedo de Léo jogava com seu sexo.. Mais perto ... mais perto ... e entretanto o ponto culminante brilhava fora de seu alcance.

Finalmente Leio a voltou para o de novo, seus rasgos duros e empanados de suor, e foi só então quando se deu conta de que tinha sido para ele mesmo a tortura, igual para ela. Sujeitou-lhe os braços sobre sua cabeça e lhe abriu as pernas. Por um instante, ela teve um momento de pânico ao ver sua própria impotência ao ver seu poderoso corpo em cima dela. Mas então ele a penetrou rapidamente, e o temor se desvaneceu em muito prazer. Passou-lhe o braço livre por debaixo de seu pescoço. Tinha os olhos fechados e sua cabeça pendurava quando se inclinou para beijar seu pescoço.

O a tomo acoplando seus quadris a um ritmo lento e delicioso, investindo-a uma e outra vez reprimindo o momento de sua liberação até que ela gemeu anunciando a seu e Léo fico com ela, até que a respiração do Cat se voltou tranqüila, murmurando em seu ouvido a convenceu para envolver sua perna ao redor de sua cintura, e levantou a outra perna até que se enganchou por cima do ombro. A posição trocava o ângulo entre eles, quando ele se introduziu de novo dentro dela, acariciou-a em um novo ponto de prazer, investiu-a de novo e as quebras de onda de prazer voltaram tão altas e rápidas que quase não podia respirar. Ela ficou imóvel debaixo dele, com as pernas tremendo como ela tomou com mais profundidade do que tinha acreditado possível. Ela foi impulsionada em outro ponto culminante, forte e vertiginoso, mas antes de que os tremores se desvaneceram, o se retirou abruptamente tendo sua própria liberação, seu sexo papito violentamente contra seu estômago.

- OH, Cat - disse depois de um tempo, ainda sobre ela, apoderou-se de suas mãos na roupa de cama.

Voltou a cara até que seus lábios roçavam o bordo de sua orelha. O perfume erótico do sexo e a pele úmida cheio suas fossas nasais. A palma de sua mão se foi a suas costas, alisando a superfície tensa, e ela o sentiu tremer de prazer.

Léo levantou a cabeça e a olhou. – Marks - disse, sua voz desigual - Não é a mulher perfeita.

- Estou consciente disso - disse.

- Tem mau caráter, está tão cega como uma toupeira, é uma poeta deplorável e, francamente, seu acento francês poderia utilizar-se com certo trabalho. - Apoiando-se nos cotovelos, Léo tomou sua cara entre as mãos. - Mas se suprimo todas essas coisas ao resto de suas qualidades, isso te converte na mulher melhor imperfeita que conheci.

Absurdamente agradada, lhe sorriu.

- É formosa mas lá das palavras - continuou Léo. – É amável, divertida e apaixonada. Também tem um grande intelecto, mas estou disposto a passar por cima disso.

Seu sorriso se desvaneceu. – Isto significa outra proposta de matrimônio?

Seu olhar era de intenção. - Tenho uma licença especial da corte do arcebispo de Faculdades. Poderíamos nos casar em qualquer igreja, quando nos agradar. Poderíamos estar casados pela manhã, se disser que sim.

Catherine voltou a cara dele, pressionando o cenho franzido no colchão. Devia-lhe uma resposta-que lhe devia honestidade. - Não estou segura de poder dizer que sim a tudo.

Léo estava muito quieto. - Quer dizer que só quando lhe proponho isso, ou se algum mais o faz?

- Qualquer homem - admitiu. - É só que contigo, é muito difícil de rechaçar.

- Bom, isso é alentador - disse, embora seu tom transmitia o contrário.

Léo deixou a cama e foi procurar um trapo úmido para ela. De volta, parou-se junto à cama e a observou. - Pensa nisso desta maneira - disse. - O matrimônio não vai trocar quase nada entre nós, exceto agora ficaria fim a nossas discussões de uma maneira muito mais satisfatória. E é obvio me dá amplos direitos legais sobre seu corpo, seus bens e todas suas liberdades individuais, mas não vejo o que é mais alarmante a respeito disso.

Sua brincadeira esteve a ponto de fazê-la sorrir de novo, apesar do desespero que a invadia. Ao terminar suas abluções, pôs o pano na mesinha de noite e tirou a roupa de cama sobre. - Desejaria que a gente fora como os relógios e mecanismos do Harry é tão hábil na construção. Então poderia me reparar, pois tenho algumas partes que não estão funcionando adequadamente.

Léo se sentou no bordo da cama, sustentando seu olhar dela. Estendeu um braço musculoso e agarrou a parte posterior de seu pescoço na mão, e a manteve estável, seu coração pulsava com força. Levantou a cabeça e disse: - Eu adoro todas suas partes tal e como são. - tocou-lhe a linha da mandíbula tensa, brandamente com os dedos. - Pode ao menos admitir que me quer?

Catherine se moveu contra a suave carícia. - Eu ... é óbvio que se.

- Então, diga-o - insistiu, acariciando o lado da garganta.

- por que tenho que dizer algo que é tão óbvio?

Mas ele insistiu, maldita seja, não parecia entender quão difícil era para ela. - Não são mais que umas poucas palavras. - Seu polegar roçou o pulso ansioso na base de seu pescoço. - Não tenha medo.

- Por favor, não posso.

- Diga-o.

Catherine não podia olhá-lo. Tomando uma respiração profunda, obteve um sussurro trememente – Te quero.

- Já está - murmurou Léo. - Era isso tão mau?

Seu corpo foi tentado pelo desejo de acurrucarse contra seu peito. Mas em vez disso colocou os braços entre eles, conservando uma distância crucial. - Não há nenhuma diferença - obrigou-se a dizer. - De fato, faz-o pior.

O afrouxo os braços e lhe dirigiu um olhar inquisitivo. - Faz-o pior?

- Sim, porque nunca se pode dar nada mais que isso. E sem importar o que disser o contrário, você quer o tipo de matrimônio de suas irmãs. A forma em que é Amelia com o CAM, a devoção e a intimidade... querera isso também.

- Não quero a intimidade com o CAM – a Miro fingindo escandalizar-se.

- Não brinque a respeito - disse miseravelmente. - Isto é sério.

- Sinto muito - foi sua resposta tranqüila. - Às vezes as conversações sérias me incomodam e tendo a recorrer ao humor como resultado. - Fez uma pausa. - Entendo o que está tratando de me dizer. Mas se disser que com a atração e o carinho seria suficiente?

- Não acredito. Porque sei o infeliz que te faria, ao ver os matrimônios de suas irmãs, recordando como seus pais se dedicaram o um ao outro, e sabendo que o nossa será uma falsificação em comparação. Uma paródia.

- O que lhe faz estar tão segura de que não poderemos nos cuidar o um ao outro?

- Estou-o. olhei dentro de meu coração, e não há nada. Isso é ao que me referia antes. Não acredito poder ser capaz de confiar em ninguém o suficiente para amar. Inclusive a ti.

A cara de Léo era inexpressiva, mas sentiu algo escuro esconder-se debaixo de seu auto-controle, algo que deixou entrever a ira ou exasperação. - Não é que não possa - disse. - É que não quer - Soltou-a e se moveu com cuidado para recuperar sua roupa desprezada. Enquanto se vestia, falava com uma voz fria e de uma vez suave. - Tenho que ir.

- Está zangado.

- Não. Mas se fico, vou terminar te fazendo o amor e seguirei insistindo em que te case comigo até manhã. Inclusive minha tolerância ao rechaço tem seus limites.

As palavras de pesar e autor reprove fluíam em seus lábios. Mas ela as deteve, sentindo que só o enfureceriam. Léo era um homem que não temia aos desafios. Mas ele estava começando a compreender que não podia fazer nada com o desafio que ela representava, um dilema inexplicável que não podia resolver.

depois de vestir-se e ficar seu casaco, Léo retornou à cama. - Não tente predizer do que sou capaz - murmurou, deslizando seus dedos por debaixo do queixo. inclinou-se para pressionar seus lábios na frente, e adicionou: - Pode-te levar uma surpresa.- foi à porta, abriu-a e olhou para cima e abaixo do corredor. Jogou uma olhada ao Catherine por cima do ombro. - Fecha a porta quando for

- boa noite - disse com dificuldade. - E ... o sinto, meu lorde. Eu gostaria de ser diferente. Eu gostaria de poder- deteve-se e sacudiu a cabeça tristemente. O se deteve um pouco mais de tempo, Léo lhe lançou um olhar de diversão mas com uma advertência. - vais perder esta batalha, Cat. Pesasse-te e vais ser muito feliz com sua derrota.

Capítulo Vinte e sete

Ir a uma chamada da Vanessa Darwin ao dia seguinte era quão último Leio queria fazer. Entretanto, tinha curiosidade a respeito de por que queria vê-lo. A direção que Poppy lhe tinha dado era de uma residência do Mayfair no South Audley Street, não longe da terraço que arrendou. Era uma casa de estilo georgiano, de tijolo vermelho com clara de frente branca, com um frente branco com quatro colunas esbeltas pilastras.

A Léo gostava imensamente Mayfair, nem tanto por sua reputação de ser a zona de moda como pelo fato de que uma vez tinha sido chamada “O lugar mais obscenos e desordenado da terra” a princípios de do século XVIII pelo Grande Jurado do Westminster.

Tinha sido condenado por suas práticas de jogos, peças de teatro obscenas, boxe e brigas clandestinas de animais e todos os vícios atribuídos à delinquência e a prostituição. Nos próximos cem anos se havia aburguesado gradualmente até que John Nash tinha selado sua respeitabilidade há flanco de conseguir com o Regent Street e Regent Park.

Para Léo, entretanto, Mayfair sempre seria uma dama respeitável com um passado conhecido. Ao chegar à residência, Léo foi recebido em uma sala de estar com vistas a um jardim de dois níveis. Vanessa Darwin e a condessa Ramsay lhe deram a bem-vinda com gosto. Como todos ficaram o bate-papo fez obrigatória, perguntando pela saúde de sua família, e a sua, o clima, e outros temas de cortesia. Perguntaram-lhe a Leio sobre suas impressões do baile organizado por sua família.

A condessa era uma mulher muito vivaz e Vanessa Darwin uma beleza.

Passado um quarto de hora e depois de meia hora. Léo começou a perguntar-se se alguma vez voltaria a sair daquela casa.

- Meu deus! – exclamo a condessa finalmente - Esqueci totalmente que tinha a intenção de consultar com o cozinheiro o menu para o jantar. Perdão, tenho que ir falar com ele - ficou de pé, e Léo automaticamente fez o mesmo.

- Talvez deveria me retirar também - disse, agradecido pela oportunidade de escapar.

- Fique, meu lorde – pediu Vanessa em voz baixa. Um olhar passou entre a Vanessa e a condessa antes de que esta saísse da habitação.

Reconhecendo o pretexto óbvio para que os deixasse sozinhos, Léo se sentou de novo na cadeira. Levantou uma sobranceira enquanto olhava a Vanessa.

- Assim há um ponto que tratar.

- Há-o - confirmou Vanessa. Era formosa, seu brilhante cabelo escuro disposto em cachos cobriu sua cara, com os olhos exóticos e surpreendentes em sua tez de porcelana.

- Quero discutir um assunto muito pessoal com você. Espero poder confiar em sua discrição.

- É possível - Léo a olhou com um brilho de interesse. Houve um espionismo de incerteza, urgência, sob sua fachada provocadora.

- Não estou segura de qual seja a melhor maneira de começar - disse.

- por que não prova a ser contundente? - sugeriu Léo – as sutilezas são geralmente um desperdício para mim.

- Eu gostaria de lhe fazer uma proposição, meu lorde, que satisfaça nossas necessidades mútuas.
- Que intrigante!. Eu não era consciente de que tivéssemos necessidades mútuas.
- Obviamente, a sua é casar-se e ter um filho logo, antes de morrer.

Léo se sobressaltou ligeiramente.

- Não tenho planejado morrer em um curto prazo.
- O que acontece a maldição dos Ramsay?
- Eu não acredito na maldição Ramsay.
- Tampouco meu pai acreditava - disse enfaticamente.
- Bom, então - disse Léo um tanto molesto e divertido – Se a hora de minha morte se aproxima tão rapidamente, não devemos perder tempo. me diga que é o que quer, senhorita Darwin.

- Tenho que encontrar um marido logo que seja possível, ou logo me encontrar em uma situação muito desagradável.

Léo a observava de maneira alarmante e não encontrou uma resposta

- ;Embora não me conhece bem - continuou dizendo - Eu sei muito a respeito de você. Suas façanhas passadas não são um segredo. E acredito que todas essas qualidades que lhe faria um marido adequado para qualquer outra pessoa o fariam ideal para mim. Somos muito parecidos, já vê. Você é cínico, amoral e egoísta – fez uma pausa deliberada - Eu também Por isso nunca trataria de trocar nada sobre você. - Fascinante. Para uma menina de não mais de vinte anos, que possuía uma sobrenatural confiança em si mesmo. - Cada vez que tivesse alguma aventura - continuou Vanessa - Não me queixaria. Provavelmente nem sequer daria conta, porque eu estaria ocupada nos mesmos assuntos. Seria um matrimônio sofisticado. Posso-te dar filhos para assegurar que o título Ramsay e os bens permaneçam em sua linha de descendência. Além disso, posso...

- Senhorita Darwin – interrompeu Léo com cuidado - Por favor, não siga - a ironia da situação se perdeu nele . Lhe estava propondo um verdadeiro matrimônio de conveniência, livre de desejos e sentimentos desordenados. Era o diametralmente oposto à bodas que queria com o Catherine. Não fazia muito que poderia ter aceito o plano. Instalando-se em sua cadeira, Léo a olhou com paciência .

- Não nego as histórias de meus pecados no passado. Mas apesar de todo isso ... ou possivelmente devido a isso ... a idéia de um matrimônio sofisticado não me atrai o mais mínimo. - viu pela calma congelada da cara da Vanessa que a tinha surpreso. tomou seu tempo para lhe responder.

- Talvez deveria, meu Lorde. Uma mulher melhor se sentiria decepcionada e envergonhada por você, e se voltaria com ódio. Enquanto que eu - tocou-se o peito em um gesto praticado, chamando sua atenção sobre a redondez perfeita de seus seios – Jamais esperaria nada de você.

Era o acordo perfeito proposto pela Vanessa Darwin a receita perfeita para a domesticidade aristocrática. Como pôde alguma vez encontrar isso fantasticamente civilizado?

- Mas eu necessito que alguém espere algo de mim - ouviu-se dizer.

A verdade caiu sobre ele como um relâmpago. Realmente acabava de dizer isso? E se o tinha feito isso realmente significava... Bom Deus!

Quando e como tinha trocado? Tinha sido uma luta mortal deixar atrás os excessos de dor e ódio a si mesmo. Pelos sentimentos que tinha tido ao querer morrer, não era exatamente os mesmos que querer viver. Tinham sido suficientes por um tempo. Até que conheceu o Catherine. Havia Lhe tornado a despertar como um baldazo de água fria na cara. Fez-lhe querer ser um homem melhor, não só para ela, mas também para si

mesmo, também. Ele deveria ter sabido que Catherine o empurraria ao abismo. meu deus, empurrou-o. E o amava isso. Amava-a. Sua pequena jaqueta, com óculos.

- Não vou deixar o cair - havia-lhe dito ela o dia em que tinha ficado ferido nas ruínas - Não deixarei que se converta em um degenerado.

Ela o tinha assegurado e lhe tinha acreditado, tinha sido o ponto de inflexão.

Tão profundamente que se resistiu a amar a alguém assim ... e entretanto era muito emocionante. Sentia como se sua alma ardesse em fogo, cada parte dele estava cheia de uma alegria impaciente.

Consciente de que seu calor tinha aumentado, Léo respirou fundo e soltou o ar lentamente. Um sorriso torceu seus lábios ficou a refletir sobre a inconveniência peculiar de dar-se conta de que estava apaixonado por uma mulher, quando acabava de receber uma proposta de outra.

- Senhorita Darwin - disse brandamente - Sinto-me honrado por sua sugestão. Entretanto, você deseja ao homem que era eu. Não ao homem que sou agora.

Os olhos escuros brilhavam com malícia.

- Está dizendo que se reformasse? Crie que pode desfazer-se de seu passado?

- Não, absolutamente. Mas tenho esperanças de um futuro melhor - fez uma pausa deliberada – a maldição dos Ramsay terá que esperar

- Está cometendo um engano – a voz característica da Vanessa emergiu endurecida - Sabia que era um cavalheiro, mas não tome por tola. Vá-se agora mesmo daqui já que não vai ser de nenhuma utilidade para mim.

Léo se levantou amavelmente. Fez uma pausa antes de ir-se, lhe dirigindo um olhar ardiloso.

- Não posso deixar de me perguntar, senhorita Darwin ... por que não simplesmente tenta casar-se com o pai do bebê? - resultou ser uma conjetura muito boa os olhos da Vanessa estalaram antes de que ela obtém sua estudada expressão.

- Está muito por debaixo de mim! – grito com voz histérica – Eu sou bastante mais exigente que suas irmãs, meu Lorde.

- É uma lástima - murmurou Léo - Parecem ser muito felizes em sua falta de discriminação.

Fez uma reverência cortesa. - Adeus, senhorita Darwin. Desejo-lhe sorte em sua busca de um marido que não é por debaixo de você.

- Não necessito seus bons desejos, meu Lorde. Me vou casar, e logo. E não tenho dúvida de que meu futuro marido e eu seremos muito felizes quando nos chegar o momento de tomar posse do Ramsay House.

De volta ao hotel de uma entrevista com a costureira acompanhada pelo Poppy , Catherine se estremeceu de agradecer ao entrar nos apartamentos Rutledge. Estava chovendo de maneira constante, e começava a cair o frio que anunciava a proximidade do outono. face às precauções de capas e guarda-chuva, ela e Poppy não tinha escapado por completo da umidade. Os dois se foram ao salão da chaminé, de pé ante o fogo trataram de entrar em calor.

- Harry deve retornar do Bow Street logo - disse Poppy, jogando para trás uma mecha de cabelo molhado que se pegou à bochecha - foi a uma reunião com um agente de polícia especial e um magistrado do Bow Street para discutir sobre Lorde Latimer - até esse momento Harry tinha sido muito constante em seu afã de achar uma maneira de deter e castigar ao Latimer, lhe prometendo a sua esposa que depois de que ele tivesse sido recebido pelo magistrado poderia lhe explicar com detalhe todos os pormenores –

E não posso esperar para saber como lhe Foi leio em sua reunião com a senhorita Darwin

Catherine se tirou os óculos e utilizo uma dobra da manga para limpar o bafo dos cristais. Ouviu o som de bem-vinda do Dodger, uma espécie de ruído forte renda-se, ele veio galopando para ela. inclinou-se para recolhê-lo enquanto se retorcia em seus braços.

- É um rato odioso - murmurou, embalando seu corpo comprido e elegante.
- Ele te ama, Catherine - disse Poppy, sacudindo a cabeça e sorrindo.
- Entretanto, o devolvarei a Beatriz na primeira oportunidade - furtivamente baixou a bochecha para deixar que Dodger a beijasse.

Bateram na porta, seguido pelo bulício de alguém que entra, um murmúrio masculino, uma criada que corre a tomar seu casaco e chapéu. Léo entrou na sala, levando o perfume da umidade e a chuva. Tinha o cabelo molhado nos extremos, encrespa-se levemente contra seu pescoço.

- Léo - exclamou Poppy com uma gargalhada - Como está! Não tem um guarda-chuva?
- O guarda-chuva é de pouca utilidade quando chove de lado - informou-lhe - vou procurar uma toalha.

Poppy saiu da habitação.

A sós com Léo, Catherine o Miro. Seu sorriso se desvaneceu, e ele a olhou com intensidade alarmante. por que a olhava dessa maneira? Parecia como se algo houvesse em seus olhos que os fazia parecer os de um demônio perigoso.

- Como foi em sua conversação com a senhorita Darwin? - perguntou-lhe, esticando-se enquanto se aproximava dela.
- Iluminação - Ela franziu o cenho ante a breve resposta, refugiando-se em uma demonstração de exasperação.
- O que te pediu?
- Propô-me um matrimônio de conveniência.

Catherine piscou. Era o que ela esperava ouvir , e entretanto, lhe escutá-lo causou uma pontada de ciúmes. Léo se deteve seu lado, a luz do fogo ilumino as pequenas gotas de chuva que brilhavam como jóias em seu rosto torrado pelo sol. Queria tocar essa bruma ligeira, posar sua boca sobre elas, as saborear em sua pele.

- Qual foi sua resposta? - obrigou-se a perguntar.
- Senti-me adulado, é obvio - disse brandamente - A gente sempre agradece ser amado - Ele sabia que estava ciumenta e decidiu jogar com ela.

Catherine lutava por manter a calma.

- Talvez deveria aceitá-la - disse com frieza.
- Seu olhar não se moveu da sua.

- Talvez já o fiz.

Catherine respirou forte.

- Aqui tem – disse Poppy alegremente, alheia à tensão entre eles ao entrar na habitação com uma pilha ordenada de toalhas. Trazia um pano para Léo, que tomou e se seco a cara. Catherine se sentou no sofá, deixando que Dodger se recostasse em seu regaço.

- O que disse a senhorita Darwin? – escuto que Poppy perguntava. A voz de Léo foi amortecida pela toalha.
- Ela me declarou.
- Meu deus! - disse Poppy - Não tem idéia do que é te tolerar diariamente.

- Em sua situação - respondeu ele - Uma mulher não pode permitir o luxo de ser suscetível.

- Que situação é essa? - perguntou Catherine lacônicamente.

Léo entregou a toalha ao Poppy.

- Está esperando um filho. E não lhe importa não casar-se com o pai. Isto não tem que sair além desta sala, é obvio.

As duas mulheres permaneceram em silêncio. Catherine lutou com uma curiosa mescla de sentimentos ... simpatia, hostilidade, ciúmes, medo.

Com esta notícia, as vantagens de uma aliança entre Léo e a senhorita Darwin eram muito claras.

Poppy olhava gravemente a seu irmão.

- Seu caso deve ser bastante desesperado, para que ela confie em ti dessa maneira. Fico suspensa quando Harry entrou no apartamento, o casaco e o chapéu jorrando água.

- Boa tarde – saúdo Harry, com um sorriso. A criada tomou o chapéu e o casaco empapado, e Poppy lhe aproximou com uma toalha fresca.

- Caminhou? - perguntou ela, seu olhar bairro das pregas empapada das pernas das calças da calça até seus rasgos salpicado pela chuva. aproximou-se de secar seu rosto com a solicitude de uma esposa amorosa.

- Estive a ponto de chegar nadando - disse-lhe Harry, que parecia desfrutar de seu interesse.

- por que não tomou um carro de aluguel ou pediu que lhe enviassem ao chofer?

- Todos se encheram assim que começou a chover - respondeu Harry - E é uma distância curta. Só uma galinha enviaria por um carro.

- É melhor ser um morrer de frio - renegou Poppy depois de que se aproximasse da chaminé. Harry sorriu e se inclinou para lhe roubar um beijo, enquanto trabalhava em desfazer o nó da gravata molhada.

- Nunca agarrarei frio – se Quito a jaqueta úmida, jogou-o em um lado e ficou junto ao fogo. Jogou uma olhada a Léo à expectativa.

- Quanta sua reunião com a senhorita Darwin?

Léo se sentou e se inclinou para diante com os cotovelos apoiados nos joelhos.

- Não tem importância por que não nos falas de sua visita ao Bow Street?

- Hembrey Constable examinou a informação que lhe proporcionou, e está disposto a acessar a uma investigação.

- Que tipo de investigação? – perguntou Catherine olhando ao Harry e a Léo. A cara de Léo estava impassível quando explicou.

- Faz uns anos, Lorde Latimer me convidou a me unir a um clube exclusivo. Um tipo de sociedade Rakehell, com reuniões secretas celebradas em uma antiga abadia - Catherine abriu os olhos como pratos.

- Qual era o propósito da sociedade?

Harry e Léo ficaram em silêncio. Finalmente, Léo respondeu em um tom plano, o olhar fixo em um ponto longínquo fora da chuva da janela.

- Depravação sem paliativos. Simulacro de rituais religiosos, assaltos, crimes contra natura. Economizarei-lhes os detalhes, exceto para dizer que eram tão desagradáveis inclusive à altura de minha libertinagem, que rechace o convite do Latimer.

Catherine o observava atentamente. Um pequeno músculo em sua mandíbula saltava inverificado. A luz do fogo dourado ressaltava as linhas de seu rosto tenso.

- Latimer estava tão seguro de que queria participar - continuou Léo - Que entrou em detalhe sobre alguns dos crimes nos que ele estava envolto, por algumas casualidade me encontrava o suficientemente sóbrio para poder recordá-los.

- Essa informação é suficiente para submetê-lo a processo? - perguntou Catherine
 - de igual, Lorde Latimer teria o direito à liberdade antes da detenção?
 - Isso solo aplica nos casos civis - disse-lhe Harry - Não nas penitenciárias.
 - Então, Você crie que vai ser submetido a julgamento?
 - Não, não chegaremos a isso - disse Léo em voz baixa - A sociedade não pode permitir que suas atividades sejam expostas. Quando se derem conta de que Latimer é o foco de uma investigação, provavelmente lhe obrigarão a abandonar a Inglaterra antes de que possa ser processado. Ou melhor ainda, vão ver ele que ele termine flutuando no Tâmesis.
 - Will Constable Hembrey me pode envolver? - Catherine se atreveu a perguntar.
 - É obvio que não - disse Léo com firmeza tranquilizadora - Há provas mais que suficientes contra Latimer sem ter que te envolver a ti
 - Entretanto se fosse provocado - acrescentou Harry - Latimer estaria muito ocupado para te incomodar mais, Cat.
 - Obrigado – disse Catherine ao Harry. Seu olhar vacilou de novo com Léo quando acrescentou - Isso é um grande alívio - depois de uma pausa incômoda, ela repetiu sem convicção - Um grande alívio, por certo
 - Parece que não tudo parece haver-se resolvido - observou Léo com preguiça - O que é o que te aflige agora, Marks?
- Esta falta de simpatia, junto com suas brincadeiras anteriores a respeito da senhorita Darwin, foram muito para os nervos exasperados do Catherine
- Se estivesse em minha posição - disse ela com frieza – Não estaria exatamente dançando uma giga.
 - Está em uma excelente posição - os olhos de Léo eram como gelo azul - Latimer logo se foi, Rutledge te reconheceu publicamente, é uma mulher com méritos para sobreviver e não tem obrigações ou compromissos com ninguém. Que mais poderia querer?
 - Nada absolutamente - espetou-lhe ela.
 - Acredito que o sente é deixar de correr e te esconder. Porque agora tem que te enfrentar ao feito lamentável de que não tem nada ... e a ninguém ... a quem correr.
 - É suficiente para que fique quieta - disse com frieza.
- Léo sorriu com despreocupação provocando-a.
- Isto nos faz recordar a velha paradoxo.
 - Que paradoxo?
 - A respeito do que ocorre quando uma força imparable se topa com um objeto inamovível.
- Harry e Poppy os contemplavam em silêncio, voltando a vista a um e outro.
- Supõe que sou um objeto inamovível? - perguntou com ironia.
 - Se seu quizer
 - Bom, pois não quero - disse, franzindo o cenho- Porque sempre pensei que é uma questão absurda.
 - por que? - perguntou Léo.
 - Não há uma resposta possível.
- Seus olhares se enfrentaram.
- Sim, há-a - disse Léo quem parecia desfrutar de sua fúria crescente.
- Harry se uniu no debate.
- Não de um ponto de vista científico. Um objeto inamovível requereria de uma massa infinita, e a força imparable requereria uma energia infinita, nenhuma das quais é possível.

- Se brigarem em términos de semântica, entretanto - respondeu Léo com lhe exasperem calma - Não há uma resposta.

- Naturalmente - disse Harry – Um Hathaway sempre encontrasse uma maneira de discutir. nos ilumine Qual é a resposta?

Leó respondeu com o olhar fixo no rosto tenso do Catherine.

- A força imparable toma o caminho de menor resistência e vai à direita em torno do objeto ... deixando-o muito atrás.

Foi uma provocação para ela, Catherine se deu conta. Arrogante, manipulado, utilizando a difícil situação da pobre Vanessa para provocá-la a ela e o que implicava o que poderia acontecer se Catherine não cedia ante ele. Ir à direita em torno do objeto ... deixa muito atrás ... De fato!

ficou de pé, olhando-o - por que não segue adiante e te casa com ela, então?

Agarrando sua bolsa, e o corpo lasso do Dodger, saiu da habitação.

Léo foi imediatamente atrás dela.

- Ramsay – o chamo Harry

- Agora não, Rutledge - murmurou Léo, caminhando detrás do Catherine.

A porta foi fechada com uma força que fez tremer o marco.

No silêncio que seguiu, Harry olhou ao Poppy com desconcerto.

- Não estou acostumado a ser torpe - disse - Mas De que diabos estavam discutindo?

- A senhorita Darwin, acredito - Poppy se sentou em seu regaço lhe jogando os braços ao redor do pescoço – Ao parecer ela está esperando um menino e quer casar-se com Léo.

- OH. - Harry inclinou sua cabeça sobre o respaldo da cadeira. Sua boca torcida. - Já vejo. Ele o está usando para tratar de impulsionar Cat a tomar uma decisão.

- Seu não o passa - disse Poppy mais que perguntou, acariciando uma mecha de cabelo úmido de sua frente.

Harry lhe dirigiu um olhar irônico.

- É exatamente o que eu faria em sua posição. É obvio não estou de acordo.

- Deixa de me seguir!

- Quero falar contigo.

Léo seguia o ritmo do Catherine enquanto se apressava pelo corredor, seus passos se convertiam em um por duas curtos dela.

- Não tenho nenhum interesse em nada que me tenha que dizer.

- Está ciumenta - parecia um pouco mais que agradado pelo fato.

- Da senhorita Darwin e você? - forçou um sorriso desdenhoso - Dão-me muita pena os dois. Não posso imaginar um casal mas destinada ao fracasso.

- Não se pode negar que ela é uma mulher muito atrativa.

- Com exceção de seu pescoço – Catherine não pôde resistir a tentação de dizê-lo.

- Que diabos acontece com seu pescoço?

- É anormalmente largo!

Léo tentou, sem êxito sufocar uma gargalhada.

- Posso passá-lo por alto. Porque se me caso com ela, vou poder manter Ramsay House, e temos um bebê em caminho. Conveniente, Não? Por outra parte, a senhorita Darwin me prometeu que poderia ter tantas aventuras como quisesse e ela olharia para outro lado.

- O que acontece a fidelidade? - perguntou Catalina com indignação.

- Esta fidelidade passada de moda. É aborrecida, de verdade, de vez em quando é bom sair e seduzir a gente nova.

- Você me disse que não teria nenhuma dificuldade sendo fiel?

- Sim, mas isso era quando estávamos falando de nosso matrimônio. O matrimônio com a senhorita Darwin será algo diferente.

Léo se deteve junto a ela ao chegar à porta de sua suíte. Enquanto Catherine se ocupava do dormido furão. Léo pinçou dentro de sua bolsa e extraiu a chave. Catherine não lhe dedicou nenhuma olhar ao tempo que abria a porta para que entrasse

- Posso passar? - Perguntou.

- Não.

Léo se abriu passo com independência, e fechou a porta detrás deles.

- Rogo-te que não deixe que te entretenha - disse Catherine tristemente indo deitar ao Dodger em seu cestita. - Estou segura de que tem muito que fazer. Começando pela mudança de nome na licença especial.

- Não, a licença só é boa contigo. Se me casar com a senhorita Darwin, teria que pagar por um novo.

- Pois espero que seja muito cara - disse com veemência.

- É-o - Léo lhe aproximou por detrás e passou seus braços ao redor dela, apertando-se firmemente contra suas costas - E há outro problema.

- Qual é? - perguntou ela, lutando contra seus sentimentos. Toco-lhe o bordo da orelha - Quero a ti – sussurrou - Só você. Sempre você.

Catherine ficou imóvel. Fechou os olhos contra a úmida súbita de seus olhos.

- Aceitou sua proposta? - Léo lhe acariciou meigamente o oco debaixo da orelha.

- É obvio que não, ervilha de galinha

Ela não pôde evitar soltar um pequeno soluço de alívio zangado.

- Então, por que me disse que o tinha feito?

- devido a que necessitava um empurrão. Olhar este assunto desde outro ponto, sacudir seu sentimento

Guiando ao Catherine para a cama a atirou sobre o colchão. Seus óculos saíram voando para um lado.

- O que está fazendo?

Catherine luto indignada, apoiando os cotovelos sobre a cama para elevar-se um pouco. Notando que as massas de suas saias, suas pregas estavam empapadas e pesadas - Meu vestido está molhado.

- Ajudar-te a te desfazer dele.

Seu tom solícito foi desmentido pelo brilho em seus olhos malvados.

encontrou-se em meio das capas e volantes, enquanto que Léo desenganchava e desabotoava os botões com eficácia assombrosa.

A gente poderia ter pensado que tinha mais de dois braços, enquanto que ele a movia a um e outro lado, com as mãos chegando a todas partes. Fazendo caso omisso de seus protestos, atirou da pesada saia, com seu forro de musselina rígida, o Quito o sutiã desmontável, e o jogou no chão. Seus sapatos foram retirados, deixou-se cair pelo bordo da cama. Movendo de um puxão ao Catherine para pô-la sobre seu estômago, começou a lhe tirar a blusa.

- Peço-te perdão, eu não pedi ser descascado como uma espiga de milho de milho

- Ela se retorceu em um esforço por afastar-se de suas mãos ocupadas. Um chiado lhe escapou quando o encontrou as cintas de seus calções os soltou.

Com uma risada Leio apanhou seu escorregadio corpo com suas pernas obrigando-a a deixar que se retorcesse e lhe beijou a parte exposta de seu pescoço. sentia-se quente por toda parte, com os nervos alterados pelo roce de sua boca sensual.

- Beijou-a? – ouviu-se si mesmo perguntar abruptamente, a voz afogada pela roupa de cama.

- Não, amor. Ela não me prova no mais mínimo – pouco a pouco Leio sentiu o salto do músculo suave de seu pescoço, acariciou sua pele fina com sua língua, e ofegou. Sua mão se deslizou pelo interior de sua roupa e riscou círculos sobre seu traseiro - - Nenhuma outra mulher no mundo me excita como você o faz Mas é muito teimosa, maldita seja e muito ingênua para te proteger a você mesma. Há coisas que quero te dizer ... que quero te fazer ... e o fato de que não esteja preparado para nada disso vai terminar por me voltar louco - tocou entre as coxas, procurando sua umidade, acariciando em círculos suaves. Ela gemeu e se retorceu debaixo dele. Seu espartilho ainda estava pacote, a compressão da cintura parecia desviar as sensações para baixo entre suas coxas. Embora parte dela se rebelou ante a sensação de estar sendo pressionada e as carícias sobre seu corpo lhe fizeram reagir com prazer infinito - Quero te fazer o amor – dizia Léo esboçado a estrutura interna da orelha com a ponta da língua - Quero ir tão profundamente como você me permita isso, a sensação de sentir seu interior apertado a meu redor, quero me derramar dentro de ti - um dedo se deslizou dentro dela, uma e outra vez enquanto gemia brandamente - E sabe o bem que se sentiria - sussurrou, lhe acariciando lentamente – me Deixe fazê-lo e te amarei sem parar. Ficarei dentro de ti toda a noite.

Catherine sentiu que lhe faltava o fôlego, enquanto seu coração pulsava locamente.

- Quer me ter na posição que a senhorita Darwin – disse - Grávida e te rogando que te case comigo.

- Deus, sim, isso eu adoraria!

Ela quase se engasgou pela indignação, enquanto seus largos dedos continuavam torturando-a entrando e saindo dela. Seu corpo começou a apertar de forma lenta e constante ao ritmo do desejo. Havia grandes franjas de tecido apanhados entre seus corpos, capaz de roupa restante, e o único que podia sentir era sua boca na parte posterior de seu pescoço, e sua endiabrada mão persuasiva.

- Nunca hei dito isto a ninguém antes – a voz de Léo era como de veludo - Mas a idéia de verte levando um bebe em seu ventre é o mas erótico que pude imaginar. Seu ventre inchado, seus peitos cheios e pesados, a maneira divertida em que vais caminhar ... te consentiria em todo momento. Faria-me cargo de todas suas necessidades. E todo mundo saberia que eu te pus assim, que me pertence.

- Você ... é tão ... - nem sequer podia pensar em uma palavra adequada.

- Sei. Infelizmente primitivo – escuto a risada através de sua voz - mas deve tolerá-lo, porque sou um homem e realmente não posso evitá-lo.

Acariciou-lhe brandamente, o calor líquido estendendo-se por seus dedos, chegando até os dedos dos pés. Coloco-a de costas elevando-se um pouco, atirou de seus calções até os joelhos, e procurou o fechamento de suas calças. Quando retiro sua roupa se coloco em cima dela deixando que sua ereção se instalasse em sua deliciosa entrada. De forma contundente deixo que se deslizasse entre suas coxas mas não a penetro. O fogo corria através de seus sentidos, e seu corpo tremia ao bordo da liberação ... tão perto.

- Tem que tomar uma decisão, Cat. - beijou a parte lateral de sua garganta com fome, com sua boca forte e úmido – me Diga que pare agora mesmo ou me deixe fazê-lo como quero. Porque não podre me retirar no último momento por mais tempo. Desejo-te muito. E provavelmente vou deixar te grávida, amor, sinto-me tão potente neste momento. Assim é tudo ou nada. me diga sim ou não.

- Não posso – murmuro Catherine presa da frustração elevando seus quadris contra sua ereção. Olhou-o e incapaz de conter-se, baixou a cabeça e a beijou vorazmente, saboreando o som da necessidade de que saía de sua garganta.

- É uma lástima - disse, respirando pesadamente – Estava pensando te fazer um pouco realmente lascivo. – movendo-se-se Quito de em cima dela. Alcançando suas calças, murmurando algo sobre o risco de fazer o mesmo dano permanente. Catherine o olhou com incredulidade – Não vais terminar?
Deixou escapar um suspiro instável.

- Como lhe hei isso dito, é tudo ou nada
abraço-se a si mesmo. Tremendo de desejo até que seus dentes tagarelaram.

- por que me tortura assim?

- É cada vez mais claro que te ter paciência não seria suficiente para romper o guarda. Assim vou ter que tentar outra coisa - beijou-a brandamente e saiu da cama. se passando ambas as mãos pelo cabelo despenteado e arrumando-a roupa, dirigiu-lhe um olhar ardente, seguido de um sorriso que parecia burlar-se de ambos simultaneamente. - Estou fazendo a guerra, amor. E a única maneira de ganhar este tipo de guerra é fazer que deseje perder.

Capítulo Vinte e oito

Só uma mulher de pedra poderia haver sustentado sua campanha contra Leio durante na próxima semana. Ele o chamava cortejo, mas seja o que for não era um cortejo.

Em um momento a provocava com um argumento sem sentido e muito entretido, e ao seguinte era suave e amável. Sussurrou-lhe cumpridos caprichosos e linhas de poesia em seu ouvido, e lhe ensinou as palavras francesas travessas, e a fez rir em momentos inapropriados. O que Léo não fez, entretanto, foi tratar de beijá-la ou seduzi-la. Ao princípio foi divertido para o Catherine essa tática óbvia, e logo em segredo se incomodava e depois lhe intrigava. Com frequência se encontrou olhando a boca, sem defeitos e tão firme ... que não podia deixar de recordar seus beijos passados, sonhando com eles.

Quando assistiu a uma velada musical em uma mansão privada no Upper Brook Street, Léo levou ao Catherine longe quando a anfitriã dirigia um grupo de convidados em um percurso pela casa. Léo a aproximou de um rincão privado detrás de uns vasos de barro com samambaias, Catherine se lançou corajosa a seus braços. Em lugar de beijá-la, ele a atraiu para a força quente de seu corpo ... e a abraçou. Simplesmente a sujeitou, mantendo-a perto, deixando que suas mãos baixassem lentamente pelas costas. Sussurrou-lhe algo secreto, as palavras eram suaves.

O que Catherine desfrutava, sobre tudo, era caminhar com Leio pelos jardins do Rutledge, onde a luz solar a passeava pelas árvores e sebes, e a brisa fresca avisava que o outono estava perto. Tinham largas conversações, às vezes tocando temas sensíveis. E entretanto, parecia que estavam lutando por para a mesma meta, tinham um tipo de conexão que nenhum deles tinha conhecido nunca.

Às vezes Leio se apartava e a olhava uns instantes sem palavras, como se poderia contemplar uma obra de arte em um museu, tratando de descobrir sua verdade. Foi convincente, o interesse que mostrou nela. Sedutor. E ele era um conversador maravilhoso, contando suas histórias sobre suas desventuras da infância, a respeito do que tinha sido crescer na família Hathaway, o tempo que tinha passado em Paris e Provença. Catherine escutou com atenção os detalhes, reunindo as peças de sua complexa forma de ser, as unindo para formar uma melhor compreensão de um dos homens mais complexo que tinha conhecido nunca.

Léo era um canalha sentimental que era capaz de uma grande sensibilidade e compaixão. Era um homem capaz de articular palavras e as usar como bálsamo de mel, ou dissecar como bisturi de um cirurgião quando lhe convinha, Léo interpretou o papel de um aristocrata enfasiado, com habilidade para ocultar o funcionamento de azougue de seu cérebro. Mas às vezes em momentos de descuido, Catherine vislumbrou o menino valente que tinha sido uma vez, que tinha sobrevivido à experiência e o tinha endurecido .

- De algum jeito ele é muito parecido a nosso pai - Poppy lhe disse em privado.- Batata amava conversar. Era um homem sério, um intelectual, mas possuía uma nervura de fantasia. - Ela sorriu, recordando.- Minha mãe sempre disse que ela poderia haver-se casado com um homem mais bonito, ou um mais rico, mas nunca um que falasse como o para ele. E ela mesma sabia que era o tipo de mulher que nunca tivesse sido feliz com um toco.

Catherine poderia entender isso. - Sua mãe sempre esteve de acordo com Lorde Ramsay em suas relações?

- OH, sim. Tinha um olho artístico, e respirou a Leio em todas suas empresas de arquitetura. - Poppy fez uma pausa. - Não acredito que tivesse podido ter o prazer de saber que Léo herdaria um título que não tinha uma alta opinião da aristocracia. E certamente não teria aprovado a conduta de Léo nos últimos anos, embora estaria muito contente ao saber que ele tinha decidido a corrigir sua conduta.

- De onde vem seu engenho malvado? - Perguntou ao Catherine. – De sua mãe ou seu pai?

- Isso - disse Poppy ironicamente - É totalmente próprio de Léo.

Quase todos os dias, Léo havia trazido um pequeno presente ao Catherine: um livro, uma caixa de doces, um pescoço de encaixe de bilros de Bruxelas em um delicado desenho de flores impregnadas. - Este é o mais formoso encaixe que vi nunca - disse-lhe com pesar, colocando o presente delicioso em uma mesa próxima com muito cuidado.- Mas meu lorde, tenho medo.

- Sei - disse Léo. - Um cavalheiro não deve dar coisas pessoais a uma dama que está cortejando. - Baixou a voz, consciente de poder ser ouvidos pelo Poppy e o ama de chaves, que estavam falando na soleira dos apartamentos Rutledge. - Mas não posso retorná-lo pois outra mulher poderia tomá-lo. E Marks, não tem idéia de quão difícil foi me conter, queria comprar um par de meias bordadas com flores pequenas que percorrem todo o caminho até o interior de você

- Meu lorde - sussurrou Catherine-, um rubor cobriu sua cara. - Esqueça-o.

- Não esqueci uma coisa, em realidade. Nem um só detalhe de seu formoso corpo. Logo podre começar a te desenhar nua outra vez. Cada vez que ponho um lápis sobre o papel, a tentação quase me aflige.

Tratou de olhá-lo severo. - Você prometeu não voltar a fazê-lo.

- Mas meu lápis tem vontade própria - disse com gravidade.

O rubor cresceu mais nas bochechas do Catherine, inclusive um sorriso atirou de seus lábios. - É incorrigível.

Sob suas pestanas para ela. – me beije e me comportar.

Ela fez um pequeno som exasperado. - Agora quer me beijar, quando o ama de chaves e Poppy estão de pé a poucos metros de distância?

- Não se darão conta. Estão envoltas em uma fascinante conversação sobre as toalhas do hotel. – Sob a voz a um sussurro. – me beije, um besito. Aqui mesmo.- Assinalou sua bochecha.

Possivelmente foi o fato de que Léo parecia mais juvenil quando tirava o sarro, com os olhos acesos de cor azul com picardia. Mas à medida que Catherine lhe olhou, estava afligida quase com uma sensação nova e estranha, uma espécie de vertigem quente

invadiu todos os rincões de seu corpo. inclinou-se para diante, e em vez de beijar a bochecha, ela pôs sua boca diretamente em sua boca.

Léo respirou surpreso, deixando-a tomar a iniciativa. E, cedendo à tentação, atrasou-se mais tempo de que tinha tido intenção, com a língua tocando timidamente seus lábios. Ele respondeu com um som baixo, com os braços a seu redor. Ela sentiu seu calor, a forma em que se continha para não perder o controle.

O interrompeu o beijo ao dar-se conta que já não estavam sozinhos, pois Poppy e o ama de chaves, a senhora Pennywhistle, olhavam-nos com expressões escandalizadas. Mas à medida que aparecia por cima do ombro de Léo, viu que o ama de chaves não se movia.

Poppy tinha tomado a situação de forma ardilosa. - A senhora Pennywhistle - disse de forma simplista, anunciando à ama de chaves fora da soleira - Saia ao corredor comigo, pareceu-me ver uma mancha terrível no carpete, o outro dia, e queria mostrar a é aqui? ... Não, talvez por lá ... OH, Onde está?

Na intimidade temporária, Catherine olhou aos olhos azuis de Léo.

- por que fez isso? – Perguntou o com voz rouca.

Tratou de pensar em uma resposta que lhe divertisse. - Queria pôr a prova minhas funções superiores do cérebro.

Um sorriso atirou das comissuras de seus lábios, deixou escapar um suspiro – vais ter um encontro quando entra e a habitação esta escura - disse finalmente - Que acende primeiro, a luz do abajur de azeite sobre a mesa, ou a lenha na chaminé?

Catherine o olhou como examinando a questão.- O abajur.

- O encontro - disse, sacudindo a cabeça. Seu tom era suave ao repreendê-la.- Marks, nem sequer o estas tentando.

- Outro. - pediu-lhe ela, e ele cumpriu sem vacilar, com a cabeça inclinada sobre a sua. Deu-lhe um beijo comprido, fumegante, e se relaxou contra ele, afundando seus dedos no cabelo. Terminou o beijo pressionando seus lábios.

- É legal ou ilegal que um homem se case com a irmã de sua viúva? - Perguntou.

- Ilegal - disse com frouxidão, tratando de fazer sua cabeça para trás para olhá-lo.

- Impossível, porque está morto. - Léo resistiu a seus esforços e a olhou com um sorriso torcido. - É hora de parar.

- Não - protestou ela, atirando dele.

- Fácil, Marks. –Sussurrou - Um de nós tem que ter um pouco de auto-controle, como deve ser - Lhe roçou os lábios contra sua frente. - Tenho outro presente para ti

- O que é?

- Olhe em meus bolsos. - Saltado ele riu um pouco e com passo inseguro quando ela começou a registrá-lo. - Não, meu pequeno roedor, não os bolsos da calça. - Agarro as bonecas em suas mãos, suspendeu-as no ar, como se estivesse tratando de submeter a um brincalhão gatinho. Parecendo incapaz de resistir, inclinou-se e tomou a boca de novo. Ser beijada enquanto lhe sustentava as bonecas poderia havê-la assustado uma vez, mas agora despertou algo dentro profundo e delicado.

Léo se separou de sua boca ofegando com uma risada. – No bolso da jaqueta. meu deus, quero... Não, não o vou dizer... Sim, aí está sua presente.

Catherine tirou um objeto envolto em um pano suave. Brandamente desembrolhou um novo par de óculos de prata... brilhantes e perfeitas, as lentes eram ovais e brilhantes. Maravilhada ante a mão de obra, desenhou um dedo por uma das brincalhonas de filigrana intrincado, todo o caminho até a ponta curvada. - São tão formosas - disse com assombro.

- Se você gosta de termos outro par em ouro. Neste caso, deixa que te ajude... - Léo brandamente assinalou os lentes velhos da cara, que parecia saborear o gesto.

Pô-lhe os novos. sentiam-se ligeiros e seguros na ponte do nariz. Ao olhar ao redor do quarto, tudo estava maravilhosamente detalhado e enfocado. Em sua excitação, levantou-se de um salto e correu para o espelho que pendurava sobre a mesa de entrada. Inspeccionou seu reflexo Luminescência próprio.

- Que bonita é - a forma elegante de Léo, apareceu detrás dela. – Eu gosto de uma mulher com lentes.

Catalina Miro seu sorridente olhar no espelho prateado. - A ti? Que estranha preferência.

- Não, absolutamente. - Suas mãos chegaram a seus ombros, acariciando-a ligeiramente até o pescoço e as costas de novo. – Ressaltam seus formosos olhos. E eles lhe fazem ver segredos e surpresas, que, como sabemos.- Sua voz baixa. - Sobre tudo lhe eu adoro tirar isso quando te está preparando para um queda na cama.

Ela se estremeceu ante sua brutalidade, com os olhos entrecerrados ela sentiu que ele se aproximava mas a ela, sua boca beijo o lado de seu pescoço.

- Você gosta? - Léo murmurou, beijando sua suave pele.

- Sim. - Sua cabeça se fez a um lado quando sua língua riscou um caminho sutil ao longo de sua garganta. - Eu ... eu não sei por que tomou tantas considerações. É muito amável.

A escura cabeça de Léo se levantou, e ele reconheceu seu sonolento olhar no espelho. Seus dedos foram a um lado da garganta, como se fora a acariciar sua pele com a boca. - Não estava sendo amável - murmurou, com um sorriso nos lábios. - Eu só queria que visse claramente.

Estou começando a, sentiu-se tentada de lhe dizer, mas Poppy retornou ao apartamento antes de que pudesse fazê-lo.

Essa noite Catherine dormiu mau , tropeçando com o mundo de pesadelo que parecia tão real, se não mais que real, que o mundo imensamente mais amável que habitava em seus momentos de vigília.

Era um sonho uma parte de sua memória, a lembrança de correr pela casa de sua avó até que encontrava à anciã sentada em seu escritório, escrevendo em um grande livro.

Descuidadamente Catherine se jogou nos pés de sua avó e enterrou seu rosto na volumosa saia negra. Sentia os dedos esqueléticos da anciã deslizar-se por debaixo o queixo úmido e levantá-la.

A cara de sua avó estava maquiada com pó, com a brancura de cinza em contraste com suas sobrancelhas escuras e o cabelo artificial. A diferença da Althea, não levava os lábios vermelhos, só pomada incolor.

- Althea falo contigo. - disse a avó, com uma voz como as folhas secas se roçam entre si.

Catherine lutava com as palavras através dos soluços - Sim... e não a enten... entendi...

A avó respondeu em voz baixa, pressionando a cabeça do Catherine em seu regaço. Lhe acariciou o cabelo, os dedos estreitos penteando ligeiramente soltos pelas tranças - Althea não se explicam adequadamente? Vamos, que não é uma garota inteligente, mas tampouco é estúpido. Que não entende? Deixa de chorar, você sabe que o detesto.

Catherine apertou os olhos com força, tratando de conter as lágrimas. Tinha a garganta apertada. - Quero algo mais, isso solo. Quero uma opção.

- Não quer ser como Althea? - pergunto com doçura enervante.

- Não.

- E não quer ser como eu?

Catherine vacilou e sacudiu ligeiramente a cabeça, com medo a dizer "não" de novo. Ela tinha aprendido no passado que a palavra devia usar-se poucas vezes com sua avó.

- Mas já estas lista. - disse-lhe a avó. - É uma mulher. Todas as mulheres têm a vida de uma puta, filha.

Catherine se congelou, com medo a mover-se. Os dedos de sua avó se converteram em garras, a carícia se transformo em uma espécie de garra lenta, rítmica na cabeça.

- Todas as mulheres se apresentam aos homens - , continuou sua avó. - O matrimônio é em si mesmo um transação, em que está ligado o valor da mulher a fins da cópula e a criação. Pelo menos nós, em nossa profissão de larga tradição, somos honestas a respeito. - Seu tom se voltou reflexivo - Os homens são criaturas bestiais. Mas são os donos do mundo e sempre será assim. E para tirar o máximo partido deles, deve praticar a submissão. Você será muito bom nisso, Catherine. Vi o instinto em ti. Você gosta que lhe digam o que fazer. Você gostará mais quando lhe pagarem por isso. - Sua mão se

levantou da cabeça do Catherine. - Agora, não me dê problemas de novo. Pode fazer a Althea todas as perguntas que queira. Isso sim, quando começou em sua carreira, ela não era mais feliz com ela que você. Mas rapidamente viu as vantagens de sua situação. E todos temos que ganhá-la vida, Não? Inclusive vocês, queridas. Quinze minutos em suas costas te fará ganhar tanto como outras mulheres ganham em dois ou três dias. Submissão voluntária, Catherine.

sentiu-se aturdida, como se acabasse de cair de uma grande altura, Catherine tinha deixado o estudo de sua avó. Em um impulso momentâneo, correu até a porta principal, mas sem um lugar aonde ir, sem dinheiro, uma garota desprotegida duraria só umas horas em Londres. Os soluços se afogavam em seu peito convertendo-se em calafrios.

Subiu a sua habitação. Mas então o sonho troco, transformando-se nas lembranças escuras caprichosas da imaginação ... convertendo-se em um pesadelo. As escadas pareciam multiplicar-se, e a ascensão se fez difícil e se foi para cima nas sombras cada vez mais profundo. Só e tremendo de frio, chegou a sua habitação, iluminada só pelo esmalte de luz da lua.

Havia um homem sentado na janela. Com uma perna larga colocada firmemente no chão e balançando-se com a outra que ficava na parte de fora. Ela sabia pela forma de sua cabeça, das linhas de grande alcance de sua silhueta. E da escuridão, uma voz aveludada lhe arrepiou o pêlo na parte posterior de seu pescoço.

- Aí estas. Vêem aqui, Marks.

Um alívio alago ao Catherine. - Meu lorde, O que está fazendo aqui? - Gritou, correndo para ele.

- Esperando por ti. - Seus braços a rodearam - "Levarei-te longe daqui você gostaria disso?

- OH, sim, sim... mas Como?

- Vamos à direita desta janela. Tenho uma escada.

- Mas é seguro? Está seguro?

Pôs sua mão brandamente em sua boca, silenciando-a.- Confia em mim. - Sua mão a apertou mais forte. - Não te deixarei cair.

Ela tratou de lhe dizer que ia a nenhuma parte com ele, mas lhe cobria a boca com muita força para que ela falasse. Seu agarre-lhe fazia machuco na mandíbula. Ela não podia respirar.

Os olhos do Catherine se abriram O pesadelo desapareceu, deixando ao descoberto uma realidade muito pior. Lutou por debaixo de um peso lhe esmaguem, e tratou de gritar contra a mão calosa que lhe cobria a boca.

- Sua tia quer verte - disse uma voz na escuridão. — Tenho que fazer isto, senhorita. Não tenho outra opção.

No espaço de poucos minutos, já parecia.

William a amordaço sua boca com um pano apertado , pressionou com força um grande nó contra sua língua. depois de amarrar as mãos e os pés, foi acender um abajur. Inclusive sem a ajuda de seus óculos, Catherine notou que levava a jaqueta azul escuro de um empregado do Hotel Rutledge.

Se pudesse conseguir umas palavras a cabo, invocar ou negociar com ele, mas o vulto de tecido atado fez impossível fazer um som coerente. Sua saliva se mesclava com o desagradável sabor intensamente picante da mordação. Havia algo nele, deu-se conta, e nesse mesmo momento sentiu que sua consciência se rompia em pedaços, pulverizados como um quebra-cabeças sem terminar. Seu coração se voltou lento, bombeando sangue envenenado através de seus membros que paralisaram e havia um globo aerostático, golpeando a sensibilidade na cabeça como se seu cérebro se converteu de repente muito grande para o crânio.

William se aproximou dela com uma bolsa de lavanderia do hotel. Começou a atirar dela para colocá-la na bolsa por seus pés. Não olhou sua cara, solo se concentrava em sua tarefa. Ela o olhava passivamente, já que ele se encarregou de manter o bordo de sua camisola remilgadamente até aos tornozelos. Uma parte distante de seu cérebro estavam maravilhado pela bondade de preservar seu pudor.

A roupa de cama rangeu junto a seus pés, e Dodger furioso lançou um bate-papo furioso. Com uma velocidade assombrosa atacou o braço e a mão de William, causando uma série de profundas mordidas dolorosas. Catherine nunca tinha visto o pequeno animal comportar-se dessa maneira. William grunhiu com surpresa e amaldiçoou lançando ao furão longe com o braço. Dodger voou, golpeando-se com força contra a parede e recife meigamente no chão.

Catherine se queixou detrás da mordação, um ardor de lágrimas azeda nublou seus olhos.

Respirando pesadamente, William examinou sua mão ensanguentada e a envolveu em um pano que encontrou no lavabo e voltou para o Catherine atirou e tiro dela até que a bolsa de roupa suja a cobriu.

Compreendeu que Althea em realidade não queria vê-la. Althea queria destruí-la. Talvez William não sabia. Ou talvez pensou que era mais amável lhe mentindo. Não importava. Não sentia nada, nem medo, nem angústia, embora as lágrimas se filtraram de maneira constante das esquinas exteriores de seus olhos. Que terrível destino deixar o mundo sem sentir nada absolutamente. Ela não era mais que um matagal de pernas em um saco, uma boneca sem cabeça, sem memória e sem sensações.

Algumas agulhas através da manta de um nada, pontos de luz na escuridão.

Léo nunca saberia que ela o tinha amado.

Pensou em seus olhos, em todos os tons de azul. Sua mente se encheu de uma constelação de estrelas no verão, as estrelas em forma de um Léo. A estrela mais brilhante que marcava seu coração.

Ele choraria em sua tumba. Se pudesse lhe perdoar isso.

OH, o que poderiam ter tido. Uma vida juntos, uma coisa tão simples. Envelhecendo juntos, teve que admitir agora que ela nunca tinha sido mais feliz que nos momentos com ele.

O coração lhe pulsava fracamente por debaixo das costelas. Não queria que aferrasse a meu Léo, tanto que lutaste para permanecer em minha própria vida... quando eu deveria ter tido a coragem de entrar na tua

Capítulo Vinte e nove

A última hora da manhã Leio retornava de uma visita a seu antigo mentor, Rowland Tempere. O arquiteto, atualmente professor na University College, tinha sido recentemente galardoado com o Real Medalha de Ouro por seu trabalho na promoção do estudo acadêmico da arquitetura. A Léo tinha feito graça, mas apenas se surpreendeu ao descobrir que Têmpera era tão imperiosa e irascível como sempre. O velho via a aristocracia como uma fonte de patrocínio para mantê-lo economicamente, mas a desprezava por seu sentido tradicional e sem imaginação

- Você não é um dessas cabeças duras parasitários - havia-lhe dito enfaticamente, Léo o tinha tomado como um completo. E mais adiante - Minha influência em ti não se pode erradicar, não?

E é obvio, Léo lhe tinha assegurado que não podia, que o recordava e valorava tudo o que tinha aprendido dele. Não se tinha atrevido a falar da maior influencia do velho professor na Provenza.

- A arquitetura é como podemos reconciliar às dificuldades da vida - havia dito uma vez que Joseph a Leio em sua oficina. O velho professor tinha ido replantado algumas ervas em uma larga mesa de madeira, enquanto que Léo tratava de ajudar - Não, não toque isto, não devemos deixar que as raízes cresçam em excesso, posto que necessitam mais

ar do que lhes permite - Tomou uma panela longe de Léo, reatando a conferência - Para ser um arquiteto, tem que aceitar o meio ambiente que te rodeia, não importam suas condições. Com plena consciência, de tomar seus ideais e a forma que na estrutura. - pode-se fazer sem ideais? – tinha perguntado Léo tinha pedido, em brincadeira - aprendi que não posso viver deles.

O professor Joseph lhe tinha sorrido.

- Tampouco se pode alcançar as estrelas. Mas você ainda necessita sua luz, necessita-a para navegar. Tome seus ideais e de forma a uma estrutura com eles. Só assim poderá edificar uma boa casa, um bom edifício, ou uma boa vida.

E por fim tinha encontrado a pedra angular, a peça essencial para construir o resto de sua vida. Uma pedra angular muito teimosa. Seus lábios curvados já que consideravam que fazer com o Catherine esse dia, como cortejá-la, ou incomodá-la, já que ela parecia desfrutar das duas coisas. Talvez iniciaria uma pequena discussão e a beijaria em sua capitulação. Talvez se declararia de novo, se pudesse apanhá-la em um momento de debilidade.

Entrando nos apartamentos Rutledge, Leio balanço depois de um golpe descuidado, e se encontrou ao Poppy correndo ao vestíbulo de entrada.

- Sinto muito - então se interrompeu quando o viu - Léo. Perguntava-me quando voltaria. Não sabia onde estava e te estive procurando

- por que? O que é o que acontece, irmã? - perguntou com doçura, compreendendo que algo andava muito mal.

Poppy parecia miserável, seus olhos muito grandes para seu rosto branco.

- Catherine não tinha baixado para o café da manhã esta manhã. Supus que quereria dormir até tarde. Às vezes tem pesadelos.

- Sim, sei - Léo se apoderou de suas mãos frite, olhando-a alerta – me Diga que acontecer, Poppy.

- Faz uma hora envia a uma criada à habitação do Catherine, para ver se necessitava algo. Mas ela não estava ali, e isto estavam na mesa junto à cama - com uma mão tremente, deu-lhe os óculos de prata nova. -E ... havia sangue na cama.

Tomou um momento a Léo conter a quebra de onda de pânico. Sentiu como se uma foto instantânea picada o percorresse de pés a cabeça, uma explosão no coração. Um impulso vertiginoso de matar.

- O hotel está sendo revisado - ouviu dizer ao Poppy por cima do ruído em seus ouvidos - Harry e o Sr. Valentín estão falando com o delegado

- Latimer lhe tem feito - disse Léo com voz pastosa - Ele enviou a alguém por ela. Vou rasgar as vísceras do filho de puta e ao diabo com ele.

- Léo – sussurrou detendo-o. O que viu em seu rosto a assustou - Por favor – a expressão do Poppy se suavizou quando seu marido entrou no apartamento - Harry, Há alguma sinal?

O rosto do Harry era sombrio e duro.

- Um dos vigilantes da noite, disse que viu um homem vestido como um empregado, que assumiu que foi recentemente contratado e o descobriu ontem à noite carregando um saco de lavanderia pela escada. Ele o notou, porque as empregadas domésticas revistam tomar cuidado com a roupa, e nunca a tiram essa hora da noite. Pôs uma mão no ombro de Léo, e este o sacudiu.

- Ramsay, mantén a calma. Eu sei o que assume que acontecer, e provavelmente tenha razão. Mas não se pode ir para o correndo como um louco. Necessitamos...

- Tenta me deter - disse Léo com um tom gutural. Não havia controle para o que se desatou nele. Saiu antes de que Harry pudesse exalar uma nova pausa.

- Cristo - Harry murmurou, arrastando as mãos por seu cabelo negro. Dirigiu-lhe um olhar distraído do Poppy. – Encontra ao Valentín – pediu - Ele ainda está falando com os supervisores de planta. lhe diga que vá com agente especial Hembrey-ou quem quer que pode encontrar no Bow Street, e lhes faça saber o que está passando. Hembrey pode começar por enviar um homem à casa de Lorde Latimer. lhe diga ao Valentine há um assassinato em progresso.
- Léo não vai matar a Lorde Latimer - disse Poppy, seu rosto empalideceu.
- Se não o fizer o - disse Harry com fria certeza - Farei-o eu.

Catherine despertou sentindo uma estranha euforia e enjôo e apático. Muito contente de despertar de seus pesadelos. Solo que quando abriu os olhos, até se encontrava em um pesadelo, a habitação estava cheia de uma fumaça nauseabunda, as janelas cobertas com cortinas pesadas.

Tomou muito tempo para repor-se, tratando de ver sem suas lentes. Sua mandíbula estava dolorida, tinha na boca uma secura insuportável. Estava desesperada por um sorvo de água fria, um sopro de ar limpo. Suas bonecas estavam atadas à costas. Médio reclinada em um sofá, vestida com sua camisola. Torpemente usou o ombro para tratar de fazer retroceder a alguns das mechas de seu cabelo solto que lhe caía sobre seu rosto. Catherine conhecia esta sala, apesar de que estava imprecisa. E sabia quem era a anciã sentada a seu lado, magra como um pau e vestida de negro. As mãos da mulher se moveram com a delicadeza como as pinças de um inseto enquanto levantava uma mangueira de couro magro conectada a um copo de pipa de água. Pôs a mangueira em boca, conteve o fôlego, sustentou-a, e expulsou uma baforada de fumaça branca.

- Avó? - perguntou Catherine, com a voz áspera, a língua lhe pesava nos lábios. A mulher se aproximou mais, até que sua cara ficou muito perto da visão do Catherine. Uma cara branca como o pó, os lábios pintados Vermillon. Os olhos duros.

- Está morta. Esta é minha casa agora. Meu negócio.

Althea pensou Catherine com horror. Uma versão cadavérica da Althea, uma vez que as características atrativas dela em antigamente se desvaneceram. O pó da cara cobria o estrato superior da pele, mas que não tampava as rugas, dando a sua tez o aspecto de esmalte sobre porcelana crepitava. Era muito mais temível incluso do que tinha sido avó. E parecia um pouco louca, com os olhos saltados de cor azul cristal como os de um passarinho.

- William me disse que te tinha visto - disse Althea - E me disse também “Temos que lhe fazer uma visita, é algo que esperamos longamente Não é verdade? Tomou algum tempo idear um plano, mas ele o executo muito bem – voltou a vista para um rincão sombreado - É um bom menino, William.

escuto-se um murmúrio ininteligível. Ou pelo menos era ininteligível para o Catherine, através do pulso irregular que golpeava seus ouvidos. Ao parecer os sistemas internos de seu corpo tinham sido reorganizados e não conseguia reagir

- Dá-me um pouco de água? – pediu com voz rouca.

- William, lhe traga para nossas hóspedes um pouco de água.

O cumpriu com estupidez, foi encher um copo e ficou de pé junto ao Catherine.

Sustentando a taça em seus lábios, viu enquanto tomava com cuidado. A água se absorveu imediatamente na malha dos lábios ressecados, o interior das bochechas, a garganta. Tinha um sabor a pó salobre. Ou talvez isso foi só o sabor de sua boca.

William se retirou, e Catherine esperou a que sua tia falasse

- Minha mãe jamais te perdoou – contínuo Althea – Por fugir como o fez. Lorde Latimer nos perseguiu durante anos, exigindo o restabelecimento de seu dinheiro ... ou de ti. Mas não te importo que nos causasse problemas. Nunca pensou no que devia.

Catherine se esforçou por manter a cabeça firme, quando não podia mais que deixá-la pendurar a um lado.

- Não lhes devo meu corpo.

- Pensou que foi muito boa para isto. Você queria minha queda. Tênia uma eleição - Althea fez uma pausa, como esperando a confirmação. Quando não chegava, continuou com veemência suave - Mas O que pode fazer uma quando não tem a ninguém? Minha própria mãe veio a minha habitação uma noite. Disse-me que havia trazido um amável cavalheiro para ajudar com minha cirurgia estética. Mas que primeiro me ia mostrar alguns jogos novos. depois dessa noite, não houve um grama de inocência em mim. Eu tinha doze anos - outra inalação larga através do cachimbo, outra baforada de fumaça vertiginosa. Não havia maneira de que Catherine pudesse respirar mais. A habitação pareceu balançar-se brandamente, como Catherine tivesse imaginado que se moveria a coberta de um navio no mar. Ela flutuava sobre as ondas, escutando o relato da Althea. E sentiu um sotaque de compaixão, mas ao igual ao resto de suas emoções, manteve-se sob a superfície - Pensei em fugir - disse o Althea - Pedi a meu irmão, seu pai, que me ajudasse. Ele vivia conosco, então, ia e vinha a seu desejo. Podia fazer uso das putas grátis em qualquer momento que quisesse, e não se atreviam a queixar-se com minha mãe. Eu só necessitam um pouco de dinheiro, disse-lhe que iria muito longe do país. Mas foi com minha mãe e lhe conto o que eu tinha pedido. Não pude voltar a sair da casa durante meses depois.

Pelo pouco que recordava Catherine de seu pai, era uma pessoa brusca e desumana, esta história não lhe tinha sido tão difícil de acreditar. Mas se encontrou perguntando distante.

- por que não te ajudo?

- A meu irmão gostava da situação tal como era, tinha o melhor de tudo sem mover um dedo. Mãe lhe dava o que queria. E ao porco egoísta não lhe importava me sacrificar para manter-se cômodo. Era um homem, já vez - fez uma pausa - Assim que me converti em uma prostituta. E durante anos rezei para que alguém me resgate. Mas Deus não escuta as orações de uma mulher. Ele se preocupa só pelos que fez a sua imagem e semelhança.

Aturdida e entrecerrando os olhos, Catherine lutava por manter seus pensamentos em ordem.

- Tia - disse cuidadosamente - por que me trouxeste aqui? Se isso fizeram a ti ... por que me quer fazer isso ?

- por que você podia escapar disto quando eu jamais pude? Quero que termine fazendo quão mesmo eu. Assim como eu hare quão mesmo minha mãe.

Sim ... este era um dos temores do Catherine, o pior. Que se ficava em uma situação de mau, a maldade de sua própria natureza sairia a flutuação

- Não o hare... - do cérebro aturdido do Catherine surgiu a idéia e lhe deu a volta, examinando-a. O passado não era o futuro - Não sou como você - disse lentamente - E nunca o serei. Dói-me o que lhe passo, tia, mas eu não tive a mesma eleição.

- Tenho uma opção para ti agora, querida - a pesar do tom carinhoso da Althea ao Catherine lhe pôs a carne de galinha - Terminasse o trabalho que tem pendente a muito tempo tempo com Lorde Latimer - continuou Althea - Ou lhe dará o serviço aos clientes no bordel, como o fiz. O que escolhe?

Catherine se negou a escolher.

- Não importa o que faça - disse ela, drogada - Nada vai trocar o que sou.

- E quem é? - burlo-se Althea com desprezo - Uma mulher decente? Muito boa para os gostos deste lugar?

A cabeça do Catherine se voltou muito pesada para ela pudesse sustentá-la por mais tempo. sentou-se ao sofá, apoiando a cabeça no braço.

- Uma mulher amada - foi o pior, a resposta que mais danifico poderia ter feito a Althea. E era a verdade.

Sem poder abrir os olhos, Catherine estava a par dos movimento a seu redor, da mangueira de couro do cachimbo que lhe colocou entre os lábios. Apertou-lhe o nariz para que a mantivera fechada e o aspirasse impotente.

Uma onda de frio, a fumaça acre entrou em seus pulmões. Tossiu e se viu obrigado a expulsá-lo de novo, e logo se converteu em uma massa moldável e quase insensível.

- Leva-a ao piso de acima, William – lhe ordeno Althea – A seu antigo dormitório. Mais adiante vamos transladar a ao bordel.

- Sim, senhora - William se aproxima do Catherine para elevá-la com cuidado. - Senhora ... Posso desatar suas bonecas?

Althea se encolheu de ombros.

- Claro, não irá a nenhum sitio por seu próprio pé.

William levo acima ao Catherine, colocando-a sobre uma cama pequena e mofada em sua velha habitação, desatou-lhe as mãos. Dispôs seus braços com as mãos tocando seu peito como se dispõe um corpo em um ataúde.

- Sinto muito, senhorita - murmurou olhando seus olhos entreabiertos, cegos - Ela é tudo o que tenho, devo fazer o que me pede.

Capítulo Trinta

Guy, Lorde Latimer, vivia na seção mais nova de Londres no lado oeste, em um pitoresco e tranqüilo bairro comum, uma fileira de casas de direta fachada construída em um oco profusamente arborizado. Léo tinha visitado a casa em mais de uma ocasião, vários anos antes. Embora a rua e a casa eram limpas cuidadosamente, o lugar estava cheio de lembranças desagradáveis que vieram a ele com solo jogar um olhar. O pior dos tugúrios.

Desmontando seu cavalo antes de que inclusive havê-lo detido Léo correu até a porta e golpeou com os punhos. Todos seus pensamentos se desviaram para correntes paralelas, uma ocupada com o desespero angustiosa de encontrar ao Catherine antes de que Latimer pudesse lhe causar algum dano. Ou, se lhe tinha feito algo, encontrar a maneira de ajudá-la antes de que ela mesma se fizesse mal.

A outra corrente se dirigia para a meta de assassinar ao Latimer sem olhares.

Não havia até rastro do Harry, mas Léo estava seguro de que não ficaria atrás, mas não ia esperar por ele.

Um mordomo de aspecto perturbado abriu a porta, e Léo o empurro tirando o de seu caminho.

- Senhor!.

- Onde está seu amo? - perguntou com brutalidade.

- Rogo-lhe me desculpe, meu Lorde, mas ele não esta

O mordomo se interrompeu com um grito atônito quando Leio lhe agarrou pela jaqueta e o empurrou contra a parede mais próxima.

- Por Deus. Milord! Vos rogo.

- me diga onde está.

- A biblioteca ... mas o não

Os lábios de Léo formaram um sorriso demoníaco.

- Tenho a padre para ele.

Um laçao entrou na sala, e o mordomo começou a gritar em busca de ajuda, mas Léo já lhe tinha posto em liberdade. Em questão de segundos tinha chegado à biblioteca. Estava escura e calorosa, um fogo ardente com chamas inusualmente grandes avivava o lar.

Latimer estava desabado em uma cadeira, com o queixo no peito e uma garrafa médio vazia em uma mão. Com o rosto inchado iluminado por línguas de fogo amarelo e vermelho, parecia uma alma condenada. Seu olhar indiferente se levantou os contornos da cara dura de Léo, este viu que estava bêbado. Muito bêbado para ter feito um buraco em uma escada. Esse tipo de embriaguez requer de várias horas.

Leio pausa com ira ao olhá-lo. Seguro de que Catherine não encontrava ali. Saltou sobre o bastardo, apertando suas mãos ao redor de seu pescoço, sua garganta estava úmida, fez-o ficar de pé. A garrafa caiu ao chão. Os olhos do Latimer se sobressaíram, engasgou-se e cuspiu ao tratar de alavancar as mãos de Léo.

- Onde está ela? – exigiu Léo lhe dando uma sacudida forte - O que tem feito com o Catherine Marks? – soltou-o o suficiente como para que pudesse falar.

O bastardo tossiu e ofegou, olhando-a com incredulidade.

- Maldito louco! De que demônios está falando?

- Ela desapareceu.

- E crie que eu a tenho? - Latimer soltou uma gargalhada incrédula.

- Me convencer de que não – vaio Léo, apertando seu pescoço com mais força - E posso te deixar viver – a cara torcida do Latimer se obscureceu.

- Não tenho nenhum interesse para essa mulher, ou por qualquer outra rameira, por causa do da armadilha que me puseste! Estas destruindo minha vida. As investigações, as perguntas do Bow Street ... os aliados ameaçam desfazendo-se de mim. Sabe quantos inimigos está fazendo?

- Nem sequer a metade dos que tem você.

Latimer se retorcia as mãos com desespero

- Eles querem lombriga morto, maldita seja

- Que casualidade! - disse Léo com os dentes apertados - Eu também

- O que é o que passa contigo? - exigiu Latimer – Só é uma mulher.

- Se algo lhe acontecer, não vou ter nada que perder. E se não a encontro na seguinte hora, terá que pagá-lo com sua vida. – algo em seu tom de voz provocou que os olhos do Latimer se abrissem com pânico.

- Não tenho nada que ver com isto!.

- Me diga a verdade ou apertar seu pescoço até que te enche como um sapo.

- Ramsay – a voz do Harry Rutledge se escuto cortando o ar como uma espada.

- Diz que não está aqui - murmurou Léo, sem apartar o olhar do Latimer.

Uns poucos cliques metálicos, e logo Harry colocaram o canhão de sua pistola na frente do Latimer.

- vamos desfazer nos dele, Ramsay.

Seu olhar se cruzou com a do Harry.

- Recorda-me? - perguntou Harry em voz baixa – Devi ter feito isto faz oito anos.

Latimer sentiu muito mais medo pelo que viu nos olhos frios do Harry que nos assassinos de Léo.

- Por favor - sussurrou Latimer, sua boca tremia.

- Me dê informação sobre o paradeiro de minha irmã nos próximos cinco segundos, ou vou pôr um buraco em sua cabeça. Cinco

- Não sei nada - declarou Latimer.

- Quatro.

- Juro-o por minha vida! – seus olhos se encheram de lágrimas.
 - Três...e dois...
 - Por favor, não sei nada! - Harry vacilou, dirigindo-a um olhar avaliador.
- Leu a verdade em seus olhos.
- Maldita seja! - disse em voz baixa, e baixou a pistola. Olhou a Léo, enquanto que Latimer se derrubava soluçando no chão - Ele não a tem
- Intercambiaram um olhar rápido, sombria. Era a primeira vez que Léo sentia que tinha um parentesco com o Harry, compartilhando este momento de desespero pela mesma mulher.
- Quem mais queria lhe fazer danifico? - murmurou Léo - Não há ninguém mais que tenha conexão com seu passado ... exceto sua tia - fez uma pausa - A noite da obra, Cat viu um homem que trabalhava no bordel. William. Ela o conheceu durante sua infância.
- Esta bordel no Marylebone - disse Harry bruscamente caminhando em direção à porta. Indico a Léo que o seguisse
 - por que a tia teria seqüestrado ao Cat?
 - Não sei. Talvez por fim se tornou louca.

O bordel se encontrava em más condições, com a tapeçaria que tinha sido grafite mil vezes até que alguém decidiu finalmente o esforço já não valia a pena. As janelas estavam escuras de fuligem, torcida-a porta principal como uma meia sorriso lascivo. A casa do lado era muito mais pequena.

Freqüentemente quando um bordel era uma empresa familiar, os donos viviam em uma moradia independente. Léo reconheceu a casa que lhe havia descrito Catherine. Ali era onde tinha vivido de menina, sem saber que seu futuro já tinha sido roubado.

Caminharam através de uma rua transversal a um beco atrás do bordel, um dos muitos labirintos de ruelas e rincões ocultos detrás da rua principal.

Dois homens descansavam na porta do edifício maior, o bordel, um dos quais possuía uma estatura física maciça que o distinguiu como o valentão da casa. No mundo da prostituição, o ofício do Bully era manter a ordem em um bordel e resolver os conflitos entre prostitutas e clientes.

O outro homem era pequeno e ligeiro, um vendedor de algum jeito, com um avental embolsado atado à cintura e uma pequena coberta no lado do beco.

Tomando nota de quão visitantes entravam pela parte traseira do bordel, Bully fala em um tom afável.

- O bordel não está funcionando neste momento. Entretanto, podem voltar para anoitecer.

Léo convocou a toda sua força de vontade para manter um tom agradável enquanto falava com o homem.

- Tenho negócios com a proprietária da casa
- Ela não o pode receber, ... mas pode ver o Willy.

Assinalou para a casa em ruínas com uma mão carnuda, sua maneira relaxada, seus olhos penetrantes

Léo e Harry foram à entrada em ruínas da casa mais pequena. Um grupo de buracos de pregos era tudo o que ficava de uma aldrava da porta, desaparecido faz tempo. Léo golpeou a porta com os nódulos de uma maneira controlada, quando desejava jogá-la abaixo com toda a força de sua impaciência.

Em um momento, a porta se abriu, e Léo se encontrou com o semblante pálido e desnutrido do William. Os olhos do jovem se dilataram em alarma ao reconhecer Léo. Tratou de fechar a porta, mas Léo lhe jogou em cima conseguindo avançar. Agarrou a boneca do William, forçou-a para cima e a vendagem manchada de sangue broto de sua mão. O sangue na cama ... a idéia de que este homem poderia ter feito mal ao Cat desatou uma ira tão violenta que apagou todos os rastros de sua consciência. Deixou de pensar um minuto mais tarde, encontrou-se no chão, golpeando ao moço sem piedade. Era vagamente consciente do Harry gritando seu nome e tratando de detê-lo. Alertado pelo alvoroço, Bully irrompeu pela porta e se lançou para ele. Léo lançou o golpe mais forte sobre sua cabeça causando que seu corpo fora a parar ao chão com um golpe que sacudiu as paredes da casa. Bully se cambaleou a seus pés e seus punhos do tamanho de um assador se bateram pelo ar com te esmaguem força. Léo saltou para trás, levantando o guarda, e logo cravou um golpe para diante com a direita. Bully o bloqueou com facilidade. Léo, entretanto, não lutava de acordo às regras de Londres Prize Ring. Seguiu com uma patada lateral da rótula. Quando o valentão se inclinou com um grunhido de dor, Léo lhe deu um fouetté, ou patada, à cabeça. Bully caiu derrubado ao chão, justo aos pés do Harry.

Como reflexo de que seu cunhado era um dos lutadores mais sujo que tinha visto nunca, Harry lhe dirigiu uma piscada e se dirigiu à habitação vazia de recepção.

A casa estava extrañamente vazia e em silêncio, salvo pelo ruído que provocavam Léo e Harry em sua busca do Catherine. O lugar cheirava a fumaça de ópio, as janelas estavam manchadas com uma grossa capa de sujeira de modo que as cortinas eram totalmente desnecessárias. Cada habitação estava envolta na imundície. Pó sobre pó. Esquinas coagulada com tecidos, tapetes que floresciam com manchas, pisos de madeira cheios de cicatrizes e gretas.

Harry examinou o viu um quarto acima, onde emanava luz de um abajur nas sombras do corredor, filtrado através de uma cortina de fumaça. Ele chegou em dois passos, três de uma vez, o coração o martilleava dentro do peito.

Descobriu a forma de uma anciã acurrucada no sofá. As dobras de seu vestido negro não podiam ocultar as linhas de seu magro corpo. Parecia médio inconsciente, seus ossudos dedos acariciando a longitude de umas mangueiras de couro cachimbo, como se se tratasse de uma serpente domestica.

Harry lhe aproximou, lhe pondo uma mão sobre a cabeça empurrando-a para trás para ver seu rosto.

- Quem é você? - grasnou ela. O branco de seus olhos se tingiram, como se tivessem sido empapada em chá. Harry lutava por agüentar o asco que lhe provocava seu fétido fôlego.

- vim pelo Catherine – disse - Me diga onde está.

Ela o olhou fixamente.

- O irmão ...

- Sim, Onde está? Aonde a colocaste? No bordel?

Althea soltou a mangueira de couro e se abraçou a si mesmo.

- Meu irmão nunca veio por mim – se queixo lastimosamente, suor e lágrimas se filtrava através do pó de seu rosto, convertendo-o em uma massa cremosa. – Eu não pude detê-la.

Seu olhar se foi de lado, em direção à escada que conduzia ao terceiro piso.

Alertado, Harry saiu correndo da habitação e subiu pela escada. Agradeceu a baforada de ar fresco que entrou por uma janela aberta, havia um raio de luz natural proveniente de uma das duas habitações na parte superior. Entrou na casa, o olhar bairro através do quarto. A cama estava em desordem e a janela tinha sido aberta.

Harry ficou imóvel, sentindo uma forte dor no peito. Seu coração se deteve pelo medo.
- Cat! - ouviu-se gritar, correndo à janela. Tragando saliva pelo ar, olhou à rua. Mas não havia corpo quebrado, nem sangue, não havia nada na rua, exceto o lixo e o esterco.

Na periferia de sua visão, um bato as asas branco chamou sua atenção, como o bato as asas das asas de um pássaro. Voltou a cabeça para a esquerda, a respiração do Harry se voltou rápida ao ver sua irmã.

Catherine trazia posto uma camisola branca, sentada no bordo de uma cornija. Só estava a uns três metros de distância, deslizou-se com o passar da uma soleira muito estreita que tinha sido construído no voladizo sobre o segundo piso de abaixo. Seus braços estavam fechados ao redor dos joelhos abraçando seu magro corpo, e tremendo violentamente. A brisa jogava com seu cabelo solto, brilhantes pancartas dançando sobre o céu cinza. Uma rajada de vento, uma perda momentânea de equilíbrio e ela cairia ao esvazio.

Ainda mais alarmante que a precária posição do Catherine era o esvazio de seu olhar.

- Cat - falo Harry com cuidado, e seu rosto se voltou em sua direção.

Ela não parecia reconhecê-lo.

- Não te mova – lhe pediu Harry com voz rouca - Fica quieta, Cat – voltou a colocar a cabeça dentro da casa o tempo suficiente para gritar, - Ramsay! – sua cabeça emergiu da janela – Cat, não mova um só músculo. Nem sequer piscadas.

Ela não disse nenhuma palavra, só se sentou e seguiu tremendo com o olhar desfocado. Léo se aproximou por detrás e Harry tirou a cabeça pela janela. Escuto a Léo conter o fôlego.

- Doce mãe de Deus - Leio trato de tranquilizar-se – Esta tão alto como um flautista - disse Isto não vai ser um truque fácil.

Capítulo trinta e um

- vou caminhar pelo batente - disse Harry – Não lhe tenho medo às alturas.
A expressão de Léo era sombria.

- Nem eu, mas esta estrutura não resistirá nosso peso, Os telhados se estão apodrecendo, o que significa que provavelmente provoquemos mais mal que bem.

- ;Há outra maneira de chegar a ela? Do teto do terceiro piso?

- Seria muito comprido. Segue falando com ela enquanto parece mais corda. Léo desaparecido, enquanto que Harry pendurava mais pela janela.

- Cat, sou eu - disse.

- É Harry. Você me conhece, não?

- É obvio que sim.

Baixou a cabeça até os joelhos dobrados, e se cambaleou.

- Estou tão cansada.

- Cat, espera. Este não é o momento para uma sesta. Levanta a cabeça e me olhe – continuo, animando-a a ficar quieta, manter-se acordado, mas ela respondeu com muita dificuldade. mais de uma vez alterou sua posição, e o coração do Harry se desabava enquanto esperava vê-la rodar como um gorrião sem asas. Para seu alívio, Léo retornou nesse momento trazendo consigo uma corda. Seu rosto estava embaciado em suor, e tomava baforadas profundas de ar.

- Isso foi rápido - disse Harry, tomando a corda que lhe tendia

- Estamos ao lado de um famoso vendedor de látex - disse Léo. – Encontrei um montão de corda.

Harry mediu dois palmos de corda com os braços e começou a fazer um nó.

- Se você está planejando lhe atirar a corda para fazê-la vir para aqui - disse – Acredito que não vai funcionar. Ela não responde a nada do que eu digo.

- Você ata o nó. vou conversar com ela.

Léo nunca tinha experiente um medo como este antes, nem sequer quando Laura tinha morrido. Esse tinha sido um processo lento de perda, lhe olhando enquanto a vida se deslizava de seu corpo.

Mas isto era ainda pior. Era como estar no nível mais profundo do inferno. Aparecendo à janela, Léo olhou ao Catherine acurrucada, ago. Compreendia os efeitos do ópio, a confusão e os enjôos, a sensação de que os membros de um eram muito pesados para movê-los, e ao mesmo tempo uma sensação de leveza como se a gente pudesse voar. E acrescentando a isso que Catherine não podia nem sequer ver. Se as arrumava para chegar até ela com segurança, nunca ia deixar a sair de seus braços de novo.

- -Bom, Marks - disse em um tom de voz tão normal como pôde. - De todas as situações ridículas que você e eu vivemos, esta é a mais ridícula.

Sua cabeça se levantou de seus joelhos, e olhou cegamente em sua direção.

- Meu Lorde?

- Sim, vou ajudar te. Fica quieto. Naturalmente, faria que meu esforço heróico fizesse seu resgate o mais difícil possível.

- Eu não pensava nisto - sua voz estava distorcida, mas não havia o familiar e bem-vindo toque de indignação no mesmo.

- Estava tratando de escapar.

- Sei. E em um minuto, trarei-te dentro para que possamos falar corretamente.

Mas no momento...

- Não quero.

- Não quer entrar? - perguntou Léo perplexo.

- Não, não quero discutir. - ela baixou a cabeça até os joelhos outra vez, e soltou um soluço afogado.

- Cristo – murmuro Léo, suas emoções estavam perto de fazê-lo explorar – Amor, carinho, por favor, não vamos discutir. Prometo-lhe isso. Não chore – emitiu um suspiro

tremente quando Harry lhe entregou a corda com um nó de guia perfeita – Cat, me escute ... levanta sua cabeça e estende seus joelhos um pouco para baixo. vou atirar uma corda para ti, mas é muito importante que não trate de Me devorá-la entende? Só fica quieta e deixa-a cair em seu regaço.

Fez o que Léo lhe ordeno obedientemente, até entrecerrando os olhos e piscando Léo fez algumas prova um par de vezes, medindo seu peso, estimando a quantidade de corda que se podia permitir. Atiro com um lento e cuidadoso movimento, mas o laço caiu por debaixo de sua marca, ricocheteando nas telhas perto dos pés do Catherine.

- Precisa atirar mais forte – disse ela.

Apesar do desespero e a ansiedade de Léo, teve que mordê-los lábios para evitar um sorriso.

- Alguma vez deixasse de me dizer o que fazer, Marks?

- Não acredito - disse depois de um momento de reflexão.

Recolheu a corda e atirou o cacho de cabelo de novo, e esta vez o apanhou limpamente sobre seus joelhos.

- Já o tenho!

- Boa garota - disse Léo. Lutando para manter a calma em sua voz. - Agora, passa seus braços através do círculo, e levanta-o por cima de sua cabeça. Eu gostaria que ficasse ao redor de seu peito. Não tão rápido, trata de manter o equilíbrio - sua respiração se acelerou quando ela perdeu o cacho de cabelo com o laço. - Sim, assim, Sim. Deus, Amo-te - lançou suspiro de alívio ao ver que a corda estava em seu lugar, ajustada exatamente em cima de seu peito e debaixo de seus braços. Deu-lhe ao outro extremo da corda ao Harry. – Não a solte.

- Jamais o faria – se ato a corda rapidamente à cintura.

A atenção de Léo retornou ao Catherine, , que estava lhe estava dizendo algo a ele, seu rosto tinha o cenho franzido.

- O que acontece, Marks?

- Não ténias que dizer isso.

- Dizer o que?

- Que me ama.

- Mas é certo.

- Não, não o é. Escute-te quando dizia ao Win...- fez uma pausa, lutando por recordar.- Que só te casaria com uma mulher que estivesse seguro de nunca chegar a amar.

- Frequentemente digo coisas estúpidas - protestou Léo - Nunca passou por minha mente que alguém me escutasse.

Uma janela se abriu na porta do lado do bordel, e uma prostituta apareceu molesta.

- Há garotas que estão tratando de dormir por aqui, e você com seus gritos poderia despertar a um morto.

- vamos terminar logo – renegou Léo franzindo o cenho - Volta para a cama.

A prostituta segue na janela olhando a cena. - O que faz essa garota no maldito teto?

- Não é teu assunto - disse Léo com segura.

Começaram a abrir-se mas janelas e mais cabeças se sobressaíam, com exclamações de incredulidade.

- Ou é ele?

- vai saltar.

- Que ato séria que o fizesse!

Catherine parecia não dar-se conta do público ao que tinha atraído, seu olhar entreabrido estava fixa nos olhos de Léo.

- Sabe o que significa? - perguntou ela - O que há dito?

- Falaremos disso mais tarde - disse Léo, a cavalo na janela, agarrando-se ao marco - por agora, quero que ponha sua mão contra o lado da casa e suba ao suporte. Com cuidado.

- Sabe? – repetiu sem mover-se.

Léo lhe dirigiu um olhar incrédulo.

- Meu deus, Marks! Tem que ser teimosa agora, no pior de todos os momentos? Quer que me declare diante de um coro de prostitutas?

Ela assentiu enfaticamente. Uma das putas gritou:

- Anda e diga-lhe - Si con eso vas a hacer que ella salga de esa maldita azotea. ¡Sólo hazlo, maldita sea!

As outras se uniram com entusiasmo.

- Vamos, carinho! É o melhor que tenhamos ouvido

Harry, que estava de pé justo detrás de Léo, aproximou sua cabeça lentamente.

- Se com isso vais fazer que ela saia desse maldito terraço. Só faz-o, maldita seja!

Léo se inclinou mais pela janela.

- Amo-te - disse breve. Enquanto observava ao corpo do Catherine com calafrios, sentia que estava muito alto, sua alma estava aberta com uma emoção mais profunda do que tinha imaginado poderia residir nele. – Amo-te, Marks. Meu coração é completa e absolutamente teu. E por desgraça para ti, o resto de mim vem com ele. - Léo fez uma pausa, lutando por encontrar as palavras, quando sempre tinha chegado tão facilmente a ele. Mas estas tinham que ser as palavras corretas. Tinha que dizer muito - Sei que sou um mau negócio. Mas estou rogando que me aceite de todos os modos. Quero ter a oportunidade de te fazer tão feliz como você me faz. Quero construir uma vida contigo - lutou por estabilizar sua voz. - Por favor, vêem mim, Cat, porque não sobreviverá. Não faz falta que me ame, não tem que ser minha. Solo me deixe ser teu.

- Ohhh ... - uma das prostitutas suspirou. Outra se secou os olhos.

- Se ela não o aceitar - soluçou ela- Que diabos! <<<<<<eu ficar com o antes de Léo tivesse terminado ainda, Catherine tinha chegado a seus pés e se arrastava pelo terraço

- Já vou - disse.

- Pouco a pouco - advertiu Léo, apertando a corda em suas mãos enquanto observava os movimentos de seus pequenos pés, descalços. – Faz-o como o fez antes. - ela avançou para ele, de costas à parede.

- Não recordeo havê-lo feito antes - disse sem fôlego.

- Não olhe para baixo!

- Não posso ver de todos os modos.

- Segue assim, manten em movimento.

Pouco a pouco, Léo foi reunindo o excesso da corda como se estivesse devanada uma roca de linho, até que finalmente alcançou sua mão. Tendeu-lhe a mão na medida do possível, seus dedos trementes com esforço. Outro passo, outro, e logo finalmente seu braço ao redor dela, e a arrastou dentro.

Um grito fez erupção no bordel, e a multidão de janelas começaram a fechar-se

Léo caiu ao chão com os joelhos estendidos e a cara enterrada no cabelo do Catherine. Tremores de alívio percorriam seu corpo, deixou escapar um suspiro tremente.

- Tenho-te, tenho-te... OH, Marks. Acaba de me fazer passar os piores dois minutos de toda minha vida. E por isso passasse anos expiando-o.

- Foram só dois minutos - protestou, e se engasgou com uma gargalhada.

Pinçando no bolso, tirou seus óculos, e os colocou com cuidado sobre o nariz. O mundo ficou claro de novo. Harry se ajoelhou a seu lado e lhe tocou um ombro. Ela se voltou e pôs seus braços ao redor dele, abraçando-o com força.

- Meu irmão maior – sussurrou – Veio por minha outra vez - sentia o sorriso do Harry contra seu cabelo.

- Sempre. Sempre que me necessite - levantou a cabeça e olhou com tristeza a Léo, sorrindo continuou, - É melhor que te case com ele, Cat. Qualquer homem disposto a passar por isso é alguém que vale a pena conservar.

Foi com a maior relutância que Leó ao Catherine ao Poppy e a senhora Pennywhistle quando retornaram ao hotel. As duas mulheres a levaram a sua habitação e lhe ajudaram a se banhar e lavar o cabelo. Ela estava exausta e desorientada, agradecida imensamente pela atenção que lhe prodigalizavam.

Vestida com uma camisola e bata fresca, sentou-se ante o fogo, enquanto que Poppy a penteava.

O quarto estava limpo e ordenado, a recém feitas. O ama de chaves saiu da habitação com uma pilha de toalhas úmidas, permitindo que ao Catherine e Poppy um pouco de privacidade.

Não havia nem rastro do Dodger no hotel. Recordando o que lhe tinha acontecido, Catherine sentiu que lhe apertava a garganta de dor. Amanhã perguntaria que tinha passado com essa pequena criatura valente, mas por agora não podia decidir-se a lhe fazer frente.

Ao escutar seus soluços, Poppy chegou até ela para lhe dar um lenço. O pente se moveu brandamente por seu cabelo.

- Harry me disse que não te incomodasse por esta noite, querida, mas se fosse eu fora você eu gostaria de saber. depois de que Léo te tiro daí. Harry ficou até que a polícia chegou à casa de sua tia. Subiram a procurá-la mas ela estava morta.

Encontraram massa de ópio em bruto dentro de sua boca.

- Pobre Althea - sussurrou Catherine, pressionando o lenço contra seus olhos.

- É muito amável ao sentir simpatia para ela. Estou segura de que eu não o faria.

- O que acontecer William?

- parto antes de que pudessem detê-lo. Ouvi que Harry e Léo discutiram sobre encarregar-se de contratar a um investigador para encontrá-lo.

- Não quero isso - protestou Catalina – Devem deixá-lo ir.

- Não tenho nenhuma dúvida de Léo estará de acordo com tudo o que peça - disse Poppy - Mas por que? depois do que esse homem terrível te fez.

- William foi uma vítima, isso é tão certo quanto eu mesma fui - disse Catherine com seriedade - Ele só estava tratando de sobreviver. A vida foi brutalmente injusta com ele.

- E contigo, querida. Mas você fez algo muito melhor do que ele fez

- Eu tinha Harry, e tive a ti e a sua família.

- E a Léo - disse Poppy, com um sorriso em sua voz. - Eu diria que o tem sem lugar a dúvidas. Para um homem que estava tão decidido a ir pela vida em qualidade de observador, tornou atrás em todas as coisas que planejava na vida. Graças a ti.

- Importaria-te se me casasse com ele, Poppy? -perguntou quase com acanhamento.

Poppy a abraçou pelas costas, e apoiou a cabeça contra a do Catherine.

- Estou segura de que falo em nome de todos os Hathaways ao dizer que estaria eternamente agradecida se te casasse com ele. Não posso imaginar quem mais se atreveria a fazê-lo

depois de um jantar ligeiro de pão torrado e caldo, Catherine se foi à cama e dormiu por um tempo, despertando de vez em quando com um sobressalto terrível. Cada vez se

tranqüilizava ao ver o Poppy lendo em uma cadeira junto à cama, com o cabelo brilhante como a mogno no resplendor da luz do abajur.

- Deve ir a dormir - murmurou Catherine, finalmente, não querendo parecer um menino assustado.

- Ficarei um pouco mais - foi sua resposta suave.

A seguinte vez que despertou, Léo estava sentado na cadeira. Seu olhar sonolento se moveu sobre ele, advertindo os contornos de seu formoso rosto, seus olhos azuis. Sua camisa estava desabotoada na parte superior, revelando a sombra do pêlo de seu peito. De repente, desesperada-se, por sentir a necessidade de estar abraçada contra ele, contra a calidez de seu peito duro e forte, chegou até ele sem dizer nada.

Léo lhe aproximou de sua vez. Envolvendo-a em seus braços, reclinou as costas contra os travesseiros abraçando-a. Catherine se deleitava com a sensação e o aroma dele.

- Só eu – sussurrou – Me sentiria tão segura nos braços do homem mais perverso de Londres.

O emitiu um som de diversão.

- Você gosta de malvados, Marks. Um homem normal pode resultar muito mansos para uma mulher como você.

Se acurruco mais perto, com as pernas tensas por debaixo da roupa de cama.

- Estou tão cansada - disse ela - mas não posso dormir.

- vais estar melhor manhã pela manhã. Prometo-lhe isso - sua mão fico sobre seu quadril, sobre as cobertas - Fecha os olhos, amor, e me deixe cuidar de ti.

Tratou de obedecer. Mas à medida que os minutos transcorriam, solo aumentava sua inquietação. Tinha os nervos irritados, uma sensação de secura que impregnou a seus ossos. Sua pele clamava por ser tocada, esfregada, mas inclusive o roce delicado das folhas era suficiente para acelerar seu ardor.

Léo deixou a cama e voltou com um copo de água, que ela bebeu com avidez.

Sua boca se estremeceu agradavelmente com a fresca umidade.

Afastando o copo vazio, Léo apagou o abajur e voltou com ela. Deu um coice ao sentir seu peso pressionando o colchão. Na escuridão, a boca de Léo encontrou a sua, tenra e doce, e não pôde evitar sua própria resposta exagerada. Sua mão chegou a seu peito, procurando a ponta ereta já endurecida sob o véu de musselina.

- Às vezes acontece com a fumaça do ópio - explico Léo em voz baixa - Mais tarde, o efeito diminui. Mas a primeira vez que o prova, pode atuar sobre ti desta maneira. Os nervos começam a gritar para mais e o resultado é ... a frustração - enquanto falava, sua mão cavada seu peito, seu polegar roçava brandamente o casulo apertado. Sentia a sensação em todas partes, serpentinas que desentranhava fogo à boca do estômago, e ao longo das pernas e os braços. Ela ofegava e se retorcia, muito desesperada para sentir-se envergonhada de sua própria resposta, enquanto sua mão se deslizava sob as mantas.

- Tranqüila, amor - sussurrou Léo, acariciando o tenso estômago - Deixa que te ajude.

Seus dedos foram suaves contra sua carne torcida, acariciando e provocando facilmente sua umidade. Ela elevou os quadris para cima, com ânsias de seu corpo, cada movimento tentando seduzi-lo, mais profundo, mais duro.

Léo inclinou a cabeça e a beijou na garganta. A ponta de seu polegar descansava justo por cima do pequeno lugar que ardia com fogo branco, manipulando delicadamente os dedos invadindo e deixando o recinto que a fazia enlouquecer. Provocando os espasmos de uma liberação quase dolorosa, lançou um gemido quase contra sua vontade e se agarrou à parte posterior de sua camisa com os punhos até que sentiu como o fino linho

começava a rasgar. Respirando com dificuldade, soltou sua camisa e balbuciou uma desculpa. Ele se tirou a camisa em ruínas e silêncio sua boca com a sua. Estendeu sua mão sobre sua intimidade, massageando-a com delicioso cuidado, enquanto ela gemia e ficava tensa. Outra rajada de fogo, uma série de tremores a profundidade, e abriu as coxas enquanto o deslizava seus dedos dentro. Quando as últimas vibrações se desvaneceram, tornou-se em seus braços e sotaque que o esgotamento a alcançasse.

Em meio da noite, Catherine se apertou contra ele furtivamente, necessitando-o de novo. levantou-se por cima dela, murmurando que devia descansar, lhe ajudaria, faria-se cargo dela, e ela chorou abertamente quando o sentiu lhe dar um beijo a sua maneira. Levantou suas pernas sobre os ombros e tomou o traseiro em suas mãos. Sua boca procurou com suavidade, acariciando com sua língua profundamente no cálice de sua excitação. Não encontrou um ritmo, mas jogou com ela, atirando brandamente, lambendo e acariciando. O prazer estalou sobre ela fazendo que seu fôlego se secasse.

- Tome -sussurrou enquanto jazia a seu lado outra vez.

- Não - disse Léo com suavidade, colocando a de lado sobre o colchão - Não posso mais por esta noite. Teremos que esperar até que seu julgamento não está nublado. Pela manhã, a maior parte do ópio que terá desaparecido. Se ainda me quiser, então, vou estar preparado e disposto.

- Quero-te agora! - disse ela, mas ele a sujeitou e agradou com a boca uma vez mais.

Catherine despertou uma hora mais tarde, o céu se vislumbrando cor ameixa, já que começava a clarear com a chegada da aurora. O comprido corpo de Léo estava acomodado comodamente detrás dela, um braço sob seu pescoço e o outro em cima de sua cintura. adorava a sensação do ter, o calor vibrante e o roce de seus músculos suave em alguns lugares, áspero pelo pêlo em outros. Embora se cuidou de não mover-se, Léo se moveu e murmurou.

Pouco a pouco o tiro da mão e atirou dela para seu peito. Léo começou a acariciá-la até antes de estar acordado. Seus lábios roçaram a parte posterior de seu pescoço. Sentiu-o endurecer-se contra sua parte inferior, apertou-se contra ele. Uma de suas pernas se meteu entre as suas e sua mão se deslizou até o triângulo de seus cachos.

Ela sentiu a pressão tensa do empurrando contra seu traseiro, entrando por esse lado em sua umidade. Empurrou até a metade dentro dela e se deteve, enquanto que sua carne sentia a inflamação dos excessos da noite, tinha dificuldades em assumir sua voz suave e divertida que fazia cócegas em seu

- Mmmn ... terá que te esforçar mas, Marks. Os dois sabemos que pode tomar mais que isto.

- Me ajude – ofegou.

Com uma pausa simpática, levantou-lhe a perna para cima e ajustou sua posição.

Fechou os olhos enquanto o sentia escorregar dentro dela.

- Assim – sussurrou - É isto o que quer?

- Se...mas forte.

- Não, amor ... quero ser gentil contigo. Só por agora.

moveu-se dentro dela com passo lento, sua mão acariciando de novo entre suas coxas. tomou seu tempo, e ela não tinha mais remedeio que deixá-lo. E cobriu de calor, com a sensação de emoção como quando ele a cortejou, acariciava-a. Sussurrando-a palavras de amor em seu pescoço, afundou-se mais profundamente em seu interior. Ela gritou seu nome. Sua mão tremente se dirigiu a seu quadril e se apoderou da superfície em flexão.

- Não me deixe. Por favor, Léo

Ele o entendeu. À medida que sua carne úmida se apertava em torno dele uma vez mais, retorcendo-se com delicadeza e atirando da dureza, bombeando com força, deixou ir. E por fim conheceu a sensação de sua liberação de um homem, a forma em que seu ventre apertado tremia contra suas costas, enquanto derramava sua semente em seu interior, o tremor de um homem poderoso e potente nesse último momento. ficaram unidos o maior tempo possível, descansando juntos e vendo como o alvorecer se filtrava pelas cortinas abertas.

- Amo-te – sussurrou – Muito, meu Lorde, meu Léo.

Ele sorriu e a beijou. levantou-se em seguida indo procurar suas calças.

Enquanto Leio se lavava o rosto no lavabo, Catherine agarrou seus óculos. Seu olhar caiu no cesto vazio do Dodger na porta, e seu sorriso se apagou.

- Pobrecita doninha - murmurou.

Léo retornou com ela, imediatamente em que viu seus olhos chorosos.

- O que acontece?

- Dodger - disse soluçando - O sinto falta de.

Léo se sentou e a atraiu contra ele.

- Quer vê-lo?

- Sim, mas não posso.

- por que não?

antes de que pudesse responder, ela viu um movimento estranho debaixo da porta ... um corpo magro se movia afanosamente sob um espaço ridiculamente estreito. Catherine piscou, com medo de mover-se.

- Dodger? - o furão veio trotando para a cama, rindo e cantando, com os olhos brilhantes enquanto se apressava a ela. - Dodger, está vivo!

- É óbvio que está vivo - disse Léo - Deixamo-lo na habitação do Poppy ontem de noite para lhe permitir descansar um pouco - sorriu ao ver como o furão saltava sobre o colchão – Rato travesso Como conseguiu chegar até aqui?

- Veio a me buscar - Catherine lhe tendeu os braços, e Dodger subiu a ela acurruçando-se contra seu peito. Lhe acariciou uma e outra vez, lhe murmurando palavras carinhosas - Tratou de me proteger, já sabe. Mordeu bastante forte a mão do William - esfregou o queixo contra Dodger – Pequeno menino travesso.

- Bem feito, Dodger - disse Léo. Saindo da cama por um momento, foi para seu casaco descartado e rebuscou nos bolsos - Suponho que isto nos leva a pergunta ... ao me casar contigo vou estar ganhando um furão, também?

- Crie que Beatriz me deixou o ter?

- Não há dúvida disso - Léo voltou a sentar-se a seu lado - Ela sempre há dito que pertence a ti.

- Tem-no feito?

- Bom, é bastante óbvio, à luz de sua fascinação por suas ligas. Sem dúvida não posso culpá-lo por isso - Léo tomou a mão - Tenho algo que te perguntar, Marks. Ela se incorporou com entusiasmo, deixando que Dodger se colocasse como cortina ao redor de seu pescoço.

- Não posso recordar se esta é a quinta ou sexta proposta.

- É só a quarta.

- Pedi-lhe isso ontem. Estas contando essa também?

- Não, não foi uma proposta, era mas bem algo assim como “Baixa lhe do terraço”...

Leio arqueamento uma de suas sobrancelhas.

- É óbvio, vamos tomar em conta o caráter técnico – lhe deslizo um anel no dedo anelar de sua mão esquerda. Era o anel mais impressionante que jamais tinha visto, uma

opala prata impecável com brilhos de fogo azul e verde escondido no mais profundo. Com cada movimento de sua mão, a opala brilhava com uma cor sobrenatural. Estava rodeado por um anel de brilhantes diamantes pequenos. - Isto me recordou o brilho de seus olhos – disse - Só que não é tão formoso - fez uma pausa, lhe olhando fixamente - Catherine Marks, amor de minha vida ... Quer te casar comigo?

- Quero responder a outra pergunta em primeiro lugar - disse-lhe ela.
- Algo que te tenha perguntado antes – sorriu e se aproximou até pôr sua frente contra a dela - É sobre os agricultores e as ovelhas?
- Não ... é sobre o que ocorre quando uma força imparável se topa com um objeto inamovível - uma risada agitava sua garganta.
- Me diga qual é sua resposta, amor.
- A força imparável se detém e o objeto inamovível se move.
- Mmmn. Eu gosto disso - seus lábios roçaram os dela com ternura.
- Meu Lorde, prefiro não despertar sendo Catherine Marks nunca mais. Quero ser sua esposa logo que seja possível.
- Amanhã pela manhã?

Catherine assentiu com a cabeça.

- Embora... sentirei falta de que me chame Marks. Tomei-lhe muito carinho a esse apelido.

- Ainda te chamarei Marks de vez em quando. Durante os momentos de paixão horripilantes. vamos tentar o - sua voz se reduziu a um sussurro sedutor - Me beije, Marks ...

E se levantou sorrindo para sua boca.

Epílogo

Um ano mais tarde

O pranto de uma criatura rompeu o silêncio.

Léo se estremeceu ao escutá-lo, levantou a cabeça. depois de ter sido banido da habitação onde Catherine estava dando a luz, tinha esperado com o resto da família na sala.

Amelia se tinha ficado com o Catherine e o médico, surgindo às vezes para dar um breve relatório ao Win ou Beatriz. CAM e Merripen que se mostravam enloquecedoramente otimistas sobre o processo, depois de ter visto suas algemas passar de maneira segura um parto.

A família Hathaway estava resultando muito fértil. Em março, Win tinha dado a luz a um menino robusto, Jason Penetre, apelidado Jado. Dois meses mais tarde, Poppy se tinha produzido uma pequena filha ruiva, Isabel Grace, a quem Harry e todo o pessoal do Hotel Rutledge adoravam

Agora era o turno do Catherine. E enquanto que o parto foi um acontecimento completamente normal para outras pessoas, para Léo foi a experiência mais angustiada pela que tinha passado alguma vez. A vista da dor de sua esposa era intolerável, e entretanto não havia nada que pudesse fazer. Não importava quantas vezes lhe

assegurou que o nascimento era algo esplendido... intermináveis horas de dores de parto não pareciam tão esplêndidas a Léo.

Durante oito horas Leio tinha esperado na sala com a cabeça entre as mãos, pensativo e silencioso e inconsolável. Tinha medo do Catherine, e quase não podia suportar estar separado dela. Como o havia predito, gostava de Catherine como um louco. E como ela tinha afirmado uma vez, era totalmente capaz de dirigi-lo. Eram diferentes em muitas maneiras, e entretanto de algum jeito, eram um para a outra.

O resultado tinha sido um matrimônio muito harmonioso. Havia uns ou outras brigas furiosas, divertidas e a longo prazo, onde o melhor era a reconciliação. Quando estavam sozinhos, freqüentemente falavam em uma espécie de código que ninguém mais tivesse sido capaz de interpretar. Eram um par apaixonado, carinhoso e brincalhão. Mas a verdadeira surpresa do matrimônio era a amabilidade que se mostravam entre si... eles, que tinha brigado uma vez com tanta amargura.

Léo nunca tinha esperado que a mulher que tinha tirado anteriormente o pior dele agora conseguisse tirar o melhor. E nunca tinha sonhado que seu amor por ela se aprofundariam em tais proporções que jamais poderia controlar. Com um amor tão profundo a um homem não ficava mais que render-se.

Se algo acontecia com Catherine... se algo saía mal durante o parto...

Léo se levantou devagar, com os punhos apertados, quando Amelia entrou no salão com um bebe recém-nascido entre os braços. deteve-se perto da porta e quando a família se reuniu a seu redor houve exclamações suaves.

- Uma menina perfeita - disse ela, sorrindo - O doutor disse que sua cor é excelente e seus pulmões são fortes - lhe levou a bebê a Léo. Tinha muito medo a mover-se. Não carregou ao bebê, só ficou olhando e lhe perguntou com voz rouca

- Amelia, Como esta Marks?

Ela o compreendeu imediatamente. Seu tom se suavizou quando respondeu.

- Absolutamente bem, está muito bem, querido, e pode subir a vê-la agora. Mas em primeiro lugar deve saudar sua filha.

Um suspiro escapou de instável Léo, e tomou o bebê com cautela. Olhou com assombro na cara rosada, a boca em miniatura como casulo de rosa. Quão frágil era... era difícil acreditar que sustentava a um ser humano em seus braços.

- Há uma grande quantidade do Hathaway nela - disse Amelia com um sorriso.

- Bom, faremos o que possamos para corrigir isso - Léo se inclinou para beijar a frente de sua filha pequena, as mechas de cabelo escuro lhe fizeram cócegas nos lábios.

- escolheste um nome? - perguntou

- Emmaline.

- Francês. Muito bonito - por alguma razão, Amelia riu em voz baixa antes de perguntar - Como nomeasse a um menino?

- Edgard.

- Como batata? Que formoso. E acredito que lhe vem bem.

- A quem? - perguntou Léo, ainda absorto em sua filha. Ao elevar a cara Amelia lhe assinalou a porta, onde estava Win com outro pequeno vulto mostrando-lhe ao Merripen, CAM, e Beatriz.

Léo abriu os olhos - Meu deus! Gêmeos?

CAM lhe aproximou com um amplo sorriso. - É um menino de aparência agradável. entraste na paternidade com uma vingança, phral.

- E Léo - adicionou Beatriz - tiveste um herdeiro bem a tempo... com um dia de sobra!

- A tempo para que? - perguntou Léo aturdido. Entrego a sua filha de volta a Amelia e tomou a seu filho do Win Olhando para baixo à cara do bebê, sentiu que se apaixonava pela segunda vez no mesmo dia. Era muito para seu coração
- A cláusula do testamento, é obvio - ouviu-lhe dizer a Beatriz - Os Hatadas manterão Ramsay House agora.
- Não posso acreditar que sequer pensar nisso em um momento como este - disse Léo.
- por que não? - perguntou Merripen, abrindo e fechando seus olhos escuros. - Pessoalmente, resulta-me um alívio saber que todos vamos ser permanecer no Ramsay House.
- Você te interessa sozinho pela casa, quando sofri só oito horas de um verdadeiro inferno.
- Sinto muito, Léo -disse Beatriz, tratando de parecer arrependida - Não estava pensando no que acabava de passar.
- Léo beijou a seu filho e entregou com cuidado ao Win.
- vou ver agora ao Marks. Provavelmente foi difícil para ela, também.
- Lhe dê nossas felicitações - disse CAM, com um tremor de risada em sua voz. Subindo as escadas de dois em dois, Léo foi à habitação onde descansava Catherine. A via muito pequena junto às savanas, com o rosto esgotado e pálido. Um sorriso curvou seus lábios cansados quando o viu.
- aproximou-se dela e a beijou na boca. - O que posso fazer por ti, amor?
- Nada absolutamente. O doutor me deu um pouco de láudano para a dor. vai retornar em um momento.
- Inclinando-se sobre ela, Léo lhe alisou o cabelo.
- por que não deixou que ficasse? - sussurrou-lhe contra sua bochecha. Sentiu seu sorriso.
- Estava assustando ao médico – lhe disse.
- Eu simplesmente lhe pergunte se sabia o que estava fazendo.
- Com tanta força? - assinalo
- Léo se voltou a revolver entre os artigos sobre a mesinha de noite.
- Isso foi só porque tinha tirado um caso com instrumentos que pareciam mais adequados para a inquisição medieval que um parto - encontrou um tarrito de pomada e o aplico sobre os lábios secos do Catherine.
- Sente-se comigo - disse ela
- Não quero te fazer danifico-
- Não o fará - acariciou o colchão a modo de convite.
- Léo se sentou junto a ela com extrema precaução.
- Não estou surpreso absolutamente de que produzira dois meninos de uma vez - disse ele, tomando a mão e beijando seus dedos - É terrivelmente eficiente, como de costume.
- Que aspecto tem? - perguntou ela – Logo que pude vê-los depois de ter sido lavada.
- Pernas torcidas, com grandes cabeças.
- Catherine riu e fez uma careta. - Por favor, por favor não me faça rir.
- São preciosos, em realidade. Meu querido amor... - Léo lhe deu um beijo em sua palma - Nunca soube plenamente o que uma mulher passa durante o parto. É mais valente, mais forte que qualquer outra pessoa que jamais tenha existido. Uma jaqueta.
- Em realidade não.

- OH, sim. Atila o Huno, Genghis Khan, Saladino... todos são covardes, em comparação contigo - Léo fez uma pausa, havia um sorriso em sua cara – Fez bem ao fazer que um dos bebe fora um menino. A família se alegra, é obvio.
- devido a que podem manter Ramsay House?
- Em parte. Mas suspeito que estão realmente emocionados com o fato de que agora vou ter que lutar com os gêmeos - fez uma pausa. - Sabe que serão dois pequenos infernos?
- Isso espero. Não seriam nossos do contrário – Catherine se acurruco mais perto, e ele recostou cuidadosamente em seu ombro.
- Suponho que sabe o que ocorrerá a meia-noite - sussurrou-
- Dois meninos famintos despertarão gritando ao mesmo tempo?
- além disso
- Não tenho nem idéia.
- A maldição Ramsay se quebrado.
- Não deveria me haver dito. Agora vou estar aterrorizado pelas próximas... - Léo se deteve para jogar uma olhada ao relógio da chaminé - Sete horas e vinte e oito minutos.
- Fica comigo. Manterei-te a salvo - Bocejou e deixou cair a cabeça sobre ele. Léo sorriu e lhe acariciou o cabelo.
- vamos estar bem, Marks. começamos nossa viagem... e há muito que ainda temos que fazer - falava em voz mais baixa, para ouvir sua respiração a sua vez uniforme e constante – Descansa contra meu coração. me deixe ver além de seus sonhos. E sei que amanhã pela manhã, e todas as manhãs depois desta, despertasse ao lado de alguém que te ama.
- Dodger? - murmurou contra seu peito e sorriu.
- Não, esse furão confundido terá que permanecer em sua cesta. Referia-me mesmo.
- Sei - Catherine deslizou sua mão até sua bochecha - Só você - disse - Sempre você.